

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Warley Alves Gomes

**Mariano Azuela e a Revolução Mexicana:
narrativas entre o desencanto e a esperança**

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG

2013

Warley Alves Gomes

**Mariano Azuela e a Revolução Mexicana:
narrativas entre o desencanto e a esperança**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientadora: Profa. Dra. Kátia Gerab Baggio

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG
2013

972

G633m

2013

Gomes, Warley Alves

Mariano Azuela e a Revolução Mexicana [manuscrito] :
narrativas entre o desencanto e a esperança / Warley Alves
Gomes. - 2013.

196 f.

Orientadora: Kátia Gerab Baggio.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas -
FAFICH, Programa de Pós-graduação em História.

1. Azuela, Mariano, 1873-1952. 2. História – Teses. 3.
Literatura - Teses. 4. México – História - Teses. I. Baggio,
Kátia Gerab. II. Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação defendida pelo aluno **Warley Alves Gomes**, intitulada: **"Mariano Azuela e a Revolução Mexicana: narrativas entre o desencanto e a esperança"**, no dia 13 de dezembro de 2013 e **aprovada**, pela banca examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra Kátia Gerab Baggio – Orientadora
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa
Universidade Estadual Paulista (UNESP-Assis)

Profa. Dra. Adriane A. Vidal Costa
Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte, dezembro de 2013.

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais
Programa de Pós-Graduação em História

Esta dissertação é dedicada a Alysson Faria Costa. Por não me deixar esquecer o subsolo, o *underground*, e que é preciso cruzar, todos os dias, a Névski de nossa própria São Petersburgo.

Sumário

Agradecimentos	p.10
Resumo - Abstract	p.14
Introdução	p.15
Capítulo 1	p.33
Mariano Azuela, maderista: combates políticos e escritas literárias	
1.1. Mariano Azuela e a Revolução Mexicana	p.33
1.2. Novos tempos, velhos <i>caciques</i>	p.44
1.3. A experiência villista e a escrita de <i>Los de abajo</i>	p.63
Capítulo 2	p.76
A literatura de Mariano Azuela e a formação de um novo imaginário social no México pós-revolucionário	
2.1. Os intelectuais e a construção de uma nova “cultura revolucionária”	p.76
2.2. Mariano Azuela: o retorno ao México, as dificuldades financeiras e a mudança de estilo a partir de <i>Los de abajo</i>	p.83
2.3. A “descoberta” de <i>Los de abajo</i>	p.93
2.4. A crítica de Mariano Azuela se intensifica: o romance <i>El camarada Pantoja</i>	p.111
	p.120
Capítulo 3	
Críticas ao cardenismo e os últimos romances de Mariano Azuela	

3.1. <i>Regina Landa</i> : uma crítica à burocracia durante o governo de Lázaro Cárdenas	p.122
3.2. Os últimos romances de Mariano Azuela e sua análise final sobre a Revolução Mexicana e seus desdobramentos	p.140
Capítulo 4 Reconhecimentos, homenagens e apropriações da imagem de um escritor “revolucionário”	p.153
4.1. Um intelectual fora de lugar? As atuações institucionais de Mariano Azuela	p.153
4.2. Usos e abusos da imagem e da memória de um escritor	p.163
4.3. Memória, ideologia e mito: a herança de Mariano Azuela	p. 174
Considerações finais	p.182
Fontes e bibliografia	p.186

Agradecimentos

Ao finalizar a pesquisa, são muitas as pessoas a quem eu gostaria de agradecer. Esse é um dos poucos espaços em que posso fazer isso publicamente e, possivelmente, o que mais prazer senti ao escrever. Os que me acompanharam sabem que o trabalho foi árduo e as circunstâncias, na maioria das vezes, não foram as mais agradáveis. Isso torna ainda mais necessário e justo meu agradecimento. Como diria o velho camaleão Bowie (ou seu alter ego Ziggy Stardust): “Nunca pensei que eu precisaria de tantas pessoas”.

Começando pelos agradecimentos institucionais, eu agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiar a pesquisa. A bolsa me deu condições de fazer a pesquisa como a fiz, a liberdade para trabalhar e um pouco de tranquilidade financeira durante esses anos. Agradeço, também, ao Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, pelo apoio institucional durante todo o curso de Mestrado.

Também agradeço à Kátia Gerab Baggio, por aceitar me orientar e apostar em uma pesquisa para a qual, no começo, quase não se encontravam fontes. Agradeço pela revisão atenciosa que fez muita diferença no resultado final.

Agradeço à banca, por aceitar ler o trabalho. É uma banca importante pra mim, em vários sentidos. Carlos Alberto Sampaio Barbosa foi uma referência intelectual, por seus trabalhos sobre a história do México. Sua Dissertação de Mestrado foi um marco fundamental para a minha pesquisa.¹ À Adriane Vidal Costa, tenho muito a agradecer: pela confiança, amizade, incentivo, críticas e comentários que fez ao longo de minha trajetória durante o Mestrado. À Priscila Dorella que, ainda no início da pesquisa, me incentivou e me deu o livro *Andrés Pérez, maderista*, que me ajudou muito na época. Também fez comentários importantes na minha qualificação.

Agradeço aos muitos colegas que tive na Pós-Graduação, e menciono os que foram mais próximos. À Mariana Silveira e a Raul Lanari pelas muitas risadas, piadas compartilhadas e cervejas nos Kobras e em outros lugares. À Mariana Silveira, também devo agradecer pelas muitas conversas que tivemos ao longo dessa trajetória. A Yuri

¹¹ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de abajo* de Mariano Azuela. São Paulo: PUC-SP, 1996 (Dissertação de Mestrado em História).

Mesquita, pelas conversas sobre Bowie, Lou Reed, Iggy Pop, Black Sabbath, Star Wars, e pela companhia no inesquecível (e bom) show do Judas Priest e pela cerveja que nunca tomamos, mas sempre prometemos tomar. A Gabriel Ávila e Ana Marília, pela excelente companhia de sempre (e pelas comidas baianas!). À Natália Barud (que não é Barud), a menina-220v e à Mariana Bracarense (que, com certeza, não é nada 220v, mas é muito doce). À Juliana Ventura, pelo carinho, compreensão, por ser a pessoa maravilhosa que é. A Rodrigo Pezsonia, o cara mais mal humorado que conheço, mas que, inegavelmente, é bom companheiro. À Natally Vieira Dias, pelo apoio. A Fernando Garcia que, apesar de não mostrar isso à primeira vista, é uma das pessoas mais carismáticas que já vi (acho que todo mundo te adora, você já é um tipo de patrimônio da UFMG). À Denise, uma das pessoas mais queridas pra mim no curso, por ser a Denise (não é preciso pedir mais, porque ninguém consegue ser a Denise).

Da Graduação, não posso me esquecer dos colegas que entraram comigo, a turma de 2006/2. A arraia-miúda: Diogo, Robson (Rrrrobson), Juscelino (varguista), Raphael Ferreira de Oliveira (o Visconde das Mulheres). Eles são a arraia-miúda, mas a nobreza de espírito deles é inquestionável. Outro membro da arraia-miúda, que foi companheiro fundamental durante quase toda a minha formação é Breno Mendes: uma das melhores pessoas que conheci na minha vida. Ainda da turma de 2006/2, não posso deixar de agradecer a Eduardo Lopes (o Dudu) e a Andréa Mara, que, além da amizade, me ajudaram em um conflituoso embate jurídico. Também agradeço à Nilsa, Daniel e Neília, que eram de outra turma, mas da mesma sala. A Pablo Gomes (ano que vem montaremos os “Falsos Poetas”, sem beicinho, sem fru-fru, “Stronger than all!”). A André, com quem me reconciliei no casamento da Lily, e onde cantamos o já clássico “Amor, meu grande amor”, hit inestimável de idas ao Cabral, ao Real e a qualquer outra festa onde íamos. A Bruno Santos (Brunão), por tudo, por ser uma das grandes amizades que tive na Faculdade (outro grande cantor de “Amor, meu grande amor”, completando o trio – inclusive, pelo telefone, nos momentos em que não está presente). A Fabrício Vinhas, outra grande amizade, que muito me ajudou no curso (ainda que tenha morrido de raiva em nossas discussões sobre pós-modernidade, escravidão etc.). À Esther e à Lily, que sempre andavam juntas e não podem ser esquecidas aqui, porque marcaram muito minha Graduação e aquela turma. À Izadora Fernando por... (caramba Izadora, que que eu posso te dizer? 12 cervejas, muita risada e um senso de humor pra ser apreciado por poucos).

Da História, mas não da turma de 2006/2, eu gostaria de agradecer ao Bruno Vinícius de Moraes, à Poliana Jardim, ao Lenon, à Fabiana Léo, à Gabriela Galvão, ao Igor Nefer (o maior dançarino de pagode anos 90 que eu conheço), ao Douglas (Superman), ao Mateus Frizzone (sempre dá pra tomar mais uma!), ao Thiago Prates (treta), pela camaradagem e por se aventurar nas ruas de São Paulo (não se esqueça da Yasmin), à Ana Tereza (Tetê), por ser uma pessoa tão divertida. A Leandro Faluba que, no final das contas, se mostrou um excelente amigo. A Marcelo Crispim (Celão), pelo constante bom humor e pelos tempos do arquivo pessoal. À Anelise Coelho, pelo apoio e companheirismo. À Carolline Andrade, eu mando agradecimentos especiais, por se aventurar na história do México comigo por um tempo, pelo carinho e pela amizade, que foi fundamental pra mim em muitos momentos durante o Mestrado.

Da FAFICH, mas que não são historiadores, tenho que agradecer muito a Weslaine pelo imenso carinho, a Leandro de Paula (Jack Bouer) pelas boas risadas e pelo companheirismo, e a Tadeu (picareta) pelo bom humor de sempre e por sempre querer ajudar (ainda que nem sempre da melhor maneira).

Agradeço aos professores Luiz Carlos Villalta e Luiz Arnaut pelas discussões e incentivo. Também agradeço ao grupo do GETHL, que entrei faz pouco tempo, mas que, de princípio, me fez sentir muito à vontade.

Aos professores Carla Chamon e James William Goodwin Jr. do CEFET-MG, pelo aprendizado que tive durante o período em que trabalhei pesquisando no campo de História da educação.

Durante os anos da Graduação, trabalhei com diversos funcionários da Universidade, que mostraram que ela não é feita apenas por alunos e professores. Quero agradecer à Kátia Aguiar, ao Guilherme, ao Roberto, à Beatriz (Bia), ao Bruno, ao Luiz Antônio (*in memoriam*) do DRCA. Ao Octávio, ao Everton, ao Jorge (carioca), ao Anderson (baiano), ao Fábio, à Inês e à Virgínia do Arquivo Pessoal da UFMG. Apesar do trabalho, foram tempos muito divertidos. Prometo visitas ao Carioca e ao Baiano!

Não posso deixar de agradecer aos paulistas mais carentes que conheço: Igor, Luís e Marcos (Marcão, Marculino). Eu não tenho palavras para expressar o apoio dado em momentos difíceis.

Agradeço ao Alysson Faria Costa, o melhor professor que tive e uma das pessoas que mais me apoiou. Essa dissertação é dedicada a você.

Agradeço à Míriam Gusmão (eu realmente tenho que te agradecer?! haha), pelos oito anos de críticas, discussões, implicâncias que apenas as amigadas com um

alto índice de sinceridade permitem ter. Também agradeço pelas muitas risadas e conversas (às vezes meio viajadas) que não se pode ter com qualquer pessoa.

Agradeço à família Mistreta-Golubizky que ganhei na Argentina. Pela recepção, aceitação e carinho. María Susana Mistretta, Susana Amaná Alurralde de Mistretta (a Nona – *in memoriam*), Veronica e Silvia Golubizky, Andrés Golubizky, Daniel Golubizky, o pequeno Santiago, Fátima Forte, Liliana, Oscar e Amália Mistretta. Eu não poderia receber um tratamento melhor do que recebi.

Agradeço ao amor, carinho e apoio de Marcela Golubizky. Eu não poderia ter uma pessoa melhor ao meu lado (ainda quando não está ao meu lado). Os momentos que passamos juntos fazem com que toda a espera valha à pena. Eu sou imensamente agradecido por ela ter estado comigo em um ano tão difícil. Isso não tem preço, nem é encontrado facilmente (Te amo muito).

Também agradeço ao Bruno Basílio e Caetano Drumond, duas amizades do velho Leopoldão que continuaram.

Não poderia deixar de mencionar meus amigos de longa data, que me apoiaram durante mais de uma década. São eles, em grande medida, que me mantiveram na luta, quando as coisas não iam bem: Jonas Guilherme, Jamil Ferraz, Diego Frederico, Felipe Vinícius, César Drummond, Arthur Freitas, Bruno Bragança, Lucas Jacoville, Raphael Dias, Samira Sá.

A Rafael Cota, amigo inestimável de “chamados”. Uma das melhores amizades que tive na FAFICH.

Agradeço a Eros Cunha pela amizade.

Agradeço às famílias de Felipe Vinícius, Arthur Freitas, Jonas Guilherme e César Drummond, por sempre me tratarem tão bem.

Agradeço à minha família, especialmente às mulheres: Bernadeth, Margareth e Elizabete Brant Pimentel, que cuidaram de mim por muito tempo. Também não me esqueço dos que já se foram: Joaquim Pimentel, Diva Pimentel e Manoela Pimentel.

Provavelmente eu cometi alguma tremenda injustiça, esquecendo de alguém importante. Peço desculpas antecipadas. Se você me conhece bem, sabe que eu sou distraído o suficiente para esquecer seu nome, ainda que eu goste muito de você.

Resumo:

O trabalho busca analisar a trajetória intelectual de Mariano Azuela, um dos mais reconhecidos escritores mexicanos do século XX. A análise concentra-se do início da década de 1910 – quando começa a Revolução Mexicana – até o ano de 1952, quando Mariano Azuela falece. A partir da trajetória de Mariano Azuela, refletimos sobre a política e a cultura mexicana, principalmente as relações entre os romances de Azuela e a formação da “nova cultura revolucionária”, bem como sobre as relações entre intelectuais e Estado no México. As mudanças pelas quais o país passou na primeira metade do século XX e, principalmente, como Azuela as percebeu também são analisadas durante todo o trabalho.

Palavras-chave: Mariano Azuela; Revolução Mexicana; literatura mexicana

Abstract:

This work aims to analyse Mariano Azuela’s intellectual life, one of the most recognized Mexican writers of the 20th century. The analysis is focused on early 1910 decade – when Mexican Revolution started – until 1952, when Mariano Azuela passed away. Through Mariano Azuela’s intellectual life, politics and culture of Mexico are reflected, mainly liaisons between Azuela’s novels and the creation of such a thing as a “new revolutionary culture”, and liaisons between other intellectuals and State at Mexico as well. Also, the changes which ones Mexico went through on the first fifty years of the 20th century are analysed on this work, specially Azuela’s view about them.

Keywords: Mariano Azuela; Mexican Revolution; mexican literature

Introdução

O tema deste trabalho é a trajetória intelectual do escritor mexicano Mariano Azuela e as relações de sua obra com a política mexicana e a Revolução, na medida em que a consideramos importante para uma melhor compreensão da história da Revolução Mexicana a partir do ponto de vista literário e político. Azuela, que nasceu em janeiro de 1873 e morreu em 1 de março de 1952, teve uma vida que se cruzou com eventos da maior importância na história mexicana. Ele estava lá quando, em 1910, Francisco Madero foi um dos iniciadores da Revolução Mexicana,² levantando-se contra os abusos do poder do então presidente Porfirio Díaz, que já se encontrava no poder desde 1876.³ Assim, comemorou quando Madero tornou-se presidente e buscou estabilizar a situação política do país. Lamentou o assassinato do mesmo, em 1912, comandado por Victoriano Huerta.⁴ Filiou-se, como médico, em 1914, às tropas de Pancho Villa, com a intenção de escrever um romance cujo tema fosse a Revolução. Permaneceu nas tropas até 1915, quando escreveu o que viria a ser seu livro de maior circulação: *Los de abajo*.

Los de abajo foi concluído em 1915, mas ficou dez anos no esquecimento, com uma recepção pouco significativa. Apenas em 1925, já passados os anos mais intensos do conflito armado, e com o país sendo reconstruído estrutural e politicamente, a obra veio a tornar-se importante para a cultura mexicana. A década de 1920 no México foi marcada pela forte autoridade dos presidentes Álvaro Obregón (1920-1924) e Plutarco Elías Calles (1924-1928), que buscaram formular, através dos mecanismos de

² O *Plan de San Luis Potosí*, escrito por Francisco Madero em seu exílio nos Estados Unidos, conclamava os mexicanos para uma sublevação contra Porfirio Díaz. Essa sublevação estava marcada para começar às 18:00 horas do dia 20 de novembro de 1910. De fato, apesar do confronto do liberal Aquiles Serdán com as tropas do governo terem se dado no dia 18 de novembro, a data mais destacada pela historiografia é o 20 de novembro de 1910. A hora do início dos levantes é difícil de precisar. Para maiores detalhes ver SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2.ed. revisada, décima reimpressão, México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, Vol.I, p.151-156. O *Plan de San Luis Potosí* encontra-se em anexo, no mesmo livro de Herzog, nas páginas 157 a 168.

³ Ainda que Porfirio Díaz não tenha exercido o cargo de presidente da República entre 1880 a 1884, foi quem realmente deteve o poder no México sendo que, neste intervalo, um aliado fiel, Manuel González, ocupou o posto.

⁴ Francisco Madero foi assassinado no dia 22 de fevereiro de 1913, fuzilado juntamente com Pino Suárez, vice-presidente, por ordem do general Victoriano Huerta, que conspirava com o governo norte-americano para derrubar Madero. O episódio ficou conhecido como a “Decena Trágica”. Ver AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.52-54.

Estado, uma “cultura revolucionária”. Trata-se da construção de uma ideologia⁵ revolucionária na qual as artes tiveram um papel fundamental. Porém, não se tratava de um processo unilateral por parte do Estado mexicano, que, não obstante, era (e ainda é) caracterizado por uma forte concentração de poder. A Revolução mudou consideravelmente o ambiente intelectual do país e gerou novas esperanças depois de uma década de intensos conflitos. A juventude letrada mostrou-se esperançosa e responsável pela reconstrução de seu país, e não poupou esforços para que um novo México pudesse ser erguido, um México moderno. O Estado, que buscava se legitimar politicamente, apropriou-se de muitos desses discursos e, por outro lado, continuou incentivando-os através da atribuição de cargos importantes aos intelectuais cujas ideias convergiam com suas pretensões – e afastou do cenário aqueles que lhe eram incômodos.

A escrita de Mariano Azuela está plenamente intrincada com a história da Revolução. O escritor, assim como Madero – seu grande ídolo político –, sempre foi favorável ao liberalismo democrático, ou seja, à luta por eleições livres – tema caro aos maderistas e permanente em toda a história da Revolução –, liberdade de imprensa, divisão dos poderes e educação universal. Podemos afirmar que foi a partir do liberalismo político, presente em toda sua vida, que Azuela analisou a Revolução e o que considerou seu “fracasso”, possibilitando-o escrever uma literatura de crítica e de denúncia e atacar o Estado mexicano pós-revolucionário ainda quando este tinha se

⁵ Raymond Williams nos oferece interessantes contribuições para pensarmos o conceito de ideologia a partir de uma breve historicização, apresentando as mais variadas formas pelas quais ele foi compreendido desde o século XVIII, passando pelas interpretações de Napoleão, Marx e Engels, e Lênin. Um aspecto muito relevante dos estudos de Williams é a relação feita entre ideologia e hegemonia. Enquanto ideologia seria um sistema de ideias ligado a uma classe específica, a hegemonia dependeria não apenas da expressão dos interesses de uma classe dominante, mas também de sua aceitação como “realidade normal” ou “senso comum” por seus subordinados. É preciso ressaltar que as primeiras relações estabelecidas entre ideologia e hegemonia são de Antonio Gramsci, e esta é a fonte buscada por Williams para o tema. WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford; New York: Oxford University, c1977, reimp. 1985; WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007. No caso da Revolução Mexicana, consideramos que existem diversas ideologias circulando, como bem esclarecem os estudos de Silva Herzog e Arnaldo Córdova, entre outros. Como mínimo, temos consciência de uma primeira fase, ainda na década de 1910, na qual as diversas ideologias – o liberalismo democrático, o anarquismo etc. – estavam em constante conflito e nenhuma delas se encontrava hegemônica, e uma segunda fase, a partir da década de 1920, na qual o liberalismo reformista – marcado pelo autoritarismo – do grupo vitorioso tornou-se hegemônico no cenário político. Ver AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000. O conceito de ideologia será tratado ao longo de nosso estudo, de acordo com a situação política do México.

apropriado de seus escritos – e de sua imagem – para construir uma “cultura revolucionária”.

Nosso objetivo principal é entender como foram as relações entre Azuela e a ideologia revolucionária proposta pelo Estado mexicano. Entender o que possibilitou a consagração de um escritor que dedicou seus escritos a criticar o Estado e a Revolução que este defendia. Também é refletir sobre as ambiguidades da visão de Azuela sobre a Revolução: uma crítica que, segundo ele, partia do que ele defendia como um ideal de revolução.

Ao analisarmos a trajetória intelectual de Mariano Azuela, a própria Revolução Mexicana não poderia deixar de ser também tema deste trabalho. Não só porque, para entender a trajetória de Azuela, é necessário entender o contexto de sua produção intelectual, mas sim porque quase tudo que este produziu refere-se a ela. A Revolução tornou-se sua obsessão. É então necessário um grande cuidado para não se deixar levar pela visão que Azuela construiu sobre esse processo e buscar posicionar-se com distanciamento do objeto.

Azuela nunca deixou de analisar a Revolução a partir do que via como ideal nela, ou seja, como o processo que iria trazer ao México as liberdades políticas e livrar o país do *caciquismo*, o que conseqüentemente, segundo sua visão, resolveria os problemas sociais do país. Temos que estar atentos para o fato de que este também era o ideal de Madero, e que, apesar de nobre, não resolveria todos os problemas do México e nem atenderia a todas as demandas colocadas pelas diversas classes em conflito. A Revolução Mexicana foi muito além de Madero e do liberalismo democrático defendido por ele. As demandas camponesas e operárias eram mais profundas que as reivindicações políticas apresentadas pelos setores médios da sociedade mexicana, que chegaram ao poder no final da década de 1910 e que construíram o novo Estado na década seguinte. Examinar o processo revolucionário a partir de seus diversos grupos e classes nos permite entender melhor a visão que Azuela dirigiu à Revolução e a maneira como a representou em seus escritos.

Ainda que crítico em relação aos caminhos da Revolução, as relações entre os escritos de Azuela e a construção ideológica do novo Estado mexicano foram ambíguas. O Estado mexicano pós-revolucionário caracterizou-se por um poder Executivo muito forte e também por considerável autoritarismo ao longo do século XX. As relações dos intelectuais com tal estrutura de poder variaram muito, indo desde o recebimento de prêmios, promoções em cargos públicos para os que apoiaram o governo –

principalmente após a criação do Partido Nacional Revolucionário –, até o afastamento de outros, como foi o caso de Alfonso Reyes.⁶ Uma de nossas grandes inquietações e principal objetivo foi refletir sobre as relações entre a trajetória de Mariano Azuela e o Estado mexicano. O escritor, mesmo após 1925, quando *Los de abajo* foi apropriado pelo Estado, dedicou sua escrita a fazer críticas aos sucessivos governos de seu país. Criticou duramente o Partido Nacional Revolucionário (PNR),⁷ assim como diversas medidas político-sociais — que iam desde a esfera trabalhista-operária, até a agrária e educacional.

Este trabalho entrelaçou as esferas da política e da cultura, buscando compreender como elas se relacionaram no México após a Revolução. Assim, buscou-se compreender como ambas as esferas se aproximaram, de maneira que muitas vezes é difícil separar uma da outra. É evidente que o cuidado para não transformar a cultura em política e a política em cultura deve ser observado. Muitas decisões tomadas na política mexicana não tiveram relação com a cultura, assim como muitos agentes culturais buscaram se distanciar da política, apesar de todas as dificuldades para esse distanciamento num contexto revolucionário como o vivido no México na primeira metade do século XX.

A cultura e a política estavam vinculadas a um imaginário que começou a ser formado após 1910. O imaginário social após a Revolução é outro tema fundamental para nosso trabalho. Mariano Azuela foi um agente importante na formação deste imaginário, contribuindo a partir da literatura, sobretudo com *Los de abajo*. Porém, a intenção foi compreender a escrita de Mariano Azuela inserida em um contexto mais amplo. Sendo assim, diversos outros agentes culturais foram abordados na pesquisa. Apenas desta forma seria possível refletir sobre o novo contexto político-social mexicano.⁸

Algumas hipóteses foram os pontos de partida para este trabalho. A primeira, sobre a apropriação da obra de Mariano Azuela pelo Estado ser o fato de que, ainda que esta fosse crítica ao governo, era uma crítica muito mais suave e menos estrutural do

⁶ Para uma interpretação sobre as relações entre Alfonso Reyes e o Estado mexicano, ver o texto de CRESPO, Regina Aída. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922 – 1938). In: *Revista Brasileira de História*, vol.23, nº 45. São Paulo, 2003, p.187-208.

⁷ O Partido Nacional Revolucionário foi criado em 1929 sob a liderança de Plutarco Elías Calles. Em 1938, durante o governo de Lázaro Cárdenas, ele passou a se chamar Partido da Revolução Mexicana (PRM) e, finalmente, em 1946, teve seu nome alterado para Partido Revolucionário Institucional (PRI), que preserva até hoje.

⁸ BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, 296-332.

que aquela feita pelos camponeses ou os anarquistas, principalmente a dos camponeses zapatistas e villistas. Temos que levar em conta que a “descoberta” de *Los de abajo* foi em 1925, sendo que os conflitos ainda eram recentes e o país ainda passava por uma fase relativamente conturbada. Nesse sentido, e para estabelecer uma imagem de um país democrático, o novo Estado mexicano permitiu e até mesmo incentivou a produção de obras que fossem críticas à Revolução. Além disso, quando observamos *Los de abajo*, enxergamos uma série de elementos que satisfaziam a ideia da construção de um novo “ser mexicano” buscado pelo Estado: o mexicano valente, o indígena como representante do povo, os aspectos “populares” que o romance apresenta, como é o caso das falas e dos hábitos. A própria violência revolucionária foi apropriada na construção desta nova ideologia, como algo necessário para que um México melhor pudesse surgir.

A segunda hipótese sustenta que não só seus escritos – em especial *Los de abajo* – foram apropriados pelo Estado e pela intelectualidade mexicana, mas também a própria imagem de Mariano Azuela, como podemos observar na escolha do escritor para compor o corpo docente de inauguração do Colégio Nacional em 1943, quando recebeu os prêmios da Sociedade de Artes e Letras do México, em 1942, e o Premio Nacional de Ciências e Artes na área de Linguística e Literatura em 1949, e quando finalmente faleceu em 1952. Azuela foi sepultado na Rotonda de los Hombres Ilustres de México, dentro do Panteão Civil de Dolores, lugar oficial dedicado às pessoas que contribuíram para a história mexicana. Consideramos que ao se apropriar de um escritor que se afirmava independente, o Estado buscava reforçar a imagem de um Estado democrático.

O período de análise vai de 1909 até 1952. O ano de 1909 foi escolhido por ser fundamental na trajetória de Mariano Azuela, marcado pela acentuação em suas críticas sociais, a partir de seu romance *Mala yerba*. O ano de 1952 é o marco final, pois é o ano do falecimento de Mariano Azuela e das homenagens que o Estado lhe rende. Consideramos que é o ápice do reconhecimento de Mariano Azuela nos círculos políticos. Porém, apesar desses limites temporais, a pesquisa se permite deslocamentos, tanto em direção a anos anteriores a 1909, quanto a posteriores a 1952, na medida em que esses deslocamentos temporais permitam esclarecer questões referentes à trajetória de Mariano Azuela ou à história mexicana.

Nosso marco espacial foi fundamentalmente o território mexicano, ainda que em alguns momentos ultrapassou-se tal área, principalmente quando nos referirmos às cartas trocadas entre o escritor e intelectuais estrangeiros. O limite ao território

mexicano se justifica devido às dificuldades para se fazer uma análise da repercussão internacional da obra de Mariano Azuela nos prazos de uma Dissertação de Mestrado. Ainda assim, em alguns momentos, foi possível extrapolar os limites do México e fazer uma análise, ainda que limitada, da repercussão da obra fora do país.

Ao tratarmos de Azuela, selecionamos basicamente três tipos de fontes: as obras literárias, as cartas do escritor e diversos ensaios referentes às suas obras e à literatura mexicana. Mariano Azuela escreveu cerca de 23 romances ao longo de sua vida, sendo grande parte deles referentes à Revolução Mexicana e seus desdobramentos. Como não poderíamos analisar todas estas obras em nosso texto, optamos por selecionar algumas que nos permitem entender o trabalho do escritor sobre a Revolução e os governos pós-revolucionários. São elas: *Mala yerba* (1909), *Andrés Pérez, maderista* (1911), *Los de abajo* (1915), *El camarada Pantoja* (1937), *Regina Landa* (1939), *La maldición* (1955) e *Esa sangre* (1956).⁹

Mala yerba foi a primeira obra na qual Azuela apresentou uma crítica forte sobre a situação de pobreza e penúria vividas pelos camponeses e peões, explorados por poderosos fazendeiros.

Andrés Pérez, maderista foi o primeiro romance escrito por Mariano Azuela cujo enredo se desenrola no decorrer da Revolução Mexicana. Aqui já encontramos algumas críticas que irão aparecer mais tarde em *Los de abajo*, como a manutenção do *caciquismo* político e o caso dos “revolucionários de última hora”, ou seja, o engajamento na Revolução como um modo de políticos oportunistas ganharem a vida.

Los de abajo, como foi mencionado anteriormente, é a obra mais reconhecida de Mariano Azuela e cujo enredo é o que melhor representa a Revolução, ao apresentar uma série de elementos existentes no conflito armado, inclusive com a menção a vários eventos ocorridos na década de 1910. Também a selecionamos devido a seu grande impacto e recepção na intelectualidade mexicana na década de 1920 e sua apropriação pelo governo pós-revolucionário na constituição de sua ideologia legitimadora.

El camarada Pantoja, apesar de publicada em 1937, foi escrita no decorrer da década de 1920 e apresenta uma crítica ferrenha contra o governo de Plutarco Elías

⁹ *Esa sangre* é a continuação da história contada em *Mala yerba*. Ao analisarmos as duas obras, no capítulo 3 da dissertação, nosso objetivo foi perceber como Mariano Azuela observou as mudanças ocorridas na situação do camponês e das camadas populares dos pequenos povoados após a Revolução. Assim, apesar de vermos os dois romances como uma única história, respeitamos o período de produção de cada uma das obras. Apesar de *Esa sangre* haver sido publicada postumamente, em 1956, pode-se considerar que a obra foi terminada após 1949, sendo o último romance escrito por Azuela. Nossa afirmação está baseada no fato de que no texto *El novelista y su ambiente (II)*, publicado em 1949, Azuela menciona que *Esa sangre* ainda não estava terminada.

Calles e a perseguição religiosa empreendida pelo Estado durante a Guerra dos Cristeros.¹⁰ O romance narra a história da ascensão política – através da corrupção e de um assassinato – da personagem Catarino Pantoja, alguém que não possuía qualquer interesse ou aptidão política. Trata-se de uma denúncia de práticas escusas e violentas na política mexicana, o que significaria mais uma amostra do “fracasso” da Revolução para Mariano Azuela.

Regina Landa visa mostrar a rotina de um pequeno grupo de funcionários públicos durante o governo de Lázaro Cárdenas e centra-se basicamente na denúncia de um falso fanatismo socialista, caracterizado por uma retórica vazia, presente no governo de Cárdenas. Enfatizamos novamente que este é o olhar de Mariano Azuela e que deve ser visto com cuidado em nossa pesquisa. Nessa obra, Azuela também apresenta o aperfeiçoamento das práticas simulatórias após a consolidação da nova elite política mexicana. O assassinato e a brutalidade – na visão do escritor –, tinham dado lugar à sagacidade e à inteligência nas práticas dos “oportunistas” da Revolução.

La maldición conta a história da família Montelongo, liderada por Rodolfo. O oportunismo político, tema recorrente de Mariano Azuela, neste romance encontra-se representado através de Rodolfo e Magdalena, que faziam de tudo para serem bem sucedidos na vida. A política era o caminho mais fácil para a ascensão social, sendo os interesses públicos submetidos ao egoísmo e ao interesse de poucos indivíduos. A diferença entre *La maldición* e os romances anteriores de Mariano Azuela é que, desta vez, o escritor buscou mostrar como a corrupção havia se instalado na sociedade, não se restringindo aos círculos políticos.

Por fim, *Esa sangre* foi selecionado por marcar o fim da visão de Mariano Azuela sobre a situação das classes exploradas do México. Nesse romance, Mariano Azuela voltou ao cenário de San Pedro de las Gallinas – onde se passa a história de *Mala yerba* –, mostrando as mudanças e permanências na situação das camadas populares e dos antigos fazendeiros.

¹⁰ A Guerra dos Cristeros foi o confronto direto entre a Igreja Católica e o Estado Mexicano entre os anos de 1926 a 1929. O governo pós-revolucionário, e a própria Constituição Mexicana de 1917 – resultado dos confrontos e reivindicações da década de 1910 –, apresentavam um forte caráter anticlerical, o que, em caso extremo, fez com que membros do clero e camponeses religiosos pegassem em armas e lutassem contra o governo mexicano. Ver AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, pp.113-119.

Ao selecionarmos estas obras e não outras do escritor, levamos em conta dois aspectos: a relevância delas para a trajetória de Mariano Azuela e o teor das críticas contidas nelas, por mostrarem de maneira clara seu posicionamento frente às questões políticas.

Outra fonte utilizada neste trabalho são as cartas do escritor, reunidas nos livros *Epistolário y archivo*¹¹ e *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*.¹² Buscamos nelas elementos de análise dos posicionamentos políticos, sociais, e mesmo intelectuais de Azuela, de forma a também refletirmos sobre a própria Revolução Mexicana, a partir da visão do autor.

Por fim, também selecionamos outros escritos de Mariano Azuela, contidos no Tomo III de suas *Obras Completas*.¹³ Trata-se de ensaios escritos em diversos períodos da vida do escritor, que revelam alguns de seus posicionamentos. Entre eles estão *Cien años de novela mexicana*, *Divagaciones literárias*, *Letras de província* e *Grandes novelistas*, todos resultados de cursos ministrados no Colégio Nacional na década de 1940.¹⁴ Estes textos são importantes por apresentarem a posição de Azuela em relação à intelectualidade mexicana de sua época. Mais do que isto, em uma análise mais detida, eles nos revelam a forma como Azuela expressou o seu ideal de intelectual. Os textos *El novelista y su ambiente (I)* e *El novelista y su ambiente (II)*, de caráter autobiográfico, por sua vez, apresentam a maneira como suas obras foram escritas, e as relações que Azuela estabelecia entre elas e os contextos nos quais foram produzidas. Também escolhemos o texto pronunciado quando Azuela recebeu o Prêmio Nacional de Artes e Ciências, em 1950, relevante em razão de ter sido a mais importante consagração oficial recebida por Mariano Azuela em vida.

Para desenvolver nossa análise, buscamos dialogar com a bibliografia sobre a Revolução Mexicana. Nesse sentido, foi possível contar com uma grande quantidade de obras, produzidas dentro e fora do México. Dentre esta extensa bibliografia, destacamos, no México, os trabalhos de Jesús Silva Herzog,¹⁵ Aguilar Camín e Lorenzo

¹¹ AZUELA, Mariano. *Epistolário y archivo*. México: UNAM, 1969.

¹² AZUELA, Mariano. *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000.

¹³ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III.

¹⁴ Idem.

¹⁵ SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2a.ed. México: FCE, 1990, 2 volumes.

Meyer,¹⁶ Arnaldo Córdova,¹⁷ Víctor Díaz Arciniega,¹⁸ Enrique Krauze¹⁹ e Luis Javier Garrido.²⁰

Outras contribuições de historiadores de diversos países são relevantes para o debate em torno da Revolução Mexicana, como é o caso de John Womack Jr., com seu livro clássico *Zapata y la Revolución Mexicana*,²¹ Jean Meyer,²² Charles Cumberland²³ e Friedrich Katz.²⁴

No que se refere à produção brasileira sobre a Revolução Mexicana, destacamos o artigo escrito por Carlos Alberto Sampaio Barbosa e Maria Aparecida de Souza Lopes, por apresentar de maneira sucinta, mas eficiente, as principais fases da historiografia sobre a Revolução Mexicana.²⁵

A Dissertação de Mestrado de Carlos Alberto Sampaio Barbosa, *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de abajo* de Mariano Azuela,²⁶ também é bastante importante para nosso trabalho, devido a ser um dos poucos trabalhos sobre Mariano Azuela próprios do campo da historiografia, e um dos que analisam mais a fundo a apropriação de *Los de abajo* pelo Estado mexicano pós-revolucionário. No que toca aos estudos sobre a obra de Mariano Azuela, o que encontramos, majoritariamente, são análises literárias sobre diversos romances do autor, mas nenhuma obra historiográfica que abordasse a trajetória intelectual do mesmo, mesmo no México. Existem alguns trabalhos que partem de um ponto de vista próximo ao historiográfico, mas, ainda

¹⁶ AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

¹⁷ CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. 16ª reimpressão, México: Era, 1991; CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. 10a. reimpressão, México: Era, 1991.

¹⁸ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura "revolucionaria" (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

¹⁹ KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución Mexicana*. 5a. ed., México: Siglo XXI, 1985.

²⁰ GARRIDO, Luis Javier. *El partido de la Revolución institucionalizada. Medio siglo de poder político en México. La formación del nuevo Estado (1928-1945)*. México: SEP, Siglo XXI, 1986.

²¹ WOMACK JR., John. *Zapata y la Revolución Mexicana*. 4. ed. México: Siglo Veintiuno, 1972.

²² MEYER, Jean. Revolution and reconstruction in the 1920s. In: BETHELL, Leslie (org.) *Mexico since independence*. Cambridge University Press, 1991, p.201-240.

²³ CUMBERLAND, Charles C. *Madero y la revolución mexicana*. Mexico: Siglo Veintiuno, 1977.

²⁴ KATZ, Friedrich. The liberal republic and the porfiriato. In: BETHELL, Leslie (org.) *Mexico since independence*. New York: Cambridge University Press, 1991, p. 49-154; KATZ, Friedrich. Pancho Villa, los movimientos campesinos y la reforma agraria en el norte de México. In: BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995, p.86-105.

²⁵ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio; LOPES, Maria Aparecida de Souza. A historiografia da Revolução Mexicana no limiar do século XXI: tendências gerais e novas perspectivas. In: *História*, nº20. São Paulo: UNESP, 2001, p.163-198.

²⁶ BARBOSA, Carlos Alberto Barbosa. *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de abajo* de Mariano Azuela. Dissertação de Mestrado, Pontificia Universidade Católica, PUC, São Paulo, 1996.

assim, o que prevalece é a análise literária. É o caso do estudo de Jorge Ruffinelli, *Literatura e ideologia: el primer Mariano Azuela (1896-1918)*, que relaciona os aspectos políticos e literários dos primeiros anos de escrita de Mariano Azuela. Porém, como se pode notar, esta análise se restringe ao início da carreira do escritor, o que permite ao nosso trabalho analisar questões que ficaram de fora do marco temporal de Ruffinelli.

Também dialogamos com uma bibliografia referente ao “romance da Revolução Mexicana”, na qual foram utilizados os textos de Rogelio Rodríguez Coronel,²⁷ Adalbert Dessau²⁸ e John Brushwood.²⁹ Estudos literários importantes sobre a obra de Mariano Azuela também foram encontrados, como é o caso da edição crítica de *Los de abajo* organizada por Jorge Ruffinelli,³⁰ que contém textos escritos por diversos autores, como é o caso de Carlos Fuentes, o próprio Jorge Ruffinelli, Stanley Robe e Luis Leal. Este último, também organizou uma coletânea de textos, entrevistas e documentos referentes a Mariano Azuela, reunidos em dois tomos³¹ — fonte importante para nossa pesquisa.

Em relação à bibliografia referente à Revolução Mexicana, o pesquisador precisa reforçar seu olhar crítico, pois muitas destas obras buscam defender abertamente uma determinada corrente da Revolução. Alguns exemplos disso são os livros *Madero y la revolución mexicana* de Charles C. Cumberland; *Zapata y la revolución mexicana*, de John Womack Jr., já citados, e *Los precursores intelectuales de la revolución mexicana*,³² de James D. Cockcroft, que aborda a trajetória do Partido Liberal Mexicano, liderado por Ricardo Flores Magón³³ e Camilo Arriaga.³⁴ Cada um desses livros

²⁷ RODRÍGUEZ CORONEL, Rogelio. La novela de la Revolución Mexicana. In: PIZARRO, Ana (org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Ed. Unicamp, 1994, vol.2, p. 739-756.

²⁸ DESSAU, Adalbert. *La novela de la Revolución Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

²⁹ BRUSHWOOD, John S. *México en su novela*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

³⁰ AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996.

³¹ LEAL, Luis. *Mariano Azuela: el hombre, el médico, el novelista*. México: Memorias Mexicanas, CONACULTA, 2001.

³² COCKCROFT, James D. *Precursores intelectuales de la revolución mexicana (1900-1913)*. Mexico, D.F.: Siglo Veintiuno, 1971.

³³ Ricardo Flores Magón (1873-1922) foi um dos membros mais radicais do Partido Liberal Mexicano. Apesar, de no início, defender um ponto de vista liberal, com o passar dos anos se aderiu ao anarquismo. Foi o principal líder do PLM em 1910, após o rompimento com Camilo Arriaga – que continuou liberal e se separou do partido em 1905. Com a separação de Camilo Arriaga do partido, a preponderância de Ricardo Flores Magón no mesmo, e as experiências em conjunto com as classes trabalhadoras, o PLM e Ricardo Flores Magón se aproximaram cada vez mais do anarquismo. A atuação de Ricardo Flores Magón em oposição ao governo de Díaz foi marcada principalmente por suas críticas através do jornal *Regeneración*, fundado junto com seu irmão Jesús Flores Magón.

defende a posição dos personagens estudados. Outro estudo que é claramente uma defesa de alguma facção revolucionária, é o livro de Jesus Silva Herzog, *Breve historia de la Revolución Mexicana*³⁵ que, além de ser um importante trabalho sobre a fase bélica do processo revolucionário, é uma defesa da vertente carrancista.

Outra consideração importante a se fazer sobre a bibliografia acerca da Revolução Mexicana é sua divisão em três fases, como indicam Carlos Alberto Sampaio Barbosa e Maria Aparecida de Souza Lopes.³⁶ No primeiro momento, predominaram as análises que viam a Revolução como triunfo e redenção das classes populares. Estes estudos foram desenvolvidos logo após a fase bélica da Revolução e foram hegemônicos até meados da década de 1960. Esta vertente buscava explicar a Revolução Mexicana como o levantamento dos camponeses contra a exploração das classes hegemônicas, buscando corrigir problemas de desigualdade, principalmente agrária, intensificados durante o porfiriato. As análises sobre a centralização política durante o porfiriato e acerca dos líderes revolucionários marcam este tipo de interpretação. O livro de Silva Herzog é um exemplo dessa vertente historiográfica sobre a Revolução.³⁷

A segunda fase historiográfica sobre a Revolução Mexicana é a dos revisionistas. Extremamente críticos ao processo ocorrido no México, estes historiadores chegaram até mesmo a negar o título de “revolução” para os acontecimentos que marcaram a história do país. Para os defensores dessa interpretação, o movimento serviu apenas para atender aos interesses dos setores mais conservadores do país. Como uma alternativa aos métodos de análise dos historiadores da primeira vertente, os revisionistas buscaram centrar-se nos projetos vencidos do movimento armado. Um outro tipo de análise que se situa dentro dessa vertente revisionista, é a dos estudos regionais. Esses estudos buscaram se diferenciar das análises globais hegemônicas até então, e se aprofundaram na análise sobre a Revolução em outros

³⁴ Camilo Arriaga (1862-1945) era oriundo de uma família oligarca de San Luis Potosí e chegou a ocupar o cargo de deputado durante o governo de Porfirio Díaz. A partir dos anos 1890, começou a atuar em oposição ao regime de Díaz que culminou na formação do Partido Liberal Mexicano. Posteriormente, devido a diferenças com Ricardo Flores Magón, separa-se do PLM, mas continua fazendo oposição ao governo de Díaz, defendendo ideias liberais.

³⁵ SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2a.ed. México: FCE, 1990, 2 volumes.

³⁶ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio; LOPES, Maria Aparecida de Souza. A historiografia da Revolução Mexicana no limiar do século XXI: tendências gerais e novas perspectivas. In: *História*, nº20. São Paulo, : UNESP, 2001, p.163-198.

³⁷ SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2a.ed. México: FCE, 1990, 2 volumes.

locais que não a Cidade do México. É importante esclarecer que esses estudos marcaram um rompimento não só analítico, mas também foram um esforço cultural de resistência ao domínio que a Cidade do México exerce sobre os temas intelectuais do país. Os trabalhos de Arnaldo Córdova³⁸ e James D. Cockcroft,³⁹ autores estudados nesta pesquisa, são exemplos dos revisionistas.

A terceira corrente interpretativa resgatou a importância da Revolução Mexicana para a história do país, assim como voltou a defender seu caráter agrário e popular. Sem desprezar os novos estudos agrários, os historiadores dessa tendência voltaram as suas análises até o porfiriato, buscando compreender as relações entre a centralização política no final do século XIX, o desenvolvimento econômico e o decréscimo da qualidade de vida das camadas populares durante o governo de Porfirio Díaz. Alan Knight é uma das principais referências dessa vertente historiográfica.⁴⁰

Nossa pesquisa incorpora outras contribuições, distintas da historiografia produzida no México, o que contribui para a elaboração de interpretações distintas dessas vertentes. Apesar do diálogo com autores de todas as vertentes apresentadas, e do uso de suas análises, nosso trabalho também é informado por referências como os estudos historiográficos que vem sendo executados no Brasil. Assim, a ênfase na história das ideias e na história dos intelectuais permite um outro tipo de contribuição para os estudos da Revolução Mexicana. O entrelaçamento entre a trajetória intelectual de Mariano Azuela e a consolidação da cultura e do novo Estado revolucionário possibilita analisar as ideias circulantes e os movimentos intelectuais, culturais e políticos criados no final do século XIX e na primeira metade do século XX, no México.

Considerações teórico-metodológicas

A pesquisa se fundamenta, em grande medida, nas ferramentas de análise propiciadas pela história intelectual e pela história dos intelectuais. A história intelectual

³⁸ CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. 16^a reimpresión, México: Era, 1991; CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. 10a. reimpresión, México: Era, 1991.

³⁹ COCKCROFT, James D. *Precursores intelectuales de la revolución mexicana (1900-1913)*. México, D.F.: Siglo Veintiuno, 1971.

⁴⁰ KNIGHT, Alan. Caudillos y campesinos en el México Revolucionario, 1910-1917. In: BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.

busca articular elementos da história das ideias⁴¹ – na medida que busca relacionar as ideias aos contextos nos quais circularam –, e da história dos intelectuais, que se concentra em pensar a atuação dos intelectuais em uma determinada época, seus laços de sociabilidade, as polêmicas nas quais se envolveram, seus meios de manifestação e sua trajetória. No que se refere à utilização dos procedimentos da história intelectual em nosso trabalho, buscaremos pensar algumas obras e as principais ideias circulantes durante o período de atuação intelectual de Mariano Azuela.

Em relação à história dos intelectuais, considero ser de grande importância para esta pesquisa, já que vamos nos concentrar principalmente na trajetória intelectual de Mariano Azuela, ou seja, demonstrar as relações de Azuela com os intelectuais com quem teve contato, as instituições nas quais atuou, os lugares a partir dos quais falava e seus posicionamentos políticos e intelectuais ao longo de sua vida. Assim, temos que levar em conta que, ao analisar a trajetória de Azuela, deve-se sempre pensar que este escrevia a partir de uma realidade mexicana e latino-americana, o que nos leva a considerar uma série de fatores como o pequeno número de leitores alfabetizados e os poucos espaços de atuação intelectual. Para tratarmos dos temas relacionados aos intelectuais, estamos nos fundamentando nos textos de Jean-François Sirinelli,⁴² Helenice Rodrigues da Silva,⁴³ Edward Said,⁴⁴ Jorge Myers,⁴⁵ Carlos Altamirano,⁴⁶ Julio Ramos⁴⁷ e Ángel Rama⁴⁸.

Refletir sobre a trajetória de Mariano Azuela como intelectual nos leva a buscar as respostas para uma série de questões, como: o que se entendia como

⁴¹ A história das ideias, antes mais centrada na análise dos textos em si, começou a se modificar, relacionando texto e contexto, a partir das contribuições de John Greville.A. Pocock e Quentin Skinner. Outro texto bastante interessante que analisa esta mudança no campo da história das ideias é o de Michel Winock, contido na coletânea organizada por René Remond, *Por uma história política*. WINOCK, Michel. As ideias políticas. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.271-294.

⁴² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

⁴³ SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002.

⁴⁴ SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

⁴⁵ MYERS, Jorge. Los intelectuales latinoamericanos desde la colonia hasta el inicio del siglo XX. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol.I. Buenos Aires: Katz Editores, 2008.

⁴⁶ ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Editores, 2008; ALTAMIRANO, Carlos. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol. II. Buenos Aires: Katz Editores, 2008.

⁴⁷ RAMOS, Julio. *Desencuentros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

⁴⁸ RAMA, Ángel. *A cidade letrada*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

intelectual ao longo do período no qual o escritor atuava? Qual era o papel de Azuela, na sociedade, como intelectual? Quais valores Azuela defendia? Como se posicionava em relação aos outros intelectuais ou grupos de intelectuais da sociedade mexicana dos quais foi contemporâneo? São questões que, embora a princípio pareçam simples, constituem-se como uma parte considerável e significativa de nossa pesquisa.

Em relação às questões metodológicas, as reflexões sobre o uso da ficção como fonte histórica foram muito importantes para nosso trabalho. Segundo Sandra Pesavento, a ficção pode se constituir em uma importante fonte histórica, que dá acesso ao imaginário de uma época, às “imagens sensíveis do mundo”, que fornece ao historiador “as sensibilidades e as formas de ver a realidade de um outro tempo”,⁴⁹ e que também remete ao que poderia ter sido, exprimindo para o historiador um universo de possibilidades. Nessa perspectiva, analisar as obras de Mariano Azuela como fontes históricas nos permite compreender não só os pontos de vista do escritor, como também observar em suas obras um importante referencial para as sensibilidades, valores, usos e costumes circulantes durante a Revolução Mexicana e as décadas posteriores.

Sandra Pesavento apresenta a história como uma “ficção controlada”. Ficção, enquanto construção ancorada em um imaginário — que, para ela, dialoga com o real —, sendo que o texto histórico não é de forma alguma o passado *em si*, mas uma versão elaborada sobre ele. O passado, *tal como foi*, é inalcançável. Mas, ficção *controlada*, pois o historiador está preso ao que encontrou em suas fontes, não pode inventar personagens ou situações.

Ao nosso ver, ainda que importante para a nossa pesquisa, devido ao seu esforço por buscar compreender as permeabilidades entre a história e a ficção, a concepção de Pesavento da história como uma “ficção controlada” é inapropriada por duas razões: caracterizada desta maneira, a história não poderia ser nem uma boa obra de ficção — pois estas se constituem principalmente por sua liberdade de criação — e nem uma boa obra historiográfica — que se baseia na verificabilidade de suas fontes, bem como na busca de uma veracidade. Consideramos que o equívoco de Pesavento se funda em uma confusão entre o que seria a imaginação e a ficção, confusão esta bastante freqüente entre os historiadores. Não se trata da ficção adentrar o conhecimento histórico de maneira a preencher as lacunas que as fontes e a pesquisa não conseguem

⁴⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, n° 06, abr. 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/document1560.html>. Acesso em: 12/06/2010.

suprir na historiografia. Trata-se, antes disto, de um uso distinto que a historiografia faz da imaginação, diferente do operado na ficção. Por ficção, estamos limitando nossa compreensão à ficção literária, cênica ou cinematográfica, de modo a evitar uma discussão prolongada e desnecessária – para esta pesquisa – sobre uma provável ontologia ou antropologia da ficção.⁵⁰ Embora consideramos as discussões em torno das relações entre a história e a ficção interessantes e importantes, este não é o tema de nosso trabalho, e continuar nele de maneira extensiva seria desnecessário para os objetivos da pesquisa. Para resumir a questão de maneira objetiva e bem determinada, estabelecemos que a história trata daquilo que se supõe que aconteceu um dia, buscando aproximar-se o máximo possível do ocorrido, enquanto a ficção apresenta aquilo que poderia ter sido, as possibilidades encontradas em um determinado momento histórico. Ainda assim, a ficção, literária ou cinematográfica, é livre para narrar sobre as situações mais inusitadas, livre de amarras com a lógica ou veracidade.⁵¹

As correspondências de Mariano Azuela foram outra fonte fundamental para a pesquisa. A partir delas, tivemos acesso a informações que o escritor não revelou na esfera pública. Também foi possível notar, pelas cartas, as relações de afeto ou distanciamento de Mariano Azuela em relação a outros intelectuais ou mesmo políticos. Estamos conscientes, como afirma Teresa Malatian, que as cartas são projeções construídas que visam convencer o destinatário da veracidade das informações concedidas, bem como da representação construída pelo narrador sobre si.⁵² As cartas também são fontes para percebermos as condutas e códigos de uma determinada época. Em diversos momentos, foi através das cartas que Mariano Azuela se expressou de

⁵⁰ Para uma discussão em torno destes temas ver ISER, Wolfgang. Ficcionalización: las dimensiones antropológicas de las ficciones literarias. In: GARRIDO DOMINGUEZ, Antonio (coord.). *Teorías de la ficción literaria*. Madrid: Arcos/Libros, 1997.

⁵¹ Para uma discussão em torno das diferenças e semelhanças entre a historiografia e a ficção, bem como um esclarecimento específico de cada um desses discursos ver os textos de GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002; CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006; ISER, Wolfgang. Ficcionalización: las dimensiones antropológicas de las ficciones literarias. In: GARRIDO DOMINGUEZ, Antonio (coord.). *Teorías de la ficción literaria*. Madrid: Arcos/Libros, 1997; ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz. (org). *Teoria da literatura em suas fontes*. vol. II, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983; LIMA, Luiz, Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden V. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994; GOMES, Warley A. O fingir historiográfico: a escrita da história entre a ciência e a ficção. In: *Revista de Teoria da História*. Ano 3, Nº6, dez./2011. Universidade Federal de Goiás, p.65-91.

⁵² MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: BASSANEZI PINSKY, Carla; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p.195-221.

maneira mais espontânea sobre assuntos incômodos – como a política –, principalmente com as pessoas de quem era mais próximo.

Também foram utilizados, como fontes, diversos ensaios escritos por Mariano Azuela. Os ensaios *El novelista y su ambiente (I)* e *El novelista y su ambiente (II)* são autobiográficos, nos quais Mariano Azuela narrou passagens de sua vida, relacionando-os com sua produção literária. Levamos em consideração a distancia temporal entre a publicação de *El novelista y su ambiente (I)* (1938) e *El novelista y su ambiente (II)* (1949), bem como as características da narrativa autobiográfica. Consideramos a autobiografia, como Wander Melo Miranda,⁵³ como uma auto-interpretação cujo objetivo é dar-se a conhecer ao público. No caso de Mariano Azuela, o escritor já era uma celebridade no México quando esses escritos foram publicados, o que nos leva a considerar que Azuela já tinha, naquele momento, uma imagem, como intelectual, que deveria ser reafirmada. As considerações de Philippe Lejeune⁵⁴ sobre a autobiografia também foram utilizadas em nosso trabalho. Para Lejeune, a autobiografia deve ser um relato concentrado na vida individual, além de ser necessária a coincidência entre autor, narrador e personagem central.⁵⁵ Os escritor autobiográficos de Azuela apresentam essa estrutura, constituindo-se claramente em autobiografias.

Por fim, usamos também uma série de outros tipos de fontes, como palestras, memórias, discursos. Como algumas dessas fontes apresentam características bastante específicas, preferimos comentar suas especificidades, bem como a maneira como as analisamos, quando elas aparecem no texto. O fato delas serem utilizadas na pesquisa com menos frequência que os romances, as cartas e os escritos autobiográficos de Mariano Azuela, contribuiu para que optássemos por não caracterizá-las aqui e sim ao longo do trabalho, de maneira a tornar nosso texto mais dinâmico.

⁵³ MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

⁵⁴ LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: *Suplemento Anthropos*, nº29, Barcelona: Ed. Anthropos, Dez.1991, p.47-61.

⁵⁵ Estamos cientes da atual produção “autobiográfica”, na qual existem dois autores, sendo um a personagem principal, sobre quem o relato conta, e o outro um “colaborador” na escrita do texto. Não consultamos nenhum trabalho que analise este tipo de autobiografia, sendo que deixamos em suspenso a questão de se essas obras podem ser consideradas como tais. De qualquer forma, esse questionamento não teria qualquer relevância para as fontes autobiográficas que utilizamos, sendo que em todas existe essa coincidência entre autor, narrador e protagonista.

Os capítulos

A dissertação foi dividida em quatro capítulos. Como a trajetória intelectual de Mariano Azuela é o nosso objeto de pesquisa, optamos por seguir uma cronologia relativamente linear, indo do ano de 1909 até o início da década de 1950, quando o escritor faleceu.

No capítulo um, fizemos uma análise da atuação de Mariano Azuela durante a década revolucionária. Focamos principalmente nas obras *Andrés Pérez, maderista* e *Los de abajo*, além de analisarmos a importância de Francisco Madero e das ideias liberais para o escritor, como também sua atuação como médico nas tropas villistas de Julián Medina e a maneira como isto contribuiu para a escrita de *Los de abajo*. Também buscamos explorar o contexto mexicano revolucionário, situando os valores defendidos por Mariano Azuela em relação às práticas e ideologias das diferentes facções atuantes nos conflitos. O capítulo termina com a escrita e publicação da primeira edição de *Los de abajo* (1915), que só veio a ser reconhecida no cenário intelectual mexicano na década de 1920.

No capítulo dois, nossa análise voltou-se para a construção de uma “cultura revolucionária” por parte da intelectualidade e do Estado mexicano durante as décadas de 1920 e começos da década de 1930, bem como para a relação entre Mariano Azuela e suas obras com esta nova “cultura” mexicana. Temos em vista que a década de 1920 foi um momento de suma importância para a trajetória de Azuela, principalmente a partir da “descoberta” de *Los de abajo* pela intelectualidade do México. Iremos nos ater com atenção à polêmica na qual *Los de abajo* tornou-se conhecida no cenário mexicano e as questões que estavam por trás da escolha dessa obra como o “romance da Revolução Mexicana”.

No terceiro capítulo, analisamos os romances *Regina Landa* (1939), *La maldición* (1955) e *Esa sangre* (1956). Embora as datas de publicação dos dois últimos romances sejam póstumas, eles foram escritos no final da década de 1940. Provavelmente tenham sido os últimos romances escritos por Mariano Azuela. Nesse capítulo, analisamos o olhar de Mariano Azuela sobre o governo de Lázaro Cárdenas. Também refletimos sobre a visão que o autor apresentava sobre a Revolução Mexicana em seus últimos anos de vida.

O quarto capítulo foi dedicado à análise da consagração de Azuela como intelectual de destaque a partir de sua indicação para o corpo docente inaugural do

Colégio Nacional, as diversas premiações recebidas por ele nos últimos anos de sua vida e seu enterro na *Rotonda de los hombres ilustres*, em 1952. Aqui analisamos mais detidamente a forma como Azuela via a intelectualidade mexicana a partir dos cursos ministrados no Colégio Nacional, bem como as maneiras como a imagem do escritor foi apropriada por outros intelectuais no momento de sua morte. As premiações finais e as homenagens póstumas nos permitiram analisar a contribuição da imagem de Azuela para a ideologia revolucionária e para a construção do mito revolucionário.

As considerações finais apresentam nossas conclusões sobre a trajetória de Mariano Azuela, bem como uma breve reflexão sobre o “romance da Revolução Mexicana”. Também apontamos para a possibilidade de explorar os aspectos sociais da obra de Mariano Azuela, o que não pode ser feito de maneira detida aqui. Terminamos conscientes de que ainda há muito o que se explorar nas obras de Azuela, que são excelentes fontes para compreender o cenário social, cultural e político do México entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

Capítulo 1

Mariano Azuela, maderista: combates políticos e escritas literárias

1.1. Mariano Azuela e a Revolução Mexicana

Neste primeiro capítulo, vamos dar ênfase à atuação de Mariano Azuela na década de 1910. Será abordada a atuação política do escritor na cidade de Lagos de Moreno,⁵⁶ suas primeiras obras de maior importância – *Andrés Pérez, maderista* (1911) e *Los de abajo* (1915) –, até a primeira publicação de *Los de abajo*, na cidade de El Paso, no Texas.

Serão usadas como fontes, parte das correspondências de Azuela, principalmente as que se referem ao período no qual foi *jefe político* da cidade de Lagos de Moreno, em Jalisco.⁵⁷ Também serão analisados os dois romances mencionados no parágrafo anterior – *Andrés Pérez, maderista* e *Los de abajo* –, bem como dois textos escritos pelo próprio Azuela, de caráter autobiográfico, intitulados *El novelista y su ambiente (I)* (1938) e *El novelista y su ambiente (II)*⁵⁸ (1949), e um outro texto, escrito por Victor Díaz Arciniega, *Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela*, baseado nas memórias de cinco filhos do escritor: Enrique, Salvador, Antonio, Carmen e Julia.⁵⁹ Cada um destes tipos de fontes apresentam suas particularidades que apontaremos conforme sejam utilizados nesta investigação.

⁵⁶ Lagos de Moreno é uma pequena cidade localizada em Jalisco, centro-norte do México, entre Guadalajara e San Luís Potosí. É a cidade natal de Mariano Azuela, e para a qual voltou após os anos de estudo de Medicina em Guadalajara. Apesar de localizada próximo a Guadalajara, Lagos de Moreno nunca teve importância como centro intelectual, o que contribuiu para que as experiências intelectuais de Azuela fossem exercidas em um círculo bastante reduzido. Azuela foi bastante crítico em relação à sociedade laguense, descrevendo-a como um meio hipócrita, individualista e religiosamente “fanático”. O escritor buscou representar esta sociedade em seus primeiros romances, como *Los fracasados*. Ver: AZUELA, Mariano. *El novelista y su ambiente (I)*. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III. México, D.F.: Fondo de Cultura económica, 1960, p.1048-1051.

⁵⁷ Cartas. In: AZUELA, Mariano. *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002; BERLER, Beatrice (comp.). *Mariano Azuela*. Correspondencia y otros documentos. México: UNAM, 2000.

⁵⁸ Ensaíos. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol.III, pp.1012-1177.

⁵⁹ BERLER, Beatrice. *Mariano Azuela*. Correspondencia y otros documentos. México: UNAM, 2000.

Em relação às informações obtidas nas memórias de Azuela, bem como do texto escrito por Díaz Arciniega, baseado nos relatos dos filhos do escritor, devemos fazer algumas considerações de imediato. No que concerne ao relato de Mariano Azuela, que usaremos em muitos momentos ao longo de nossa pesquisa, devemos salientar que se trata de um texto de caráter autobiográfico, escrito ao final de sua vida. É um texto retrospectivo, no qual Mariano Azuela seleciona diversos momentos de sua vida e os organiza em uma narrativa bem definida. *El novelista y su ambiente (II)*, principalmente, é um dos últimos textos escritos do autor, de modo a reordenar seu passado e dar um sentido às suas experiências. Wander Melo Miranda define bem este caráter da autobiografia, que nos ajuda a entender esta narrativa de Azuela:

A autobiografia, mesmo se limitada a uma pura narração, é sempre uma auto-interpretação, sendo o estilo o índice não só da relação entre aquele que escreve e seu próprio passado, mas também o do projeto de uma maneira de dar-se a conhecer ao outro [...]⁶⁰

A partir do trecho acima, pode-se pensar que a narrativa de Azuela constitui-se como uma auto-interpretação voltada para o público. Descartamos enfaticamente qualquer possibilidade de imparcialidade por parte do escritor que, ao dirigir-se para seu público contando sua própria história de vida, seleciona os eventos que quer narrar e também a forma como os narra. Como definiu Wander Melo Miranda, a autobiografia é um discurso *literariamente* intencionado.⁶¹ O próprio Mariano Azuela estava consciente do caráter seletivo da autobiografia, como afirmou logo no princípio de seu texto:

Necesariamente hago autobiografía sin que me oculten las dificultades y peligros de la misma. Es sabido que una autobiografía dice menos de su autor que una novela escrita por él mismo. Keyserling comenta con gran exactitud como en el caso de la autobiografía el inconsciente encuentra con gran facilidad métodos y medios para embellecerlo todo, o bien, cuando se advierte este peligro y deliberadamente se quiere eludir, para ponerse a sí mismo al desnudo en su real fealdad, se revela una vanidad todavía más ingenua, la del más primitivo exhibicionismo que directamente se enfoca a lo feo. Y, sin embargo, esto no afecta sino al lado superficial del problema. El aspecto fundamental y decisivo es éste: que es absolutamente imposible verse a sí mismo justamente, centrando de modo exclusivo la atención en el yo, porque quien así lo hace deja escapar lo más importante: el medio en que vive y que lo rodea.⁶²

Os relatos dos filhos de Mariano Azuela, reunidos por Victor Díaz Arciniega em *Retrato hablado*, constituem-se como fontes mais complexas. Arciniega coletou os

⁶⁰MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*: Graciliano Ramos e Silviano Santiago. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992, p.30.

⁶¹Idem, p.25.

⁶² AZUELA, Mariano. *El novelista y su ambiente (I)*. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, p.1012.

relatos de Enrique, Salvador, Antonio, Carmen, Julia e Mariano Azuela (filho) separadamente e os reuniu em um mesmo texto, causando a impressão de que era o resultado de uma conversa entre os filhos, todos em um mesmo espaço e tempo. Uma exceção é a de Mariano Azuela (filho), cujos relatos foram descartados por Arciniega devido à idade avançada (filho mais velho) e à saúde deteriorada, que não permitiu ao filho do escritor construir um relato organizado e coerente sobre o pai.⁶³ Dois tipos de diferenças devem ser levadas em consideração ao analisar estas fontes: o tempo que cada um dos filhos concedeu para as entrevistas, e a idade de cada um deles no momento em que foram entrevistados. A idade dos filhos é um fator relevante, pois tem um impacto direto na memória dos entrevistados, repercutindo no que cada um se lembrava e de suas respectivas capacidades de recuperar os acontecimentos passados. Ao tratar-se de uma “memória compartilhada”, Díaz Arciniega afirma que em diversos momentos, os filhos de Mariano Azuela se apropriavam das descrições memorialistas do próprio pai e as tomavam como suas. Segundo o entrevistador, esta seria uma maneira de tentar reproduzir com fidelidade uma memória que foi assumida como a “verdadeira” dentro do ambiente familiar.⁶⁴ Ao mencionarmos *Retrato hablado* de Díaz Arciniega, devemos levar em consideração este caráter fragmentário e parcial das memórias dos filhos do escritor, bem como as vontades destes em se apropriar das memórias do pai e assumi-las como suas. Também é possível pensar que as narrativas dos entrevistados apresentam diferenças consideráveis em relação aos fatos passados. No entanto, estas memórias constituem-se como fontes indispensáveis para nossa investigação, visto que elas relatam eventos sobre os quais Mariano Azuela não deixou registros escritos e aclaram diversos momentos da trajetória do escritor.

A primeira coisa a se dizer sobre Azuela é que o escritor vivenciou uma grande transição no país. Transição esta não só política, mas também cultural. De certo modo, a produção do escritor representa bem estes anos de mudança no país, que passava de um período no qual o positivismo era a grande corrente intelectual para outro, de cultura mais humanista, que se apropriava de elementos da tradição greco-

⁶³ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela. IN: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.50.

⁶⁴ Idem, p.51. As memórias dos filhos de Mariano Azuela permitem uma interpretação da família do escritor como explicitamente patriarcal, sendo que Mariano Azuela ocupava o lugar central na família. Os filhos, conforme se casavam e se mudavam da casa do pai, procuraram viver no mesmo bairro de Santa María la Ribera.

latina e da hispânica, impulsionada em grande parte pelos jovens do Ateneu da Juventude.

Nascido em 1873, apenas três anos antes de Porfirio Díaz chegar ao poder, Azuela cresceu e se educou durante o regime porfirista. Ou seja, viveu parte considerável de sua vida sob um regime autoritário, que privilegiou interesses estrangeiros, a incipiente classe média mexicana e uma elite econômica bastante restrita, e acentuou as desigualdades sociais no país. Também foi um período de considerável modernização econômica e cultural: construiu-se ferrovias, modernizou-se importantes cidades – algumas como a Cidade do México e Guadalajara desenvolveram-se satisfatoriamente, constituindo-se em importantes centros econômicos e culturais –, formou-se uma vida urbana significativa em diversos pólos, com um aumento na circulação de bens, ideias e informações, como bem exemplifica a importância que a imprensa passou a ter na vida social.⁶⁵

O que podemos constatar da vida de Mariano Azuela até o início da revolução armada são informações presentes nas memórias do escritor e de seus filhos. Mariano Azuela era filho de comerciantes – José Evaristo Azuela Camarena e Paulina González – e, por determinação de seu pai, foi estudar em um seminário em Guadalajara, como afirmam Carmen e Antonio Azuela na entrevista já citada.⁶⁶ Em relação ao Seminário de Guadalajara, Azuela afirma: “No bien terminé el curso de ‘Moral y Religión’, deserté del Seminario. La carrera sacerdotal nunca me atrajo y mi estancia en ese establecimiento fue meramente accidental”.⁶⁷ Azuela, a partir de sua experiência com os seminaristas, passou a adotar uma posição crítica frente ao “fanatismo religioso” e à limitação intelectual provinda desse “fanatismo”.⁶⁸ O posicionamento crítico de Azuela frente a este tipo de comportamento foi uma constante na vida do escritor e apareceu em muitos de seus romances.⁶⁹

⁶⁵ ROMERO, José Luis. *La ciudad y las ideas*. 3ª edição. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2011, p.247-318.

⁶⁶ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000.

⁶⁷ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, p.1127.

⁶⁸ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, p.1127-1128.

⁶⁹ O melhor exemplo é *El camarada Pantoja*. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.I. México, D.F.: 1958, p.668-766.

Com os recursos de sua família,⁷⁰ pode estudar Medicina em Guadalajara por dez anos, frequentou pequenos círculos intelectuais provincianos,⁷¹ teve acesso a publicações em língua estrangeira – o que indicava que lia em outras línguas quando, neste momento, grande parte da população mexicana era analfabeta –, freqüentava cafés, teatros e óperas, ou seja, espaços de sociabilidade comuns aos intelectuais daquela época. A origem urbana e letrada de Azuela foi fundamental para que o escritor analisasse a Revolução de maneira diferente dos camponeses com os quais ele conviveu durante o conflito armado.⁷²

Uma análise mais ampla do período porfirista possibilita um melhor entendimento das condições que levaram o México a uma luta armada, assim como dos motivos que levaram Mariano Azuela a engajar-se na causa defendida por Francisco Madero. Porfirio Díaz manteve o país no que se chamou de “Pax Porfiriana”, que remetia à ideia de que no México reinava a ordem, que conseqüentemente levaria o país a um futuro de inevitável progresso. Também significava que o México seguia o mesmo caminho das grandes civilizações europeias, como a França e a Inglaterra. As práticas porfiristas, no entanto, eram bem diferentes das ideias, e sua “pax” era mantida não pela ordem e segurança do país, mas sim através de sua mão de ferro, que se fazia cada vez mais dura para as camadas populares.

Com o passar das décadas, Díaz e seu corpo de assistentes envelheceram, ao passo que os ganhos econômicos obtidos durante seu governo – bastante frágeis por estarem vinculados aos interesses de empresas estadunidenses e europeias – começaram a diminuir. Como afirma Friedrich Katz, além da agricultura, a maior parte da economia

⁷⁰ Na correspondência organizada por Beatrice Berler, encontramos uma série de cartas enviadas por Mariano Azuela a seu padrinho José María Azuela pedindo auxílio para os custos como estudante em Guadalajara e, depois, para montar seu consultório em Lagos de Moreno, em Jalisco. As cartas enviadas por Azuela são datadas de junho de 1898 a 5 de janeiro de 1915. Segundo as informações observadas nestas fontes, Azuela pediu recursos financeiros a seu padrinho até o ano de 1903. BERLER, Beatrice. *Epistolario y archivo*. México, D.F.: UNAM, 1969, p.15-22.

⁷¹ Mariano Azuela descreve brevemente as atividades de um “clube literário” do qual participou em Lagos, na introdução que escreveu para um livro de Alfonso de Alba sobre Antonio Moreno y Oviedo. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, p.28-33.

⁷² Não é nossa intenção aqui fazer uma interpretação reducionista da visão que Mariano Azuela tinha em relação aos movimentos armados camponeses. Apenas queremos enfatizar que o lugar a partir do qual Azuela fala – o meio intelectual e urbano – é fundamental para a representação que ele construiu sobre os mesmos e por sua relação ambígua em relação a eles. Mariano Azuela não foi o único intelectual a ver com ambigüidades as participações camponesas na luta armada. O mesmo aconteceu com José Vasconcelos, Martín Luís Guzmán e Ricardo Flores Magón, entre outros, que também atuaram nos anos revolucionários.

mexicana, durante o porfiriato, estava concentrada nas mãos de empresas estrangeiras.⁷³ Em vésperas da Revolução, as coisas também não andavam bem no setor agrícola. Não só houve grande concentração de terras nas mãos de poucos donos, como o salário do camponês manteve-se estacionário em relação aos últimos anos do século XVIII e princípios do século XIX.⁷⁴

O atrelamento da economia mexicana aos interesses das empresas estrangeiras, principalmente as estadunidenses, trouxe sérios problemas para o país quando os Estados Unidos experimentaram uma crise comercial em 1908. A mudança para o padrão ouro também agravou a economia mexicana. David A. Brading menciona os principais problemas gerados na economia por estes dois fatores: estancamento da produção manufatureira, baixa nos preços de exportação, suspensão das atividades em várias minas e crescente dívida dos proprietários de terras, que colocaram em perigo a estabilidade do sistema bancário. Os salários reais dos operários diminuíram consideravelmente.⁷⁵

À fragilidade econômica durante o governo de Díaz, juntou-se a idade avançada do ditador e de boa parte do corpo político de seu governo. O presidente tinha completado 80 anos e mostrava evidentes aspectos de senilidade, levantando a questão de quem iria substituí-lo. Dos oito membros de seu gabinete, dois tinham mais de 80 anos e outros três, mais de 60. O mais jovem indicado era José Ives Limantour, com 57 anos, que ocupava a Secretaria da Fazenda desde 1893. O quadro de idade avançada repetia-se nos estados: de 20 governadores, 17 tinham mais de 60 anos e, destes, 8 passavam de 70. O Congresso, o Poder Judiciário e o Exército apresentavam o mesmo problema.⁷⁶ É preciso ressaltar que, no início do século XX, a expectativa de vida era menor que a dos dias de hoje, sendo que uma pessoa com 60 anos, para os padrões da época, era considerada muito velha.

⁷³ KATZ, Friedrich. The liberal republic and the porfiriato. In: BETHELL, Leslie (org.) *Mexico since independence*. New York: Cambridge University Press, 1991.

⁷⁴ Esta informação se encontra em SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2.ed. revisada, décima reimpresión, México: Fondo de Cultura Económica, 1990, vol.I, p.39. Se os salários reais não subiram, os preços dos alimentos básicos do camponês mexicano, como o milho e o feijão, triplicaram e sextuplicaram respectivamente. Alan Knight aponta os mesmos problemas que Silva Herzog. Ver: KNIGHT, Alan. *Caudillos y campesinos en el México Revolucionario, 1910-1917*. In: BRADING, David A.(org.). *Caudillos y campesinos en la revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995, p.33.

⁷⁵ Estas informações podem ser encontradas em BRADING, David A. La política nacional y la tradición populista. In: BRADING, David A.(org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995, p.18-19.

⁷⁶ Idem, pág.19.

Cabe também dizer que todo o desgaste sofrido no governo repercutiu em uma intensificação da censura política e no aumento na violência empregada contra aqueles que estavam insatisfeitos com a situação política do país. A ditadura porfirista começou a se fragilizar nos aspectos econômicos, sociais e políticos. O próprio ditador anunciou a possibilidade de sua saída da cena política em uma entrevista a uma revista estadunidense chamada *Pearson's Magazine*, em 1908, que foi publicada no jornal mexicano *El Imparcial*. O episódio ficou conhecido como “Entrevista Creelman” e incentivou um grande alvoroço político no México.⁷⁷

Uma das consequências mais importantes dessa entrevista foi a escrita e a publicação do livro *La sucesión presidencial en 1910*, de autoria de Francisco I. Madero, naquele momento um desconhecido na política mexicana. Porfirio Díaz, em aparente contradição com a entrevista dada, candidatou-se às eleições de 1910, as mesmas nas quais Madero concorreu em oposição e se tornou uma figura importante no país.

É fundamental para nosso estudo fazer uma breve análise do livro e dos ideais de Madero visto ser ele a figura política que maior impacto teve na vida de Mariano Azuela, quem compartia de seus mesmos ideais. No livro *La sucesión presidencial en 1910* observamos o encontro entre três concepções políticas: o republicanismo, o liberalismo e a democracia, o que nos permite classificar o posicionamento de Madero como republicano liberal-democrático. Embora estas três concepções possam se cruzar em muitos períodos históricos é necessário fazer uma distinção entre elas.

O republicanismo está vinculado a um governo regido por leis, que submetem a todos os cidadãos. A “República”, a partir da Roma Antiga, passou a remeter-se à “coisa pública”, como maneira de colocar o bem comum, o que era comunitário, acima das vontades individuais. Dentre os valores republicanos, além do respeito à “coisa pública” e ao governo de leis, encontra-se o civismo e o patriotismo.⁷⁸ Nicola Mateucci

⁷⁷ SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2.ed. revisada, décima reimpressão, México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, Vol I., p.71-74.

⁷⁸ Sobre a república e o republicanismo ver: MATEUCCI, Nicola In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Diccionario de política*. Vol.2. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, p.1107-1109; BIGNOTTO, Newton. República dos antigos, república dos modernos. In: *Revista USP*, São Paulo, n.59, setembro/novembro 2003, p.36-45; ORTIZ LEROUX, Sergio. República y republicanismo: una aproximación a sus itinerarios de vuelo. In: *Argumentos*, enero-abril, año/vol.20, número 53, Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco, México, D.F., p.11-34; GODOY ARCAÑA, Oscar. Republicanismo, liberalismo y democracia. IN: *Estudios públicos*, n.99 (invierno 2005); CARMAGNANI, Marcello. La libertad, el poder y el segundo estado en la segunda mitad del siglo XIX. In: *Historia*, n.15, p.55-64.

menciona a importância de Cícero para o pensamento republicano, que buscou definir a República como uma garantia de justiça:

Ao acentuar como elementos distintivos da República o interesse comum e, principalmente, a conformidade com a lei comum, o único direito pelo qual uma comunidade afirma a sua justiça, Cícero acabava por contrapor a República não já à monarquia, mas aos Governos injustos, que Santo Agostinho mais tarde denominará *magna latrocínia*.⁷⁹

Os valores republicanos estão presentes em todo o texto de Madero, principalmente o respeito às leis – sendo estas as referentes à Constituição Liberal de 1857 – e o patriotismo. Madero vincula a República ao progresso e a ditadura ao atraso, indicando a necessidade de um funcionamento efetivo da Constituição de 1857 no México.⁸⁰ Embora Madero não mencione a Cícero, a República Romana foi um dos modelos do político para a elaboração de seu livro, como se pode ver neste trecho:

La semilla de la libertad que tan ópimos [sic] frutos había dado en Grecia, fué [sic.] llevada por las olas del mar á las playas itálicas, en donde floreció pujante y vigorosa dando nacimiento á la República Romana, que debido á la fuerza de sus principios, á la pureza de sus costumbres republicanas, á la dignidad de que se sentía investido todo ciudadano romano, llegó á tal poderío, que conquistó todo el mundo civilizado, hasta que se doblegó bajo el peso de su misma grandeza y sufrió la misma suerte que Grecia, pero las consecuencias fueron más funestas, pues Roma en todo supo ser grande: hasta en su caída.⁸¹

O liberalismo está associado à defesa de um Estado pouco interventor, que preserve os direitos individuais como a liberdade de imprensa, liberdade de comércio, liberdade de associação, instituições políticas livres e divisão de poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário). Nas palavras de Norberto Bobbio:

Do ponto de vista do indivíduo, do qual se põe o liberalismo, o Estado é concedido como um mal necessário; e enquanto tal mal, embora necessário (e nisso o liberalismo se distingue do anarquismo), o Estado deve se intrometer o menos possível na esfera de ação dos indivíduos.⁸²

O liberalismo político está bastante presente na obra de Madero, que defende a liberdade de imprensa, a Constituição de 1857⁸³ e o ex-presidente liberal Benito

⁷⁹ MATEUCCI, Nicola. República. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Vol.2. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, p.1108.

⁸⁰ MADERO, Francisco I. *La sucesión presidencial en 1910*, p.150 e ss. Disponível em: <http://www.bicentenario.gob.mx/SucesionPresidencial/index.html> Acessado em: 01/12/2012.

⁸¹ MADERO, Francisco I. *La sucesión presidencial en 1910*, p.158-159. Disponível em: <http://www.bicentenario.gob.mx/SucesionPresidencial/index.html> Acessado em: 18/10/2013

⁸² BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. 6ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p.21.

⁸³ MADERO, Francisco I. *La sucesión presidencial en 1910*, p.6; 68 Disponível em: <http://www.bicentenario.gob.mx/SucesionPresidencial/index.html> Acessado em: 01/12/2012.

Juárez.⁸⁴ Em diversos momentos, ele afirma a necessidade do respeito às liberdades individuais para o progresso da República mexicana.⁸⁵

A democracia é o último destes elementos. Em um regime democrático as decisões são tomadas com base na vontade popular, sendo que todos os assuntos públicos devem ser levados à deliberação pública. A democracia também está ligada a idéia de igualdade de direitos entre os cidadãos, sendo que nas atuais democracias o sufrágio universal é seu elemento básico. As democracias podem ser de dois tipos: direta ou representativa. A democracia direta seria a observada na Grécia Antiga, na qual todos os cidadãos possuem poderes diretos de decisão sobre os assuntos públicos, enquanto a democracia representativa estabelece a eleição de representantes do povo com poderes para tomar decisões em nome de seus eleitores. Nas repúblicas modernas, cujo número de habitantes é extenso, a democracia direta tornou-se impossível, sendo a democracia representativa a opção viável. Norberto Bobbio apresenta alguns elementos comuns às democracias recentes, tais como: eleições (diretas ou indiretas) para os cargos legislativos – considerado o órgão político máximo nas democracias, por representarem a voz dos cidadãos –; os cargos executivos, responsáveis pela administração (local ou nacional) também devem ser decididos mediante eleições (diretas ou indiretas); sufrágio universal; igualdade do poder do voto entre os cidadãos; capacidade dos eleitores de votarem sem nenhum contrangimento externo às suas vontades; multiplicidade ou, ao menos, bipolaridade de alternativas partidárias; princípio da maioria numérica na tomada de decisões, bem como nas eleições.⁸⁶

Ao classificar o posicionamento de Madero como republicano liberal-democrático, estabelecemos que, antes de tudo, trata-se de uma posição republicana. Esta classificação está de acordo com a divisão do republicanismo em duas vertentes: a liberal-democrática e a democrática-radical, propostas por Sergio Ortiz Leroux,⁸⁷ e busca evidenciar que a vertente maderista está mais próxima de um governo de leis que de uma democracia popular radical. O respeito à Constituição de 1857 era mais importante do que as reformas radicais, como a reforma agrária. E, no que toca à

⁸⁴ Idem.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ BOBBIO, Norberto. Democracia. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Vol.1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, p.326-327.

⁸⁷ ORTIZ LEROUX, Sergio. República y republicanismo: una aproximación a sus itinerarios de vuelo. In: *Argumentos*, enero-abril, año/vol.20, número 53, Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco, México, D.F., p.11-34.

democracia, no caso de Madero, ela está muito mais voltada para os aspectos formais – o sufrágio universal efetivo – do que para a participação popular na tomada de decisões.⁸⁸ A classificação de Madero como um republicano liberal-democrata também evita reduzir seu posicionamento a um “liberalismo clássico”, o que seria errôneo visto que este é o nome dado ao primeiro movimento de ideias liberais ocorrido na Europa em finais do século XVIII.⁸⁹

O posicionamento de Madero é ainda mais justificável quando, a partir de Rousseau, a tradição republicana moderna passou a se confundir com a democracia – devido à teoria do contrato social, na qual o Estado é fundado a partir do consenso e a participação de todos na produção das leis, visando um ideal igualitário⁹⁰ –, e, a partir do século XIX, liberalismo e democracia passaram a caminhar juntos, sendo que a democracia representativa passou a ser identificada como um dispositivo constitucional para a manutenção do liberalismo. Sobre a relação entre democracia e liberalismo, Bobbio aclara:

Nesta concepção liberal de Democracia, a participação do poder político, que sempre foi considerada o elemento caracterizante do regime democrático, é resolvida através de uma das muitas liberdades individuais que o cidadão reivindicou e conquistou contra o Estado absoluto. A participação também é redefinida como manifestação daquela liberdade particular que indo além do direito de exprimir a própria opinião, de reunir-se ou de associar-se para influir na política do país, compreende ainda o direito de eleger representantes para o Parlamento e de ser eleito.⁹¹

O republicanismo liberal-democrático mexicano é consequência da apropriação dos ideais “universais” difundidos pela Revolução Francesa – liberdade, igualdade e fraternidade – e da democracia liberal estadunidense, caracterizada pelo equilíbrio entre os três poderes – Executivo, Legislativo e Judiciário – e pelo funcionamento das instituições democráticas. Também não se pode negar as experiências políticas próprias do México que se articularam a estas ideias.

⁸⁸ Norberto Bobbio, em seu livro, *Liberalismo e democracia*, apresenta as diversas diferenças entre a democracia e o liberalismo e as relações entre estes dois modelos. Ver: BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. 6ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994, p.47-48.

⁸⁹ Sobre a história do liberalismo ver MATEUCCI, Nicola. Liberalismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Vol.2. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, p.686-705; VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995, p.33-64.

⁹⁰ BOBBIO, Norberto. Democracia. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Vol.1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, p.323-324.

⁹¹ Idem, p.324.

A questão central para os liberais mexicanos, desde a Independência, era conciliar as ideias liberais com as práticas políticas, muito marcadas pelo autoritarismo exercido pelos chefes locais e nacionais. Nos anos anteriores à Revolução, o maior problema que os liberais não-governistas tinham a enfrentar era a ditadura de Porfírio Díaz, que manteve o liberalismo econômico – as liberdades de comércio, dos negócios, empresas etc. – mas se mostrou bastante autoritária nas práticas políticas. Assim, a preservação das liberdades individuais era o principal valor defendido pelos liberais que faziam oposição ao governo.

Dentro do próprio campo do liberalismo mexicano, à época do porfiriato, podemos situar uma vertente mais conservadora, ocupada por intelectuais liberais que defendiam o governo porfirista, como era o caso de Justo Sierra,⁹² Francisco Bulnes⁹³ e Andrés Molina Enríquez⁹⁴. Para estes intelectuais liberal-positivistas, era necessário submeter a ordem política à ordem econômica. Defendiam a ideia de que era preciso um governo autoritário para que o México pudesse se tornar, posteriormente, um país democrático e liberal.⁹⁵

Um posicionamento liberal mais radical que o defendido por Francisco Madero era o do Partido Liberal Mexicano (PLM). Formado em 1889 por Camilo Arriaga, Antonio Díaz Soto y Gama,⁹⁶ Ricardo Flores Magón e Juan Sarabia,⁹⁷ entre outros, o PLM foi bastante atuante junto aos operários mexicanos e colaborou em duas greves anteriores a 1910: a de Cananea (1906) e a de Rio Blanco (1907). Às vésperas da Revolução, o PLM já se encontrava bem próximo do anarquismo devido às experiências

⁹² Justo Sierra (1848-1912) foi um dos principais intelectuais do governo de Porfírio Díaz. Ocupou o cargo de Secretario de Instrucción Pública y Bellas Artes entre 1905 e 1911 e foi um dos fundadores da Universidade Nacional de México. Apesar de positivista, foi um dos principais incentivadores do Ateneu da Juventude.

⁹³ Francisco Bulnes (1847-1924) foi professor na Escola Nacional de Engenharia, além de deputado e senador durante o governo de Díaz. Também pertenceu ao grupo dos chamados Científicos, ideólogos do governo de Porfírio Díaz, que se baseavam no positivismo de Herbert Spencer e no darwinismo social para legitimar o autoritarismo do então presidente e as desigualdades sociais do México naquele momento.

⁹⁴ Andrés Molina Enríquez (1868-1940) foi escritor, advogado e sociólogo. Apesar de ser aliado de Porfírio Díaz e haver ocupado cargos públicos durante a administração do mesmo – foi juiz de corte em diversos povoados e ocupou a cátedra de etnografia no Museu Nacional de Historia –, defendeu a necessidade de se fazer uma reforma agrária no México e posicionou-se de maneira crítica ao governo de Díaz no final da primeira década do século XX. Atuou nos consequentes governos pós-revolucionários, sempre se ocupando das questões agrárias.

⁹⁵ Para uma análise sobre os intelectuais liberais vinculados ao governo porfirista, ver o texto de BRADING, David A. Historia pátria y democracia en México. In: *Historia*, n.15, p.65-70.

⁹⁶ Antonio Díaz Soto y Gama (1880-1967). Fundou, junto com Camilo Arriaga, o Partido Liberal Mexicano. Posteriormente se uniu ao exército zapatista, em defesa da reforma agrária.

⁹⁷ Juan Sarabia Díaz de León (1882-1920) membro fundador do PLM, foi preso em 1907 e liberado apenas quando Porfírio Díaz deixou o poder, em 1911. Publicou os jornais *El Hijo del Ahuizote*, *El Democrata* e *El Demófilo*.

com os trabalhadores durante as greves mencionadas, às perseguições sofridas com o aumento da censura porfirista e aos conflitos internos dentro do partido, principalmente entre Camilo Arriaga e Ricardo Flores Magón, sendo que a tendência anarquista deste último prevaleceu sobre as liberais do primeiro.⁹⁸

1.2. Novos tempos, velhos *caciques*

É neste contexto que encontramos Mariano Azuela. Ainda que já houvesse escrito obras que abordavam a exploração dos camponeses pelos *hacendados* – como é o caso de *Mala Yerba* (1909)⁹⁹ –, foi apenas com o surgimento de Francisco Madero na cena pública que o escritor tornou-se mais consciente dos problemas do país e passou a analisar a situação mexicana de maneira mais ampla. O liberalismo defendido por Madero atraiu grande parte de uma nova intelectualidade que surgiu no México naquele momento, como foi o caso dos ateneístas José Vasconcelos¹⁰⁰ e Martín Luís Guzmán.¹⁰¹

É possível pensar a adesão de Mariano Azuela às causas de Francisco Madero a partir de sua atuação como intelectual. O conceito “intelectual” é de difícil definição. A tarefa é ainda mais complicada quando estamos diante de alguém como Azuela que ao longo de sua trajetória tratou a figura do intelectual de maneira bastante negativa e, em diversas vezes, evitou a exposição de sua imagem na esfera pública, limitando-se quase sempre a escrever e publicar seus livros.

Jean-François Sirinelli¹⁰² ressaltou o caráter polissêmico da noção de intelectual e o aspecto polimorfo de seus meios, o que dificulta o estabelecimento de critérios de

⁹⁸ Para uma análise sobre a trajetória do PLM ver COCKCROFT, James D. *Precursores intelectuales de la revolucion mexicana (1900-1913)*. Mexico, D.F.: Siglo Veintiuno, 1971.

⁹⁹ *Mala yerba* é um romance que conta a história de uma família de fazendeiros que detêm um grande poder sobre a vida de seus trabalhadores camponeses. O *cacique* está representado na figura de Julián Andrade, que manda nas vidas de seus subordinados. Mariano Azuela não qualifica as ações das personagens como boas ou más, mas tenta mostrar até que ponto o poder desses donos de terras poderia chegar e como os próprios camponeses muitas vezes encontravam meios de conquistar benefícios de seus empregadores. Ainda assim, podemos ver a obra como uma denúncia das más condições de vida dos camponeses e do poder personalista e autoritário dos latifundiários.

¹⁰⁰ José Vasconcelos Calderón (1882-1959) foi membro do Ateneu da Juventude e um dos mais importantes intelectuais mexicanos do século XX. Foi reitor da Universidade Nacional do México e Secretário da Educação Pública, na década de 1920, cargo similar ao de ministro da Educação no Brasil. Exilou-se na Espanha após ser derrotado nas campanhas presidenciais em 1929.

¹⁰¹ Martín Luís Guzmán (1887-1976) também foi membro do Ateneu da Juventude e importante escritor mexicano. Entre suas obras, destaca-se *El Águila y la serpiente*, na qual conta sua participação nas tropas de Pancho Villa, e *La sombra del caudillo*, uma denúncia contra o governo de Álvaro Obregón.

¹⁰² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ªed., Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.231-269.

definição do conceito, que mudou através dos anos.¹⁰³ Sirinelli apresenta a complexidade da discussão em torno do termo, principalmente na sociedade contemporânea, na qual os meios de comunicação em massa exercem um papel fundamental na circulação de informações e na reflexão intelectual. Assim, o intelectual, mais do que ser alguém que trabalha especificamente com a cultura letrada, também pode ser um mediador cultural – um apresentador de programas de televisão, atores, repórteres etc.

Nesta pesquisa nos apropriamos das ideias de Edward Said para pensar o papel do intelectual. Segundo Said, o intelectual é “um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público”.¹⁰⁴ Said também defende a necessidade do intelectual de posicionar-se sempre de maneira independente aos governos ou às grandes corporações, buscando defender os direitos “universais”. Said resgata algumas questões oriundas do iluminismo francês: o intelectual é defensor dos Direitos Universais, baseados na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789. Estamos de acordo com esta interpretação, além do fato de que esta concepção de intelectual atende às exigências desta pesquisa. Assim, compreendemos que, para além das discussões relacionadas ao gênero, sexualidade, cor, estabelecidas por uma linha de pensamento relativista, considerada como pós-moderna, existem direitos “universais” que devem ser respeitados e defendidos, sendo o intelectual um importante agente da preservação e defesa destes direitos. Dentre estes direitos, consideramos o direito à vida, à liberdade de opinião e expressão, e o direito à justiça como essenciais. Não se trata, com isso, de descartar questões vinculadas ao gênero, à sexualidade e a cor, mas sim de pensá-las de maneira articulada a estes direitos “universais”. Também é preciso esclarecer que estes direitos “universais” não podem ser vistos sem alguma

¹⁰³ Diversos autores apontam para o “Caso Dreyfus” como o marco inicial da concepção moderna de intelectual. O “Caso Dreyfus” foi uma polêmica em decorrência da acusação de traição, feita pelo governo francês ao capitão Alfred Dreyfus, em 1894. Após a acusação, Émile Zola posicionou-se a favor de Dreyfus e começou um debate entre os pensadores franceses. O campo de apoiadores de Dreyfus ficou conhecido como dreyfusards, mais tarde tidos como “intelectuais”. Passaram a representar aqueles que lutavam por valores universais como liberdade, igualdade, verdade e justiça. O campo oposto, os antidreyfusards, passaram a representar os anti-intelectuais, e eram os setores mais conservadores da sociedade francesa, como a Igreja e o Exército. No final do século XIX e início do XX, a imagem do intelectual por excelência estava representada através do “intelectual universal”, concebida a partir do “caso Dreyfus”. O intelectual era aquele que atuava na esfera pública em defesa de valores tidos como “universais”, tais como a verdade, a justiça e a liberdade. No entanto, é necessário esclarecer que, nesse primeiro momento, os antidreyfusards, ao chamarem seus opositores de intelectuais, atribuíam uma conotação negativa para o termo.

¹⁰⁴ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.25.

relativização, pois cada agente defende a vida, a liberdade e a justiça a partir de seu ponto de vista e levando em conta as experiências próprias. Isto não reduz o papel do intelectual na sociedade, mas antes, é a condição fundamental para sua atuação. Não é possível existir intelectualidade se não existe o debate na esfera pública.

Compreendemos que a atuação de Mariano Azuela como intelectual, nos inícios do período revolucionário, manifestou-se através de sua defesa de Francisco Madero, expressa tanto em seus romances, como é o caso de *Andrés Pérez, maderista*,¹⁰⁵ quanto em sua atuação política, enquanto propagandista da causa maderista e *jefe político* de Lagos de Moreno. Em ambas as ocasiões, Azuela atuou na esfera pública representando e articulando um ponto de vista – o maderista.

Francisco Madero foi o único presidente mexicano que Azuela apoiou ao longo da vida e, embora o escritor afirmasse haver mantido uma independência política, resolveu aderir ao movimento maderista, como expressou em seus escritos autobiográficos:

Una determinación libremente tomada me encadenó al movimiento revolucionario que inició don Francisco I. Madero. Nunca tuve ni he tenido inclinación o simpatía por la política militante: pero en la acción contra el vetusto régimen de Porfirio Díaz pudo más mi corazón que mi cerebro.¹⁰⁶

Mariano Azuela militou ativamente em Lagos de Moreno a favor da causa maderista. Junto com seu amigo, o poeta José Becerra – na época secretário da *Jefatura Política* –, Azuela fez dos escritórios oficiais centros de propaganda revolucionária. Em represália, Becerra foi destituído de seu posto, tendo que procurar por emprego, e Azuela passou a ser visto com desconfiança pelos poderosos de Lagos, que eram, naquele momento, defensores do porfirismo.¹⁰⁷ Segundo Azuela, “ser maderista, desde entonces, fue lo mismo que ser criminal perverso, enajenado o cuando menos anormal entre los menos severos”.¹⁰⁸ Apesar das represálias por atuar em defesa de Madero, Azuela seguiu com sua militância, junto com José Becerra, organizando centros antiporfiristas, integrados por operários, pequenos comerciantes, agricultores ressentidos pelas injustiças dos governos, além de “sonhadores” e “entusiastas”.¹⁰⁹

Em suas memórias, Mariano Azuela não descreveu detalhadamente suas impressões sobre a derrota de Porfirio Díaz e a chegada de Francisco Madero ao poder.

¹⁰⁵ AZUELA, Mariano. *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002.

¹⁰⁶ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III, México, D.F., 1960, p.1066.

¹⁰⁷ Idem, p.1068.

¹⁰⁸ Idem, ibídem.

¹⁰⁹ Idem, ibídem.

Resumió o processo em apenas cinco linhas¹¹⁰ e seguiu seu texto preocupado em denunciar os ex-porfiristas que, atuando de maneira oportunista, se incorporaram na administração maderista. Como mencionado, o caráter autobiográfico do texto, escrito décadas após os ocorridos, possibilitam uma reorganização do passado e a atribuição de um sentido para as experiências relatadas. Azuela selecionou o que contar. Ao reduzir em poucas linhas uma grande mudança ocorrida no país e seguir sua narrativa enfatizando o oportunismo dos ex-porfiristas, Azuela intencionou atribuir um sentido crítico à Revolução que marcou sua vida. Interessa saber que, mais importante do que a chegada ao poder de Francisco Madero, o oportunismo e a corrupção advindos da própria Revolução impactariam a vida de Mariano Azuela.

Ainda durante o governo de Madero, o escritor passou a denunciar as falhas da Revolução, bem como os oportunistas que aderiram à causa maderista apenas quando a vitória deste já estava clara. Azuela os chamava de “maderistas de última hora”. Após a vitória de Madero, Azuela chegou a ocupar, por pouco tempo, o cargo de *jefe político* em Lagos de Moreno, o que causou a fúria de antigos caciques da região que haviam se tornado maderistas recentemente. Sobre o cargo de *jefe político*, deve-se ressaltar que estava bastante associado à política porfirista e, até o momento imediatamente anterior ao que Azuela o exerceu, estava nas mãos dos poderosos locais. Alan Knight apresenta uma análise do papel deste cargo durante a administração porfirista:

(...) el jefe político era el brazo del Poder Ejecutivo que tenía dificultades para aplicar la política porfiriana: ponía en práctica las decisiones de los juzgados, apoyaba a los terratenientes, y a menudo éste también era terrateniente monopolizador. No todos los funcionarios locales eran tiranos, pero si el jefe político deseaba conservar su empleo, debía mantener tranquilo su distrito, por el medio que juzgara más conveniente, y, dado su salario insignificante y la ética administrativa prevaleciente en el México porfiriano, probablemente al mismo tiempo hacía lo posible para lucrar. El jefe político local podía no ser malo, pero “siempre tenía que estar del lado de los ricos”.¹¹¹

¹¹⁰ Estas são as palavras de Azuela em relação à saída de Díaz do poder e à ascensão de Madero: “Por tanto, cuando llegó la noticia de las negociaciones entre rebeldes y federales en Ciudad Juarez, la salida de don Porfirio en el *Ipiranga* y el triunfo de la revolución, hasta los enemigos enconados de Madero se apresuraron a exhibirse como sus más fervorosos partidarios”. AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III, México, D.F.: 1960, p.1068 (grifos no original).

¹¹¹ KNIGHT, Alan. Caudillos y campesinos en el México Revolucionario, 1910-1917. In: BRADING, David A.(org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995, p.45. Knight retira parte desta informação de uma entrevista de Simón Márquez Camarena, concedida a Maria Isabel Souza em 1973. Jesus Silva Herzog também analisa brevemente o cargo de *jefe político*. Ver: SILVA HERZOG, Jesús, *op. cit.*, p.68

O vínculo do cargo de *jefe político* à estrutura de poder porfirista ajuda a entender as dificuldades encontradas por Mariano Azuela para exercê-lo e sua consequente desistência, após pouco mais de um mês. O escritor teve que enfrentar os donos do poder em Lagos, que desejavam o cargo para seus aliados políticos. As cartas escritas por Azuela, entre 14 de maio de 1911 e 17 de junho de 1912, nos fornecem material para analisar o curto período em que Azuela foi *jefe político* de Lagos, bem como sua atuação maderista.¹¹²

Os fatos se desenrolaram cerca de um ano após a tomada de Ciudad Juárez e a queda de Díaz, em um período em que a política mexicana passava por uma fase de transição e os maderistas tinham que disputar espaço com os velhos donos do poder. A situação é ainda mais complicada levando em consideração que estes eventos se desenrolaram quando Francisco León de la Barra, antigo porfirista, era o presidente interino.¹¹³ A política mexicana passava por uma disputa de poder, sendo que oficialmente um ex-porfirista era o presidente, mas Madero já era a grande autoridade política no momento.

As cartas escritas por Azuela indicam que o poder em Lagos estava concentrado nas mãos de Lorenzo Calderón, o antigo *jefe político* da cidade; Benjamin Zermeño, que Azuela qualifica como “tutor” de Calderón; e Bernardo Reina, escritor e ex-amigo de Azuela. Em cartas trocadas com José Becerra, Azuela denunciou as práticas repressivas e autoritárias oriundas deste núcleo.¹¹⁴

Nessas cartas estão presentes as críticas de Azuela feitas aos “maderistas de última hora”. Não é nenhuma coincidência que os mesmos donos do poder criticados pelo escritor fossem aqueles que figuravam em suas acusações por apoiarem a Madero após este vencer a Revolução. Em carta a José Becerra, já citada na nota anterior, afirmou:

El Jefe Político Calderón es un pobre diablo con sus ribetes de imbécil. Tiene actualmente encima toda la tutoría de Benjamín Zermeño, el mitómano famoso que siempre ha querido ser la gran personalidad política

¹¹² Estas cartas estão reunidas nos livros *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002 e Beatrice Berler (comp.) *Mariano Azuela.: Correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000.

¹¹³ Francisco Madero ocupou a presidência oficialmente a partir do dia 6 de novembro de 1911.

¹¹⁴ Em carta para José Becerra, datada de 6 de junho de 1911, pode-se notar perfeitamente a posição de Azuela sobre os poderosos de Lagos, como mostra este trecho: “Pues bien, decía a usted que entre el Jefe Político, Benjamín Zermeño, su tutor, y Reina el *arromado*, han cometido los dislates más grandes del mundo, dislates que a última hora han tocado los límites de la infamia más grande y del crimen más asqueroso”. In: *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002, e *Correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.83.

de Lagos. Por supuesto, como yo se lo había predicho, tanto ese bicho como el Dr. Reina son ahora unos consumados maderistas.¹¹⁵

Como analisa Teresa Malatian,¹¹⁶ sobre o uso das correspondências como fonte, as cartas geralmente costumam exibir um narrador com um “domínio da imagem de si”, ou seja, ele constrói uma representação que busca projetar ao seu destinatário, de maneira a que este fique convencido da veracidade das informações concedidas, bem como da imagem que esse narrador busca construir sobre si próprio.¹¹⁷ Elas também apresentam o grau de proximidade entre remetente e destinatário, bem como as condutas e códigos de uma determinada época. Nas “imagens de si” projetadas nas cartas, podemos ver um maior controle da espontaneidade ou uma maior revelação da intimidade.¹¹⁸ Em relação às cartas enviadas a Becerra, nota-se uma maior intimidade, como, por exemplo, o repetido uso do tratamento de “querido”.¹¹⁹ Em diversos outros momentos, quando as cartas são enviadas a outras pessoas, observa-se um controle muito maior da espontaneidade, evidenciando os aspectos formais exigidos em determinadas situações.

Mais à frente, Azuela relata uma ação do mesmo grupo, completamente contraditória com o alinhamento a Madero:

El valiente periodista Gabriel López Arce en cuanto regresó de León después de una fuga la más ridícula del mundo, pues el pueblo lo ha tratado con la misma cordura con que las clases altas lo han tratado otras veces, es decir ignorándolo en absoluto, el primer acto que hizo al volver fue... denunciar a un individuo como ¡¡¡maderista!!! Y el imbécil de Calderón puso en la cárcel al maderista hasta que su tutor Zermeño fue a hacerle comprender el colosal disparate que estaba haciendo.¹²⁰

Através dos trechos transcritos, infere-se que o governo de Madero foi caracterizado não só por um momento de transição, mas também por oportunismo político e confusão nas práticas e posicionamentos políticos. A elite mexicana não sabia muito bem o seu lugar após o fim de uma ditadura que durou mais de 30 anos. Para esta elite, fazia-se necessário definir o lugar a partir do qual sua atuação política iria partir e,

¹¹⁵ Carta de Mariano Azuela a José Becerra. Idem, p.83.

¹¹⁶ MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: BASSANEZI PINSKY, Carla; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p.195-221.

¹¹⁷ Idem, p.201.

¹¹⁸ Idem, p.197.

¹¹⁹ O tratamento de “querido” aparece em muitas cartas, mencionamos, a título de exemplo, as cartas enviadas por Azuela ao amigo datadas de 6 e 22 de junho de 1911, inseridas como anexo ao romance *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002, p.82 e 92.

¹²⁰ AZUELA, Mariano *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002, p.85.

o mais importante, como se manteria em um lugar privilegiado de poder. As denúncias de Azuela revelam que estas práticas penetraram em todos os âmbitos e locais da política, indo desde cargos municipais até os ministérios federais. Podemos inclusive pensar que tais práticas eram ainda mais constantes nos níveis municipais, onde o poder Executivo tinha uma menor efetividade se comparada à dos grandes proprietários de terras, que tinham contato direto com seus *peones*.

A partir desses eventos, Azuela começou a se desencantar com a Revolução, o que se aprofundará após a morte de Madero e a participação do escritor nas tropas villistas. Os “revolucionários de última hora” passaram a se tornar uma constante nas obras ficcionais de Mariano Azuela, o que indica não só um posicionamento crítico do escritor frente a este tipo de conduta, como a permanência desta prática, que fazia da política e dos ideais revolucionários um trampolim para a ascensão pessoal de políticos oportunistas.

Após a derrota do velho ditador, Madero manteve boa parte da estrutura governista de Díaz e foi bastante complacente com os políticos que apoiaram o velho regime. Cometeu equívocos como convocar Bernardo Reyes – um de seus maiores inimigos políticos – para a Secretaria de Guerra e Marinha e tentar desarmar o Exército revolucionário, ao passo que apoiou o Exército federal, além de montar um gabinete político no qual apenas dois membros haviam participado na Revolução.¹²¹ Azuela, em suas memórias, afirma que muitos maderistas já haviam percebido os erros de Madero, e que o desastre parecia iminente, como pode ser mostrado neste trecho de sua narrativa autobiográfica:

Y en aquellos días de incertidumbre, de fiebre y de angustia, yo seguía emborronando cuartillas al correr de la pluma. Los maderistas más o menos conscientes de los sucesos que estaban ocurriendo esperábamos de un instante al otro el desastre. Los hombres nuevos, de una buena fe insospechable, pero de inexperiencia absoluta, eran jugo fácil y hasta divertido para los viejos lobos del porfirismo, adiestrados en el fraude, en el dolo y en el engaño. Y lo más doloroso y trágico fue la incapacidad y la impotencia del jefe de la Revolución – por lo demás el gobernante más honesto y probo que el país ha tenido – para regirlo, su optimismo nefasto, su confianza en sí mismo, su fe ciega en el pueblo que lo había llevado al poder, de quien esperaba que contra viento y marea supiera sostenerlo.¹²²

¹²¹ Os dois membros eram Manuel Bonilla – Secretário de Comunicações e Obras Públicas – e Abraham González – Secretário de Governo. Estas informações estão em SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2a.ed. revisada, décima reimpressão, México: FCE, 1990, vol. I, p.231.

¹²² AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III, México, D.F., 1960, p.1071.

Deve-se ressaltar que o texto acima apresenta uma visão retrospectiva do período analisado, o que levanta a possibilidade de que o escritor poderia não estar tão seguro do fracasso de Madero por volta de 1911. No entanto, a crítica aos diversos oportunistas que haviam se instalado na burocracia maderista – expressa não só nas cartas, como também no romance *Andrés Pérez, maderista* – indica que o escritor via de maneira mais crítica, se não a pessoa de Madero, ao menos seu governo.

Em uma enviada ao escritor Antonio Moreno y Oviedo, seu amigo, datada do dia 11 de junho de 1911, Azuela define ironicamente os grupos políticos em atuação na cidade de Lagos:

La efervescencia política continúa y si usted me permite una poquita de crueldad le haré la clasificación de los partidos políticos formados ya. El partido de los bribones se llama “libertad” y está fundado por Benjamín Zermeño. No es que yo llame a las personas que lo forman con este mote; pero a falta de otra palabra que mejor interprete mi idea he usado ésa. El partido de los ilusos “Máximo Serdán”: Donaciano O. Prado y Cía. Y, por último, el partido de los imbéciles: Partido Católico Nacional: Lic. Gil y Landero, Manuel Hernández, Manuel Gómez. Mi clasificación, cuando menos, reconocerá ustedes que tiene la ventaja de comprender a todos nuestros ilustres coterráneos.¹²³

Em relação a esta carta é importante fazer duas considerações: a primeira é que aqueles que Azuela chamou de “ilusos” foram os mesmos que o escritor apoiou meses depois, inclusive como candidato ao cargo de *jefe político*; a segunda é o comentário de Azuela sobre a chegada de “maderistas” a Lagos de Moreno e sua hospedagem na casa de Benjamin Zermeño.¹²⁴ Em carta para Becerra, de 6 de junho, Azuela já havia comentado brevemente sobre a chegada dos “maderistas”, mas ao que tudo indica, a notícia era muito recente e naquele momento o escritor não pôde fazer muitos comentários sobre o fato.

Ao observar as denominações usadas por Azuela para definir os grupos políticos de Lagos de Moreno, é possível afirmar que o escritor já apresentava uma perspectiva bastante negativa sobre eles. “Bribones”, “ilusos” e “imbéciles” são caracterizações que mostram que as opções não eram as melhores e o alinhamento de Azuela ao Clube Máximo Serdán¹²⁵ significa que, dentre estes campos, o escritor optou

¹²³ *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F., Instituto Politécnico Nacional, 2002, p.87.

¹²⁴ Idem, *ibidem*. Em relação à chegada dos “maderistas”, Azuela escreve: “Llegó pues Rincón Gallardo con sus hombres y ¡se alojó en la casa de Benjamín Zermeño!”.

¹²⁵ Não encontramos muitas informações sobre o Clube Máximo Serdán. Em uma pequena nota escrita por Víctor Díaz Arciniega na compilação *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*, afirma-se que Donaciano O. Prado, diretor e representante do clube, representava as classes populares da cidade. Na mesma nota, Arciniega também afirma que o clube foi o único a vencer democraticamente as eleições na região. Ao que tudo indica, o clube podia ser definido, no campo político, como liberal. Conforme as

pelos “ilusos”, revelando uma possível esperança nos caminhos da Revolução. Na carta a José Becerra, de 5 de junho do mesmo ano, o escritor mencionou a tentativa do Clube Máximo Serdán em se aproximar dele:

Figúrese usted que estoy preparando un discurso tremebundo, con sus humos de socialismo, para espetárselos a los obreros del Club “Serdán” que me han invitado para hablarles el día de la inauguración solemne. ¿Yo orador? Afortunadamente por una sola vez. Tengo la íntima convicción de que voy a asustar gentes con mis palabrazas y a ellos los agradecidos les han de quedar ganas de volverme a llamar.¹²⁶

No que se refere a este “socialismo” do clube, mencionado por Azuela, não encontramos fontes que esclareçam este comentário. O escritor não o mencionou em nenhuma outra passagem de seus escritos e seu posicionamento político foi liberal até o fim de sua vida. No que toca à relutância de Azuela ao Club Máximo Serdán, ela parece muito mais uma reserva por adentrar no campo da política do que uma real oposição ao clube, já que poucos dias depois Azuela se tornaria aliado deles. A adesão não significa que Azuela passou a apoiá-los incondicionalmente, perdendo seu ponto de vista pessoal. Possivelmente Azuela os apoiou por ver neles uma maior honestidade e ética. Na nota já citada da compilação *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*, Víctor Díaz Arciniega aponta Mariano Azuela como um dos fundadores do Club Máximo Serdán.¹²⁷

Quanto à chegada de maderistas em Lagos, Azuela afirma não serem revolucionários “verdadeiros”, mas homens de Rincón Gallardo, um poderoso fazendeiro local. Mais uma vez, o escritor mostra o quanto a política local estava impregnada pelo oportunismo de velhos *caciques* porfiristas. Gilbert M. Joseph analisou o fenômeno do *caciquismo* mexicano e apresentou-os como poderosos locais que exerciam seu poder tradicionalmente através de redes políticas e socioeconômicas informais e não por meio de partidos e instituições. Ainda assim, segundo Joseph, ocasionalmente estes mesmos caciques podem ocupar cargos institucionais em algum momento.¹²⁸ Em seu estudo, estabeleceu uma série de características do caciquismo,

fontes apontam, o cargo de *jefe político* passou a ser decidido por eleições após a vitória de Madero. BERLER, Beatrice (org.) *Mariano Azuela*. Correspondencia y otros documentos. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.128-129.

¹²⁶ AZUELA, Mariano. *Andrés Peres, maderista*. México, Instituto Politécnico Nacional, 2002, p.86.

¹²⁷ BERLER, Beatrice (org.) *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.128-129, nota 6. (A nota foi escrita por Víctor Díaz Arciniega)

¹²⁸ JOSEPH, Gilbert M. El caciquismo y la revolución: Carrillo Puerto en Yucatán. In: BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*, Fondo de Cultura Económica, México, D.F., 1995, p.242-243.

como: ascensão ao poder desde uma base local ou subregional, predileção por trabalhar através de redes políticas informais com vínculos de parentesco e convênios individuais entre o protetor e os protegidos, uso tático constante da violência (ou a ameaça de usá-la), manipulação oportuna dos símbolos ideológicos, além do desempenho do papel de “mediador” no trato com as estruturas estatais e nacionais e com os camponeses da localidade.¹²⁹ Joseph afirma que a Revolução ganhou força em diversos pequenos povoados e vilas mais pela preocupação de seus homens em destruir o poder absoluto – econômico e político – dos *caciques* locais, do que pela promessa de reforma agrária.¹³⁰ Os *caciques* eram vistos como remanescentes da estrutura administrativa porfirista e, para muitos, lutar contra eles significava lutar contra a velha ordem. No caso de Mariano Azuela, isto é bastante claro.

Dois documentos, de 16 de junho de 1911, apresentam o resultado das eleições para *jefe político* de Lagos, nas quais Mariano Azuela saiu como vencedor. Cada um dos documentos está assinado por dezenas de pessoas, sendo que um deles posicionava-se contra a eleição de Azuela e o outro a defendia. O que a confrontação desses documentos revela é a atuação dos velhos líderes políticos para que a estrutura de poder local não mudasse. No documento em que os autores fazem oposição à posse de Mariano Azuela, encontramos as assinaturas de Benjamin Zermeño e Bernardo Reina, o que permite identificar este grupo entre os velhos detentores do poder. O texto do documento afirma que a vitória de Mariano Azuela não correspondia às “aspirações da sociedade laguense” e defende a posição de Lorenzo Calderón como *jefe político*, sendo que menciona, sem entrar em detalhes, até mesmo os princípios revolucionários para sustentar a posse de Calderón.

A carta em defesa de Azuela, por sua vez, acusa os partidários de Calderón de tentarem manipular o Executivo estadual para que mudasse os resultados das eleições, como podemos ver neste trecho do documento:

Protestamos pues en contra de todas las maquinaciones de mala ley que ejecutan los señores Lic. Benjamín Zermeño, Hermenegildo Vega y familia y Bernardo Flores y familia, quienes sopesados por el... pedestal de su riqueza y sus influencias capitalinas, se dice que pretenden engañar al

¹²⁹ JOSEPH, Gilbert M. El caciquismo y la revolución: Carrillo Puerto en Yucatán. In: BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*, Fondo de Cultura Económica, México, D.F., 1995, p.259-260.

¹³⁰ JOSEPH, Gilbert M. El caciquismo y la revolución: Carrillo Puerto en Yucatán. In: BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*, Fondo de Cultura Económica, México, D.F., 1995, p.240.

Ejecutivo del Estado para conseguir la nulidad de las elecciones llevadas a cabo en esta ciudad con toda la imparcialidad posible.¹³¹

Com base nas cartas é possível afirmar que a candidatura de Azuela para o posto de *jefe político* deu-se a poucos dias das eleições. O escritor comenta, na carta a seu amigo José Becerra, que lhe propuseram a candidatura para o cargo várias vezes, mas que ele tinha preferido não aceitar, já que atuaria melhor como propagandista do que como *jefe político* e, caso aceitasse a candidatura e fosse eleito, não iria reconhecer partidários de quaisquer grupos, mas sim cidadãos iguais.¹³² A partir disso pode-se estabelecer duas conclusões: a primeira é que novamente Azuela se posicionava a favor do Clube Máximo Serdán, o que contribui para nossa hipótese de que o escritor nunca foi realmente resistente ao grupo que ele qualificou como “ilusos”, a segunda é a comprovação da posição republicana liberal-democrática de Azuela, fundada no respeito às leis e na igualdade civil e não em uma política de privilégios partidários.

É difícil chegar a uma conclusão precisa a respeito do reconhecimento de Mariano Azuela em Lagos de Moreno durante as décadas de 1900 e 1910. Com certeza, Azuela não era um escritor reconhecido no México, mas é possível que gozasse de alguma fama local, principalmente devido a sua profissão de médico – não muito comum em um povoado pequeno – e a sua presença nos círculos literários locais. Isso pode ter acarretado-lhe algum prestígio que possibilitou sua eleição para *jefe político* de Lagos.

É evidente uma associação entre o liberalismo de Azuela, sua crítica aos *caciques* locais e sua adesão ao maderismo. Francis M. Kercheville foi outro estudioso da obra de Azuela que reconheceu o alinhamento do escritor ao liberalismo político e vinculou a crítica feita aos *caciques* às obras do autor. Kercheville, como defensor do liberalismo, faz uma associação superficial de Azuela a esta ideologia política, encontrando elementos nas obras do escritor que se encontram presentes em outras correntes ideológicas. De acordo com Kercheville, o liberalismo de Azuela pode ser observado nos seguintes campos: no campo político, através da crítica aos *caciques* e ao favoritismo político – como já mencionamos aqui; no campo econômico e social, na questão da distinção entre as classes e na condenação da miséria das massas; no campo religioso, atacando os excessivos males do clericalismo, a impessoalidade observada

¹³¹ AZUELA, Mariano. *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002, p.90.

¹³² A carta para José Becerra está datada de 22 de junho de 1911, ou seja, Azuela tratou de contar para Becerra como tinha ocorrido sua eleição para o cargo de *jefe político*.

nas instituições e a hipocrisia religiosa.¹³³ Para Kercheville, Azuela preocupa-se com o melhoramento social e econômico, bem como com a liberdade política e individual das massas.

É necessário fazer algumas considerações sobre estes argumentos. Kercheville atribui a Azuela um caráter politicamente mais radical do que nossas fontes indicam que ele apresentava. No campo econômico e social, por exemplo, é certo que Azuela criticava a exploração da classe camponesa pelos donos de terras, mas não a distinção entre as classes. Azuela não era tão estrutural em sua análise e elementos como a propriedade privada nunca foram questionados.¹³⁴ Nem se poderia exigir isto do escritor, principalmente quando este, como defensor do liberalismo político, respeitava as liberdades individuais, inclusive o direito à propriedade, embora não tenha se manifestado sobre o assunto. No campo religioso, Azuela realmente ataca o “fanatismo” e a hipocrisia religiosa, mas a “impessoalidade das instituições” nunca foi mencionada em seus escritos. Em relação aos *caciques* e o favoritismo político, a análise de Kercheville é exata.

Os exageros de Kercheville partem de sua filiação ao liberalismo político, já que o texto foi escrito durante o período da Guerra Fria, no qual os Estados Unidos enfrentavam ideologicamente a União Soviética. Kercheville apropriou-se do ponto de vista de Azuela – “o maior e mais sincero liberal mexicano”, nas palavras do autor estadunidense – para fazer uma defesa do liberalismo.

As falhas na argumentação de Kercheville também decorrem do fato de que o autor analisa o liberalismo de Azuela apenas a partir de suas obras literárias, sendo que as cartas trocadas pelo escritor ao longo de sua vida e seus escritos autobiográficos permitem esclarecer pontos que suas obras literárias deixam ocultos. Assim como no caso de Madero, situar Mariano Azuela como um republicano liberal-democrata permite compreender melhor os posicionamentos defendidos pelo escritor ao longo de sua trajetória do que afirmar apenas seu caráter liberal. Mais do que uma defesa das liberdades individuais, trata-se de defendê-las a partir de leis que estabelecessem condições iguais para todos. Também deve-se atentar para o fato de que não se pode exigir de Azuela mais do que ele próprio se propôs a discutir. Era médico e romancista e

¹³³ KERCHEVILLE, Francis M. El liberalismo en Azuela. In: *Revista Iberoamericana*, vol.3, n.6, Pittsburg, 1941, p.381-398.

¹³⁴ No romance *Mala yerba*, isto é evidente. Azuela critica as relações entre os proprietários de terras e os camponeses, mas não chega a criticar a questão da desigualdade na distribuição de terra em si, bem como outros aspectos de cunho econômico-social.

não tinha a intenção clara de seguir uma carreira política,¹³⁵ e nenhum documento analisado nos permite dizer que possuía profundo conhecimento sobre teorias políticas, além de não apresentar nenhuma proposta política efetiva. Limitava-se a defender o ponto de vista de Francisco Madero, mesmo após a sua morte.

Apesar das críticas feitas ao estudo de Kercheville, os apontamentos feitos pelo autor em relação à posição de Azuela frente ao *caciquismo* vão ao encontro de nossas interpretações e são fundamentais para compreender a disputa de Azuela com os poderosos locais pelo posto de *jefe político* de Lagos de Moreno. O curto período de Azuela no cargo foi marcado pela franqueza e denúncia constante contra os *caciques* políticos de Lagos, o que provocou sua rápida saída do posto. Em uma carta aos delegados de governo, o escritor apresentou uma situação política e social na qual a sociedade mexicana estava dividida entre os *caciques* – que detinham a política em toda a República mexicana – e o povo, que não atuava e nem “necessitava da política”. Azuela também mencionou existir uma ignorância por parte do povo, que desconhecia os mecanismos para tentar a implantação de uma “verdadeira democracia”. Isso é algo presente em muitos discursos dos liberais mexicanos: a ideia de que o povo é uma massa de manobra incapaz de pensar por si mesma. Azuela enxergava um “povo” demasiado abstrato e, ainda que sentisse compaixão por ele, era incapaz de compreendê-lo plenamente. Esta questão será discutida mais a fundo no capítulo seguinte.

Dentre as muitas cartas escritas por Azuela nesse período, vale ressaltar uma enviada a David Gutiérrez Allende,¹³⁶ governador do estado de Jalisco, na qual o escritor comentou as pressões que vinha sofrendo dos *caciques* da região para se retirar do posto, assim como seu alinhamento a Madero e à Revolução:

Yo solo espero el nombramiento debidamente autorizado por el gobernador para tomar posesión de mi puesto; pero el caciquismo va a oponerse a que tome posesión según rumores muy persistentes; y según los mismos, Rincón Gallardo ha prometido su misma fuerza para impedir la dicha toma de posesión (...)

¹³⁵ Embora Mariano Azuela tenha se envolvido na política algumas vezes ao longo da década de 1910, tais envolvimento parecem mais vinculados a questões de necessidade política do que a um planejamento estratégico por parte do escritor. Não encontramos nenhuma fonte que indique a intenção de Azuela em seguir carreira política.

¹³⁶ David Gutiérrez Allende, maderista, ocupou o posto de governador do estado de Jalisco no dia 1º de junho de 1911. Gutiérrez Allende pôde ocupar o cargo devido à atuação de Ramón Romero, combatente maderista que ocupou a cidade de Guadalajara, capital de Jalisco, assegurando uma relativa tranquilidade a Allende, que ainda teve que disputar – e posteriormente ser derrotado – o governo com os poderosos de Jalisco. Ver a “Nota introdutória” escrita por Víctor Díaz Arciniega em BERLER, Beatrice (org.) *Mariano Azuela*. Correspondencia y otros documentos. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.122.

Así pues, señor licenciado, me permito dar a usted estos antecedentes para que en caso de que se realizaran los temores que me han inspirado y de cuya realización daría parte a usted por la misma vía telegráfica, nos haga usted favor a los que aquí en Lagos queremos contribuir con nuestro grano de arena a la gran obra que Madero nos pone delante, de defendernos de la manera que usted juzgue más adecuada de este atentado que por venir de quien viene es una verdadera monstruosidad.¹³⁷

Ao longo da carta, Azuela chega a dizer que vinha lutando para que a Revolução tivesse resultados práticos em sua cidade, o que mostra que, até aquele momento, o escritor ainda não se encontrava totalmente desesperançado com a Revolução. Tal posicionamento também confirma a ideia aqui apresentada de que, para Azuela, combater os velhos *caciques* em sua localidade significava combater a velha ordem porfirista que ainda tentava sobreviver à queda do ditador. A importância de analisar essas cartas e as circunstâncias da saída de Azuela do cargo de *jefe político* de Lagos justifica-se pelas relações desses fatos com sua crença na Revolução, que se mostrou bem menor posteriormente.

Finalmente, no dia 3 de agosto de 1911, Mariano Azuela entregou sua renúncia, e, no dia 9 do mesmo mês, o posto de *jefe político* voltou para as mãos de Lorenzo Calderón. Alguns apontamentos sobre a renúncia de Azuela devem ser feitos. Mariano Azuela afirmou, em seus escritos autobiográficos, ter renunciado ao cargo devido à saída de David Gutiérrez Allende do governo de Jalisco, atribuindo a culpa desta saída às atuações dos ex-porfiristas locais. Nas palavras do escritor:

Uno de los más gordos logró derrocar al gobernador de mi Estado y mi protesta fue inmediata en forma de renuncia de carácter irrevocable, expresando con toda claridad que el puesto que ocupaba como jefe político del cantón lo había aceptado exclusivamente por obedecer el mandato de mi pueblo, pero nunca lo ocuparía por mandato oficial. Para colmo de mofa hube de entregarlo a la misma persona a quien por la fuerza había tenido que desalojar.¹³⁸

A partir dos documentos pesquisados não é possível ter tanta certeza se a renúncia de Azuela deu-se efetivamente devido à saída de Gutiérrez Allende. Na carta de renúncia, entregue ao novo governador do estado, Alberto Robles Gil,¹³⁹ o escritor deu poucas explicações para sua renúncia, limitando-se a dizer:

¹³⁷ AZUELA, Mariano. *Andrés Pérez, maderista*. México D.F., Instituto Politécnico Nacional, 2002, p.96.

¹³⁸ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III, México, D.F., 1960, p.1070.

¹³⁹ Segundo Victor Díaz Arciniega na “Nota introdutória” citada na nota 73 dessa dissertação, Alberto Robles Gil ocupou o cargo de governador em Jalisco no dia 1º de agosto de 1911, por designação do presidente León de La Barra. Robles Gil representava o Partido Católico Nacional (PCN), que contava com 80.000 filiados em Jalisco. O poder do PCN em Jalisco possibilitou sua vitória em todas as eleições municipais, garantindo assim sua supremacia no Congresso. Ver BERLER, Beatrice (org.) *Mariano*

Que teniendo conocimiento de que el nuevo gobierno del Estado encuentra inconvenientes los procedimientos empleados por la administración pasada, para el nombramiento de autoridades, y que no habiendo aceptado el suscrito el cargo que actualmente desempeña, sino por acatar única e exclusivamente la voluntad del pueblo que lo designó, renuncia de una manera formal e irrevocable a dicho puesto.¹⁴⁰

De fato, a carta de renúncia de Mariano Azuela não vai em sentido contrário à justificativa apresentada em seus escritos autobiográficos, mas também podemos considerar que possivelmente esta não se deu apenas devido à solidariedade para com Gutiérrez Allende, e teve relações com as pressões feitas pelos ex-porfiristas laguenses ao escritor.

Após essa derrota, Azuela ainda permaneceu atuante na cena política de Lagos. Candidatou-se a deputado¹⁴¹ – perdeu as eleições – e depois foi novamente apontado como um possível candidato ao cargo de deputado.¹⁴² Azuela também fez intensa propaganda para os maderistas, inclusive sendo responsável pelo recebimento e divulgação de cartazes da coligação eleitoral “Madero – Vázquez Gómez – Gutiérrez Allende”.¹⁴³

Azuela passou a expor seu descontentamento na cena pública através da literatura. A partir de *Andrés Pérez*, maderista ocorreu uma ruptura na escrita de Azuela, que passou a ser mais política e mais explícita. Mariano Azuela usou da literatura como meio para transmitir sua mensagem e ideologia, ao denunciar o oportunismo de velhos *caciques* porfiristas que haviam começado a se infiltrar na política maderista. Segundo Azuela:

Desde entonces dejé de ser – con plena consciencia de lo que hacía o sin ella – el observador sereno e imparcial que me había propuesto en mis

Azuela. Correspondência y otros documentos. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.123.

¹⁴⁰ Carta de Mariano Azuela ao governador Alberto Robles Gil, de 3 de agosto de 1911. In: BERLER, Beatrice (org.) *Mariano Azuela*. Correspondência y otros documentos. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.163. Nessa carta podemos perceber a distância de Azuela em relação ao seu remetente, bem como as formalidades exigidas na época.

¹⁴¹ Carta de Enrique Luna Román a Mariano Azuela, data de 16 de maio de 1912. *Andrés Pérez*, maderista. México D.F., Instituto Politécnico Nacional, 2002, p.113.

¹⁴² Na carta enviada por Enrique Luna Román, de 16 de maio de 1912, encontra-se a informação de que Azuela candidatou-se como candidato pelos “partidos populares” para as eleições de 21 de janeiro, nas quais foi derrotado pelo Partido Católico e a União Democrática. Nesta mesma carta, Azuela é convidado a se candidatar para o Congresso da União em uma futura eleição. Nas cartas que se seguem, não encontra-se nenhuma outra informação sobre esta segunda candidatura de Azuela, o que deixa obscuro o fato de se esta efetuou-se ou não. *Andrés Pérez*, maderista. México D.F., Instituto Politécnico Nacional, 2002, p.113-114.

¹⁴³ A comprovação desses dados pode ser obtida nas cartas enviadas e recebidas por Mariano Azuela entre 3 de agosto de 1911 e 17 de junho de 1912, contidas em *Andrés Pérez*, maderista. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002, e Beatrice Berler (comp.) *Mariano Azuela*. Correspondência y otros documentos. México: UNAM, 2000, p. 99-115.

cuatro primeras novelas. Ora como testigo, ora como actor en los sucesos que sucesivamente me servirían de base para mis escritos, tuve que ser y lo fui de hecho, un narrador parcial y apasionado. Por mi libre voluntad había elegido una posición mental en el gran movimiento renovador y quise y pude mantenerla hasta el fin.¹⁴⁴

Andrés Pérez, maderista foi publicado em 1911, ou seja, no mesmo momento em que Azuela vivia dias conturbados em Lagos. O romance conta a história de Andrés Pérez, um jornalista que publicava artigos críticos à Revolução e decidiu visitar seu amigo Toño Reyes¹⁴⁵ no interior. Enquanto estava na fazenda de Toño, Andrés Pérez acabou sendo acusado, por engano, de ser maderista e despertou a esperança de diversos indivíduos da localidade, que passaram a acreditar que o jornalista estava ali a serviço de Madero e se preparava para iniciar um levante na localidade. Andrés Pérez, no entanto, não acreditava na Revolução e se sentia bastante desconfortável com a situação na qual se encontrava.

Entre as personagens que se destacam na história estão, além de Andrés Pérez, Toño Reyes – que abriga Andrés em sua fazenda – e Don Octavio, que, apesar de ser proprietário de terras, era um grande defensor da Revolução e apoiador da causa maderista. Outras personagens se destacam, como Hernández, um *cacique* local, contrário a Madero; e Vicente, empregado de Toño Reyes, defensor de Madero.

Ao longo da trama, chegou uma ordem de prisão para Andrés Pérez, acusado de maderista. Toño Reyes, devido à sua influência local, conseguiu evitar a prisão do amigo em troca da permanência em sua fazenda. É a partir daí que Andrés começa a ser visto como maderista. Vicente é uma das personagens que mais apoiou o jornalista, acreditando seriamente que ele iniciaria a revolução maderista na região. Após algum tempo, Andrés acabou sendo preso e, na prisão, conseguiu a simpatia de seus companheiros de cela, que o tinham como maderista. Enquanto Andrés esteve preso, iniciou-se a Revolução no povoado e Toño Reyes morreu em meio ao levante. Poucos dias depois, Andrés conseguiu a liberdade e, ao sair nas ruas, descobriu que Madero havia vencido a Revolução e que velhos porfiristas haviam se tornado maderistas no último momento.

¹⁴⁴ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III, México, D.F., 1960, p.1070.

¹⁴⁵ Segundo o relato de Antonio Azuela, filho de Mariano, essa personagem foi construída a partir de Antonio Rivera de la Torre, tio da esposa de Azuela, historiador católico jalisciense de quem Azuela se tornou grande amigo. In: ARCINIEGA, Victor Díaz. *Retrato hablado*. Una evocación familiar de Mariano Azuela. In: BERLER, Beatrice (org.) *Mariano Azuela*. Correspondencia y otros documentos. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.60.

Em relação à obra, é interessante notar que ela contém vários elementos que seriam repetidos em *Los de abajo*,¹⁴⁶ além de apresentar diversas críticas às práticas políticas e sociais da época. Azuela atacou a imprensa, os intelectuais, o governo de Díaz e o oportunismo político. Em relação à imprensa, é muito interessante uma passagem na qual Andrés Pérez discute com Toño Reyes sobre a política porfirista e as possibilidades da Revolução e então apresenta os motivos pelos quais os jornais não noticiavam a tensão na qual se encontrava o governo de Díaz:

¡La prensa! Tú no sabes que la prensa atraviesa una época de terror. Violando leyes y garantías el Gobierno no ha dejado subsistir sino esos mismos periódicos asalariados por él. Los demás aparecen y viven un día, porque en seguida sus redactores son puestos en prisión. No ha quedado huella alguna de independencia y esa prensa oficiosa, prensa albañal, es la muestra evidente de lo que pueden la insolencia, la maldad y el cinismo de los escritores de alquiler.¹⁴⁷

Mais que uma crítica do autor à atuação da imprensa no México, a fonte literária mostra a atmosfera de censura na qual estava mergulhado o país e a atitude de muitos jornalistas em colaborar com o governo de Díaz. Em relação à censura, ela de fato se intensificou na última década do regime porfirista, como podemos ver pelas diversas censuras sofridas pelo Partido Liberal Mexicano, liderado por Ricardo Flores Magón.¹⁴⁸

Uma crítica interessante que se iniciou nessa obra, é a feita aos intelectuais. Chama a atenção o fato de que estes foram criticados por Azuela ao longo de toda a sua obra. Quase sempre são identificados à arrogância, à covardia, ao oportunismo e à alienação em relação à realidade prática.¹⁴⁹ Azuela não se via como intelectual, mas na prática, ele estava atuando enquanto tal, representando na esfera pública o grupo político liberal maderista, mediando e articulando mensagens comuns a esta vertente política. Mais que a função, Azuela também frequentava diversos espaços de

¹⁴⁶ Existem dois textos com o título de *Los de abajo* na edição crítica organizada por Jorge Ruffinelli. Para o romance, citaremos nas notas como *Los de abajo* [I] e para o segundo texto, que constitui-se de uma análise do próprio Azuela sobre o romance, citaremos como *Los de abajo* [II]. Para citar a edição crítica organizada por Ruffinelli, manteremos apenas o título da edição. Sobre *Los de abajo* [II], a primeira versão do texto apareceu com o título “Azares de mi novela *Los de abajo*” em *Universidad de México*, vol.I, Nº2, novembro de 1946, como indicado na versão crítica de *Los de abajo*, organizada por Jorge Ruffinelli. Ver: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge. *Los de abajo* Ed. Crítica. Madri, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.324.

¹⁴⁷ Andrés Pérez, *maderista*. Instituto Politécnico Nacional, México D.F., 2002, p.27.

¹⁴⁸ Para a reconstituição da trajetória do PLM, bem como da censura sofrida pelo partido ao longo da última década porfirista, ver COCKCROFT, James D. *Precursores intelectuales de la revolucion mexicana (1900-1913)*. Mexico, D.F.: Siglo Veintiuno, 1971.

¹⁴⁹ Jorge Ruffinelli, em seu livro *Literatura e ideologia: El primer Mariano Azuela (1896-1918)*, faz uma análise muito próxima da nossa em relação à visão de Mariano Azuela sobre os intelectuais no romance *Andrés Pérez, maderista*. Ver: RUFFINELLI, Jorge. *Literatura e ideologia: el primer Mariano Azuela (1896-1918)*. México, D.F.: Ediciones Coyoacán, 1994, p.56-57.

sociabilidade intelectual como os cafés, teatros e círculos culturais, além da obra escrita. Um motivo a ser considerado para a crítica de Azuela em relação aos intelectuais é o fato de que, até o início da Revolução, muitos intelectuais estavam atrelados à administração porfirista, como era o caso de Justo Sierra e José López Portillo y Rojas.¹⁵⁰

Em *Andrés Pérez, maderista*, a figura do intelectual está representada na personagem de Andrés Pérez, o jornalista individualista e oportunista. O cinismo de Andrés Pérez fica bastante claro na frase: “Evidentemente los intelectuales y los parias coincidimos en nuestro amor a la paz”¹⁵¹. É da boca do próprio Pérez que surge outro ataque aos intelectuais, poucas páginas depois:

¡Escritor! No cabe duda: los hombres de pluma somos unos tipos insoportablemente simpáticos. Juro por Dios no haber tropezado en mi vida con un ejemplar de esta fauna sin sentir el deseo más sano y santo de verlo reventado como un sapo.¹⁵²

Por fim, é de Toño Reyes que parte a crítica mais severa aos intelectuais. Em determinado momento, ele diz para Andrés Pérez:

Te creí uno de tantos literatoides de tu México, piara de ilotas de la pluma, hinchados de ruindad, eunucos llorones de la paz, incapaces de dar ni una gota de sangre por el hermano, ni por la patria, ni por su propia especie; mandrias que se pasan la vida incensando eternamente al que les llena la tripa y se quedan satisfechos con que su nombre figure como una cifra más entre los siervos miserables y corrompidos, buenos apenas para cantar a las mesalinas de sus amos.¹⁵³

Poderia se inferir que se trata apenas de um recurso literário de Mariano Azuela para criticar a atuação dos intelectuais naquele contexto, mas o que pode ser constatado é que este ataque se repete em diversos outros textos do escritor mexicano.

O último ponto é a crítica de Azuela aos “maderistas de última hora”. Ao final do romance, após a vitória de Madero, diversos ex-porfiristas se tornam, da noite para o dia, maderistas. A crítica de Azuela aparece através de um artigo de jornal, cujo título era “Los maderistas de última hora”, e também na própria personagem Andrés Pérez, como mostra o seguinte trecho:

Me quede estupefacto: el coronel Hernández, don Cuco el periodista, los enemigos más rabiosos de Madero, militando ahora en “nuestras filas”.

¹⁵⁰ José López portillo y Rojas (1850-1923) foi escritor e político. Ocupou o cargo de governador de Jalisco pelo Partido Católico Nacional em outubro de 1912 e atuou na administração de Victoriano Huerta em 1914. Apesar de politicamente se situar em campo oposto ao de Azuela, os dois foram amigos.

¹⁵¹ AZUELA, Mariano. *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002 e *Correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.36.

¹⁵² Idem, p.38.

¹⁵³ Idem, p.45.

Nos abrazamos efusivamente. A las primeras copas convinimos en que *todos* habíamos llegado, aunque por diversos caminos, al triunfo de nuestra santa causa.¹⁵⁴

O romance termina com a comemoração dos ex-porfiristas, agora maderistas, em uma festa com direito a bebidas e orgias. A falta de caráter de Andrés Pérez é acentuada na cena final do romance, na qual ele adentra na casa da mulher de Toño Reyes. Pode-se pensar que este final representa, de maneira simbólica, a hipocrisia dos ex-porfiristas e o oportunismo presente no novo cenário político. A cena da orgia seria repetida em *Los de abajo* e pode se referir à submissão do interesse público aos gozos privados. Ela também sugere a ideia de que, na nova política mexicana, o velho se misturara ao novo, os antigos poderosos se infiltram na nova administração.

Essa crítica também reaparecerá em outras obras de Azuela, mesmo após a morte de Madero, e será encarnada no “revolucionário de última hora”. Como já informamos, *Andrés Pérez, maderista* começou a ser escrita pouco antes de Azuela ser eleito *jefe político* de Lagos e foi publicada em 1911, depois de seu curto período no cargo. Mariano Azuela resumiu em poucas linhas o ambiente que o levou a escrever a obra:

Incertidumbre, confusión, fracaso: así quise condensar en menos de un centenar de páginas un aspecto del movimiento de Madero, cuyo triunfo rápido fue la causa mayor de su caída, por no haber dado tiempo a que madurara en la conciencia del pueblo.¹⁵⁵

Sem dúvida, a experiência de Azuela com os poderosos de Lagos contribuiu para seu desencanto com a Revolução e para a elaboração de *Andrés Pérez, maderista*, mas não se pode ver ainda uma ruptura definitiva do escritor com os rumos da Revolução até sua experiência como médico nas tropas villistas de Julián Medina e a escrita de *Los de abajo*.

¹⁵⁴ Idem, p.56. Grifos no original.

¹⁵⁵ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III, México, D.F., 1960, p.1073.

1.3. A experiência villista e a escrita de *Los de abajo*

Após a morte de Francisco Madero,¹⁵⁶ Victoriano Huerta chegou ao poder e novos conflitos começaram a surgir. O governador de Coahuila, Venustiano Carranza, foi o primeiro a não reconhecer a autoridade de Huerta. Os zapatistas, que já haviam rompido com Madero, tampouco reconheceram Huerta, e continuaram sua luta pela terra no sul. Pancho Villa, que nunca teve relações amistosas com o general Huerta, também se posicionou no campo oposto ao do ditador. Naquele momento, Huerta passou a representar um retrocesso ao porfirismo e a violência revolucionária tomou conta do México. O centro do debate passou a ser não mais as liberdades políticas, mas sim a demanda de justiça social pautada na reforma agrária.

Com a chegada de Huerta ao poder, ocorreu uma reviravolta política em todo o país. Os maderistas foram perseguidos em quase todos os estados. A situação de Mariano Azuela complicou-se bastante. O escritor usou de sua influência local para ajudar alguns maderistas. A transcrição de um trecho extenso da narrativa autobiográfica do escritor faz-se necessária para apresentar o clima de perseguição ao qual os maderistas se viram imersos:

Una sombra densa de misterio se extendió por todas partes, ocultando los atentados de que fueron víctimas infinidad de maderistas inermes. Ser maderista fue otra vez nota infamante y vergonzosa. Muchos pobres de espíritu, especialmente personas de la clase media, abjuraron de la revolución e hicieron causa común con el caciquismo insolentado. En mi pueblo, como en todas partes, hubo numerosas denuncias de revolucionarios del maderismo, por supuestas actividades subversivas. Las persecuciones tuvieron un carácter más benigno en mi pueblo, en gracia a que el gobernador de mi Estado, si bien había incurrido en la debilidad y el error de reconocer el régimen usurpador, era un caballero honorable, incapaz de autorizar ningún crimen. El licenciado don José López Portillo y Rojas atemperó – repito – muchos excesos del gobierno general y mi antigua amistad con él me permitió salvar a algunos correligionarios seriamente comprometidos, como el poeta popular Francisco Guerrero Ramírez, orador exaltado del pueblo. Pero el caciquismo no se dio por vencido y ocurrió al gobernador de Aguascalientes consiguiendo con sus maquinaciones que soldados federales aprehendieran a algunos maderistas, acusados de preparar un levantamiento.¹⁵⁷

¹⁵⁶ Francisco Madero foi assassinado no dia 22 de fevereiro de 1913, fuzilado juntamente com Pino Suárez, vice-presidente, por ordem do general Victoriano Huerta, que conspirava com o governo norte-americano para derrubar Madero. O episódio ficou conhecido como “Decena Trágica”. Ver AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.52-54.

¹⁵⁷ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III, México, D.F., 1960, p.1074.

Huerta não conseguiu sustentar sua posição política por muito tempo, tanto pelas pressões internas, quanto pelas pressões externas – o governo dos Estados Unidos, que a princípio apoiou o golpe do general, retirou o apoio poucos meses após a sua posse –, e renunciou à presidência do México no dia 15 de julho de 1914. O país, no entanto, continuou dividido entre as três facções principais – os carrancistas, zapatistas e villistas – e sem um poder Executivo bem definido, ainda que Carranza tenha se auto-proclamado Primeiro Chefe do Exército Constitucionalista Encarregado do Poder Executivo.¹⁵⁸

A entrada de Mariano Azuela nas tropas villistas ocorreu no final de outubro de 1914, quando Julián Medina¹⁵⁹ passou por Lagos a caminho da Convenção de Aguascalientes. O escritor permaneceu nas tropas villistas até finais de 1915. Mariano Azuela atuou na fase mais violenta da Revolução e a viu não como combatente, mas como médico. É difícil precisar o motivo pelo qual Mariano Azuela resolveu apoiar a facção villista. Em seus relatos, Azuela sempre relaciona a escolha com a necessidade de se decidir por uma das facções, com a chegada da Revolução a Lagos,¹⁶⁰ sem dar maiores explicações sobre o fato. José Becerra, companheiro de campanha maderista, foi fundamental para essa decisão de Azuela, sendo também quem pôs o escritor em contato com Julián Medina. Segundo Stanley L. Robe, Becerra conhecia Julián Medina e lhe relatou as atividades pró-maderistas executadas pelo próprio Becerra e Azuela em Lagos. Medina havia participado da Convenção de Aguascalientes e, após a dissolução desta, o major Francisco Delgado – secretário particular de Medina – passou por Lagos e convenceu Azuela a se filiar às tropas de Medina e ao governo *convencionista* que

¹⁵⁸ SILVA HERZOG, Jesus. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2.ed. revisada. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, vol.2, p.97-321.

¹⁵⁹ Julián Medina foi um general villista. Mariano Azuela o conheceu através de seu amigo José Becerra, quando as tropas de Medina chegaram em Lagos de Moreno. Ver AZUELA, Mariano. Los de abajo [II]. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.325.

¹⁶⁰ Os conflitos armados chegaram ao estado de Jalisco tardiamente, após a Convenção de Aguascalientes. Ver: TORRES SÁNCHEZ, Rafael. *Jalisco y la Revolución Mexicana*. Texto online. Disponível em http://bidi.unam.mx/libroe_2007/0870175/11_c07.pdf Acesso em: 10/12/2012. Não encontramos dados sobre em qual revista o texto foi publicado.

este queria organizar no estado de Jalisco.¹⁶¹ Mariano Azuela também afirmou que sua amizade com José Becerra foi fundamental para que ele aderisse às tropas villistas.¹⁶²

Além da amizade com José Becerra, podemos inferir que a decisão de Mariano Azuela também se pautou nas poucas possibilidades de afiliação que o escritor tinha na época. Após a Convenção de Aguascalientes, as forças mais atuantes no centro-norte do México eram as carrancistas e as villistas, pois os zapatistas estavam limitados ao centro-sul do país. É possível pensar que as propostas zapatistas concentradas na questão das terras comunitárias e sem incorporar as questões políticas com a mesma ênfase, dificilmente despertariam interesse em um liberal como Azuela. Os escritos autobiográficos de Azuela também autorizam a hipótese da falta de opção:

Los que no pudimos o no supimos escapar a tiempo de nuestros terrones, sujetos a um espionaje exasperante, no teníamos más perspectiva que la de incorporarnos con el primer grupo rebelde que se acercara. Pero en mi Estado solo Julián Medina se levantó en armas, muy lejos, en Hostotipaquillo, al sur de Jalisco.¹⁶³

Mas os mesmos escritos fornecem uma outra explicação. Em uma passagem, Azuela indica a pista que melhor revela seus motivos para aderir às tropas de Villa:

Me encontré primero enrolado al partido de la Convención de Aguascalientes no sólo por simpatía, sino porque para mí representaba la legalidad, en seguida privado ya de la libertad plena de mis actos, los sucesos me colocaron en el campo de la facción villista y con el villismo, de derrota en derrota, desde Guadalajara hasta Ciudad Juárez, llegué exiliado a El Paso, Texas.¹⁶⁴

O trecho citado acima revela que Azuela enxergava nos convencionistas a legalidade, desconhecendo Carranza como Chefe do Executivo. Esta é uma questão bastante polêmica. A Convenção de Aguascalientes, ocorrida entre os dias 10 de outubro e 9 de novembro de 1914, foi o momento máximo de legitimidade das camadas populares durante a Revolução. As demandas agrárias, principalmente as vinculadas ao zapatismo e ao villismo, foram defendidas, sendo o Plan de Ayala zapatista aprovado pela Convenção. Apesar da preponderância das tropas de Zapata e Villa, a Convenção contou com a participação das principais facções envolvidas, inclusive da vertente carrancista, como foi o caso do general Álvaro Obregón, futuro presidente do país. A

¹⁶¹ ROBE, Stanley L. La génesis de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.200-201.

¹⁶² AZUELA, Mariano. Los de abajo [II]. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.325

¹⁶³ Idem, p.324-325.

¹⁶⁴ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (I). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III, México, D.F., 1960, p.1075-1076.

Convenção foi declarada soberana através da assinatura na bandeira mexicana dos principais líderes revolucionários. Entre as principais medidas tomadas, além da reforma agrária, estavam a nomeação de Eulálio Gutiérrez¹⁶⁵ como presidente interino, a destituição de Pancho Villa como líder da Divisão do Norte e a de Carranza como líder do poder Executivo.¹⁶⁶ Carranza não reconheceu as decisões tomadas durante a Convenção de Aguascalientes, e colocou-se em campo oposto a Villa e, posteriormente, a Zapata. Villa tampouco retirou-se do comando da Divisão do Norte.

Rogelio Rodríguez Coronel¹⁶⁷ vê uma radicalização no posicionamento político de Azuela quando este aderiu às tropas de Pancho Villa, rompendo com seu posicionamento liberal. Em contraste, Stanley Robe,¹⁶⁸ apoiado nos argumentos de Silva Herzog,¹⁶⁹ afirma que quando o escritor entrou nas tropas de Villa, esta facção já representava a “ala direita” da Revolução. Consideramos que ambos os argumentos estão equivocados.

Em relação à “radicalização” de Azuela, é preciso cuidado. De fato, ao apoiar os *convencionistas*, Azuela defendeu as vertentes camponesas da Revolução, que representavam os setores mais explorados da economia mexicana. Ao fazer isto, Azuela percebia como legítima a luta camponesa e a necessidade de reformas mais radicais no país. Por outro lado, não se pode esquecer do caráter republicano e liberal-democrático de Azuela, a partir do qual o escritor sempre partiu da legalidade para defender seus pontos de vista. Assim, podemos perceber o que levou Azuela a defender os *convencionistas* e não os carrancistas. A Convenção de Aguascalientes havia contado com a participação de todas as facções e foi declarada soberana, enquanto Venustiano

¹⁶⁵ Eulálio Gutiérrez entrou na Revolução ao lado de Francisco Madero. Posteriormente aderiu ao carrancismo. A presidência conferida pela Convenção de Aguascalientes foi bastante efêmera, tendo durado de 6 de novembro de 1914 a 16 de janeiro de 1915.

¹⁶⁶ Esta informação encontra-se em SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2.ed. revisada, décima reimpresión, México: FCE, 1990, vol.II, p.159-160. Silva Herzog reproduz o texto que ele mesmo escreveu e publicou no jornal *Redención*, de San Luis Potosí, quando foi testemunha ocular da Convenção. Segue parte do relato do autor, na qual comenta sobre as destituições de Villa e Carranza: “El dictamen rendido por dichas comisiones se discutió y aprobó en una larga sesión de veinticuatro horas. Los puntos más trascendentales que contenía fueron los siguientes: Primero: Cesa como Primer Jefe Del Ejército Constitucionalista, Encargado del Poder Ejecutivo de la Unión el C. Venustiano Carranza, a quien se le otorga el grado de general de división con antigüedad del Plan de Guadalupe. Segundo: Cesa el general Francisco Villa como jefe de la División del Norte”.

¹⁶⁷ RODRÍGUEZ CORONEL, Rogelio. La novela de la Revolución Mexicana. In: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palabra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Ed. Unicamp, 1994, vol.2, p.739-756.

¹⁶⁸ ROBE, Stanley L. La génesis de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.228.

¹⁶⁹ SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2.ed. revisada, décima reimpresión, México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990, vol. II.

Carranza havia se auto-declarado *Primer Jefe del Ejercito Constitucionalista, Encargado del Poder Ejecutivo de los Estados Unidos Mexicanos y jefe de la Revolución*, ou seja, a Convenção de Aguascalientes apresentava um caráter mais democrático e legal do que a simples auto-declaração de Carranza. Mariano Azuela, ao filiar-se aos *convencionistas*, ainda que se posicionasse de maneira mais radical do que havia feito anteriormente, jamais se desviou de seu ideal político republicano e liberal, sendo que apenas enxergou na Convenção de Aguascalientes a defensora desta legalidade. Carranza, ao se auto-declarar líder da nação, não estaria muito longe do *caciquismo* criticado pelo escritor.

Quanto à interpretação de Robe, que o villismo representava a “ala direita” da Revolução, está baseada no livro de Silva Herzog, cuja análise, ainda que muito pormenorizada, é bastante personalista, sendo que Silva Herzog, que foi testemunha dos acontecimentos revolucionários, posicionou-se claramente a favor de Carranza. Se, de fato, Pancho Villa não executou a fundo as reformas que pretendia fazer, favorecendo em muitos momentos membros do seu exército nas divisões de terras, a análise feita por Friedrich Katz, que evocou as necessidades da guerra como possíveis justificativas para isto, é muito mais convincente que a apresentada por Silva Herzog, que ataca não só os projetos de Villa, como também a própria personalidade do líder, sempre contrapondo sua “ferocidade” à “inteligência” de Carranza. Deve-se levar em conta também a adesão de Villa ao Plan de Ayala zapatista, bem como seus projetos de lei agrária, elaborados a partir de setembro de 1914. Katz menciona medidas importantes tomadas por Villa para facilitar o acesso à terra às camadas mais pobres da população, como o aluguel ou empréstimo de terras para o cultivo, com um ano de isenção na cobrança de impostos. Katz afirma que, apesar de não ter havido mudanças revolucionárias nos campos durante a administração de Villa em Chihuahua, tampouco houve rebeliões camponesas ou ocupações de terras, em larga escala, por parte dos camponeses. Outra argumentação que Katz levanta em defesa da administração villista em Chihuahua, foi o princípio estabelecido de que todo camponês tinha direito a possuir sua própria terra. Villa foi derrotado e obrigado a retirar-se do estado antes que esta lei entrasse em vigor¹⁷⁰

Por último, não se deve desconsiderar que Mariano Azuela já tinha o interesse de escrever um romance que mostrasse as lutas revolucionárias no país. De fato, quando

¹⁷⁰ KATZ, Friedrich. Pancho Villa, los movimientos campesinos y la reforma agraria en el norte de México. In: BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica 1995, p.86-105.

entrou nas tropas de Medina, Azuela tinha a intenção de escrever esta obra, como o próprio autor afirma:

Desde que se inició el movimiento con Madero, sentí un gran deseo de convivir con auténticos revolucionarios – no de discursos, sino de rifles – como material humano inestimable para componer un libro, de suerte que esa sola circunstancia me bastaba para sentir placer y satisfacción en mi forzada aventura.¹⁷¹

O resultado do contato de Azuela com os revolucionários de Julián Medina foi *Los de abajo*, que conta a história de Demetrio Macías, pequeno proprietário do norte do México. A personagem Demetrio entrou na Revolução devido a conflitos com o *cacique* de sua região, Don Mónico. O romance começa com a invasão da propriedade de Demetrio pelos homens de Don Mónico. Demetrio matou os homens de Don Mónico e pediu para que sua mulher fugisse, mas teve a casa queimada. Em vingança, reuniu alguns amigos para enfrentar o *cacique*. No meio do caminho, encontrou outra personagem, Luis Cervantes, um jornalista que antes se posicionava contra os ideais revolucionários, mas que logo enxergou na Revolução uma possibilidade de ganhos financeiros e convenceu Demetrio a aceitá-lo em suas fileiras. A personagem Luis Cervantes destoava completamente dos outros membros da tropa de Demetrio. Enquanto esses eram homens brutos, rústicos e não compreendiam plenamente o significado político e, principalmente, simbólico da Revolução, Luis Cervantes era culto, apresentava uma fala elaborada e um discurso sobre a Revolução que não podia ser compreendido pelos homens de Demetrio, nem pelo próprio líder. Mas Luis Cervantes representava o intelectual corrompido, oportunista, que pouco se importava com a Revolução e os homens que nela combatiam, visando apenas seus próprios interesses. Com o passar do tempo, Demetrio ganhou várias batalhas, venceu Don Mónico e tornou-se general da Revolução.

A segunda parte da obra apresenta as personagens mais violentas e cruéis do livro: “La Pintada” e “El Guero Margarito”. Através dessas personagens, Azuela começou a mostrar os pontos negativos da Revolução: os saques, assassinatos, a barbárie das tropas revolucionárias, o personalismo. Por fim, após as derrotas sofridas por Villa nas Batalhas de Celaya, e com a crescente corrupção das tropas de Demetrio, seus homens foram ficando cada vez menos estimulados e o fim da história de Demetrio se anunciava.

¹⁷¹AZUELA, Mariano. Los de abajo [II]. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.326.

Na terceira e última parte, ocorreu o assassinato de Demetrio e sua tropa por soldados constitucionalistas, no mesmo local em que a história começou, perto do rancho de Demetrio. O caráter circular da obra representa a posição de Azuela em relação à Revolução: após a morte de muitos revolucionários, ela nada traria de novo ao México, que permaneceria nas mãos de grandes caciques, líderes pessoais. A democracia, segundo o escritor, não se instalaria de maneira plena após o fim dos combates. A interpretação apresentada por Jorge Ruffinelli sobre este aspecto do romance vai ao encontro de nossa análise:

La Tercera Parte es una suerte de epílogo: contrasta las sucesivas derrotas de las fuerzas de Macías con los triunfos del comienzo. Es el negativo de la primera parte, y tanto invierte las situaciones que un mismo hecho se reitera aunque en un sentido opuesto. Si al comienzo los hombres de Demetrio Macías emboscan a los federales en el cañón de Juchipila, en la Tercera Parte serán ellos los emboscados por el ejército (enemigo) de Carranza. El círculo se cierra perfectamente y muestra la voluntad de diseño del autor. De modo que la estructura literaria no sólo se apoya en los hechos históricos: ante todo, quiere buscar en ellos su propia fuerza y sentido.

Reforçando o argumento de Ruffinelli com a teoria do ficcional formulada por Luiz Costa Lima, pode-se afirmar que o caráter circular de *Los de abajo* é mais uma amostra da desautomatização do real, típica do campo ficcional. Ao narrar a Revolução Mexicana no campo ficcional, e ao transpô-la em uma narrativa circular, Azuela atribuiu a ela uma carga de simbolismo dificilmente possível de ser apreendida em outros tipos de narrativas. Ou seja, o conjunto de acontecimentos conhecidos como Revolução Mexicana seriam apropriados do campo do real pelo campo ficcional, transmitindo ao leitor uma série de mensagens. Sendo assim, na própria circularidade da narrativa encontramos uma mensagem: a Revolução, após tantos sacrifícios, seria um fracasso.

Como se pode constatar, novamente o intelectual é representado de maneira negativa por Azuela, na personagem de Luis Cervantes. Cervantes se torna “revolucionário” apenas quando vê que teria possibilidades de lucrar com a Revolução e opta por lutar ao lado da facção que acreditava que sairia vitoriosa. No final da novela, Luis Cervantes estava nos Estados Unidos, distante dos companheiros de tropa, ou seja, ele não morreu em combate como os outros homens de Demetrio. Outra denúncia que podemos observar na obra é em relação ao *caciquismo*. Tanto Demetrio como Don Mónico representavam o poder pessoal, a força de homens que não necessitavam das instituições e das leis para exercer suas vontades.

Se *Los de abajo* foi resultado da trajetória de Mariano Azuela nas tropas villistas, é necessário descrever um pouco de seu processo de escrita. Mariano Azuela escreveu os apontamentos básicos do romance ainda quando atuava nas tropas villistas o que, devido à grande movimentação dessas tropas, gerou um processo fragmentado de escrita. Azuela passou por diversas dificuldades para escrever, como fome, desgaste físico e várias interrupções devido ao seu trabalho como médico. Enquanto estava nas tropas de Julián Medina Azuela passou, entre outras cidades, por Irapuato, Tepatitlán, Guadalajara, Ciudad Juarez, Chihuahua e El Paso, no Texas, Estados Unidos.¹⁷²

Segundo Stanley Robe, em Irapuato, entre o final de outubro e meados de dezembro de 1914, Mariano Azuela começou a desenvolver o romance. Azuela estabeleceu o conceito geral da obra, bem como seu ponto de vista, a trama, as personagens, os detalhes menos importantes e o nome do romance.¹⁷³ Após a chegada de reforços do exército villista em Irapuato, as tropas partiram para Guadalajara, ocupando a cidade. Segundo Robe, Mariano Azuela teria ido a Guadalajara junto com estas tropas e aí assistido a Villa dirigir-se para uma multidão do Palácio do Governo. Mariano Azuela não mencionou estes fatos nas fontes que conhecemos, bem como não conhecemos nenhum comentário direto sobre Villa, feito pelo autor.¹⁷⁴ Quanto a esta ausência nos relatos de Mariano Azuela, levantamos duas hipóteses que, com base nos documentos do escritor publicados até agora, não podemos obter nenhuma comprovação. A primeira é que a figura de Pancho Villa representava, para Azuela, o mesmo personalismo que ele tanto criticava, sendo a opção pelo villismo, e não pelo carrancismo, decorrente da legalidade enxergada na Convenção de Aguascalientes, bem como da proximidade das tropas villistas do território de Lagos de Moreno e do contato de seu amigo, José Becerra, com Julián Medina. A segunda hipótese é a de que Azuela possa ter se arrependido de seguir o villismo após se decepcionar com os rumos que o movimento havia tomado, ao incorporar grande número de homens do exército federal.

Na cidade de Celaya, no estado de Guanajuato, entre os dias 6, 7, 13 e 14 de abril, ocorreram as batalhas épicas nas quais Pancho Villa foi derrotado pelo general Álvaro Obregón. Após a derrota, Villa foi obrigado a retirar-se para o noroeste, e, no dia

¹⁷² ROBE, Stanley L. La génesis de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.199-230.

¹⁷³ Idem, p.202.

¹⁷⁴ Mariano Azuela poucas vezes mencionou a Villa, mesmo em seus romances. Quando o faz, nunca é de forma direta, mas usando alguma personagem. Este tema será tratado de maneira um pouco mais detida neste estudo, nos capítulos seguintes.

16 de abril, ordenou a transferência das oficinas de governo de Guadalajara para Lagos de Moreno. Mariano Azuela, nessa época, ocupava o posto de Diretor de Instrução Pública de Jalisco, concedido por Julián Medina e, junto com toda a tropa, foi para Lagos de Moreno.

Em Lagos, Azuela não encontrou muito o que fazer. A cidade não possuía facilidades para desenvolver suas funções públicas e a situação militar não permitia a certeza de uma permanência por muito tempo. A pouca atividade burocrática permitiu a Azuela adiantar a escrita de seu romance. Durante sua estadia em Lagos, Azuela esboçou as principais características da personagem principal de *Los de abajo*, Demetrio Macías, inspirada em Julián Medina e Manuel Caloca, um jovem revolucionário de 15 anos que o médico teve que transportar desde Tepatitlán até Aguascalientes, devido a um grave ferimento.¹⁷⁵

Julián Medina decidiu tentar recuperar Guadalajara e marchou para a cidade para um novo ataque. Mariano Azuela foi para Tepatitlán, onde deveria receber os feridos da batalha. Ao final da luta, Julián Medina foi derrotado e Azuela recebeu a incumbência de transportar o coronel Manuel Caloca até Aguascalientes. Sobre a viagem e a contribuição dela para a escrita de *Los de abajo* Stanley Robe afirma:

La peregrinación duró unos 24 días. Fue el período más penoso de la vida militar de Azuela y a la vez el más fértil en escenas y personajes que después se hallan, modificados las más veces, en las páginas de *Los de abajo*. A diferencia de los meses precedentes, el novelista ha observado personas y hechos por sus propios ojos, directamente, por ejemplo, los paisajes del cañón de Juchipila, el combate entre villistas y carrancistas, el intenso pesimismo que penetra el ánimo de oficiales y tropa a más de los civiles y el íntimo contacto con los soldados cortados de la fuerza principal de Julián Medina.¹⁷⁶

Mariano Azuela chegou a Aguascalientes no dia 10 de julio de 1915. Nesse momento, a cidade estava sendo atacada pelos carrancistas e Azuela teve que operar

¹⁷⁵ ROBE, Stanley L. La génesis de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p. 206-212.

¹⁷⁶ ROBE, Stanley L. La génesis de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima, ALLCA XX, 1996, p. 214. A primeira publicação de *Los de abajo* foi em folhetim, no jornal *El Paso del Norte*. *El Paso del Norte* era um jornal carrancista editado em El Paso, no Texas, Estados Unidos. Sobre o jornal Stanley Robe afirma: “*El Paso del Norte* comenzó a publicarse en 1911 durante la revolución maderista. Durante varios años la figura principal del periódico había sido Fernando Gamiochipi, nativo de Guaymas, Sonora, que se había filiado con el ala sonorense del carrancismo dirigida por Álvaro Obregón y Plutarco Elías Calles. El indicador del periódico identifica a Gamiochipi como “editor” o “editor propietario”. En 1915 [sic] cuando Mariano Azuela llegó a El Paso [sic] este diario recibía una subvención de la facción dirigida por Venustiano Carranza. Por lo tanto sus columnas reflejaban claramente una oposición a Francisco Villa”. Ver: ROBE, Stanley L. Idem, p.218.

Caloca com urgência e depois retornar, junto com o mesmo, a Chihuahua. A cidade de Chihuahua foi o refúgio de vários villistas derrotados e o clima de decepção afetou a escrita de *Los de abajo*. Pelo que Robe afirma, foi em Chihuahua que Azuela compôs parte considerável do romance.¹⁷⁷ O próprio Mariano Azuela confirma esta afirmação:

Con mis apuntes en el seno llegué a Chihuahua y allí comencé a darles forma. Leí la primera parte a mi amigo el licenciado Enrique Luna Román, que a pocos días se trasladó a El Paso. Había terminado ya la segunda parte, cuando me escribió, asegurándome que tenía editor para mi libro. Como mis recursos se estaban agotando, salí de Juárez a El Paso con diez dólares en la bolsa. Visitamos a varios agentes de casas editoras y me pedían el original para enviarlo. Pero como yo tenía urgencia inmediata de dinero, tuve que aceptar la proposición de *El Paso del Norte*: mil ejemplares de sobretiro y tres dólares a la semana a cuenta, mientras se hacía la impresión.¹⁷⁸

Sobre a composição de *Los de abajo*, como já foi dito, é resultado de experiências vividas por Mariano Azuela, bem como dos relatos contados pelos revolucionários que conviveram com o escritor. Mariano Azuela é bastante claro ao enfatizar este ponto:

La mayor parte de los sucesos narrados los compuse con el material que recogí en conversaciones con los revolucionarios de distintas clases y matices, sobre todo de las pláticas entre ellos mismos, de interés insuperable por su autenticidad y significado. Los instintivos se dejan adivinar con gran facilidad, hasta en los pensamientos más íntimos que quisieran ocultar. Mi cosecha la levanté en los cuarteles, hospitales, restaurantes, fandangos, caminos carreteros, veredas, ferrocarriles y en todas partes. Muchos sucesos están referidos en forma absolutamente distinta de cómo los presencié.¹⁷⁹

Mariano Azuela estava consciente de que *Los de abajo* era um relato construído com o trabalho de sua imaginação. O fato do romance ter sido escrito a partir de casos vividos e contados ao escritor durante seu tempo nas tropas villistas, não faz da obra um texto testemunhal ou uma autobiografia. Para Philippe Lejeune a autobiografia é um relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, colocando ênfase em sua vida individual.¹⁸⁰ Em uma autobiografia, a identidade do narrador deve ser a mesma do autor e da personagem principal. Pode-se notar estes elementos nos textos escritos para o Colégio de México, que mencionamos em nosso

¹⁷⁷ ROBE, Stanley L. La génesis de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p. 331.

¹⁷⁸ AZUELA, Mariano. Los de abajo [II]. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima, ALLCA XX, 1996, p.331.

¹⁷⁹ Idem, p. 329.

¹⁸⁰ LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: *Suplemento Anthropos*, nº29, Barcelona: Ed. Anthropos, Dez.1991, p.47-61.

trabalho como “textos autobiográficos”, mas não é possível notá-los na narrativa de *Los de abajo*. As personagens, ainda que baseadas em pessoas reais, são construções ficcionais, as identidades do narrador e do autor são diferentes, sendo o narrador de *Los de abajo* onisciente, e a perspectiva não é a de uma reflexão retroativa.

A multiplicidade de pontos de vista, apresentados através das diversas personagens, anula até a possibilidade de tratar-se de um “romance pessoal”, que Lejeune define como os textos ficcionais nos quais o leitor pode ter razões para suspeitar, a partir de semelhanças que crê perceber entre a identidade do autor e a de alguma personagem, enquanto o autor preferiu negar – ou ao menos não afirmar – essa identidade. Segundo os parâmetros estabelecidos por Lejeune, o “romance pessoal” engloba tanto as narrativas pessoais (nas quais existe a identidade do narrador e da personagem), como as “impessoais” (personagens designadas em terceira pessoa), e se define por seu conteúdo (sendo este conteúdo próximo ou não da trajetória do autor).¹⁸¹ Ainda que a estadia de Azuela nas tropas de Julián Medina tenha sido fundamental para a composição de várias cenas do romance, Mariano Azuela diluiu suas experiências em uma série de personagens que apresentam pontos de vista completamente diferentes entre si, criando homens e situações que nunca existiram.

Constatamos que a publicação de *Los de abajo* em um jornal carrancista deu-se apenas por questões de necessidade. Em *El Paso*, Azuela escreveu a terceira parte do romance. As outras duas já tinham sido compostas em Chihuahua. Esta primeira versão foi publicada como folhetim, entre os dias 27 de outubro e 21 de novembro de 1915. O romance foi publicado ao longo de 23 números do jornal.¹⁸² A qualidade dessa edição é péssima. Segundo Stanley Robe, a composição tipográfica foi feita por um grupo de aprendizes, garotos de doze anos que recebiam pouco para executar seu trabalho. O texto apresenta muitos erros de escrita, revelando pouca atenção de possíveis corretores. O tipo de letra usado é pouco atrativo, assim como a impressão em geral. Em março de 1916, Gamiochipi preparou uma edição em livro do romance, anunciada na edição de 27 de outubro do jornal *El Paso del Norte*, e finalmente posta à venda a partir da edição de 5 de dezembro desse mesmo ano. A obra era vendida por 30 centavos de dólar. Robe afirma que, se o editor preparou mil exemplares de *Los de abajo*, poucos foram

¹⁸¹ Idem, p.48.

¹⁸² ROBE, Stanley L. La génesis de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.219.

colocados à venda.¹⁸³ Azuela tampouco soube o destino destes exemplares, como afirma em seus textos autobiográficos: “Nunca he sabido el fin de los mil ejemplares que de mi novela le dejé al señor Gamiochipi, dueño de *El Paso Del Norte*, pero lo que sé muy bien es que le sigo debiendo sus doce dólares”.¹⁸⁴

Com o dinheiro recebido, o escritor voltou para o México. Havia deixado sua família em Guadalajara, por questões de segurança. Carmen Azuela, na entrevista concedida a Victor Díaz Arciniega, comentou sobre os momentos de dificuldade passados pela família em Guadalajara. Nessa cidade, a família de Azuela teve que se mudar para várias casas, de modo a fugir dos carrancistas que ocuparam a cidade.¹⁸⁵ Salvador Azuela comentou brevemente que Mariano Azuela chegou a frequentar um círculo intelectual durante os momentos que em passou em Guadalajara, chamado Centro Bohemio, integrado, entre outros, pelo Doutor Atl¹⁸⁶ e David Alfaro Siqueiros,¹⁸⁷ este último apenas ocasionalmente.¹⁸⁸ A escrita de *Los de abajo* e de outras obras como *Los fracasados*, além de sua presença em círculos intelectuais, são evidências do esforço feito por Mariano Azuela para cultivar suas atividades intelectuais em meio aos combates armados. A Revolução passou como um furacão na vida do escritor e, após a derrota de Pancho Villa, Azuela perdeu todas as suas economias, deixando sua família em condições muito instáveis.

Enquanto o escritor passava por dificuldades financeiras, o conflito armado começou a entrar em novos rumos. A partir da derrota de Pancho Villa por Álvaro Obregón nas Batalhas de Celaya, em abril de 1915, Carranza passou a ser a figura mais

¹⁸³ ROBE, Stanley L. La génesis de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima, ALLCA XX, 1996, p.221. Robe não esclarece os motivos pelos quais acredita que a primeira edição de *Los de abajo* vendeu pouco, mas, provavelmente, sua argumentação está baseada no fato de que trata-se de uma edição difícil de encontrar exemplares.

¹⁸⁴ AZUELA, Mariano. Los de abajo [II]. In: AZUELA, Mariano; RUFFINELLI, Jorge (org.). *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima, ALLCA XX, 1996, p.331.

¹⁸⁵ DÍAZ ARCINIEGA, Victor. Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela. IN: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.63.

¹⁸⁶ Doutor Atl (1875-1964), cujo nome verdadeiro era Gerardo Murillo, foi pintor, político, jornalista e escritor. Foi um importante divulgador da arte popular no México, ainda durante o governo de Porfirio Díaz. Durante os conflitos armados, atuou na facção carrancista.

¹⁸⁷ David Alfaro Siqueiros (1896-1974) foi um dos pintores mais importantes do Movimento Muralista, junto com Diego Rivera e José Clemente Orozco. Durante a Revolução Siqueiros lutou na facção carrancista e, posteriormente, durante o governo de Álvaro Obregón, na década de 1920, trabalhou junto a José Vasconcelos, na época secretário de Educação Pública (semelhante ao cargo de ministro da Educação no Brasil), que foi um grande incentivador do Movimento Muralista.

¹⁸⁸ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.64.

importante da política mexicana. Pouco antes dos acontecimentos de Celaya, em fevereiro de 1915, Carranza já havia firmado um acordo com os trabalhadores da Casa del Obrero Mundial, que constituiu na formação dos *Batallones Rojos*, que também atuaram na luta contra Villa. As tropas de Zapata continuaram praticamente restritas ao centro-sul do México, e, após o assassinato de seu líder, em abril de 1919, o movimento se enfraqueceu ainda mais. Também é importante ressaltar que a Lei de 6 de janeiro de 1915, que previa a reforma agrária em caráter de urgência, nos territórios carrancistas, possibilitou a Carranza atrair parte dos camponeses que antes lutavam ao lado de Zapata e Villa.¹⁸⁹ Por fim, a Constituição de 1917, que nos artigos 27 e 123 atendia a importantes reivindicações agrárias e trabalhistas respectivamente, selava, ao menos no plano simbólico, o fim dos conflitos no país.

Mariano Azuela voltou a Guadalajara para se encontrar com sua família e se mudar com ela para a Cidade do México. Carmen Azuela conta que os pais venderam tudo o que tinham em Guadalajara e, ao chegar à Cidade do México, Carranza havia baixado um decreto que invalidava todo o papel-moeda circulante, especialmente o que tinha sido impresso em outros estados.¹⁹⁰ A família Azuela instalou-se no bairro de Santiago Tlatelolco, na rua Comonfort, número 105. Era um bairro pobre da cidade e com uma vizinhança, segundo Azuela, pouco tranqüila. Mariano Azuela vivia perto de um quartel de soldados, contíguo a uma penitenciária e um orfanato.¹⁹¹

O desfecho das aventuras de Mariano Azuela como revolucionário acarretou-lhe uma grande amargura e um desgosto cada vez maior com os rumos políticos que o país seguia. A partir do governo de Venustiano Carranza, o escritor passou a criticar, de maneira cada vez mais enfática, a política e a conduta dos novos donos do poder, que, para Azuela, foram oportunistas que se aproveitaram e se enriqueceram com a Revolução. Nos capítulos seguintes da dissertação analisaremos as críticas do escritor ao novo Estado mexicano pós-revolucionário e as formas como este último apropriou-se da obra e da imagem de Azuela ao longo do processo de consolidação de uma “ideologia revolucionária”.

¹⁸⁹ SILVA HERZOG, Jesus. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2. ed. Revisada, México D.F., Fondo de Cultura Económica, vol.2, 1990.

¹⁹⁰ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela. IN: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.66-67.

¹⁹¹ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela. IN: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.67-69.

Capítulo 2

A literatura de Mariano Azuela e a formação de um novo imaginário social no México pós-revolucionário

2.1. Os intelectuais e a construção de uma nova “cultura revolucionária”

Antes de prosseguir com a trajetória de Mariano Azuela, vamos abordar as relações entre os intelectuais e a nova elite política a partir da década de 1920 e as consequências destas relações para a construção de uma “cultura revolucionária”. Mais do que um projeto cultural amplo, a construção desta nova cultura implicou uma verdadeira reformulação da identidade nacional mexicana. A busca por novos símbolos da nação, através de elementos antes desvalorizados, como o indígena e o camponês, teve como objetivo a formação de uma nova “comunidade imaginada”¹⁹², na qual os mexicanos pudessem sentir orgulho de seu passado, de seu “povo”, e pudessem esperar por um México mais justo, no qual suas necessidades básicas fossem satisfeitas e as camadas mais pobres não fossem mais exploradas pelos poderosos.

A partir de 1917, iniciou-se uma tentativa de regularização das atividades do governo. Como presidente do México, Carranza iniciou uma campanha para tentar melhorar a imagem do país no exterior, que se encontrava bastante abalada em vista dos conflitos durante toda a década, além de fazer os primeiros esforços para reestruturar economicamente o país. Os anos de intenso conflito deixaram o México em ruínas, com a economia bastante comprometida.¹⁹³ No plano político, a ruptura de Carranza com Álvaro Obregón levou o primeiro à derrota. Carranza, no fim de seu período como presidente, optou por indicar o diplomata Ignacio Bonillas como candidato à presidência, e não Obregón, que devido à sua atuação nos campos de batalha, era considerado o sucessor “natural” do presidente. Tal ruptura levou Obregón a levantar-se em armas contra Carranza, no que foi apoiado por Plutarco Elias Calles e Adolfo de la Huerta. O grupo sonorenses, como ficou conhecido devido ao fato de que os três eram provenientes do estado nortista de Sonora, manifestou seu posicionamento contrário a

¹⁹² O conceito de “comunidades imaginadas” foi apropriado de Benedict Anderson. Ver: ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹⁹³ Héctor Aguilar Camín e Lorenzo Meyer apontam uma queda da produção em todos os setores, exceto o petróleo. Ver AGUILAR CAMÍN, Héctor e MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo, Edusp, 2000, pp.97-98.

Carranza no Plano de Água Prieta, expedido em 20 de abril de 1920. Como detinham um grande poder militar, conseguiram pressionar Carranza, que resolveu fugir rumo ao estado de Veracruz, onde pretendia reunir mais tropas para combater, mas acabou assassinado em maio de 1920, atacado enquanto dormia, na cidade de Tlaxcalantongo, a caminho de Veracruz.¹⁹⁴

Após o assassinato de Carranza, a política mexicana entrou em uma nova etapa. Durante toda a década de 1920, e até meados da década de 1930, a política se concentrou nas mãos do grupo sonoreense, principalmente nas de Álvaro Obregón, que foi presidente entre 1920 e 1924, e Plutarco Elias Calles, presidente de 1924 a 1928, mas cuja liderança foi indiscutível até o início governo de Lázaro Cárdenas, em 1934. Durante esse período, houve a reestruturação econômica e simbólica do país, legitimadas por uma nova “ideologia revolucionária”.¹⁹⁵

Desde o governo de Carranza, tentava-se consolidar uma reestruturação econômica e simbólica do país. Durante os governos de Álvaro Obregón e Plutarco Elias Calles, a busca por formular uma nova identidade nacional mexicana, a partir da cultura, se fez muito mais forte. Era necessário jogar por terra a velha simbologia porfirista, e para isso o Estado procurou se apropriar das artes e da literatura para construir uma nova “ideologia revolucionária”, ou, como diz Victor Díaz Arciniega, uma nova “cultura revolucionária”.¹⁹⁶

A construção/reconstrução de uma identidade nacional é sustentada por distintos níveis de discurso que buscam consolidar a efetividade de uma “narrativa nacional” capaz de reforçar o laço social, consolidar a ordem e reproduzir a hegemonia ou a dominação e, quando necessário, alterar ou debater a ordem, identificar, incluir, selar pertencimentos e solidariedades.¹⁹⁷ No caso mexicano, esta capacidade de alterar/debater a ordem foi fundamental para legitimar o Estado pós-revolucionário durante todo o século XX, buscando aproximar os intelectuais que lhe eram favoráveis e afastar, ainda que de maneira sutil, aqueles que faziam oposição aos sucessivos governos.

¹⁹⁴ AGUILAR CAMÍN, Héctor e MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo, Edusp, 2000, p.95.

¹⁹⁵ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *Morte e vida da revolução Mexicana: Los de abajo* de Mariano Azuela. Dissertação de Mestrado, PUC-SP, 1996; DÍAZ ARCINIEGA, Victor. *Querella por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

¹⁹⁶ DÍAZ ARCINIEGA, Victor. *Querella por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

¹⁹⁷ FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.398.

A construção de uma identidade nacional extrapola também o âmbito do discurso lógico e racional. Segundo os estudos de Patricia Funes, a nação é uma destas raras entidades que conjugam ao mesmo tempo o teórico e o estético, a emoção e a razão, o orgânico e o artificial, o individual e o coletivo, o étnico e o cívico, as identidades e as leis.¹⁹⁸ Podemos pensar a formulação dessa “cultura revolucionária” como um passo para a construção do que Bronislaw Baczko denominou “imaginário social”. O imaginário seria o meio de alcançar não só o intelecto, mas a “alma” de um povo. Define-se através dele identidades, “inimigos”, símbolos, concepções de passado, presente e futuro. O poder político é construído, também, baseado nas representações coletivas que abarca em seu discurso hegemônico, agrupando, para isso, narrativas individuais, obras de arte e literárias, discursos de grupos sociais distintos – os camponeses, os trabalhadores, por exemplo –, memórias, dentre outros.¹⁹⁹ Baczko, apoiando-se no argumento de Gauchet, aponta o imaginário social como uma das forças reguladoras da vida coletiva, afirmando que as referências simbólicas contidas e propagadas por ele não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem à mesma sociedade, mas também definem os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e com as instituições sociais. O imaginário social, no entendimento de Baczko – e no nosso – é uma peça fundamental no controle da vida coletiva e no exercício da autoridade e do poder. No caso mexicano, é evidente o trabalho efetuado pelo Estado e pelos intelectuais a ele atrelados, na construção desse imaginário social, de forma a legitimar as novas relações de poder que se estabeleciam após a Revolução e articular uma coesão social após uma década de guerra civil.

No México, durante a reformulação do imaginário social pós-revolucionário, resgatou-se o passado indígena, principalmente asteca, a valentia deste indígena, colocou-se no presente a idéia do mexicano como o homem valente, que enfrenta a vida, não teme a morte, e trouxe a perspectiva de um futuro promissor no qual o povo mexicano encontraria sua “redenção”. De acordo com Koselleck,²⁰⁰ os conceitos arrastam consigo algumas de suas significações passadas. Nesse sentido, a idéia de “Revolução”, ao menos no caso mexicano, não rompeu completamente com a ideia

¹⁹⁸ FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.398.

¹⁹⁹ BACZKO, Bronislaw. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p.297.

²⁰⁰ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Contraponto, 2006.

cíclica, de revolução dos astros, pois, ainda que ela indicasse a ruptura com o recente passado porfirista, trazia consigo a concepção de um passado mítico, marcado pela força e coragem dos astecas. O México moderno revolucionário era visto como um país de guerreiros, renascido pelo sangue do povo que morreu em combate.

Vários dos elementos pensados por Baczko em relação à Revolução Francesa podem ser usados para pensar a Revolução Mexicana.²⁰¹ A utilização de uma linguagem simbólica no período pós-Revolução serviu para exprimir parte do sonho e das esperanças veiculadas pela Revolução. Toda esta expectativa gerada colaborou para legitimar o novo regime que se instaurava, articulando uma narrativa identitária nacional que visava construir uma cultura homogênea que de fato não existia, como vamos mostrar neste estudo. A legitimação ideológica da Revolução Mexicana, por parte dos governos pós-revolucionários e de alguns intelectuais que colaboraram com eles, foi construída com base nos símbolos da coragem, do guerreiro, do indígena, do popular, da morte, e, principalmente, de justiça social, um dos pilares de sustentação do novo Estado mexicano. Estes eram os elementos “nacionais” por excelência. Foram estampados para todo o povo mexicano durante comemorações públicas, exposições de arte, rituais políticos, como as eleições e posses presidenciais, e em concursos musicais e de arte. Não é nossa intenção aqui analisar a elaboração desta nova identidade como algo maniqueísta e unilateral. Existe de fato uma circularidade entre estas imagens, de maneira que o Estado e os intelectuais buscam nas camadas populares, os elementos para esta formulação identitária. Por outro lado, parte da sociedade mexicana reconhece estes símbolos como elementos “nacionais”, legitimando a nova identidade nacional. Segundo Baczko:

O nascimento e a difusão dos signos imaginados e dos ritos colectivos traduzem a necessidade de encontrar uma linguagem e um modo de expressão que correspondam a uma comunidade de imaginação social, garantindo as massas, que procuram reconhecer-se e afirmar-se nas suas acções, um modo de comunicação. Por outro lado, contudo, esse simbolismo e esse ritual fornecem um cenário e um suporte para os poderes que sucessivamente se instalam, tentando estabilizar-se.²⁰²

É este jogo duplo entre a elite política e a sociedade que confere a legitimidade ao novo regime. O novo Estado consolidou-se em base nacionalista e popular. As camadas populares, principalmente simbolizadas nas figuras do indígena e do mestiço, eram a peça central deste novo imaginário. Trata-se de uma forma oposta de ver a

²⁰¹ BACZKO, Bronislaw. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p.322-324.

²⁰² Idem, p.324.

“cultura popular” à observada no porfiriato, que colocava o indígena em segundo plano na estrutura social.

Durante o porfiriato, não só os indígenas, mas as camadas mais pobres da população, de maneira geral, foram vistas como inferiores. Os chamados “científicos” – grupo de intelectuais que cuidava de legitimar ideologicamente o governo de Porfirio Díaz – atribuíram o atraso civilizatório do país aos setores majoritários, que – do ponto de vista dessas elites – padeciam de “patologias sociais intrínsecas”, que deveriam ser combatidas, de modo a impulsionar a modernização do México. Vários estudos sobre o popular foram levantados, na intenção de buscar descobrir os entraves que detinham o avanço do país. Tais estudos, no entanto, serviram para aumentar ainda mais o abismo que existia entre as camadas mais pobres da população mexicana e as elites políticas e intelectuais no final do século XIX.²⁰³ A lógica cientificista e higienista vigente durante o porfiriato buscou classificar, catalogar e tratar a sociedade tal qual faz um médico com seu paciente. Assim, tratou de separar os ricos e os pobres, a elite e o “povo”, o “limpo” do “sujo”, a “cura” da “doença”.

Durante os anos 1920 esta imagem do popular foi revertida. Valorizou-se o indígena como o principal representante da população mexicana, resgatando para isso o passado pré-hispânico. Esta renovação da imagem do “povo” foi consequência da intensa participação popular durante a Revolução Mexicana. O discurso político identificou o “povo” como o protagonista do movimento revolucionário e como destinatário dos principais benefícios do mesmo. Como afirma Pérez Montfort, ao contrário do que ocorreu durante o porfirismo, durante os governos pós-revolucionários o “povo” – principalmente as camadas mais pobres e marginalizadas – foi identificado com o que o país teria de positivo.²⁰⁴

Após 1917, ainda que as medidas agrárias e trabalhistas não tivessem sido plenamente colocadas em prática, não seria mais possível ignorar as demandas populares na cena política. Na exibição de um México civilizado e democrático, era necessário mostrar imagens de grandes passeatas, do contato do presidente com a população, dos comícios políticos, da posse presidencial em estádios, contando com ampla participação popular, que saudava o presidente empossado. Os rituais e os

²⁰³ PÉREZ MONTFORT, Ricardo. El pueblo y la cultura: del Porfiriato a la Revolución. In: BÉJAR, Raúl y ROSALES, Héctor (coord.). *La identidad nacional mexicana como problema político y cultural*. Nuevas miradas. Cuernavaca: UNAM, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias, 2005, p.59-61.

²⁰⁴ Idem, p.72.

acordos políticos também eram bastante ressaltados, na tentativa de transmitir a imagem de um país no qual a normalidade política e a paz já estavam restauradas.²⁰⁵

A arte popular, enquanto fator de formação da identidade nacional, seria exaltada nas festas nacionais e em exposições, como foi o caso das comemorações do Centenário da Independência, em 1921, e da exposição da Escola Nacional de Belas Artes, na mesma época. Tais exposições não se limitaram apenas ao território mexicano, sendo exibidas em diversos outros países, como maneira de reformular a imagem externa do México, com os mesmos caracteres do que se queria para dentro do país: a ideia de um México que não mais se manifestava pela violência revolucionária, mas sim por uma arte de alto nível estético, na qual o popular, o vernáculo, se encontrava com as mais sofisticadas tendências universais, conjugando a impulsividade e força autóctone com o domínio das formas, proveniente da arte europeia.²⁰⁶

Mas também não podemos pensar a reconstrução simbólica do México apenas do ponto de vista da cooptação dos intelectuais pelo Estado. Muitos intelectuais também buscavam compreender seu país após o caos das batalhas e estavam realmente envolvidos e esperançosos em relação ao futuro do povo mexicano, ao passo que os novos donos do poder estavam interessados em legitimar sua nova forma de conduta política. Os intelectuais se envolveram com a Revolução Mexicana desde o começo das batalhas, quando cada facção presente nas batalhas contava com eles para redigir planos e proclamas próprios, responder os alheios, analisar a política nacional e internacional, responsabilizar-se por questões político-administrativas e dirigir os jornais revolucionários circulantes. Durante a década de 1920, diversos intelectuais ocuparam cargos governamentais importantes, preocupando-se com a reconstrução do país.²⁰⁷ As relações entre os intelectuais e o Estado no México após a Revolução foram caracterizadas por um envolvimento ambíguo, bem expresso por Patricia Funes:

Las relaciones eran funcionales: los caudillos militares necesitaban de los intelectuales (incluso, más modestamente, de los “letrados”) para reconstruir y legitimar el nuevo estado. Por su parte, algunos intelectuales sentía la

²⁰⁵ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940)*. São Paulo: Unesp, 2006.

²⁰⁶ AZUELA DE LA CUEVA, Alicia. Vanguardismo pictórico y vanguardia política en la construcción del Estado nacional revolucionario mexicano. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.) *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol.2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

²⁰⁷ GARCADIAGO, Javier. Los intelectuales y la revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos. (Dir.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol.2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p.33; 36-38.

misión de desmilitarizar un poder que se reproducía y legitimaba por la violencia.²⁰⁸

A relação entre Estado e intelectuais, no caso mexicano, foi articulada em torno de uma dependência mútua. A questão do “problema nacional”, que comoveu uma parte da sociedade, e as demandas de um Estado que buscava reconstruir seu aparato político, cultural e burocrático, reconfiguraram o espaço de atuação dos intelectuais: existiam possibilidades de emprego em embaixadas, ministérios, na direção de revistas, coleções e bibliotecas, de maneira que estes poderiam encontrar uma relativa liberdade de promoção da cultura e de seus ideais, em troca da adesão ao sistema de lealdades imposto pelo Estado sobre eles.²⁰⁹ A nova elite política mexicana incentivou os intelectuais que se dispunham a elogiar o novo regime e, discretamente, decidiu afastar aqueles que não estavam de acordo com as novas diretrizes. De todas as formas, era possível explicar, de maneira exemplar, a intervenção do intelectual no espaço público, ao mesmo tempo em que era formado por este espaço. Nas palavras de Julio Ramos:

Na conjuntura da Revolução, as narrativas legitimadoras deveriam popularizar e democratizar o conceito de cultura. O espaço público do campo podia se ampliar, com a condição de que os escritores adaptassem e promovessem seu discurso de acordo com as necessidades da Revolução. Esclarecemos: não se trata de oportunismo, pelo menos em termos de campo em geral, mas sim do efeito que as lutas sociais têm sobre o campo e seus discursos. Trata-se de exigências sociais às quais o campo responde, renovando-se e autocriticando suas linguagens e parâmetros de valoração, inclusive formal.²¹⁰

Não é possível explicar as relações entre intelectuais e Estado, nem mesmo o projeto cultural pós-revolucionário, sem falar em José Vasconcelos. Membro do Ateneu da Juventude na década de 1910, Vasconcelos ocupou o cargo de reitor na Universidade Nacional entre junho de 1920 e outubro de 1921, e o de Secretário da Educação entre os anos de 1921 e 1924. Durante seu período na Secretaria de Educação Pública, Vasconcelos formulou as bases do novo modelo de educação popular que foi adotado no México. Em contraste com a educação científicista que vigorou durante o porfirismo, o modelo educacional proposto por Vasconcelos fundava-se em bases humanísticas, artísticas e filosóficas, voltadas para uma fusão entre as culturas latino-americana, Espanhola e greco-latina. O ateneísta sabia que a educação era um pilar fundamental

²⁰⁸ FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.111-112.

²⁰⁹ Idem, p.316.

²¹⁰ RAMOS, Julio. *Desencuentros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p.258. Ramos está se referindo à Revolução Mexicana neste trecho.

para consolidar o novo México e, ao levar seu modelo cultural para lugares isolados do país, desejava integrar toda a nação. Também considerava que a educação era a única maneira de combater o militarismo e o caciquismo, considerados, por Vasconcelos, os grandes males do país.²¹¹

Vasconcelos convocou os professores do México a uma cruzada para alfabetizar a parte da população que não lia e escrevia e, muitas vezes, sequer falava o espanhol – as etnias indígenas mais afastadas dos centros urbanos –, fundou bibliotecas e escolas em vários povoados, buscou incentivos para que o Estado editasse e distribuisse gratuitamente clássicos da filosofia e da literatura.²¹² O secretário de Educação também atraiu o apoio de vários intelectuais para o seu projeto educacional. Convocou os muralistas para pintarem em edifícios públicos, com pinturas de caráter pedagógico e que representavam o mexicano “comum”, ou mesmo a história do México e as batalhas da Revolução; contou com a colaboração de ex-companheiros ateneístas, como o filósofo Antonio Caso (1883-1946), que se tornou reitor da Universidade Nacional, e Pedro Henríquez-Ureña (1884-1946), que foi chefe do Departamento de Intercâmbio Universitário, além de incorporar os jovens do grupo vanguardista Contemporâneos, sendo Jaime Torres Bodet o destaque, pois, apenas com 20 anos era o secretário particular de Vasconcelos e o encarregado do Departamento de Belas Artes.²¹³ Ainda que o governo de Plutarco Elias Calles tenha apresentado um modelo educacional distinto do de Vasconcelos, voltando-se para uma educação mais técnica que humanista, o projeto do filósofo ateneísta deixou um legado que durou ao menos até meados do século XX.

2.2. Mariano Azuela: o retorno ao México, as dificuldades financeiras e a mudança de estilo a partir de *Los de abajo*

Enquanto o novo governo era erigido, Mariano Azuela voltou ao México e restabeleceu suas atividades como médico e escritor. Não existem muitos registros sobre as condições de seu retorno ao México. Enquanto Mariano Azuela estava em El

²¹¹ CRESPO, Regina Aída. *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH-USP, 1997.

²¹² GARCADIÉGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos. (Dir.). *Historia de los intelectuales en America Latina*. Vol.2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p.35-36.

²¹³ GARCADIÉGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos. (Dir.). *Historia de los intelectuales en America Latina*. Vol.2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p.36.

Paso, a comunicação com a família parecia precária. Em uma carta enviada a sua esposa, Carmen Azuela, de 10 de novembro de 1915, Azuela conta que havia solicitado um pedido de anistia ao governo de Jalisco, para poder voltar ao México.²¹⁴ Em *Retrato hablado*, os filhos do escritor nos fornecem poucas informações, porém suficientes para ilustrar as incertezas ocasionadas por estes anos conturbados. Salvador Azuela afirma que, após o pai sair do México, a família ficou sem notícias do escritor, até o dia em que receberam uma carta proveniente de Chihuahua na qual Mariano Azuela contou como havia chegado até este estado.²¹⁵ O escritor voltou a Guadalajara e reencontrou sua família nos primeiros dias de janeiro.²¹⁶ Segundo Carmen Azuela (filha), o romancista teve dificuldades em encontrá-los quando chegou à cidade, devido às frequentes mudanças de casas efetuadas pela família, de modo a fugir dos carrancistas.²¹⁷ Este conturbado período da vida de Mariano Azuela no México nos dá uma ideia das dificuldades – financeiras, políticas, de deslocamento – enfrentadas por vários mexicanos durante os anos da Revolução.

Mariano Azuela seguiu escrevendo obras nas quais buscava mostrar as consequências da Revolução, como *Los caciques* (1917), *Las moscas* (1918) e *Las tribulaciones de una familia decente* (1918), todas elas enfatizando a corrupção, o personalismo e o oportunismo de vários “revolucionários de última hora”. Era bastante evidente o desprezo de Azuela por Carranza, cujo exército era sempre representado de maneira negativa, muitas vezes através do apelido de “carranclanes”, usado pela oposição.

Outro aspecto dessa fase da vida de Azuela a ser ressaltado é que, após a escrita de *Andrés Pérez, maderista* e principalmente após *Los de abajo*, o escritor mudou o estilo literário, acrescentando um tom simbólico ao realismo-naturalismo já presente nas obras passadas. Uma análise desses elementos estéticos é importante para uma melhor compreensão dos textos de Azuela. É preciso deixar claro que o escritor nunca abandonou suas referências do realismo-naturalismo francês: Zola, Flaubert, os irmãos Goncourt. A análise de Eliud Martínez, em seu livro *Mariano Azuela y la altura*

²¹⁴ Carta de Mariano Azuela a Carmen Azuela, datada do dia 10 de novembro de 1915. In: *Mariano Azuela. Correspondencia y otros documentos*. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.189.

²¹⁵ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Retrato hablado*. Una evocación familiar de Mariano Azuela. In: BERLER, Beatrice (org.) *Mariano Azuela. Correspondencia y otros documentos*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.64.

²¹⁶ Idem, p.65.

²¹⁷ Idem, ibídem.

de los tiempos, é bastante clara nesse sentido. Segundo Martínez, sobre a admiração de Mariano Azuela em relação ao naturalismo francês: “Las normas y principios proclamados por el resto de su vida son, em cada oportunidad, eco de muchas declaraciones de Balzac y Zola, escritores por quienes y con quienes siente una mayor afinidad”²¹⁸. O próprio Mariano Azuela, pelos anos de 1950, reiterou sua admiração pelo naturalismo francês:

Honorato de Balzac elevó la novela – como fiel y bella reproducción de la vida de los pueblos a la categoría de gran arte. Antes de Balzac cualquier autor digno se sentía deprimido si se le llamaba novelista. Ciertamente no tengo nada que agregar a tanto y tanto que se ha dicho y escrito sobre este genio universal; pero mi fervorosa admiración por él justifica el deseo de unir mi débil voz en el coro de alabanzas que le está cantando el mundo.²¹⁹

O trecho acima é parte de uma conferência dada no Colégio de México em 1950. É uma homenagem de Mariano Azuela aos cem anos da morte de Balzac. O fato de que os temas das conferências eram escolhidos livremente pelos palestrantes já indicaria o interesse de Azuela por Balzac. Ainda assim, cabe dizer aqui que o texto é repleto de elogios, considerando a Balzac como o “novelista más grande de todos los tiempos”²²⁰. Jorge Ruffinelli aponta os elementos deixados pelo naturalismo francês que continuaram presentes por longo tempo na literatura mexicana:

El naturalismo francés há dejado en la novela una gran cantidad de sus rasgos: a) la influencia del medio ambiente sobre el carácter; b) la correspondencia (natural) entre fealdad física y fealdad espiritual (o sus opuestos); c) la visión de la realidad como un “estercolero”; d) la noción de herencia, que en general posee connotaciones negativas; e) la fuerza poderosa del instinto opuesta a los valores de la civilización y la “educación”.²²¹

No entanto, como foi dito, a partir de *Andrés Pérez, maderista*, Mariano Azuela passou a mudar seu estilo de escrita. Nos chamados “romances da Revolução Mexicana”²²² observa-se a apropriação de elementos típicos do teatro e do cinema, como os saltos temporais efetuados ao longo das narrativas e nas mudanças de locais sem avisar minimamente o leitor. Jorge Ruffinelli ressalta a diferença estilística entre

²¹⁸ MARTÍNEZ, Eliud. *Mariano Azuela y la altura de los tiempos*. Guadalajara: Gobierno del Estado de Jalisco. Secretaría General de Gobierno, Unidad Editorial, 1981, p.113.

²¹⁹ AZUELA, Mariano. *Grandes novelistas*. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.III, pág.812.

²²⁰ Idem, *ibidem*.

²²¹ RUFFINELLI, Jorge. *Literatura e ideología: el primer Mariano Azuela (1896-1918)*. México, D.F.: Ediciones Coyoacán, 1994, p.17.

²²² Aqui não estamos tratando do subgênero “novela da Revolução Mexicana” e sim do ciclo de romances de Mariano Azuela cujo tema é a década de batalhas da Revolução Mexicana. São eles: *Andrés Pérez, maderista* (1911), *Los de abajo* (1915), *Los caciques* (1917), *Las moscas* (1918) e *Las tribulaciones de una familia decente* (1918).

Los de abajo e os romances escritos anteriormente por Azuela. O relato é mais vivo, rápido. Não há lugar para descrições morosas e para frases polidas. Existe uma economia narrativa que dá lugar a cenas rápidas de pura ação.²²³ É significativa a análise feita por Ruffinelli sobre a mudança de perspectiva de Azuela em *Andrés Pérez, maderista* e *Los de abajo*:

Con estas dos novelas Azuela se sacude del pesado bagaje del naturalismo en su vertiente costumbrista; ya no se trata de establecer el cuadro de la realidad entorno y realizar una disección que pudiera ser más o menos crítica; ya no se trata de enjuiciar a las burguesías provincianas, ni de contar el desarrollo patético de las vidas de sus “heroínas” en un medio social apático, donde todo está congelado por el inmovilismo conservador típico de la vida de pueblo.²²⁴

É preciso fazer algumas considerações sobre esta suposta “ruptura” de Mariano Azuela com o naturalismo-realismo francês. Como estamos afirmando, o escritor nunca abandonou totalmente as características literárias desse tipo de romance. Se, de fato, Azuela deixou de ser o escritor que se pretendia imparcial e observava a realidade à distância, e passou a adotar uma posição ativa de crítica política e social, ele ainda mantinha a importância do meio ambiente na determinação do caráter, a noção de herança quase sempre associada a conotações negativas e a força do instinto oposta aos valores da “civilização” e da “educação”. Ruffinelli afirma a presença desses elementos em *Andrés Pérez, maderista*,²²⁵ mas também podemos enxergá-los em *Los de abajo*. Tais elementos são evidentes na maneira como Azuela constrói suas personagens, todas praticantes de atitudes “bárbaras”, “selvagens”, produto de um meio violento, levando o leitor a pensar que, vivendo em um meio marcado pela brutalidade e pela injustiça social, tais personagens não poderiam atuar de maneira diferente. A noção de uma “herança maldita” está bem expressa nas palavras da personagem Alberto Solís, que representa a visão de Mariano Azuela sobre a Revolução Mexicana:

– Lástima que lo que falta no sea igual. Hay que esperar un poco. A que no haya combatientes, a que no se oigan más disparos que los de las turbas entregadas a las delicias del saqueo; a que resplandezca diáfana, como una gota de agua, la psicología de nuestra raza, condensada en dos palabras: ¡robar, matar! ... ¡Qué chasco, amigo mío, si os que venimos a ofrecer todo nuestro entusiasmo, nuestra misma vida por derribar a un miserable asesino, resultásemos los obreros de un enorme pedestal donde pudieran levantarse

²²³ RUFFINELLI, Jorge. *Literatura e ideologia: el primer Mariano Azuela (1896-1918)*. México, D.F.: Ediciones Coyoacán, 1994, p.67.

²²⁴ Idem, p.53.

²²⁵ Ruffinelli, ainda que ressalte e valorize as mudanças estilísticas em *Andrés Pérez, maderista*, não deixa de mostrar que a obra ainda apresenta diversas tendências do naturalismo e mesmo do darwinismo social.

cien o doscientos mil monstruos de la misma especie!... ¡Pueblo sin ideales, pueblo de tiranos!... !Lástima de sangre!²²⁶

A partir do trecho acima, pode-se notar que, para Azuela, o fracasso da Revolução também teria sido decorrência de uma “herança psicológica” que determinaria as ações de “roubar” e “matar” dos revolucionários, responsáveis por “desviar” a Revolução dos caminhos que Mariano Azuela tinha como ideais. Essa mistura de naturalismo-realismo, e mesmo de uma concepção evolucionista, com uma tomada de posição política crítica, expressa diversas vezes em passagens que excedem o realismo, alcançando níveis simbólicos que extravasam a simples apresentação da realidade,²²⁷ indica que Mariano Azuela era um homem que viveu em tempos de mudanças, encontrando-se em meio a duas maneiras de ver o mundo distintas: a evolucionista darwinista-social prevalecente durante o porfiriato, na qual vigorava a falsa noção de estabilidade social, baseada na repressão do governo aos seus opositores, e o convulsionado estado de revolução social que atingiu o México a partir de 1910. Mariano Azuela compreendeu que já não podia mais analisar a sociedade de maneira distante, imparcial, como um médico descrevendo os sintomas de uma doença, mas sim que deveria participar do mundo político a partir da literatura, tomando uma posição ativa de crítica ao que via de negativo na Revolução.

O último ponto, a oposição entre “educação” e “barbárie”, encontra-se presente em algumas passagens de *Los de abajo*. Duas delas são emblemáticas: a primeira, quando La Codorniz compra uma máquina de escrever “Oliver” por vinte e cinco centavos e, a segunda, quando o grupo de Demetrio Macías ocupa uma luxuosa casa, pouco depois da vitória em Zacatecas. Em relação à primeira situação, La Codorniz compra por um baixíssimo preço uma máquina de escrever que na mesma manhã havia custado dez pesos e foi passando de dono em dono, desvalorizando-se cada vez mais, até atingir o preço pago pela personagem.²²⁸ La Codorniz, instantes após comprá-la, a destrói. Não é preciso muito esforço para compreender que a máquina de escrever representa a cultura letrada, o papel do escritor, do intelectual, a “educação”, símbolos antagônicos à brutalidade, à “barbárie” dos revolucionários. A máquina de

²²⁶ AZUELA, Mariano. *Los de abajo*. Ed. Crítica. Madrid: ALLCA XX, 1996, p.71-72.

²²⁷ A título de exemplo do simbolismo presente na obra de Mariano Azuela, apontamos o caráter circular de *Los de abajo*, ou seja, o fato de que o romance termina no mesmo lugar em que começou, com a diferença que neste momento final, as tropas de Demetrio estão decadentes, o que indica a insatisfação do escritor quanto à Revolução Mexicana.

²²⁸ AZUELA, Mariano. *Los de abajo*. Ed. crítica. Madrid: ALLCA XX, 1996, p.64.

escrever não tinha qualquer função para aqueles que apenas conheciam o trabalho pesado do campo e os sangrentos combates do campo de batalha. Muitas vezes ela significava um peso muito grande para ser carregado pelos revolucionários.

A segunda situação, a ocupação da casa luxuosa, é repleta de cenas que contrapõem a “brutalidade” camponesa – tal como via Mariano Azuela – com o ambiente sofisticado da casa. Porém, uma cena se destaca em meio ao conjunto: a depredação de um luxuoso exemplar da *Divina Comédia* de Dante Alighieri. Uma prostituta, menor de idade, que acompanhava La Codorniz, ao encontrar o exemplar, arranca as lâminas que continham as ilustrações da obra que mais lhe agradavam.²²⁹ Nessa cena, encontra-se claramente a oposição entre a “barbárie” e a “civilização”. Apesar do escritor não entrar em detalhes quanto à formação da personagem, pode-se facilmente deduzir que, como grande parte da população pobre mexicana daquele período, tratava-se de um jovem analfabeto (La Codorniz é um homem) que, incapaz de compreender os códigos da escrita, encantou-se com as imagens contidas na obra de Dante, separando-as do restante do livro, para ela sem importância.

Apesar de toda a sofisticação literária de Mariano Azuela, e de seu romance tão em dia com o clima político mexicano da década de 1910, seus livros não tiveram impacto na crítica mexicana. No que toca à Revolução Mexicana, ela ainda não tinha ganhado força nas obras literárias produzidas no país, ainda que algumas poucas obras a tivessem abordado enquanto tema, sendo que os escritores mexicanos estavam mais preocupados em retratar o passado colonial do que o presente revolucionário.²³⁰

Jorge Ruffinelli aponta algumas explicações para o desconhecimento, pelo público, de Mariano Azuela e *Los de abajo*. A primeira coisa a se levar em consideração foi que *Los de abajo*, entre 1916 e 1920, teve apenas duas edições em livro, uma feita por Gamiochipi e a da Tipografia Razaster de 1920, na qual Azuela já havia feito modificações. A edição em folhetim, publicada em El Paso, tinha o paradeiro desconhecido pelo próprio escritor.²³¹ Tais fatos, somados à conturbada situação política mexicana durante a década de 1910, inviabilizavam a difusão de obras literárias, bem como estavam longe de fornecer um ambiente propício para as discussões de

²²⁹ Idem, p.80.

²³⁰ Estas questões foram discutidas por John Brushwood, em seu livro *México en su novela*. México. Fondo de Cultura Económica, 1973.

²³¹ Nas palavras do próprio Mariano Azuela: Nunca he sabido el fin de los mil ejemplares que de mi novela le dejé al señor Gamiochipi, dueño de *El Paso del Norte*, pero lo que sé muy bien es que le sigo debiendo sus doce dólares. AZUELA, Mariano. *Los de abajo* [I]. In: AZUELA, Mariano. *Los de abajo*. Ed. Crítica, 2. ed., Madrid: ALLCA XX, 1996, p.331.

caráter intelectual. O outro aspecto a ser levado em consideração é o centralismo da cultura mexicana. A capital do país era o local no qual os artistas mexicanos debatiam, criavam e difundiam os temas principais da cultura e da intelectualidade mexicana. É o lugar no qual deveriam passar os artistas que queriam se tornar vistos e conhecidos por todo o país. Como afirma Ruffinelli, ainda que no país existam outras cidades consideradas “cultas” – Guanajuato, Guadalajara, Morelia, Jalapa –, a cultura se consagra na capital e se difunde a partir dela.²³² A Cidade do México exerce um caráter autoritário no que toca à cultura e à política, atraindo e concentrando os intelectuais mexicanos que para lá migram em busca de reconhecimento. Segundo Ruffinelli:

Es, pues, un centralismo funcional que la costumbre ha ayudado a fortalecer, y un mito del que los mismos escritores, al desplazarse hacia ese centro voraz, se han hecho responsables. De ahí que, si bien la Revolución constituyó un fenómeno transitorio, la centralización cultural en cambio se haya convertido en un rasgo permanente. Una novela publicada en El Paso y reeditada en Tampico, tenía que naufragar en la desatención y el olvido.²³³

Estar na Cidade do México era importante, mas não garantia o reconhecimento. Era preciso também integrar-se aos grupos intelectuais da capital. Mariano Azuela mudou-se para a Cidade do México em 1916, mas passou dificuldades econômicas e manteve-se distante da intelectualidade mexicana. A família de Azuela vendeu todos os bens que tinham em Guadalajara. Segundo Carmen Azuela (filha) enquanto seu pai se mudou para a Cidade do México, sua mãe ficou em Guadalajara, onde se desfez dos bens da família, deixando apenas o material cirúrgico e médico de Mariano Azuela, indispensável para que o médico pudesse trabalhar na capital. Quando finalmente toda a família pode se reunir na Cidade do México, ainda no ano de 1916, foi publicado o decreto do governo que desconhecia todo o papel moeda circulante, em especial o que se fazia nos estados.²³⁴ A família ficou na mais absoluta pobreza.²³⁵ Este foi um fato corrente para diversos mexicanos durante aquela época. A mudança para a capital foi acompanhada de uma miséria terrível. Segundo o relato de seus filhos, Azuela alugou um apartamento localizado da rua Comonfort, número 105, escuro, frio, estreito e úmido que carecia inclusive de camas.

²³² RUFFINELLI, Jorge. La recepción crítica de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano. RUFFINELLI, Jorge (org.) *Los de abajo*. Ed. Crítica. Madrid: ALLCA XX, 1996, p.232.

²³³ Idem, *ibídem*.

²³⁴ Durante os anos de combate, diversas facções revolucionárias tiveram sua própria moeda, que não valiam fora de suas zonas de influência. Com certeza, tal decreto foi dado em função de organizar a economia do país.

²³⁵ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Retrato hablado*. Una evocación familiar de Mariano Azuela. In: BERLER, Beatrice (org.) *Mariano Azuela*. Correspondencia y otros documentos. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.66.

É preciso aclarar algumas questões sobre a edição de *Los de abajo* pela Tipografia Razaster. Mariano Azuela fez modificações importantes sobre a versão original, publicada em folhetim. Nessa nova versão – que foi a lida pelos polemistas de 1925 –, o olhar negativo sobre a Revolução foi intensificado ainda mais. As mudanças ocorreram principalmente na última parte da obra, que mostra o regresso das tropas de Demetrio Macías, villista derrotado, a Juchipila, onde se inicia o romance. Azuela adicionou cenas que reforçam o abatimento dos soldados, incluiu uma cena na qual eles se encontram com outros soldados villistas desertores, que lhes contam sobre as derrotas de Villa, a decadência de Juchipila, os soldados sem braços e mancos e o descontentamento entre a tropa, agora cheia de soldados antes pertencentes ao exército federal. Azuela também introduz uma personagem chamada Valderrama, em homenagem a seu amigo José Becerra. Ao colocar Valderrama na trama, Azuela agregou um tom de melancolia ao romance. É Valderrama quem consola Demetrio, quando o líder, consciente do mal estado de suas tropas, deseja chorar. As frases de Valderrama para Demetrio nesta ocasião são exemplos dessa melancolia: “–!Cómaselas!... !Esas lágrimas son muy bellas!” e “–!Y he ahí cómo los grandes placeres de la Revolución se resolvían en una lágrima!...”.²³⁶ Outra passagem interessante, na qual Valderrama contribui para o caráter desencantado do livro é a seguinte:

Valderrama, sin oír a nadie, reza su oración solemnemente:
–! Juchipila, cuna de la Revolución de 1910, tierra bendita, tierra regada con sangre de mártires, con sangre de soñadores... de los únicos buenos!...
– Porque no tuvieron tiempo de ser malos – completa la frase brutalmente u no oficial ex federal que va pasando.

A passagem acima apresenta como a introdução de Valderrama na última parte acentua a decadência das tropas de Demetrio e, conseqüentemente da Revolução. Juchipila, onde começa o romance, também é o ponto no qual ele termina. Todos os homens bons que morreram aí, os homens do “povo”, só foram bons porque o tempo e o poder não os corromperam. O fato de ser um oficial ex-federal quem escuta e responde Valderrama, acrescentou um tom ainda mais amargo à cena, além de evidenciar a corrupção nas próprias tropas de Demetrio.

²³⁶ AZUELA, Mariano. *Los de abajo [I]*. AZUELA, Mariano. *Los de abajo* Ed. crítica. Madrid: ALLCA XX, 1996, p.131.

O ponto de vista de Azuela sobre a Revolução está representado através da personagem Alberto Solís,²³⁷ que já conhecia Luis Cervantes desde quando este último publicava artigos contrários aos ideais revolucionários nos jornais *El País* e *El Regional*.²³⁸ Alberto Solís, em conversas com Luis Cervantes, já se mostrava muito desiludido com a Revolução:

–“Yo pensé una florida pradera al remate de un camino... Y me encontré un pantano”. Amigo mío: hay hechos y hay hombres que no son sino pura hiel... Y esa hiel va cayendo gota a gota en el alma, y todo lo amarga, todo lo envenena. Entusiasmo, esperanzas, ideales alegrías..., ¡nada! Luego no le queda más: o se convierte usted en un bandido igual a ellos, o desaparece de la escena, escondiéndose tras las murallas de un egoísmo impenetrable y feroz.²³⁹

Ao refletir sobre a razão para continuar lutando na Revolução, Solís profere uma das falas mais emblemáticas do romance: “Me preguntará que por qué [sic] sigo entonces en la revolución. La revolución es el huracán, y el hombre que se entrega ella no es ya el hombre, es la miserable hoja seca arrebatada por el vendaval...”²⁴⁰ *Los de abajo* é um texto no qual a desilusão de Azuela se faz mais presente que em *Andrés Pérez, maderista*. Para ele, no romance, toda a Revolução se convertia em egoísmo, roubos e morte.

Com a pouca repercussão de suas obras, Mariano Azuela decidiu mudar seu estilo de escrita, tentando se adequar às novas tendências literárias europeias, incorporando uma das novidades da época a seus textos: o fluxo de consciência. Todas as obras produzidas por Azuela até o final da década de 1910 apresentavam personagens pouco trabalhadas do ponto de vista psicológico. As personagens desenvolvidas pelo escritor costumavam ser rígidas, muitas vezes demasiado simples, com exceção de algumas poucas, como Andrés Pérez e Demetrio Macías, que apresentavam alguma ambiguidade. Com as obras *La malhora* (1923), *El desquite* (1925) e *La luciérnaga* (1932), Mariano Azuela passou a valorizar o desenvolvimento interno das personagens, através do fluxo de consciência. Do ponto de vista literário, essas obras são as mais complexas de Azuela e requerem muita atenção do leitor nos diálogos e no acompanhamento da trama, pois estão repletas de saltos temporais que dificultam a

²³⁷ Azuela afirma isso diretamente “Mi situación fue entonces la de Solís en mi novela”. AZUELA, Mariano. *Los de abajo* [II]. In: AZUELA, Mariano. *Los de abajo*. Ed. crítica. Madrid: ALLCA XX, 1996, p.326.

²³⁸ Apesar de ser uma obra de ficção e estas personagens nunca terem existido na realidade, estes jornais sim existiram e eram anti-revolucionários.

²³⁹ AZUELA, Mariano. *Los de abajo* [I]. In: AZUELA, Mariano. *Los de abajo*. Ed. Crítica. Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.61.

²⁴⁰ Idem, p.62.

localização das ações desenvolvidas na narrativa. A realidade interna, a consciência das personagens, prevalecem sobre a realidade externa. Se *Andrés Pérez, maderista* e *Los de abajo* já apresentavam mudanças significativas no estilo da narrativa, nessas três obras estas são ainda maiores, sendo Azuela o responsável pelos romances mais modernos de sua época. Esses três romances demonstram que Azuela tinha acompanhado o desenvolvimento da literatura europeia e buscado adequar sua narrativa a essas novas tendências. Segundo Eliud Martínez:

Tendencias europeas tales como cubismo, futurismo, imaginismo, dadaísmo, surrealismo y estridentismo mexicano, dejan su marca en las tres novelas modernas en: la estructura narrativa fragmentada y descontinuada, la supresión de conectivas sintácticas, el énfasis en la imagen, el destronamiento y reensamble de formas para crear nuevas estructuras, la dislocación y sobreposición del tiempo y la simultaneidad, así como la atención dada al dinamismo de la tecnología y la vida moderna.²⁴¹

Outra mudança importante que pode ser observada nessas obras é que o tema da Revolução, presente nos romances anteriores de Azuela, foi deixado de ser abordado diretamente, sendo que as críticas do autor passaram a ser dirigidas, principalmente, aos problemas sociais típicos de uma cidade grande, decorrência da mudança de Azuela para a Cidade do México. Os temas apresentados nessas obras estão relacionados à vida nos bairros pobres da capital mexicana, como a prostituição, a violência e o alcoolismo.²⁴²

Não é nossa intenção analisar profundamente cada um desses romances. Eles nos interessam enquanto conjunto, para mostrar uma relativa mudança de olhar de Mariano Azuela, com um enfoque mais crítico no social, resultado de sua mudança para uma zona pobre da Cidade do México. De forma bastante resumida, *La malhora* narra a história de Altagracia, uma prostituta que se torna viciada ao álcool e às drogas. *El desquite* é a história de Lupita, personagem que se casa por interesse – incentivada por sua mãe –, com Blas, um rico e corrupto homem de negócios, cujo irmão é adotado pelo casal e posteriormente trama contra o casal, buscando ficar com o dinheiro de Blas. *La luciérnaga*, publicado em 1932, mas escrita em 1926, narra as desventuras de Dionísio e Conchita, um casal que, ao herdar uma herança – cuja distribuição foi desigual, ficando o irmão de Dionísio, José Maria, com a maior parte do dinheiro, omitindo a outra parte

²⁴¹ MARTÍNEZ, Eliud. *Mariano Azuela y la altura de los tiempos*. Guadalajara: Gobierno del Estado de Jalisco. Secretaría General de Gobierno, Unidad Editorial, 1981, p.108.

²⁴² Idem, p.119.

do irmão –, se muda para a Cidade do México e perde rapidamente suas economias, vítimas da desonestidade dos capitalinos e do governo corrupto.

Ainda que mais elaboradas do ponto de vista literário, essas três obras de Azuela são bastante herméticas e tampouco tiveram algum sucesso de crítica. Das três obras mencionadas, apenas *La luciérnaga* apresenta uma estrutura mais clara, assim como uma crítica ao governo pós-revolucionário. O próprio Mariano Azuela, em suas páginas autobiográficas, revela rejeição por esses romances:

Después del éxito incompleto de *La luciérnaga*, obra en la que – como acertadamente lo ha escrito uno de esos críticos ramplones que creen que el genio estriba en retorcer palabras y frases – me fugué de mí mismo, hice un serio y detenido examen de conciencia y me sentí pecador. Tuve una sensación de vergüenza de haber incurrido en el truco tan sobado ahora de martirizar las palabras, para dárselas de inteligente, ingenioso y agudo.²⁴³

Para Mariano Azuela, ao adotar as técnicas narrativas em voga na Europa durante os anos 1920 e escrever romances mais complexos do ponto de vista narrativo, ele se distanciava da função de escritor popular que tanto admirava em Balzac. As palavras e construções temporais sofisticadas passaram a ser vistas por Azuela como uma maneira esnobe e pretensiosa por parte dos escritores modernos de simular inteligência e elitismo intelectual.

Los de abajo foi a obra que tornou Mariano Azuela conhecido pela crítica e que o consagrou como escritor dentro e fora do México. Mas o reconhecimento, como já afirmamos no capítulo 1, só veio após dez anos de escrito o romance. Antes de discutir a “descoberta” de Mariano Azuela e *Los de abajo* pelos intelectuais mexicanos, é necessário analisar as ideias circulantes durante a reconstrução da identidade nacional mexicana.

2.3. A “descoberta” de *Los de abajo*

O protagonismo da nova intelectualidade surgida após os conflitos armados, e o novo modelo cultural humanístico, foram fatores fundamentais para que o nome de Mariano Azuela se tornasse conhecido. Foi justamente durante um embate intelectual que *Los de abajo* foi apontado como “o romance da Revolução Mexicana”. Como

²⁴³ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (II). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III, México, D.F., 1960, p.1118.

afirmou Jean-François Sirinelli,²⁴⁴ as polêmicas são como “termômetro” para avaliar o ambiente de efervescência cultural de um país. No México, a década de 1920 foi marcada por várias polêmicas, sendo a literária, entre o final de 1924 e o começo de 1925, a maior delas. A questão literária serviu de fundo para uma discussão de cunho político-ideológico que ia muito além do estético.²⁴⁵

Os grupos vanguardistas tiveram uma participação importante no debate literário. Entre estes, estavam os Contemporâneos e os Estridentistas.²⁴⁶ A literatura vanguardista buscava rechaçar os velhos parâmetros de se fazer arte, principalmente aqueles vinculados a uma concepção mais acadêmica e elitista. No campo artístico, a arte vanguardista se apropriava de alguns elementos da cultura popular e os adequava a uma linguagem mais hermética, cuja compreensão exigia do receptor um conhecimento mais aprofundado sobre o campo. Em um artigo publicado no jornal *El Universal*, intitulado “La influencia de la Revolución en nuestra literatura”, assinado por José Corral Raigán – que, na verdade, era um pseudônimo que escondia as assinaturas de Febronio Ortega, Carlos Noriega Hope e Arqueles Vela –, o nome de Mariano Azuela foi apontado como um “futuro grande novelista” da Revolução.²⁴⁷ O artigo tinha a intenção de defender o movimento estridentista da acusação de “europeísmo”, enfatizando o caráter nacionalista do movimento e sua vinculação substantiva com a Revolução Mexicana.²⁴⁸ A necessidade de defesa dos vanguardistas – defensores de uma arte independente da esfera política – demonstra o momento de exacerbada efervescência política e ideológica da década de 1920.

O artigo de assinatura duvidosa deu início a uma grande polêmica, e Julio Jiménez Rueda, após um mês, respondeu no mesmo jornal, através de um artigo provocador: “El afeminamiento de la literatura mexicana”. Segundo Jorge Ruffinelli:

²⁴⁴ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: *Por uma história política*. 2ª edição. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2003, p.249.

²⁴⁵ Víctor Díaz Arciniega apresenta um excelente estudos sobre as polêmicas literárias e jurídicas no cenário político mexicano de meados da década de 1920. DÍAZ ARCINIEGA, Victor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

²⁴⁶ Esses grupos vanguardistas eram parecidos ao movimento modernista no Brasil. Apresentavam propostas anti-academicistas, iconoclastas e esteticamente universalistas. Consistiam de uma apropriação dos movimentos vanguardistas surgidos na Europa no final do século XIX e começo do século XX, como o surrealismo, o dadaísmo e o futurismo. Enquanto os Estridentistas valorizam a cultura popular, misturando-a com as novidades artísticas européias, principalmente o futurismo, o grupo dos Contemporâneos buscava se voltar para uma arte mais cosmopolita, inspirada na Europa e nos Estados Unidos.

²⁴⁷ RUFFINELLI, Jorge. La recepción crítica de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano. RUFFINELLI, Jorge (org.) *Los de abajo*. Ed. Crítica. Madrid: ALLCA XX, 1996, p.233.

²⁴⁸ RUFFINELLI, Jorge. Los de abajo y sus contemporáneos. Mariano Azuela y los límites del liberalismo. In: *Literatura mexicana*. Vol.I, nº1, México, D.F: UNAM, 1990, p.46.

El sexismo y el machismo de los mores intelectuales y cotidianos mexicanos, incrementados por la violencia masculina de la revolución, eran el talón de Aquiles para una *intelligentsia* trastornada todavía por esa misma violencia, y una provocación a la compleja elaboración de la imagen propia.²⁴⁹

A palavra “virilidade”, de emprego habitual na linguagem burocrática mexicana, remetia à ideia de fortaleza, hombridade, decisão, compromisso, entrega e mesmo “revolucionário”, à Revolução.²⁵⁰ Ao serem usadas na literatura, as palavras “afeminado” e “viril” tornaram-se tentativas de formar categorias estéticas para valorizar as obras produzidas no campo cultural mexicano. Como aponta Arciniega, essas categorias não servem para avaliar uma obra literária e muitas vezes eram usadas para atacar ou defender as pessoas e não as obras. O combate a uma literatura “afeminada” não esteve livre de contradições: o “estridentista” Maples Arce, deputado em 1932, chegou a pedir na Câmara uma ação legal contra os “maricones” e “pederastas” que se “amparavam” sob a crescente publicidade de Proust e Gide.²⁵¹

Tem início uma polêmica na qual se manifestaram diversos intelectuais como Francisco Monterde, Victoriano Salado Alvarez, Federico Gamboa, Salvador Novo, Enrique González Martínez, José Vasconcelos e o próprio Mariano Azuela. É preciso pensar que, apesar de ser uma polêmica literária, a situação pela qual o país passava a transpunha para o plano político, sendo que os artigos publicados muitas vezes eram permeados por ataques pessoais e não literários. Victor Díaz Arciniega aponta para o caráter mais político que estético da discussão:

Es evidente que la polémica no es de índole rigurosamente estética literaria. El calificativo de “afeminamiento” devela intereses individuales y prejuicios homofóbicos; estas cualidades animan acaloradamente la discusión. Asimismo, la demanda de hacer una literatura “viril” y “mexicana” entraña la necesidad de crear una obra acorde con las circunstancias sociales, políticas e históricas.²⁵²

Patricia Funes apresenta argumentos próximos dos de Díaz Arciniega ao mencionar a polêmica literária no México: de um lado, o grupo dos nacionalistas, que defendiam uma literatura voltada para os problemas nacionais e sociais – “viril”, como eles afirmavam –, e, por outro lado, os grupos vanguardistas, os Contemporâneos e os

²⁴⁹ RUFFINELLI, Jorge. *La recepción crítica de Los de abajo*. AZUELA, Mariano. RUFFINELLI, Jorge (org.) *Los de abajo*. Ed. Crítica. Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro, Lima: ALLCA XX, 1996, p.233.

²⁵⁰ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989, p.57.

²⁵¹ FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.318.

²⁵² DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989, p.16.

Estridentistas, que defendiam uma arte iconoclasta, “universal”, alinhada às vanguardas europeias – que, diga-se de passagem, não se viam como “afeminados”. No entanto, Funes mostra que esta discussão já vinha se formando antes da polêmica tomar corpo, quando, em 1923 se reuniu o Congresso de escritores e Artistas. Segundo Funes, as discussões desse congresso foram de duas índoles: a questão trabalhista e a função de escritores e artistas no novo cenário, e a segunda, a reflexão sobre as orientações culturais da Revolução. Do ponto de vista literário, os escritores e críticos começaram a se dividir, sendo que aqueles que defendiam a popularização das produções literárias, assim como um escritor menos contemplativo do passado e da subjetividade, que abandonasse a “torre de marfim” e “se dirigisse ao povo”, para ensinar e aprender com ele, se opuseram aos escritores que defendiam uma autonomia estética, uma “arte pela arte”.²⁵³

O nome de Mariano Azuela passou a ganhar relevância quando Francisco Monterde respondeu a Jiménez Rueda em um artigo de entonação sexista intitulado “Existe una literatura viril”, em dezembro de 1924, no qual relatou as penosas condições de trabalho e difusão intelectual no México, além da pouca atenção que os críticos davam à literatura nacional. Também ressaltou os problemas de custo e venda dos livros, a falta de contato do público mexicano com as obras produzidas no país e a valorização dos escritores estrangeiros. E, ao mencionar um exemplo de literatura mexicana “viril”, Monterde apontou Mariano Azuela e sua obra *Los de abajo*. Para Monterde, Azuela, escritor até então desconhecido, era “o romancista da Revolução Mexicana”.²⁵⁴ Iniciou-se assim, uma discussão em torno de *Los de abajo*, na qual buscaram definir se a obra era revolucionária ou contra-revolucionária, e até que ponto ela representava a Revolução Mexicana.

Segundo Jorge Ruffinelli, Eduardo Colín, a partir do jornal *El Universal*, foi o primeiro a levantar a questão em torno do caráter revolucionário de *Los de abajo*, afirmando que a obra não poderia ser revolucionária, pois, segundo Colín, a “essência nacional”, assim como a própria Revolução, não eram constituídas apenas de guerra e de sangue, como, para Colín, mostrava Azuela.²⁵⁵ No dia 4 de fevereiro de 1925, no

²⁵³ FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.314.

²⁵⁴ MONTERDE, Francisco. Existe una literatura mexicana viril. In: MONTERDE, Francisco (org.) *Mariano Azuela y la crítica mexicana*. México, D.F.: Secretaría de Educación Pública, 1973, p.11-15.

²⁵⁵ RUFFINELLI, Jorge. *Literatura e ideología: el primer Mariano Azuela (1896-1918)*. México, D.F.: Ediciones Coyoacán, 1994, p.68-69.

jornal *Excelsior*, Victoriano Salado Álvarez²⁵⁶ também criticou *Los de abajo*, negando à obra qualquer aspecto revolucionário. Do ponto de vista literário, segundo Salado Alvarez, estava mal escrita e, do ponto de vista político, era negativa e nihilista. No trecho abaixo podemos ver como desqualificou o romance:

Pero esta novela no es revolucionaria porque abomina de la Revolución; ni es reaccionaria porque no añora ningún pasado y porque la reacción se llamaba Francisco Villa cuando la obra se escribió. Es neta y francamente nihilista. Si alguna enseñanza se desprendiera de ella (y Dios quiera no tenga razón al asentarlo) sería que el movimiento ha sido vano, que los famosos revolucionarios conscientes y de buena fe no existieron o están arrepentidos de su obra y detestándola más que sus mismo enemigos.²⁵⁷

Enquanto a discussão literária se desencadeava, *El Universal* começou a publicar, no dia 29 de janeiro. *Los de abajo* em fascículos semanais. A partir dessa publicação, o nome de Mariano Azuela tornou-se conhecido em todo o México. Apesar das críticas e do fato de o caráter “revolucionário” de *Los de abajo* nunca ter sido definido, devido à ambiguidade do romance, os “vencedores” do debate intelectual foram aqueles que defenderam uma literatura realista, voltada para os problemas sociais,²⁵⁸ e *Los de abajo* foi considerada a obra fundadora do “Romance da Revolução Mexicana”. Segundo Patricia Funes:

Los de abajo, en cambio, fue toda una revelación. Según la crítica, la novela representaba los valores de la mexicanidad. Un conjunto de rasgos contribuía a esa valoración: la anécdota, la saga heroica, la memoria, el análisis de los hombres de los años diez, sus personajes “reales”, contradictorios y populares... en síntesis, su mismo título. El universo literario quedó muy subordinado al asunto político.²⁵⁹

Víctor Díaz Arciniega afirma que a polêmica literária apresentou dois lados: um visível, que mostrava o anedótico e o teatral, a urgência por obter definições, alianças e reconhecimentos, e uma parte mais oculta, que sustenta uma longa e ponderada reconsideração histórica, política, social e cultural cujo objetivo é o melhor futuro possível para o México.²⁶⁰ O período histórico pós-revolucionário serviu de balanço para reavaliar o passado mexicano, tendo em vista o futuro. Isto contribui para

²⁵⁶ Segundo Mariano Azuela, Victoriano Salado Álvarez foi seu professor. Ver : AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (II). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III. México, D.F., 1960, p.1174.

²⁵⁷ SALADO ÁLVAREZ, Victoriano. Las obras del doctor Azuela. In: MONTERDE, Francisco. Existe una literatura mexicana viril. In: MONTERDE, Francisco (org.) *Mariano Azuela y la crítica mexicana*. México, D.F.: Secretaría de Educación Pública, 1973, p.23-24.

²⁵⁸ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989, p.90-91.

²⁵⁹ FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.320.

²⁶⁰ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989, p.123.

refletir sobre o papel da participação de Mariano Azuela e *Los de abajo*: o romance foi um elemento importante na reconsideração da história do próprio México. A obra, assim, adquiriu um valor histórico fundamental como elemento constituinte desta miríade de objetos culturais que informam sobre as sensibilidades e valores do México pós-revolucionário.

Não restou quase nenhum registro sobre a polêmica literária a partir da perspectiva de Mariano Azuela. O que está disponível são os comentários do escritor em seus textos autobiográficos:

Antes de un mes, Francisco Monterde escribió en el diario más leído en México: “El que busque un reflejo fiel de la hoguera de nuestras últimas revoluciones, tiene que acudir a Mariano Azuela, que es uno de los novelistas dignos de conocerse”. Hubo una polémica, se repitió muchas veces mi nombre, los escritores a quienes había enviado por correo certificado todas mis novelas a medida de su aparición, confesaron no haberme conocido nunca y aun desconocer mi nombre. Lo que era verdad. El inquieto Orteguita aprovechó el incidente y con la mayor habilidad consiguió que el Director de *El Universal Ilustrado* publicara *Los de abajo*, anunciada a platillos y tambora. Hizo una entrevista conmigo y toda la prensa habló de mi.²⁶¹

De acordo com as fontes consultadas, Mariano Azuela realmente não era conhecido antes da polêmica literária. Nos volumes de cartas organizados por Beatrice Berler,²⁶² pode-se notar que as cartas trocadas entre Azuela e outros intelectuais mexicanos mais conhecidos – como Alfonso Reyes e Manuel Maples Arce – são posteriores a 1927.²⁶³ Antes da polêmica literária, o único contato que Mariano Azuela teve com intelectuais e críticos literários mexicanos importantes foi através do envio de suas obras, que permaneceram desconhecidas até 1924-1925. Em relação a Victoriano Salado Alvarez, mesmo Azuela afirmando que foi seu aluno, o crítico, ao escrever sobre

²⁶¹ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente (II). In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III. México, D.F., 1960, p.1174. É preciso esclarecer alguns pontos sobre esta citação. A primeira coisa é sobre o período de tempo mencionado no começo do trecho. Em “Antes de un mês...” Mariano Azuela referia-se a uma entrevista na qual o crítico Rafael López havia mencionado o seu nome. O segundo esclarecimento é em relação ao citado “Orteguita”: trata-se de Gregório Ortega, amigo do escritor e um dos responsáveis pela difusão das obras de Azuela na Europa. A entrevista concedida por Azuela não foi encontrada.

²⁶² BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: epistolario y archivo*. México, D.F.: UNAM, 1969; BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000.

²⁶³ Com exceção de uma carta de Alfonso Reyes a Mariano Azuela, datada de 24 de novembro de 1923. A carta, porém, não revela qualquer sinal de aproximação entre os dois escritores, antes, apresenta um tom formal sendo que o assunto se resume ao agradecimento de Reyes pelo envio do romance *La malhora*. O envio de seus romances aos críticos renomados era um costume comum por parte dos escritores iniciantes, cujo objetivo era tornar seu nome conhecido no país ou no exterior. As correspondências entre Mariano Azuela e Alfonso Reyes só foram reativadas em 1931, após o nome de Mariano Azuela já ter se tornado conhecido no México e no exterior. Ver: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: epistolario y archivo*. México, D.F.: UNAM, 1969, p.29-32.

Los de abajo, parecia não recordar desse fato, ao dizer: “Yo conocía al doctor Azuela mediante cartas”.²⁶⁴

Sabemos também que a opinião de Mariano Azuela em relação à Revolução não foi mais positiva após a escrita de *Los de abajo*, como podemos evidenciar em suas obras posteriores – *Los caciques* (1917), *Las moscas* (1918) e *Las tribulaciones de una familia decente* (1918) – e em suas impressões, como relatou em uma de suas conferências no Colégio Nacional, em 1946:

Duros días aquellos, para los que vivíamos atenedos a nuestras propias fuerzas. Fue en tiempo en que el carrancismo victorioso había llevado al pueblo a la extrema miseria. Políticos rapaces y militares corrompidos inventaron algo diabólico, que hasta nuestros días es fuente de enriquecimientos diario para horteras y parásitos: apoderarse de los artículos de primera necesidad y de los medios de transporte para fijarles el precio más alto en el mercado. Todos vimos cómo rateros de la víspera se convertían al día siguiente en dueños de automóviles, propietarios de suntuosas residencias, accionistas de las negociaciones más prósperas, y todo como el fruto de la miseria y del hambre de las clases laborantes.²⁶⁵

No trecho acima, Mariano Azuela critica a corrupção política, que já havia tematizado em suas obras. A nova classe política mexicana, na visão do escritor, havia se apoderado da burocracia estatal, utilizando-a em benefício próprio, muitas vezes usando de meios ilícitos. Poderia inferir-se que se trata de uma crítica feita apenas para os tempos de Carranza, mas Azuela também criticou os governos de Obregón, Calles e mesmo o de Cárdenas, considerado o presidente pós-revolucionário mais à esquerda do campo político mexicano, sendo seu período marcado por uma intensa reforma agrária e pela atuação nas questões trabalhistas.²⁶⁶

Como poderia um romance tão crítico como *Los de abajo* ter sido escolhido pelos intelectuais como a obra mais representativa da Revolução Mexicana na literatura? Por que o governo se apropriou dela como parte da simbologia revolucionária? Justamente pelo fato de que sabemos que a aceitação de *Los de abajo* pelos intelectuais e críticos mexicanos como a obra representativa da Revolução não foi unânime na década de 1920, consideramos que é preciso refletir sobre os motivos que levaram o romance a ser apontado como a obra fundadora do “Romance da Revolução Mexicana”.

²⁶⁴ SALADO ÁLVAREZ, Victoriano. Las obras del doctor Azuela. In: MONTERDE, Francisco (org.) *Mariano Azuela y La crítica mexicana*. México, D.F.: Secretaría de Educación Pública, 1973, p.21.

²⁶⁵ AZUELA, Mariano. Los de abajo [II]. In: AZUELA, Mariano. *Los de abajo*. Ed. crítica. Madrid: ALLCA XX, 1996, p.332.

²⁶⁶ CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. México, D.F.: Ediciones Era, 1974.

Segundo Carlos Alberto Sampaio Barbosa, tal apropriação pelo Estado pós-revolucionário deu-se em razão de que *Los de abajo* apresentava uma série de imagens que estavam de acordo com o que parte da intelectualidade mexicana e o Estado buscavam para a construção da “cultura revolucionária”.²⁶⁷ Eram imagens de combate, valentia, violência – principalmente os fuzilamentos –, e dos hábitos populares. A própria personagem principal, Demetrio Macías, que era um camponês indígena, era a representação dos camponeses revolucionários nortistas, possuidores de práticas e simbologias próprias. Devemos estar atentos para o fato de que o camponês observado por Mariano Azuela não é um sujeito abstrato, idealizado, mas sim o típico camponês do norte do México, sem terra ou pequeno proprietário, que lutava pela distribuição de terras ou contra as pressões dos *caciques* locais, ou seja, camponeses bastante diferentes dos camponeses zapatistas, de forte tradição indígena e que lutavam pela restituição dos *ejidos*, as antigas terras comunais indígenas. Com isto, queremos dizer que Azuela sabia bem que tipo de camponês representava em suas obras, e não os via de maneira homogênea.

As imagens de bravura e de morte estão ligadas à nova concepção do “ser mexicano” buscada pelos intelectuais e pelo novo Estado pós-revolucionário. Já vimos que a questão da virilidade estava associada à ideia de masculinidade, entrega, decisão, firmeza e mesmo “Revolução”. Os intelectuais envolvidos nas polêmicas literárias e na burocracia estatal perceberam, nas imagens contidas em *Los de abajo*, o “ser mexicano” que queriam construir, ou seja, o homem corajoso, que enfrenta a morte, guerreiro, de origem popular, cartucheira cruzada no peito, enfim, a representação do revolucionário idealizado.

A morte também é um elemento fundamental na cultura mexicana. Devido às tradições astecas, ela permaneceu no imaginário mexicano não como o fim da vida, mas como constante a ela. A morte, na concepção asteca, fazia parte de um ciclo, e era ela que possibilitava o renascimento. Após a Revolução Mexicana, foi muito comum a representação da morte em diversas obras de arte. Segundo muitas representações, o sangue derramado do povo durante a Revolução havia possibilitado o renascimento de um novo México. Os anos de violência revolucionária foram necessários para que o país pudesse se reerguer e olhar para o seu próprio “povo”. Em *Los de abajo*, as atitudes diante da morte correspondem à posição social e política das personagens. Luis

²⁶⁷ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de abajo* de Mariano Azuela. São Paulo: PUC-SP, 1996 (Dissertação de Mestrado em História).

Cervantes, o intelectual oportunista, tem medo de morrer antes de entrar na batalha, e foge quando possível. É o único personagem da história que não morre com os demais, mas antes se exila nos Estados Unidos, como podemos ver no início da terceira parte da obra.²⁶⁸ Pancrácio e Manteca morrem de maneira gratuita, e El guero Margarito, uma das personagens mais cruéis da trama, se suicida. Alberto Solís, intelectual idealista e desiludido que representa a voz de Azuela, morre de maneira ao mesmo tempo poética e dramática, dando um ar de grandiosidade para os ideais que defendia. É possível compreender a morte de Alberto Solís como o fim da representação positiva da Revolução dentro do romance, pois, a partir da segunda parte, os aspectos negativos da Revolução passaram a ser destacados. A morte de Demetrio Macías, simboliza a valentia dos revolucionários: Demetrio morre apontando seu fuzil, com os olhos fixos para sempre. A ideia é a de que a luta nunca terminará. O leitor sabe que a personagem morre, mas o final ambíguo não remete a uma completa desesperança, apesar do tom pessimista do romance.

Também encontra-se na obra a menção a personagens e eventos que realmente existiram, como Carranza, Pancho Villa, Obregón, a Convenção de Aguascalientes e as Batalhas de Celaya. Utilizando das concepções de Luiz Costa Lima, podemos perceber que, a partir desses elementos – tanto os inventados, como os extraídos da realidade social –, *Los de abajo* funciona como uma poderosa representação da Revolução Mexicana, por realizar no campo da ficção uma homologia funcional em relação à realidade social, que é, aqui, o “outro” a partir do qual a obra se cumpre. Ou seja, *Los de abajo*, no campo literário e simbólico, para aqueles intelectuais que defendiam o romance como o representante da Revolução, exercia a mesma função, ocupava o mesmo lugar que a Revolução Mexicana ocupou, para os mexicanos, no mundo concreto. Também é possível, a partir dos estudos de Luiz Costa Lima, pensar que Azuela descreve mais do que seu ponto de vista, pois também relata as sensibilidades dos anos de batalha, os costumes e a forma de atuação dos revolucionários combatentes.

Ainda que esses elementos sejam da maior importância, também devemos levar outros fatores em consideração para entendermos o sucesso de *Los de abajo*.

²⁶⁸ A terceira parte do romance tem início com uma carta de Luis Cervantes a Venancio. A partir dessa carta, o leitor se inteira do destino de algumas personagens: Cervantes, como já afirmamos, se encontra nos Estados Unidos e chama Venancio para montar um restaurante de comida mexicana no país vizinho. Pancrácio e Manteca, dois outros membros da tropa de Demetrio, se mataram após uma partida de baralho, e El guero Margarito se suicidou. AZUELA, Mariano. *Los de abajo*. Ed. crítica. Madrid: ALLCA XX, 1996, p.123-124.

Estamos de acordo com Luis Leal²⁶⁹ e John Brushwood²⁷⁰ de que *Los de abajo* não foi a primeira obra cujo tema aborda a Revolução Mexicana. Leal aponta para *Andrés Pérez e* Brushwood nos indica *La majestad caída*, de Juan Mateos, cujo subtítulo é “O la Revolución Mexicana”, obra publicada em 1911, que representa a queda de Porfírio Díaz. Victor Díaz Arciniega indica ainda Salvador Quevedo y Zubieta e Julio Sesto como dois outros escritores que abordaram o tema da Revolução, antes de *Los de abajo*.²⁷¹

O motivo para a escolha de *Los de abajo* não foi, portanto, nem somente estético, nem unicamente cronológico. Em um contexto de conflito ideológico como foi a década de 1920, uma obra escrita por um intelectual porfirista – como Juan Mateos²⁷² – não poderia ser escolhida para representar “o romance da Revolução Mexicana”. O segundo motivo é o grau de representação dessas obras. Ainda que *Andrés Pérez, maderista*, tenha sido escrita pelo mesmo autor de *Los de abajo*, não apresenta a Revolução de maneira complexa como o segundo romance. Nem poderia, pois sua publicação deu-se em 1911, quando Madero ainda era vivo e a Revolução ainda não tinha mostrado sua faceta mais violenta. Ainda assim, é importante expor esses dados para mostrar que a escolha de *Los de abajo* não se deu pela falta de obras que representassem temas mexicanos, mas sim por uma série de elementos internos ao romance, pela referência a acontecimentos ocorridos, por apresentar os hábitos e costumes das camadas populares, além de fatores políticos, como o fato de que Azuela não tinha qualquer antecedente porfirista. A interpretação sustentada nesse estudo está de acordo com a elaborada por Victor Díaz Arciniega:

Por orden de antigüedad y experiencia destacan los escritores en activo aún convencidos del naturalismo y del realismo decimonónico, que en ocasiones rozan el tema revolucionario, aunque esto no los convierte en escritores “revolucionarios”. El rozar el tema no es condición suficiente para obtener dicho calificativo, pues lo que se pretende es que el autor posea otras cualidades y aspire a otros fines más allá del simple y lateral registro de algunos acontecimientos. [...] No obstante, ninguno puede considerarse “revolucionario” debido a que continúan sujetos a concepciones y estilos literarios agotados por sus planeamientos deterministas, por sus argumentos sentimentales y por su rancio romanticismo. Pero éstos no son los peores

²⁶⁹ LEAL, Luis. Prólogo. In: AZUELA, Mariano. *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002; BERLER, Beatrice (comp.). *Mariano Azuela*. Correspondencia y otros documentos. México: UNAM, 2000.

²⁷⁰ BRUSHWOOD, John S. *México en su novela*. México. Fondo de Cultura Económica, 1973.

²⁷¹ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989, p.47.

²⁷² Juan Antonio Mateos (1831-1913) foi dramaturgo, poeta, escritor, jornalista. Atuou no Exército porfirista, colaborando com a tomada da Cidade do México em 1867. Durante o governo porfirista foi secretário da Suprema Corte de Justiça e deputado do Congresso da União.

agravantes. Las novelas muestran la ausencia de algún intento de innovación formal y la estrechez de miras para observar y ponderar la realidad sociopolítica del momento.²⁷³

As questões referentes às relações entre Mariano Azuela e o e o naturalismo do século XIX já foram discutidas e não voltaremos a elas. Em relação ao trecho do texto de Arciniega, resta comentar que a obra de Azuela apresenta um caráter realista simbólico, como também já mencionamos anteriormente, que permite, ao mesmo tempo, tanto uma identificação com os acontecimentos revolucionários, quanto uma inovação estética que afasta o romance de qualquer corrente literária anterior. Isto foi fundamental para que parte da intelectualidade mexicana visse Azuela como alguém independente politicamente, assim como inovador literariamente, “revolucionário”.

Em meados da década de 1920, principalmente após a ascensão de Calles à presidência, o combate ideológico ganhou expressões cada vez mais radicais. Ou se era “revolucionário” e estava de acordo com a “cultura revolucionária” ou se posicionava no campo contrário, sendo considerado um “conservador”. O próprio Estado mexicano colaborou nas polêmicas sobre o que deveria ser a arte e a literatura revolucionárias, como mostra o discurso do então secretário da Educação, José Manuel Puig Casauranc, publicado em todos os diários da capital mexicana no dia 7 de dezembro de 1924:

La Secretaría de Educación editará y ayudará a la divulgación de toda obra literaria mexicana en que la decoración amanerada de una falsa comprensión esté substituida [sic] por la otra decoración, hosca y severa, y a veces sombría pero siempre cierta de nuestra vida misma, obra literaria que, pintando el dolor, ya no el dolor frecuentemente fingido por los poetas melancólicos a perpetuidad, sino “el dolor ajeno”, y buscando sus orígenes, y asomándose a la desesperanza, fruto de nuestra pésima organización social, y entreabriendo las cortinas que cubren el vivir de los condenados a la humillación y a la tristeza por nuestros brutales egoísmos, trate de humanizarnos, de refinarnos en comprensión, de hacernos sentir, no las mieles de un idilio, ni las congojas de un fracaso espiritual amoroso, sino las saludables rebeldías o las suaves ternuras de la compasión que nos lleven a buscar mejoramientos colectivos; obra literaria cuyos autores cifren su ilusión en provocar sacudidas en los espíritus más cerrados a la inteligencia de las cosas, y aspiren, antes que a proveer un deslumbramiento entre los muy pocos “elegidos” de nuestro medio, un desmayo entre jovencitas románticas, a producir en todos los lectores un pliegue de entrecejo que signifique meditación, y responsabilidad, y deber, y comprensión y análisis.²⁷⁴

A declaração de Casauranc é muito importante por evidenciar a intenção do Estado pós-revolucionário de incentivar a produção de obras de caráter realista – ao

²⁷³ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989, p.46-47.

²⁷⁴ PUIG CASSAURANC, José Manuel, apud DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura económica, 1989, pp.89-90.

contrário das obras demasiado românticas escritas até então –, que se aprofundassem nos problemas mexicanos, de maneira a sensibilizar o público leitor para os dilemas do país. Resta dizer que esta intenção estatal estava de acordo com a de vários críticos e intelectuais, incluindo o próprio Mariano Azuela, como demonstrado.

Por um lado, a preocupação do Estado em incentivar obras que retratassem a realidade mexicana – ainda que de forma crua, realista, mostrando o sofrimento e a humilhação das classes mais desfavorecidas – parece realmente sincera, pois a Revolução de fato havia causado uma comoção em toda a sociedade mexicana, inspirando muitos a refletir sobre as condições sociais miseráveis daqueles que lutaram ao longo da década anterior. A Revolução fez o México olhar para si, na busca por um novo “ethos”. Por outro lado, temos que pensar que esse incentivo teve seus limites, sendo que obras que eram bastante críticas à situação político-social de então, como é o caso de *La sombra del caudillo*, escrita por Martín Luis Guzmán, sofreram tentativas diretas de censura, por criticar Álvaro Obregón e Plutarco Elias Calles.²⁷⁵

Deve-se considerar que as críticas contidas em *Los de abajo*, apesar de fortes, não se direcionam a nenhum político em atividade naquele momento. Também é importante ressaltar que Mariano Azuela era um intelectual de classe média, de posicionamento liberal, portanto com posturas políticas mais próximas da elite intelectual e política mexicana de meados da década de 1920 do que as vertentes mais populares, como foram a zapatista, a villista e a magonista na década anterior.

Estamos de acordo com Carlos Alberto Sampaio Barbosa de que as concepções políticas liberais, bem como a origem de Azuela na classe média urbana, contribuíram para que o escritor não compreendesse bem o modo de atuação das tropas villistas.²⁷⁶ Mariano Azuela, em *Los de abajo*, representa os revolucionários com ambiguidades: ao mesmo tempo em que demonstra simpatia por sua coragem e simplicidade, os apresenta como bárbaros, ladrões e assassinos. Para alguém que, como Madero, acreditava na mudança social a partir da mudança política – principalmente na

²⁷⁵ Este romance de Guzmán foi escrito enquanto o escritor vivia um exílio voluntário em Madri, Espanha. Circulou em alguns jornais mexicanos, de maneira incompleta, pois as últimas partes, que remetiam diretamente à política autoritária de Calles, não foram publicadas. Quando a obra foi publicada em livro, Calles tentou censurá-la, mas desistiu, receoso de que sua imagem ficasse prejudicada por ser uma atitude autoritária. De qualquer forma, Calles fez um acordo com as editoras mexicanas para que não publicassem qualquer obra de Guzmán cuja história se desenrolasse em período posterior a 1910. Ver OLEA FRANCO, Rafael. Historia del texto. In: GUZMÁN, Martín Luis; OLEA FRANCO, Rafael (org.) *La sombra del caudillo*. Ed. Crítica. Madrid: ALLCA XX, 2002, pp.468.

²⁷⁶ BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de abajo* de Mariano Azuela. São Paulo: PUC-SP, 1996. (Dissertação de Mestrado em História), p.137.

mudança política com base em um liberalismo republicano, restrito à obediência às leis –, a atuação de homens que, sem escolaridade e sem direitos garantidos, assumem a violência como modo de fazer a justiça social, era algo bastante condenável. Azuela nos mostra a miséria e a exploração sofridas pelos combatentes revolucionários, mas não as entende. Busca se inserir no mundo desses homens, mas seu universo de homem de letras não lhe permite romper o véu que o separava deles. Jorge Ruffinelli observa que, em *Los de abajo*, o roubo e o assassinato são exercidos contra a burguesia, ao mesmo tempo que são ofensivos a códigos humanos, pois atentam contra a vida. Segundo Ruffinelli, as pilhagens, os saques e roubos no romance, são termos usados para desqualificar as atitudes dos setores populares ante a propriedade burguesa, sem refletir se esta propriedade é também um produto do roubo social.²⁷⁷ De fato, como já afirmamos no capítulo 1, em nenhuma obra Azuela aborda a questão da propriedade de maneira profundamente econômica, resumindo a tratar a questão da exploração social apenas do ponto de vista de uma política liberal. Assim, discordamos completamente da interpretação de Rogelio Rodríguez Coronel,²⁷⁸ que considera a entrada de Azuela para as tropas villistas como uma radicalização de sua posição política. O escritor entrou para as tropas villistas pelo fato da posição de Carranza lhe parecer próxima à de Porfirio Díaz, e, dentre as escolhas possíveis, Villa se mostrava como a mais próxima de Madero, e a mais acessível a Azuela naquele momento. Não podemos esquecer que o Centauro do Norte sempre teve Madero como ídolo e que muitos intelectuais de classe média, como o próprio Martín Luis Guzmán, o apoiaram. Isto não os iguala aos combatentes populares. As diferenças de classe e cultura continuaram existindo, distanciando esses setores.

A apropriação de *Los de abajo* pelo Estado e pela intelectualidade mexicana deu-se em razão tanto dos elementos internos da obra, que estavam de acordo com as características valorizadas na construção da “cultura revolucionária”, quanto dos elementos políticos – o fato de Azuela não ter nenhuma relação com a burocracia porfirista –, além de as críticas contidas na obra – apesar de duras – não tocarem nas questões estruturais do país – como a agrária e a trabalhista –, nem serem tão fortes quanto as reivindicações dos “de baixo” da década anterior. Ao se apropriarem do

²⁷⁷ RUFFINELLI, Jorge. *Literatura e ideologia: el primer Mariano Azuela (1896-1918)*. México, D.F.: Ediciones Coyoacán, 1994, p.79.

²⁷⁸ RODRÍGUEZ CORONEL, Rogelio. La novela de la Revolución Mexicana. In: PIZARRO, Ana (org.) *América Latina: palabra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: Ed. Unicamp, 1994, vol.2, p.739-756.

romance como o representante mais claro da Revolução Mexicana, os intelectuais e o Estado pós-revolucionário exaltaram os elementos que lhes interessavam na construção da nova “cultura revolucionária” e deixaram em segundo plano os aspectos críticos da obra. Quando estes eram bastante evidentes a ponto de não poderem ser ocultados, os intelectuais próximos ao governo os converteram em elementos positivos, ressaltando as imagens de luta e valentia dos revolucionários.

Los de abajo mostra a fragmentação da república, levada a cabo pelo desprezo em relação às leis, pela tirania de Díaz – alimentada pela submissão dos aliados do ditador –, apropriada e incorporada por todos os níveis sociais, repetida no campesinato e pulverizada após a queda de Madero, e o desencadeamento da fase mais violenta da Revolução. Após os conflitos, esta república foi reerguida a partir do cimento usado na Revolução: a violência. Por outro lado, esta denúncia de Azuela também apresenta um outro aspecto: ele busca mostrar o “povo mexicano” para um país que havia se esquecido dele. No romance, este “povo” está representado desde o título – *Los de abajo* – até a personagem principal – Demetrio Macías. Sem dúvida, o próprio título da obra representa a saga dos mexicanos desconhecidos que lutaram na Revolução e, conhecendo a morte, caíram no esquecimento e não participaram dos louros políticos. É uma homenagem aos combatentes sem nome. É, enfim, a denúncia de um vazio na construção da nação, da exclusão do camponês ao longo dos anos, de um Estado que ignorou seus cidadãos.

Na reconstrução da república mexicana, *Los de abajo* foi apropriado como um espaço de memória, como uma maneira de recordar e dar lugar a um povo que não deveria mais ser esquecido, como um romance que o mexicano comum deveria ler e se reconhecer nele, em sua luta no passado recente, e o mexicano instruído, intelectualizado, deveria compreender todo o sofrimento, a exclusão, a miséria da qual seu próximo foi vítima. Uma obra para que todos lessem e compreendessem que o México contemporâneo era o resultado da violência e do sangue de homens corajosos, que tinham dado a sua vida para que um novo país fosse reerguido. As diferenças entre a interpretação de Azuela e as dadas pelos intelectuais que buscavam consolidar a “nova cultura revolucionária” e pelo governo, é resultado da pluralidade ideológica manifestada na Revolução Mexicana e nas décadas posteriores. O próprio Estado pós-revolucionário, ao construir sua ideologia, soube dar lugar e explorar esta pluralidade, apropriando-se de obras e intelectuais que se posicionavam de maneira crítica ao processo revolucionário, atribuindo uma aparência democrática ao governo autoritário

que se erguia da Revolução. Esta é a chave para compreender a enorme capacidade de absorção que o novo Estado teve em relação aos intelectuais, que encontraram na burocracia estatal a oportunidade para realizar suas tarefas e ambições. Uma troca de interesses fundada na vontade comum de construir um novo país.

Dentre as tentativas de apropriação do romance de Azuela por parte de setores da nova elite política mexicana, temos, como indício, uma edição que, segundo fontes contraditórias, teria sido editada pela Secretaria de Educação Pública, segundo Mariano Azuela, ou pela Universidade Nacional, segundo José María González de Mendoza.²⁷⁹ Uma prova mais concreta encontra-se nas cartas trocadas entre Mariano Azuela e Manuel Maples Arce durante os meses de julho a setembro de 1927.²⁸⁰ Maples Arce buscou Mariano Azuela para que o escritor autorizasse a publicação de uma edição popular de *Los de abajo*, editada pelo governo do estado de Veracruz. A justificativa de Maples Arce, muito mais que literária, é ideológica: ele pede a Azuela para colaborar com “esta obra de cultura” na qual, ao mesmo tempo em que tentaria “difundir los rasgos peculiares de la moderna ideología revolucionaria”, também buscaria despertar o interesse da população veracruzana pela leitura.²⁸¹ Maples Arce expressa com perfeição a maneira como diversos intelectuais viram em *Los de abajo* uma representação fiel da Revolução Mexicana, bem como um alinhamento entre o romance e a educação da população:

Por otra parte, estimo que una obra de rasgos tan peculiares como *Los de abajo*, tan fundamental expresión de la literatura revolucionaria, y por ser además una completa visión de la revolución misma, que es necesario se conozca con mayor amplitud entre las clases populares, es la obra más adecuada para el programa que me propongo desarrollar.²⁸²

²⁷⁹ Tratava-se de uma edição de luxo que incluiria desenhos do muralista Diego Rivera. A edição foi suspensa. A dúvida em relação a qual órgão iria editar o romance parte das diferentes informações encontradas nas cartas trocadas entre Mariano Azuela e José María González. As informações a respeito da suposta censura tampouco se encontram. Mariano Azuela afirma que ocorreu devido à má impressão causada pela versão teatral de *Los de abajo*, – suspensa pelo governo, segundo afirma Azuela – enquanto José María González de Mendoza afirma que a edição foi suspensa devido ao fato de que Diego Rivera só havia entregado 5 das 20 ilustrações que deveriam ser incluídas na edição. Ainda que não seja possível provar os motivos reais da suspensão da obra, o fato de Azuela afirmar isto, já nos possibilita pensar ao menos sobre clima de perseguição vivido pelo escritor, ou, no mínimo, uma constante desconfiança em relação ao governo mexicano dessa época. As fontes são: Carta de Mariano Azuela a José María González de Mendoza, de 19 de setembro de 1929. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: epistolário y archivo*. México, D.F.: UNAM, 1969, p.65; Carta de José María González de Mendoza a Mariano Azuela, de 7 de novembro de 1929. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.269.

²⁸⁰ BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela.: epistolario y archivo*. México, D.F.: UNAM, 1969, p.281-283.

²⁸¹ Carta de Manuel Maples Arce a Mariano Azuela, datada de 19 de julho de 1927. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.281.

²⁸² Carta de Manuel Maples Arce a Mariano Azuela, datada de 25 de julho de 1927. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.282.

Mariano Azuela autorizou a publicação do romance pela editora do estado de Veracruz²⁸³ e Maples Arce, na última correspondência enviada a Azuela que encontramos, pediu ao escritor que indicasse “algum livro mexicano de ideologia revolucionária”, caso conhecesse, para que fosse publicado na editora estatal.²⁸⁴ Isto demonstra como a literatura ficou vinculada ao campo político após a revolução, sendo que os valores ideológicos – ou os elementos internos das obras literárias que pudessem ser usados com um fim ideológico – tornaram-se mais importantes que os valores artísticos.

Mariano Azuela não ficou conhecido apenas dentro do México. Em começos da década de 1930, o nome do escritor passou a circular também pela Europa e América do Sul. *Los de abajo* foi publicado na Espanha, França, Estados Unidos, Alemanha, Japão, Iugoslávia, Brasil, Checoslováquia, Suécia, União Soviética, e uma tradução em idish, dentre outras.²⁸⁵ Os principais difusores da obra de Mariano Azuela na Europa foram Gregório Ortega e José Manuel González de Mendoza, que trabalhavam na embaixada do México na França. Ao divulgarem os romances de Azuela, estes homens somavam o desejo de tornar a cultura mexicana conhecida na Europa à admiração pelo escritor. Não se tratou de uma medida oficial por parte do governo mexicano divulgar os romances de Mariano Azuela, mas sim de pessoas que reconheciam nas obras de Azuela uma representação da realidade mexicana. A publicação de suas obras na Europa foi fundamental para que o nome de Mariano Azuela se vinculasse ainda mais com a cultura mexicana. É interessante notar também como *Los de abajo* teve distintas apropriações, dependendo da finalidade do editor ou tradutor.

A primeira tradução de *Los de abajo* para o francês foi feita por Joaquín Maurín, um comunista catalão que vivia na França, onde era casado com uma francesa, que o ajudou.²⁸⁶ A tradução recebeu o título de *L'ouragan* (O furacão), e foi publicada pela primeira vez na revista *Monde*, de ideologia comunista e dirigida por Henri Barbusse,²⁸⁷

²⁸³ Carta de Manuel Maples Arce a Mariano Azuela, datada de 22 de agosto de 1927. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.283.

²⁸⁴ Carta de Manuel Maples Arce a Mariano Azuela, datada de 19 de setembro de 1927. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.283.

²⁸⁵ AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.III. México, D.F., 1960, p.1289-1299.

²⁸⁶ Esta versão começou a circular no dia 17 de novembro de 1928. Carta de José Maria González Mendoza a Mariano Azuela, datada de 26 de novembro de 1928. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.241-242.

²⁸⁷ Mariano Azuela e José Maria González de Mendoza não se conheciam pessoalmente à época da publicação de *Los de abajo* na França. Ainda assim, González de Mendoza tomou para si a ideia de representar Mariano Azuela, assinando contratos, buscando tradutores e editoras para a publicação de

sem a autorização formal de Mariano Azuela. Segundo González de Mendoza, a tradução de Maurín deu ao romance uma conotação ideológica diferente da de Azuela, apresentando a Revolução Mexicana como um movimento comunista.²⁸⁸ Quando a tradução de Maurín começou a ser publicada em *Monde*, uma edição de *Los de abajo* já vinha sendo negociada com as Ediciones Argo, com tradução de Bernard Hallet. A publicação em *Monde* causou o cancelamento desta edição e José María González de Mendoza, quem tomou a iniciativa de representar Mariano Azuela na Europa, teve que buscar outra editora para a publicação. Ao final, José María González de Mendoza fechou um contrato com a editora Fourcade, através da intermediação de Jean Cassou.²⁸⁹ A tradução de Maurín foi mantida, passando por revisões de Jean Cassou e de González de Mendoza.²⁹⁰ Essa edição recebeu o título de *Ceux d'en bas*²⁹¹ e contou com o prólogo de Valéry Larbaud, renomado escritor francês.

A crise de 1929 afetou as editoras francesas e a editora Fourcade fechou pouco depois da publicação de *Los de abajo*. Mariano Azuela ficou sem receber sua porcentagem de direitos autorais sobre as vendas. Ainda assim, González de Mendoza conseguiu que uma tradução de *Mala yerba* fosse publicada pela editora Gallimard, que também afetada pela crise de 1929, sofreu atrasos na data da publicação.²⁹²

José María González de Mendoza, ao buscar publicar as obras de Mariano Azuela na Europa, tinha, além de estima por Azuela, vontade de tornar a cultura e a literatura mexicana conhecidas no velho continente. O funcionário da Embaixada, assim como vários intelectuais mexicanos, reconhecia em *Los de abajo* e nos demais romances de Azuela elementos da “mexicanidade”.²⁹³ Indica também como o romance

seus livros, sem receber para isso qualquer pagamento. As cartas mostram uma insistência de Azuela para pagar González de Mendoza pelos seus serviços, mas este recusa sempre as ofertas. Estas informações estão contidas em diversas cartas trocadas entre os amigos e podem ser encontradas nas compilações organizadas por Beatrice Berler. BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969; BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000.

²⁸⁸ Carta de José María González Mendoza a Mariano Azuela, datada de 26 de novembro de 1928. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.243.

²⁸⁹ Jean Cassou (1897-1986) nasceu no País Basco, mas mudou-se para a França ainda criança. Foi escritor e crítico de arte, dedicando-se à cultura hispânica.

²⁹⁰ Carta de José María González de Mendoza a Mariano Azuela, de 24 de agosto de 1929. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.261-263.

²⁹¹ A edição de Fourcade foi publicada entre o final de 1929 e o começo de 1930.

²⁹² Carta de José María González de Mendoza a Mariano Azuela, de 28 de dezembro de 1930. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.294.

²⁹³ Em uma carta de José María González de Mendoza a Mariano Azuela, de maio de 1938, o ex-funcionário da Embaixada Mexicana na França apresenta esta visão de maneira clara: “En su obra literária México se mira, con sus paisajes potentes y generosos, con sus tormentas y sus noches serenas,

foi usado para que a cultura mexicana fosse divulgada no exterior, ainda que, no momento de lançar *Los de abajo*, González de Mendoza tenha relativizado a completa identificação do romance com a realidade do país:

Créame, querido doctor, que estoy largamente recompensado con la satisfacción de haber contribuido en mínima parte a dar a conocer una obra maestra de la literatura mexicana y, sobre todo, de haber evitado, indirectamente, gracias al magnífico prólogo de Larbaud, que tuve la suerte de conseguir, que la admirable novela de usted fuera mal interpretada por la ligereza de los lectores franceses y sirviera de motivo para mal juzgar, cuando no denigrar, a México.²⁹⁴

Com a “descoberta” de *Los de abajo*, Mariano Azuela passou da situação de desconhecido e se tornou um exemplo para uma nova geração de escritores do México. O romance mexicano, a partir de Azuela até meados da década de 1940, quando Agustín Yañez publicou *Al filo del agua*,²⁹⁵ teve um caráter fortemente realista, quase sempre focado nos acontecimentos da Revolução.

A partir de meados da década de 1920, a disputa por uma “ideologia revolucionária” tornou-se cada vez mais acirrada. Em 1929, foi criado o Partido Nacional Revolucionário (PNR), fortemente vinculado à figura de Calles e apoiado nas questões sociais, oriundas da Revolução, para sua legitimação política – principalmente a partir dos princípios legais contidos nos artigos 27 e 123 da Constituição de 1917. Embora criado com o fim de regularizar a disputa eleitoral por vias pacíficas, que ainda em finais da década de 1920 era bastante marcada pela violência, o PNR acabou por se tornar um forte aparelho político de dominação, que permaneceu no poder até o ano 2000.²⁹⁶ O partido proclamava-se como herdeiro da Revolução e o único que poderia assegurar a consolidação dos revolucionários no poder. O “nacional” colocado em seu nome e o uso das mesmas cores da bandeira mexicana, como afirma Luis Javier

con sus Arieles ... y sus Calibanes. Obra admirable, que pinta lo externo y trasluce lo interno con gemelas verdad y exactitud, obra profundamente sentida, como que tiene por nucleo el alto, el purísimo amor a la Patria: por quererla feliz diagnostica algunos de sus males e indica las causas de ellos. Carta de José María González de Mendoza a Mariano Azuela, datada de 15 de maio de 1938. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.89.

²⁹⁴ Carta de José María González de Mendoza a Mariano Azuela, de 2 de março de 1933. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.316.

²⁹⁵ Agustín Yañez (1904–1980) foi um escritor de Jalisco. Sua obra *Al filo del agua*, segundo John Brushwood, foi considerada uma das primeiras a romper com o estatuto demasiado realista do subgênero “novela da Revolução Mexicana”. Ver BRUSHWOOD, John S. *México en su novela*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

²⁹⁶ O Partido Nacional Revolucionário foi criado em 1929 sob a liderança de Calles. Em 1938, durante o governo de Lázaro Cárdenas, ele passa a se chamar Partido da Revolução Mexicana (PRM) e, finalmente, em 1946, teve seu nome alterado para Partido Revolucionário Institucional (PRI), que preserva até hoje.

Garrido, remetia à simbolização do partido como aglutinador da nação.²⁹⁷ O partido é mais um elemento na simbologia do imaginário social mexicano da década de 1920. Usando dos símbolos que constituíram o ideário revolucionário, a nova elite política mexicana escolheu Querétaro – a mesma cidade na qual foi elaborada a Constituição de 1917 – para realizar a convenção que decidiu os Estatutos e a Constituição do partido.²⁹⁸

2.4. A crítica de Mariano Azuela se intensifica: o romance *El camarada Pantoja*

Se o governo extremou seu discurso revolucionário, buscando definir quem eram os “revolucionários” e quem eram os reacionários – os setores considerados “conservadores”, como os latifundiários e a Igreja Católica – muitos intelectuais seguiram a mesma linha. A década de 1920 foi marcada pelo debate sobre o “ser revolucionário” no México e, na década de 1930, esta disputa continuou. Mariano Azuela, mesmo após o sucesso de *Los de abajo*, continuou sendo crítico em relação à política e à Revolução. Em *La luciérnaga*, publicado em 1932, criticou Calles, que embora não exercesse o cargo de presidente, era o verdadeiro líder do país.²⁹⁹ Em *El camarada Pantoja*, publicado em 1937, esta crítica foi ainda mais forte. Nessa obra, Azuela denunciou a perseguição aos católicos ocorrida durante a Guerra dos Cristeros, ao passo em que mostrava a ascensão política de Pantoja – uma personagem sem qualquer aptidão para o jogo político – através do crime e do assassinato.

Uma breve explanação sobre o romance é necessária para a análise que se segue. Catarino Pantoja, no início da história, era um operário da fábrica La Consolidada e membro da Confederação Regional Obrera Mexicana (CROM).³⁰⁰ Casado com Chata,

²⁹⁷ Ver GARRIDO, Luís Javier. *El partido de la Revolución institucionalizada: la formación del nuevo Estado en México (1928-1945)*. México D.F.: Siglo XXI Editores, 1986.

²⁹⁸ FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006, p.389.

²⁹⁹ O período de 1924 a 1934 é conhecido como “Maximato”. É denominado assim devido ao centralismo de Plutarco Elías Calles na política mexicana. Esta hegemonia foi rompida apenas no período de governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940), sendo que de dezembro de 1928 a dezembro de 1934, o Executivo mexicano foi ocupado por Emilio Portes Gil (1928-1930), Pascual Ortiz Rubio (1930-1932) e Abelardo Luján Rodríguez (1932-1934), todos vinculados e subordinados a Calles. In: AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.97-169.

³⁰⁰ A CROM foi fundada em 1918 e, apesar do título, tinha uma representação nacional. Foi o órgão de representação máxima dos trabalhadores mexicanos até a aliança da Confederação de Trabalhadores Mexicanos (CTM) com o presidente Lázaro Cárdenas, que buscou se manter distante da CROM. Entre seus principais líderes estavam Luis N. Morones, que foi aliado político de Calles, e Lombardo Toledano.

Pantoja vive de acordo com a vontade dela, pois demonstra pouca inteligência e habilidade para tomar decisões. Nos primeiros capítulos da trama, Pantoja e Chata ajudam o general Bernardo Calderas a fugir de uma perseguição – supostamente religiosa, por parte de cristeros. Passado um tempo, Chata encontra, por acaso, o general Calderas, que garante um emprego para Pantoja. O general Calderas é um dos muitos revolucionários “oportunistas” que Azuela apresenta em seus romances. Entrou na Revolução, na facção carrancista, apenas quando percebeu que esta seria vitoriosa. Azuela construiu Calderas a partir de características como “adulador”, de “fala suave” e como alguém que mudava de um partido a outro da mesma maneira como se passava de um bar a outro.³⁰¹ A partir dos favores de Calderas, Pantoja recebeu o título de tenente-coronel do Exército e, posteriormente, foi eleito deputado federal. A trama termina com o casal enriquecido, devido ao mal uso do dinheiro público e do abuso de poder, práticas comuns nas personagens políticas criadas por Mariano Azuela. Nas páginas finais do romance, Chata matou Cecília, supostamente uma amante de Pantoja, e saiu impune da delegacia. Uma amostra da impunidade dos poderosos do México, que, na visão de Azuela, colocavam-se acima da lei.

O romance é uma denúncia de Mariano Azuela à perseguição religiosa aos católicos, realizada durante o governo de Calles, aos abusos de poder durante os governos de Obregón e Calles, e às práticas políticas daqueles que usavam da Revolução para benefício próprio. A voz do narrador está caracterizada por uma ironia que é usada para ressaltar ainda mais os aspectos negativos das práticas políticas pós-revolucionárias. Em diversos momentos, Mariano Azuela ataca Calles de maneira direta, como nessa passagem:

Fue cuando Calles concibió un medio muy fácil y muy práctico para imponer su ya famoso *credo filosófico*. A los pequeños poblados, donde no había quedado ya ningún ricachón por desplumar, se les quemaba; a los otros, mientras se les exprimía hasta el último centavo, se les daba una exhibición semanal de ahorcados. Y cuenta don Benedicto, con esa saña y mala fe de los reaccionarios, que tal idea alumbró en los geniales momentos del Turco, cuando, en las bacanales del gran socialista Morones, en su palacio de Tlalpan, aparecía el Glorioso León del Norte, en chorros, chorreando coñac por los cabellos y las uñas, fumándose un puro por el ombligo.³⁰²

O trecho acima deve ser analisado atentamente. O nome de Calles é citado diretamente. O autor ironizou Calles ao afirmar que este possuía um “credo filosófico”,

³⁰¹ AZUELA, Mariano. El camarada Pantoja. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993, p.726.

³⁰² Idem, p.714. Grifos no original.

buscando aproximar a conduta do presidente ao fanatismo religioso. É uma crítica irônica e sutil ao ambiente de perseguição aos religiosos instaurado durante o governo de Calles, tema que constitui o pano de fundo de todo o romance. O ataque a Calles continua sugerindo o roubo e a violência. A ironia apresenta-se mais uma vez ao qualificar don Benedito – pai de Cecilia – como “reacionário”. Don Benedito era apenas um burguês, que não exercia nenhuma função política na trama, mas o uso do adjetivo “reacionário” que, diga-se de passagem, aparece em vários momentos da obra, quase sempre com tom irônico, serve para que Azuela construa uma sátira em torno da maneira como os novos políticos do México – que se definiam como “revolucionários” – desqualificavam aqueles que não estavam de acordo com a ideologia governista. “Turco” era a forma como Calles era conhecido no México.³⁰³ Morones, aliado político de Calles e líder da CROM na época, está associado a orgias, símbolo já usado por Azuela em outras obras, que pode ser entendido como o benefício privado ilegítimo em assuntos públicos, para o abuso de poder. Embora não tenhamos encontrado referência a quem seria o “Glorioso León Del Norte”, é possível inferir que é Calles, vinculado aos “vícios” da bebida e do fumo.

É preciso analisar a forma como Mariano Azuela denunciou a repressão do governo de Calles aos católicos e como estes resistiram à imposição do governo de tratar com rigor os artigos anti-clericais da Constituição de 1917, que negavam a personalidade jurídica às igrejas, tornavam obrigatória a educação laica nas escolas públicas e privadas, negavam às instituições religiosas qualquer direito para a aquisição, posse e administração de bens de raiz ou de capitais impostos sobre estes bens. Também negavam aos ministrantes de culto o direito ao voto passivo e ativo, a associação para fins políticos e o direito de criticar leis e autoridades.³⁰⁴ Em junho de

³⁰³ Encontramos várias hipóteses de porque Calles era chamado de “Turco”. A ascendência libanesa de Calles – que atribuí uma conotação negativa ao apelido, já que os turcos e os libaneses são povos com históricos de conflitos entre eles – e os traços físicos de Calles – que lhe davam uma aparência oriental – são os mais mencionados. No entanto, a justificativa que mais está de acordo com a história contada no livro de Azuela e que nos pareceu mais convincente foi a associação entre o governo de Calles e o de Kemal Atatürk (1881 – 1938), ambos marcados por uma secularização social. Mustafá Kemal Atatürk aboliu o sultanato na Turquia, em 1922. Assim, é possível supor – ainda que nossas fontes não possam comprovar isto – que Azuela estava ciente dessa semelhança entre os dois governantes, o que tornava a crítica de Azuela mais ácida e elaborada. Esta aproximação entre Calles e Kemal Atatürk se encontra no texto de MARTÍNEZ ASSAD, Carlos. Profunda historia de la infelicidad. *Revista de la Universidad de México*. Nº 75. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, mayo de 2010. Disponível em: <http://www.revistadelauniversidad.unam.mx/7510/martinez/75martinez.html>

³⁰⁴ PÉREZ-RAYÓN, Nora. El anticlericalismo en México. Una visión desde la sociología histórica. In: *Sociológica*. Año 19, nº55, mayo-agosto de 2004, p.122. As restrições religiosas se encontram nos artigos

1926 foi expedida a Lei de Cultos, conhecida como Lei Calles, que determinava punições a quem desobedecesse os artigos anti-clericais da Constituição. Houve desde manifestações pacíficas em apoio à Igreja Católica até combates armados, a chamada Guerra Cristera ou Cristiada, que durou de 1926 a 1929. Embora o romance *El camarada Pantoja* mencione os cristeros,³⁰⁵ eles não aparecem no romance, que busca mostrar as formas de resistência passiva ao controle dos cultos pelo governo. Azuela mostra que, apesar das restrições do governo, a população seguia manifestando suas crenças em público:

Les sorprendió una peregrinación numerosa que venia por un camino: hombres, mujeres, viejos y niños, ellos descubiertos, todos con las cabezas en alto, los ojos en el cielo y removiendo los labios en un apagado canto religioso. La gendarmería montada y los de a pie, diseminados a lo largo de caminos y veredas para cuidar de la estricta observancia de la Ley de Cultos, hacíanse los desentendidos. En sus propias narices les pasaron los devotos peregrinos cantando y con velas encendidas en las manos.³⁰⁶

Na passagem acima, Mariano Azuela descreve de maneira sutil como o catolicismo e a resistência à Lei de Cultos não estavam restritas à idade, nem ao sexo, e alcançavam a própria polícia, encarregada de reprimir os manifestantes. Na peregrinação encontravam-se homens, mulheres, velhos e crianças, ao passo que os policiais a permitiam, sem usarem de violência contra os participantes.

Mariano Azuela construiu uma estratégia interessante ao mostrar as relações entre o governo e os católicos. Ao não narrar as revoltas cristeras e ficar restrito às manifestações de resistência pacífica, o escritor criou uma oposição entre povo oprimido *versus* governo repressor, enfatizando ainda mais a violência e os abusos de poder da nova classe política dominante. Construiu uma representação na qual os católicos pareciam ser a própria população mexicana e ocultou as revoltas cristeras que realmente ocorreram, ocultando também o caráter violento do movimento. Azuela menciona nominalmente o presidente da República:

Luego el espectáculo singular al que México se había acostumbrado ya: una docena de rufianes conduciendo por en medio de la calle a otras tantas mujeres indefensas y llorosas, ancianos encorvados y niños azorados, a los antros oscuros, húmedos y hediondos donde Elías Calles y su verdugo principal, Roberto Cruz, castigaban a los católicos por el delito de serlo, con multas mínimas de quinientos pesos a quienes podían darlos, o con un

3, 5, 24, 27, e 130 da Constituição original. Todos esses artigos foram modificados posteriormente, no final do século XX, de maneira a diminuir as proibições sobre as entidades religiosas.

³⁰⁵ Cristeros foi o nome dado àqueles que combateram a favor da Igreja Católica.

³⁰⁶ AZUELA, Mariano. *El camarada Pantoja*. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol.I. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993, p.679.

puntapié en el trasero o una bala en la cabeza a los demás, según el humor del momento.³⁰⁷

As cenas narradas acima ocorreram em razão de uma denúncia de culto na casa de seu vizinho Don Benedito – já mencionado anteriormente nesse estudo –, feita por Chata, que desejava se vingar de Cecília. É uma cena interessante por mostrar como o governo instaurou um clima de vigilância, sendo que o religioso que quisesse ministrar cultos em ambientes distintos dos templos, estava condicionado a denúncias por parte de qualquer pessoa com quem tivesse problemas pessoais ou que defendesse o anti-clericalismo do governo. Mostra também que a opressão do governo mexicano para àqueles considerados “reacionários” invadia até mesmo a esfera privada, o lar. Ao mencionar que o México já havia se “acostumado” com as cenas de violência protagonizadas pelo governo, Azuela indica que as perseguições eram frequentes, apontando para uma atmosfera de insegurança na vida social do país. Embora os acontecimentos narrados em *El camarada Pantoja* fossem ficcionais, eles nos mostram o ambiente político do México nos anos 1920. É preciso atentar para o fato de que se trata de uma visão parcial, particularmente de alguém desencantado com os rumos que o país tomava.

El camarada Pantoja contém uma cena que se encontra deslocada da narrativa, mas que é importante porque nela o pensamento de Mariano Azuela aparece de maneira explícita. A cena constitui-se de um diálogo entre dois amigos, ocorrida em um reencontro em um trem que ia em direção a Chihuahua. Soto e Rodríguez, que não se viam desde a derrota do villismo em 1915 e o reconhecimento de Carranza como chefe executivo do país. Soto tornou-se um médico militar, enquanto Rodríguez era um agente de vendas de automóveis. Soto representa os apoiadores do novo regime, ao passo que Rodríguez é extremamente crítico ao governo pós-revolucionário. Durante o diálogo, Rodríguez afirma que Soto seguia uma ideologia que justificasse o roubo, o assassinato e a violação. Novamente uma crítica à política mexicana pós-revolucionária. Rodríguez afirma ainda que Villa, apesar de ter matado muitos, nunca foi tão vil como os políticos atuais que dizem: “Mato por la salud pública! Mato en defensa de nuestras instituciones. Mato en nombre de mi credo filosófico!”³⁰⁸ Posteriormente, a personagem diz uma frase muito próxima da visão de Azuela sobre a Revolução, que leva a associar

³⁰⁷ AZUELA, Mariano. *El camarada Pantoja*. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol. I. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993, p.759.

³⁰⁸Idem, p.706-707.

o ponto de vista de Rodríguez ao do autor: “Maldigo a los hombres que com tanto impudor asesinaron a nuestra revolución...”³⁰⁹ A partir dessa frase, Azuela, através de Rodríguez, apresenta sua tese: o problema não era a Revolução, mas aqueles que se apoderaram de seus ideais e os denegriram, desvio que Azuela considerava o ideal de revolução. Estas personagens desaparecem da trama, e este diálogo acaba ficando fora de lugar na narrativa, mas serve para apresentar o ponto de vista do autor. É possível entendê-lo como um espaço separado na narrativa que Azuela usa para fazer um julgamento dos rumos que a Revolução tinha tomado.

O ponto máximo da narrativa é a cena na qual Pantoja encontra um amigo da época em que trabalhava na Consolidada – uma fábrica – chamado Francisco. Pantoja levou Francisco para jantar e, no meio da janta, eles começaram a discutir sobre política. Francisco é um operário que via a política mexicana de maneira crítica e discordava de Pantoja em vários pontos. Pantoja é uma personagem estúpida em matéria de política, ainda que compartilhasse de práticas de outros políticos corruptos, como matar e passar por cima das leis em benefício próprio. Bernardo Calderas – um general corrupto, que usou de meios ilícitos para chegar à cargos altos no Exército mexicano – encontrava-se em uma mesa próxima da qual estavam Pantoja e Francisco e, ao escutar a discussão, pediu para que Catarino Pantoja matasse Francisco. Ao final, Yáñez, assistente do general Lagarto – outro general corrupto da trama – mata Francisco. A cena termina com uma demonstração de cinismo por parte dos políticos, que afirmam, sorrindo, que se tratou de legítima defesa. A polícia, subordinada aos donos do poder, ratifica a tese de que Yáñez tinha matado Francisco por legítima defesa, e os generais ainda pedem para que fosse cobrado de seus credores a multa por porte ilegal de armas, acusando Francisco de omissão ao fisco. Catarino, apesar de ter sido testemunha da injustiça cometida ao amigo, seguiu aliado a Calderas e os outros políticos, todos corruptos.³¹⁰

As críticas de Mariano Azuela aos governos de Obregón e Calles alcançam seu ápice ao mencionar diretamente os assassinatos dos generais Francisco Serrano e Arnulfo R. Gómez. Francisco Serrano havia se candidatado à presidência da República em 1927, contra a candidatura de Álvaro Obregón. Para abafar a disputa presidencial, Obregón teria comandado o assassinato de Serrano e Gómez, que já planejavam um

³⁰⁹ AZUELA, Mariano. El camarada Pantoja. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. Vol. I. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993, p.710.

³¹⁰ Todas as personagens políticas do romance são corruptas. Azuela não apresentou nenhuma exceção, o que indica sua visão negativa sobre a política mexicana nos anos 1920.

levante militar contra o candidato à presidência e Calles. A denúncia do autor à violência dos governantes é direta, sendo que Azuela, mais uma vez, cita nominalmente Obregón. A passagem transcrita abaixo é longa, mas fundamental para a análise aqui desenvolvida:

Pocos días antes los habían acarreado en un camión, amontonados, en ropas menores, desgarrados y enlodados en su misma sangre. Sus rostros estaban desfigurados por los proyectiles y los cañones de los fusiles. El general Serrano, candidato de la oposición, apenas pudo ser identificado. Su colega y gran amigo el general Obregón se conmovió hasta las lágrimas:

– ¡Pobrecito de Pancho, tan inteligente y tan bueno!

Pero esa misma noche, recobrando su buen humor, dijo en el banquete de congratulación que le dieron por el éxito de su campaña electoral: “Nuestros enemigos dieron por terminada la controversia ideológica al lanzarse al campo de la violencia. No tuvieron tiempo de ponerse en contacto con el alma nacional y esto explica su fracaso”. A su vez el señor Presidente se sinceraba: “El gobierno que presido ha tenido elocuente oportunidad de demostrar al mundo entero que su política merece la sanción de todo el país cuando, al iniciarse la asonada militar, la nación condenó el movimiento protestando su adhesión con las armas en la mano”.³¹¹

Mais uma vez a ironia é o recurso narrativo usado por Azuela para criticar o governo mexicano. O escritor buscou mostrar que a política mexicana ainda se exercia através da violência e não pela democracia. Como um republicano liberal democrata, Azuela não aceitava um modo de fazer política que ultrapassasse os canais legais e se constituísse pela arbitrariedade dos poderosos. A crítica do escritor ia além do campo político e se instaurava no campo da moral: Obregón, mais que um assassino, é representado como um cínico, que chora ao lamentar falsamente a morte de um inimigo político que ele mesmo havia mandado matar. Na construção de Azuela, Obregón fingia uma proximidade a Serrano, ao tratá-lo por “Pancho”, apelido de “Francisco”. O discurso proferido por Obregón, tal como Azuela o apresenta, é uma tentativa de transferir a violência ao grupo opositor, e, também, de igualar a vontade dos governantes à vontade da nação.³¹²

Ao analisar os pontos principais do romance, resta pensar o período de escrita e publicação da obra e o contexto no qual eles se inseriam. *El camarada Pantoja* foi publicado em 1937, mas o fato de descrever o ambiente político dos anos 1920 nos indica elementos sobre a política que não podem ser percebidos diretamente no texto. A publicação do romance na década de 1930 foi em razão de uma autocensura de Mariano

³¹¹ AZUELA, Mariano. *El camarada Pantoja*. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1993, p.689.

³¹² Não encontramos registros destas falas de Obregón. É provável que seja pura construção de Mariano Azuela.

Azuela em decorrência do governo autoritário de Plutarco Elias Calles. Embora a afirmação de Azuela em seus escritos autobiográficos seja a de que o romance foi o resultado de uma série de anotações e rascunhos feitos durante o governo de Calles, outras fontes indicam que Azuela possivelmente já tinha escrito o romance antes, e que não o publicou com medo das represálias do governo.³¹³

Em diversas cartas enviadas a José María González de Mendoza, em fins da década de 1920 e inícios da década de 1930, Mariano Azuela mencionou o medo de sofrer represálias do governo, deixando claro que estava consciente de que havia algum tipo de censura às críticas feitas ao governo mexicano. O escritor também mencionou que tinha algumas obras prontas, mas que não era o momento de publicá-las.³¹⁴ Em uma carta de março de 1929, Azuela revela que uma das obras que publicaria, caso a situação política no país melhorasse, era *Los caciques*.³¹⁵ Finalmente, em outra carta a José María González de Mendoza, datada de abril de 1930, Azuela mais uma vez menciona a existência de dois romances que não publicou por medo de represália do governo. Esta carta é particularmente interessante por Azuela comparar a situação do México à da União Soviética, o que revela que o escritor não via com simpatia o regime comunista:

Tengo dos novelas inéditas; pero que no he atrevido a publicar porque, como usted debe saberlo la situación de México con la intelectualidad es muy semejante a la de Rusia. Yo estoy bastante viejo ya para correr nuevas aventuras y prefiero por tanto permanecer en silencio.³¹⁶

Na mesma carta, Azuela afirma que, ainda que *La luciérnaga* não tivesse sido publicada, ele não veria problemas na obra ser traduzida, pois ela se refere, principalmente, ao contexto social do México e não a personagens importantes da administração mexicana da época.³¹⁷ Ao que tudo indica, os dois romances são *El*

³¹³ A justificativa de Azuela sobre a publicação de *El camarada Pantoja* encontra-se em: El novelista y su ambiente. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p.1101-1102. Azuela alega que o romance foi um fracasso devido à sua incapacidade de transcrever os anos do governo Calles em um romance, o que o levou a arquivar o texto e publicá-lo muito tempo depois. Como vamos mostrar, essa justificativa não é convincente.

³¹⁴ Carta de Mariano Azuela a José María González de Mendoza, datada de 19 de setembro de 1928. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.62.

³¹⁵ Carta de Mariano Azuela a José María González de Mendoza, datada de 8 de março de 1929. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.64. Provavelmente o escritor estivesse mencionando a terceira edição desse romance, publicada em 1931, e não uma das obras inéditas que estavam escritas.

³¹⁶ Carta de Mariano Azuela a José María González de Mendoza, datada de 24 de abril de 1930. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.73.

³¹⁷ Ao que a carta indica, a intenção de José María González de Mendoza era que Azuela lhe enviasse uma cópia de um de seus romances para que fosse traduzida para o francês e publicada na França. A obra foi finalmente publicada na Espanha, em 1932. Ainda assim, encontram-se críticas a Calles na obra, de

camarada Pantoja – publicado em 1937 – e *San Gabriel Valdívias* – publicado em 1938. Nesses romances Azuela fez uma crítica ferrenha ao governo de Plutarco Elías Calles, sendo que o primeiro concentra-se na perseguição religiosa e o segundo ataca a política agrária do presidente.³¹⁸ Essa hipótese está de acordo com Víctor Díaz Arciniega e Marisol Luna Chávez, que acrescentam a informação de que, na época em que Mariano Azuela os escreveu, Julia Azuela, filha do escritor, havia se casado com Manuel Toral Moreno, primo-irmão de José León Toral, assassino de Álvaro Obregón, e teve que abandonar o México, junto com o marido, só pelo fato de que eram parentes diretos de José.³¹⁹

As cartas trocadas por Mariano Azuela durante esse período³²⁰ indicam que o escritor vivia em um estado de constante preocupação quanto à censura por parte do governo mexicano às suas obras.³²¹ Esta preocupação de Mariano Azuela parece ter se intensificado a partir da censura à adaptação de *Los de abajo* para o teatro após a quarta apresentação.³²² Pela correspondência, também é possível observar que o órgão responsável pelo controle da censura era a Secretaria de Educação, como indica a carta de Mariano Azuela a Enrique Munguía Jr, tradutor de *Los de abajo* para o inglês e amigo do escritor:

Los temores que tiene usted de los ataques que van a dirigirnos en México no carecen de fundamento. Desde hace mucho tiempo yo me daba cuenta de cierta densidad entorno, y a tal grado que cuando se anunció el estreno del arreglo dramático de *Los de abajo* los ataques esbozados y sordos a la novela no me sorprendieron. Creo que se desbarató la tempestad, en gracia al alivio que sintieron los que tenían mayor encono, por el fracaso de la representación. Pero los ataques siguen con mayores bríos y no sería sino un buen pretexto la edición americana para que los desataran en toda su fuerza.

maneira menos direta que em *El camarada Pantoja* e *San Gabriel de Valdívias: comunidad indígena*. A informação sobre a edição espanhola de *La luciérnaga* está em AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p.1290.

³¹⁸ As críticas de Mariano Azuela às políticas agrárias do governo pós-revolucionário também estão presentes nos romances *La maldición* (póstumo – 1955) e *Esa sangre* (póstumo – 1956). Voltaremos a estas críticas quando for o momento de analisar esses romances, no capítulo 3.

³¹⁹ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor; LUNA CHÁVEZ, Marisol. *La comedia de la honradez*. El Colegio Nacional. México, D.F., 2009, p.381-382.

³²⁰ As cartas nas quais Mariano Azuela comenta sobre a censura vão desde setembro de 1928 até agosto de 1930. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969.

³²¹ O tema da censura aparece em diversas cartas, apontamos aquelas nas quais isso pode ser observado de maneira clara. Cartas de Mariano Azuela a José María González de Mendoza, datadas de 01/09/1928, 08/03/1929, 19/09/1929, 24/04/1930, 15/08/1930. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.62, 64, 65, 73, 74, 80. Também e correspondências trocadas com Enrique Munguía Jr. e Gregório Ortega. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.159, 160, 161, 166, 209.

³²² Carta de Mariano Azuela a José María González de Mendoza, datada de 19 de setembro de 1929. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p. 65.

Y usted lo ha apuntado perfectamente; vienen de empleados de la Secretaría de Educación.³²³

A Secretaria de Educação, mais do que um órgão difusor da cultura mexicana e organizador da educação, funcionava como um censor, responsável por controlar a produção cultural do país, de acordo com os ideais do Estado pós-revolucionário. A radicalização ideológica por parte da SEP possivelmente veio após a saída de José Vasconcelos, que defendia uma educação mais humanista, e com a entrada de José Manuel Puig Casauranc, durante o governo de Calles. Puig Casauranc, ao contrário de Vasconcelos, defendia uma educação mais técnica que humanista e o período de Calles na presidência foi marcado pelo radicalismo na ideologia pós-revolucionária.

Mariano Azuela não era o único incomodado com o governo mexicano. Enrique Munguía Jr. e Gregório Ortega também mencionaram receio quanto à censura e perseguição.³²⁴ No caso de Mariano Azuela, esse medo alcançou níveis mais elevados: seu filho, Salvador Azuela foi preso em 1930 por apoiar a candidatura de José Vasconcelos à presidência da República, que disputava contra o candidato oficial Pascual Ortiz Rubio. Salvador Azuela foi levado para a Inspeção Geral de Polícia e depois para a prisão de Lecumberri.³²⁵ A liberação do mesmo complicou-se devido a um atentado ao presidente recém-empossado Pascual Ortiz Rubio, que foi atribuído a uma suposta conspiração de vasconcelistas. Mariano Azuela viu-se obrigado a apelar ao próprio presidente da República para libertar o filho, e enviou um telegrama a Pascual Ortiz Rubio no dia 26 de fevereiro de 1926 e conseguiu a ordem de liberação de Salvador Azuela poucos dias depois. O escritor usou de argumentos como a inocência do filho e o respeito à lei por parte do presidente. Seu nome como escritor foi provavelmente a principal razão para a soltura do filho.³²⁶

Aqui terminamos a análise da atuação de Mariano Azuela durante a década de 1920 e os inícios da década de 1930. Nosso objetivo, nesse capítulo, foi abordar a visão do escritor durante o período de reconstrução estrutural e a formulação ideológica do

³²³ Carta de Mariano Azuela a Enrique Munguía jr., de 4 de agosto de 1929. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.160.

³²⁴ Ver as cartas de Enrique Munguía Jr. e Gregório Ortega enviadas a Mariano Azuela. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.159, 209.

³²⁵ DÍAZ ARCINIEGA, Victor. Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*: correspondencia y otros documentos. México: UNAM, p.82.

³²⁶ Telegrama de Mariano Azuela ao presidente Pascual Ortiz Rubio, datado de 26 de fevereiro de 1930; telegrama de José de Aguilar y Maya, procurador geral da República a Mariano Azuela, sem data. Pelas datas dos acontecimentos, entretanto, pode-se deduzir que foi entre 26 e 28 de fevereiro, dia no qual Salvador Azuela foi liberado. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*: correspondencia y otros documentos. México: UNAM, p.206, 207-208.

novo regime. A década de 1920 foi fundamental para a consagração de Mariano Azuela como escritor e de *Los de abajo* como “o romance da Revolução Mexicana”. Como mostramos, tais eventos não se deram ao acaso e estavam entrelaçados com a própria sensibilidade intelectual, artística e ideológica do período.

Capítulo 3

Críticas ao cardenismo e os últimos romances de Mariano Azuela

O terceiro capítulo deste estudo se atém a análise de três romances de Mariano Azuela publicados entre 1939 e 1956. São eles *Regina Landa* (1939), *La maldición* (1955)³²⁷ e *Esa sangre* (1956).³²⁸ O objetivo é mostrar a maneira como Azuela viu e representou as mudanças ocorridas no México em seus últimos anos de vida, principalmente no que toca às questões políticas. Seleccionamos essas três obras em razão de seu potencial de representação, por sua abrangência temática, que vai desde o funcionamento da burocracia governamental até o discurso oficial do Partido Nacional Revolucionário (PNR), passando pela reforma agrária efetuada pelo novo regime e pela corrupção da política, instalada nas práticas da população mexicana.

3.1. *Regina Landa*: uma crítica à burocracia durante o governo de Lázaro Cárdenas

A primeira obra analisada é *Regina Landa*. Publicado em 1939, o romance conta a história de Regina Landa, filha de um falecido general que lutou ao lado de Francisco Madero e conseguiu uma pensão modesta devido à invalidez decorrida de uma “ação de guerra”. Regina recebeu uma educação liberal que lhe possibilitou construir um peculiar senso de discernimento, sendo uma das poucas personagens do romance com capacidade para refletir sobre sua própria situação e a falta de liberdade no meio burocrático em que se encontra inserida. Devido às suas péssimas condições financeiras, a protagonista teve que vender seus bens mobiliários e apenas pôde encontrar um pouco de consolo com a ajuda do senhor Sánchez, um velho funcionário público e amigo do pai de Regina, que lhe forneceu um emprego de datilógrafa em um escritório do governo.

³²⁷ AZUELA, Mariano. *La maldición*. Publicada originalmente em 1955 por Fondo de Cultura Económica. Aqui utilizamos a versão encontrada em: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996, Vol.II, p.464-602. A obra foi publicada três anos após a morte de Mariano Azuela, mas estima-se que foi escrita entre novembro e dezembro de 1948 e terminada de corrigir no dia 20 de maio de 1949. Informação obtida em AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.III, p.1290-1291.

³²⁸ AZUELA, Mariano. *Esa sangre*. Publicada originalmente em 1956 por Fondo de Cultura Económica. Aqui utilizamos a versão encontrada em: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1996, Vol.II, p.603-706. Não sabemos exatamente o ano em que Mariano Azuela terminou de escrever o romance, mas em *El novelista y su ambiente (II)*, publicado em 1949, o escritor afirmava que o romance ainda não estava terminado até esta data.

Regina adentrou no ambiente da burocracia governamental, descrito por Mariano Azuela como mesquinho, rigoroso, frio, automatizado, no qual a simulação, a subserviência, a corrupção e a ambição eram os meios de sobreviver e ascender na carreira. Ente as personagens mais significativas do romance estão, além de Regina Landa e do velho Sánchez, o senhor Mendoza, que chegou a ser namorado de Regina e que buscava um cargo de chefe no setor em que ambos trabalhavam; o senhor Nava, descrito como “trabalhador impetuoso e incansável”³²⁹ e membro de “Juventudes de Vanguardia”, grupo cujo discurso revolucionário que buscava o bem-estar de operários e camponeses era apresentado por Azuela como pura demagogia; Irma, la modelito, uma jovem que usava roupas modernas e se dizia entendida de moda como maneira de disfarçar sua origem social pobre; Ester Mendiola, melhor amiga de Regina e usada por Azuela para contrastar sua personalidade com a da protagonista: Ester, diferente de Regina, era ingênua e ambiciosa, e, ao longo do romance, foi enganada por seus chefes e por líderes sindicalistas; a senhorita Emma, que Azuela apresenta como uma personagem estereotipada e quase histérica, presidenta de “Izquierdas Femeninas”, grupo feminista que defendia a independência da mulher frente ao homem em sentido contrário à construção da feminilidade na sociedade mexicana de então; o senhor De La Torre que, assim como Regina, apresenta uma visão crítica da burocracia e dos valores sociais, como a corrupção, a ambição e o servilismo; e, por fim, Miguel Angel, o chefe de Regina Landa e personagem que melhor representa os valores negativos da sociedade e da política mexicanas para Azuela: a ambição, a simulação e a corrupção.

Ao longo do romance, Regina Landa foi ascendendo profissionalmente devido à sua simpatia e competência, mas nunca por meio de práticas escusas. A única coisa que Regina compartilhava com seus colegas de trabalho era a simulação, usada apenas para disfarçar o asco que a personagem sentia do ambiente de trabalho. Regina chegou a desistir da profissão em seu primeiro dia de trabalho, mas logo Sánchez a convenceu a continuar, ao menos até o final da semana. O amigo de seu pai e protetor tratava até mesmo Regina de maneira fria e impessoal no trabalho, bem como a todos os outros funcionários públicos. Trabalhava na burocracia governamental desde os tempos de Porfirio Díaz, exemplificando a “excelência” técnica e administrativa do funcionalismo público, marcada pela impessoalidade. Ao mesmo tempo, mostrava que, para manter-se na burocracia pública, era preciso estar alheio às questões políticas e servir aos

³²⁹ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.866.

diferentes governos, sem diferenciação. Por fim, também simboliza a permanência de funcionários porfiristas na administração pública.

Durante o tempo em que trabalhava no escritório, Regina Landa conheceu o senhor De la Torre. Essa personagem era ainda mais crítica que Regina em relação à burocracia mexicana e ao comportamento de seus colegas. De La Torre buscava uma vida fundada na autonomia individual, algo que lhe parecia impossível no serviço público, marcado pelo interesse de todos e pelo servilismo daqueles que almejavam subir de posto, como o senhor Feliz Mendoza. O narrador deixa subentendido que Regina e De La Torre tiveram um romance, mas depois o senhor De la Torre deixa o serviço público e só aparece no final do livro.

Regina Landa se manteve trabalhando no escritório por um tempo, mas, após um período, decidiu finalmente sair de seu emprego e buscar seu sustento por conta própria. Ao receber a notícia de que Regina buscava se retirar do serviço burocrático, o secretário do novo ministro³³⁰, Miguel Ángel, a convenceu a se tornar sua sócia em sua empresa privada. Porém, Miguel Ángel nunca revelou a Regina a origem de seus negócios, o que fez com que a protagonista começasse a desconfiar da ilegalidade da atuação de Ángel. Miguel Ángel escondia sua corrupção por trás da aparência de um intelectual, um homem de negócios culto e que entendia de música, arte e literatura. Ángel representava o aperfeiçoamento do oportunista, modelo de personagem trabalhado por Mariano Azuela desde seus primeiros anos como romancista da Revolução. Esse tipo de personagem é o mesmo de Andrés Pérez, em *Andrés Pérez, maderista*, de Luis Cervantes em *Los de abajo* e de Catarino Pantoja em *El camarada Pantoja*. Porém, Miguel Ángel é ainda mais simulador que os outros, pois para sua ascensão política, a personagem esconde inclusive sua orientação sexual: Ángel, homossexual, se faz passar por um galanteador de mulheres.

Regina, ao desconfiar de Miguel Ángel, abandonou a sociedade e se tornou uma modesta dona de padaria. Os lucros eram pequenos e mal davam para a personagem se sustentar, mas seu novo trabalho possibilitou a Regina alcançar sua independência e honestidade. O romance termina com o reaparecimento de De La Torre, com quem Regina havia tido um romance anos antes, quando trabalhava na burocracia. De La Torre havia abandonado o serviço público para seguir com a carreira

³³⁰ No romance não são mencionados nem o setor em que Regina Landa trabalhava, nem o nome do ministro. Provavelmente a intenção de Mariano Azuela era a de que o escritório no qual Regina trabalhava servisse de microcosmos para toda a burocracia pública, assim como o “ministro” representava a política mexicana.

de músico, com que tanto sonhava. Terminou conseguindo uma vaga na orquestra sinfônica, o que lhe permitia uma estabilidade financeira. A última cena do romance transmite a ideia de que De La Torre pediu a Regina em casamento e a história se encerrava com um final parcialmente feliz:

El golpe da en falso. De la Torre inclina la cabeza y sonríe:
–Usted no nació para esta vida de lucha, señorita Landa. Es usted una mujer de hogar... El paso que voy a dar es muy serio; pero lo he meditado bastante después de nuestra última entrevista. Esa escena en la panadería con don Manuel... Bueno: usted es la mujer que yo...
Otra vez se le secaron los labios y las palabras expiraron como un rumor en su garganta. Regina sintió un vuelco en el corazón: odio, rencor, resentimiento, todo se había evaporado sin dejar huella.
– ¿No se ofendería, Regina, si yo...?
– Diga, De la Torre...
Ella, la auténtica, con sus ojos iluminados, sus dientes pequeños y blancos, su pecho erguido y duro, su cuerpo esbelto y firme: toda ella.
Sus manos se anudaron.³³¹

Regina Landa, do ponto de vista literário, está longe de ser um romance bem elaborado. As personagens mais parecem estereótipos que pessoas reais. A justificativa para isto está em que *Regina Landa* é um romance de tese: Mariano Azuela queria mostrar a corrupção instalada na burocracia pública. Para isto, o escritor decidiu frequentar os escritórios da Secretaria de Salubridade e Asistencia.³³² Logo nas primeiras páginas do texto, o narrador descreveu Regina Landa abismada diante da frieza e automatismo do sistema burocrático:

El fragoroso teclear de las máquinas de escribir, el trabajo impetuoso de las mecanógrafas, el ir y venir de los empleados con sendas carpetas bajo el brazo, la austeridad de los rostros absortos en sus tareas, la fiebre en que se fundía aquel gran mecanismo, eran para ella lo que la música wagneriana a gran orquesta, voces y coros, para el infeliz impreparado. Sentía pánico sólo de pensar que un movimiento en falso, una palabra inútil, un gesto fallido, bastarían para suspender la vida del monstruo de cien cabezas, donde cada persona y cada cosa seguramente tendrían una función especial, integrante e necesaria.³³³

A passagem acima apresenta Regina Landa ainda inocente diante da lógica de condutas que circulava em seu ambiente de trabalho, mas apenas poucas páginas à frente o narrador já descreve uma ruptura na visão ingênua de Regina. Ao perceber a maneira fria e impessoal de Sánchez em seu ambiente de trabalho, diferente de sua

³³¹ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.963-964.

³³² Ver DÍAZ ARCINIEGA, Victor. Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela. IN: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, p.92-93; DÍAZ ARCINIEGA, Victor; LUNA CHÁVEZ, Marisol. *La comedia de la honradez*. México, D.F.: El Colegio nacional, 2009, p.411.

³³³ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.863.

bondade fora do escritório, Regina enxerga na simulação a base vital dos burocratas. E foi a partir desse ponto, a simulação, que Mariano Azuela iniciou sua crítica ao sistema burocrático mexicano. É possível dizer que a simulação tenha sido o tema mais frequente nos romances de Azuela, perpassando por praticamente todas as obras do escritor. Podemos notá-la em *María Luisa*, nas personagens de Pancho e Juana (a tia de María Luisa); em *Andrés Pérez, maderista*, na personagem protagonista; em *Los de abajo* com Luis Cervantes; em toda a família protagonista em *Las moscas*,³³⁴ enfim, a lista é enorme. Porém, em *Regina Landa* esta simulação alcança o seu máximo de sofisticação: está presente em todos os níveis da burocracia, desde os funcionários menos expressivos, até os chefes de gabinete e ministérios. Como já foi dito, a personagem Miguel Ángel é o principal representante dessa maneira sofisticada de simulação.

Víctor Díaz Arciniega e Marisol Luna Chávez mostram como essa simulação, na perspectiva de Mariano Azuela, foi acompanhada da manipulação e da demagogia nas esferas política e social, e todos esses elementos usados como forma de manter o poder, conter as massas e consolidar a Revolução.³³⁵ Em *Regina Landa*, a crítica ao discurso socialista – apropriado por Cárdenas³³⁶ – encontra-se presente através do senhor Nava, membro do grupo *Juventudes de Vanguardia*. Em diversos momentos, a fala de Nava transforma-se em uma oratória vazia a favor dos “proletários e camponeses”.³³⁷ O narrador classifica o discurso da personagem como um “jogo de palavras vazias, frases feitas e lugares comuns”.³³⁸ O discurso de Nava também se funda no princípio da simulação, pois o narrador deixa claro que a personagem buscava apenas seu benefício próprio. Mais uma vez, Mariano Azuela atribui a seu narrador um caráter irônico, de maneira a tornar sua crítica à política mexicana ainda mais ácida:

Este señor Nava es otro de los resquicios por donde ella comenzó a asomarse al *bluff* que reina en las oficinas de gobierno. No bien se presentaba el jefe, el señor Nava se precipitaba a su encuentro y lo tomaba por asalto, sin permitir que nadie le hablara antes que él le exponía los

³³⁴ Em *Las moscas*, Azuela conta a história de uma família que, após a vitória de Carranza, começou uma fuga itinerante. A família, sem se preocupar com qualquer princípio ético, buscou sempre usar de suas relações para ganhar alguma vantagem durante a viagem.

³³⁵ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor; LUNA CHÁVEZ, Marisol. *La comedia de la honradez*. México, D.F.: El Colegio Nacional, 2009, p.14-15.

³³⁶ Ver CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. México D.F.: Ediciones Era, 1991.

³³⁷ Os discursos de Nava podem ser encontrados em: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.867 e 882. A personagem é uma construção de Mariano Azuela e o autor não indica algum referente real que possa ter colaborado em sua construção.

³³⁸ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.882.

trabajos realizados, le sugería otros nuevos, le marcaba derroteros, y no había materia sobre la que no emitiera su parecer.

Un volcán en erupción perpetua y elemento insustituible para la realización de los “postulados de nuestra ideología revolucionaria y del Plan Sexenal”. Los problemas del obrero y del campesino se los sabía de memoria y las necesidades del proletariado eran tópico inagotable.³³⁹

A crítica à burocracia em *Regina Landa* não foi uma escolha aleatória de Mariano Azuela. O romance, publicado em 1939, foi escrito durante os últimos anos do governo do general Lázaro Cárdenas. Após a exposição das questões políticas encontradas na história de *Regina Landa*, é possível resgatar o valor histórico da obra como fonte documental que apresenta, além do ponto de vista do escritor sobre o momento no qual viveu, a crescente burocratização do regime pós-revolucionário e os discursos utilizados pela classe política da época para garantir a legitimidade de seu poder.

É importante avaliar o papel do governo de Lázaro Cárdenas (1934 – 1940) na história mexicana. Antes, Cárdenas já havia se destacado no Exército³⁴⁰ e na política, durante seu período como governador de Michoacán (1931-1932) e presidente do Partido Nacional Revolucionário. Cárdenas era mais jovem que os antigos dirigentes revolucionários e não pertencia à mesma geração de Obregón e Calles. Embora fosse fiel ao último, mostrou-se autônomo em relação ao “Chefe Máximo” e foi responsável pela ruptura entre o Estado pós-revolucionário e Plutarco Elias Calles. Cárdenas desejava que a Revolução Mexicana desse uma guinada mais radical, pautada em reformas que estavam sendo feitas apenas de maneira paulatina pelos dirigentes anteriores. No momento em que suas decisões discreparam da vontade de Calles, Cárdenas não hesitou e expurgou Calles e seu grupo da política e até mesmo do próprio México.³⁴¹ Para compensar a ruptura com Calles, Cárdenas buscou equilibrar seu governo a partir do apoio de bases populares, operárias e camponesas. Como a CROM apoiou Calles, Cárdenas buscou se aliar à Confederação de Trabalhadores de México

³³⁹ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.867.

³⁴⁰ Segundo Aguilar Camín e Lorenzo Meyer, em 1933 Cárdenas já havia participado de 24 ações militares importantes e comandado operações de diversas unidades do Exército, constituindo-se como um dos principais comandantes de divisão do Exército. Ver: AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.171.

³⁴¹ Cárdenas modificou parte de seu gabinete, substituindo personalidades fiéis a Calles por pessoas de sua confiança, alterou quadros do próprio PNR e expulsou Calles do país. Ver: AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.172-174.

(CTM), liderada por Vicente Lombardo Toledano, e à Confederação Campesina Mexicana (CCM).³⁴²

Arnaldo Córdova afirma que o encontro de interesses entre as classes trabalhadoras e o governo de Cárdenas produziu a colaboração entre ambos e, assim, a consequente unidade entre o Estado e as massas trabalhadoras, o que, posteriormente, conduziu à institucionalização da política da Revolução Mexicana. Segundo Córdova, nem Cárdenas nem os dirigentes operários esperavam mais do que ambas as partes prometiam: todos sabiam que o “pacto” seria mantido dentro do sistema capitalista de produção.³⁴³ Ainda que a plenitude desse “encontro de interesses” e a clareza desse “pacto” possam ser relativizadas, a vinculação das camadas populares ao Estado, através de sindicais operárias e camponesas, é evidente no final do governo de Cárdenas. Em 1938, o Partido Nacional Revolucionário transformou-se no Partido da Revolução Mexicana (PRM), caracterizado pelo apoio de diferentes setores sociais, quase todos eles organizados de acordo com a supervisão do poder Executivo. O poder do reformulado partido girava em torno do apoio das comunidades agrárias e da CCM (posteriormente Confederação Nacional Camponesa – CNC); do setor operário representado pela CTM, CROM, Confederação Geral de Trabalhadores (CGT), os sindicatos de mineiros e eletricitistas; e o setor popular, identificado com a burocracia e o setor militar, incluídos todos os membros das Forças Armadas. O mecanismo de filiação indireta permitiu ao PRM incorporar 4 milhões de membros em um país que contava com menos de 19 milhões de habitantes.³⁴⁴

Lazaro Cárdenas foi fundamental na organização de um partido que se ancorava em diversos setores corporativos. Era uma maneira de conseguir realizar as reformas desejadas – de cunho mais avançado do que as que haviam sido feitas até então –, ao mesmo tempo que garantia a defesa da propriedade privada e o controle dos setores populares – como os camponeses, operários e militares. Ao passo que as reivindicações imediatas eram atendidas – direito à greve, reforma agrária, entre outras –, os trabalhadores e camponeses, atrelados à burocracia estatal, foram perdendo gradualmente a liberdade de reivindicar e, principalmente, a possibilidade de exigir mudanças mais radicais na estrutura da economia e da sociedade.

³⁴² AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.174-177; 184-187.

³⁴³ CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. México D.F.: Ediciones Era, 1991, p.73.

³⁴⁴ AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.198.

A partir da bibliografia consultada, o governo de Lázaro Cárdenas, representa o ponto limite da Revolução Mexicana: ao mesmo tempo em que realizou reformas importantes – sendo a reforma agrária, a desapropriação de fábricas que passaram a ser dirigidas pelos trabalhadores e a nacionalização do petróleo as mais significativas –, também impediu o crescimento e a radicalização das demandas dos setores populares. Cárdenas também fomentou o crescimento da burocracia, sendo que 44% dos gastos públicos passaram a ser destinados para despesas de setores burocráticos, enquanto 38% para fins econômicos e 18% para gastos sociais, como saúde e educação.³⁴⁵ Se, na década de 1920, Obregón e Calles buscaram controlar a situação de conflito social no país e reorganizar a economia e a cultura, contando com a contribuição de intelectuais na definição de uma “cultura revolucionária”, na década de 1930, Cárdenas foi o governante que melhor atendeu às demandas populares, e também um dos principais artífices do aparato burocrático e partidário que futuramente foi usado para sufocar as mesmas demandas sociais. Cárdenas seria o último presidente cuja política apresentou um aspecto mais personalista. Os governos seguintes foram marcados pela imposição de um partido oficial que sobressaía à personalidade do presidente da República.

A obra *Regina Landa* é uma crítica mordaz a este sistema burocrático criado durante o governo de Cárdenas. A formação de um Estado articulado sobre bases corporativas, que limitavam os direitos individuais em nome dos interesses de cada setor, obviamente não agradavam a um liberal como Mariano Azuela. O escritor mexicano, através de personagens como Miguel Ángel, representou os homens ambiciosos que se utilizavam de interesses de seus respectivos setores para o benefício próprio. A diferença é que, com a modernização da política mexicana, os meios para se sobressair já não eram mais os mesmos que os de um Catarino Pantoja, protagonista de *El camarada Pantoja*, que usava do assassinato e da brutalidade. Para Mariano Azuela, no novo Estado burocrático era preciso ser astuto e o mais simulador possível para obter sucesso na política. Como afirma Arnaldo Córdova, o sistema burocrático em formação beneficiava os dirigentes das corporações, transformando-os em sócios do poder. As massas se tornavam cada vez mais distantes da política e mais despolitizadas.³⁴⁶ Mariano Azuela usava mais uma vez da literatura para fazer suas denúncias políticas. Segundo sua visão, a política continuava sendo usada para fins privados ao invés de

³⁴⁵ AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.179-180.

³⁴⁶ CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. México D.F.: Ediciones Era, 1991, p.172-173.

favorecer o bem público. A natureza dos negócios escusos de Miguel Ángel aponta para a corrupção instalada no serviço público mexicano. É na reflexão feita por Regina Landa acerca da natureza dos negócios de seu sócio que observamos uma denúncia mais direta por parte do escritor:

Sospechaba que Miguel Ángel obtenía préstamos bancarios, resoluciones judiciales, arreglaba quiebras fraudulentas, aprovechando no los trámites legales, sino exclusivamente sus relaciones con banqueros y altos personajes del gobierno. Nada sabía, por otra parte, de esa masonería del dinero y de las influencias, omnipotente ahora y siempre; pero adivinaba que tras del artista, del sabio y hasta del benefactor de la humanidad, sólo se escondía un vulgar traficante.³⁴⁷

Ainda que a verdadeira natureza dos negócios de Miguel Ángel nunca seja revelada, o desenrolar do romance deixa claro que se tratava de um farsante. É preciso esclarecer que a omissão de informações é parte do estilo de escrita de Mariano Azuela, que muitas vezes deixa espaço para que o leitor preencha as lacunas não aclaradas. Assim, grande parte das suposições feitas por Regina Landa sobre Miguel Ángel devem ser levadas em consideração.

Com esta crítica, Mariano Azuela buscava mostrar um serviço público corrompido, marcado pelo abuso do funcionário que prejudica o bem público em função de seus interesses privados. Cabe lembrar que Azuela compreendia que se tratava de um poder sustentado por uma rede de outros funcionários, que também almejavam a ascensão política. Já mencionamos aqui o caso de Felix Mendoza, que buscava uma promoção no escritório onde Regina foi trabalhar no começo do romance, e o do senhor Nava, que usava de um discurso marcado pela demagogia em prol dos camponeses e proletários.

Em relação ao senhor Nava, cujos discursos constituem-se em frases vazias e oratória barata, é importante explicar um pouco mais. As declarações do senhor Nava, centradas no bem-estar do proletariado e dos camponeses, ancoradas em um socialismo pouco preciso, indicam um tipo de discurso que circulou bastante durante o cardenismo. O próprio Partido da Revolução Mexicana reconhecia o princípio da luta de classes no sistema capitalista e apoiava o direito dos trabalhadores de lutar pelo poder político de forma a melhorar suas condições de vida. Também tinha como objetivo a “preparação do povo” para a implantação de uma “democracia dos trabalhadores” e para alcançar o

³⁴⁷ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.939.

regime socialista.³⁴⁸ A crítica de Mariano Azuela ao discurso revolucionário oficial aparece em toda a obra, mas, de forma marcante, em apenas dois momentos. O primeiro quando o senhor Nava ditava um texto para Regina, que neste ponto do romance ainda era apenas uma datilógrafa no primeiro escritório em que trabalhou. A voz do narrador, quando analisa o discurso do senhor Nava, apresenta a crítica do autor:

“... con orgullo podemos decir que México ha tenido frente al mundo un gesto revolucionario, conquistando, día a día, principios de la más alta trascendencia para el porvenir del país...” [Pedro Nava]

A voz en cuello y a tono de gran discurso en teatro lleno [narrador]. Porque yo no dicto para usted, señorita Landa, no para el personal que me está escuchando, no dicto para el país, sino para la humanidad de hoy, de mañana y de siempre. Mi literatura es universal ¡que digo!, cósmica [Pedro Nava].

Hasta las máquinas de escribir enmudecen. Catarata incontenible de frases hechas, lugares comunes, llena líneas, páginas, pliegos y cuadernos. Cuando se levanta Regina, siente rígida su espina dorsal. [narrador] [...]

Este señor Nava es otro de los resquicios por donde ella comenzó a asomarse al *bluff* que reina en las oficinas de gobierno. No bien se presentaba el jefe, el señor Nava se precipitaba a su encuentro y lo tomaba por asalto, sin permitir que nadie le hablara antes que él. Le exponía los trabajos realizados, le sugería otros nuevos, le marcaba derroteros, y no había materia sobre la que no emitiera su parecer. [narrador]

Um volcán en erupción perpetua y elemento insustituible para la realización de los “postulados de nuestra ideología revolucionaria del Plan Sexenal”. Los problemas del obrero y del campesino se los sabía de memoria y las necesidades del proletariado eran tópico inagotable [narrador].³⁴⁹

O segundo momento é quando Regina já trabalhava como sócia de Miguel Ángel e refletia sobre as leituras que havia feito e as conversas que tinha tido com este durante esse período. Seus pensamentos foram manifestados através da voz do narrador:

La dejaba abismada en sus pensamientos [refere-se a Miguel Ángel]. Naturalmente vino el día en que la cabeza se le volvió una olla de grillos con tantas lecturas sin ton ni son, y si se libró de una intoxicación mortal, debióse a los conferencistas oficiales que la habían vacunado reiteradas veces. Sabía muy bien lo que significaban “nuestros postulados revolucionarios”, “la ideología del Plan Sexenal”, “las necesidades del obrero y del campesino”, “la lucha de clases” y toda la jerigonza al día.³⁵⁰

A partir dos trechos acima, é possível notar claramente a crítica ao Plano Sexenal de Cárdenas e como uma linguagem de tom “socialista” era presente durante seu governo. Mariano Azuela via nesses discursos apenas demagogia e, diferente do que fez em *El camarada Pantoja*, no qual os ataques a personagens importantes da política mexicana eram diretos, em *Regina Landa* o escritor decidiu atacar o presidente através

³⁴⁸ CORDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. México D.F.: Ediciones Era, 1991, p.165-166.

³⁴⁹ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.867.

³⁵⁰ Idem, p.930-931.

de seu plano de governo. Uma estratégia literariamente mais interessante que acentua o caráter político de sua crítica, feita de maneira impessoal, ao programa de governo, e não à pessoa que ocupa o poder Executivo.

Em relação ao Plano Sexenal, Arnaldo Córdova afirma que foi mais um programa ideológico reivindicativo que um plano de governo. O Plano Sexenal atribuía ao Estado a função de regular a vida pública.³⁵¹ Assim, o Plano Sexenal proclamava o dever do Estado de intervir nas questões agrária, trabalhista, educativa, de segurança pública, ou seja, de interferir em praticamente todas as esferas que tocavam a sociedade mexicana. O Plano Sexenal foi o primeiro passo na construção da legitimidade do governo de Cárdenas e também o programa político-ideológico pelo qual se justificava a formação de um país organizado em corporações de todos os tipos: trabalhistas, militares, camponesas e feministas.³⁵²

Em relação a Mariano Azuela, é importante ressaltar que não se tratava de um político profissional, e sim de um escritor que se interessava por política e desejava, através da literatura, expor seu ponto de vista sobre o momento pelo qual o país passava. Azuela deixava claro que não era apenas alguém que pretendia construir ficções, mas sim relatar, através da literatura, a “realidade” – a *sua* verdade, ele frisava – do país em que vivia. Seu papel como intelectual³⁵³ – ou como “romancista”, segundo ele se definia – foi reservado, na maior parte das vezes, a expressar suas críticas na esfera pública através da literatura, o que não lhe exigia uma clareza teórico-conceitual sobre as medidas políticas que criticava. Muitas vezes os ataques feitos pelo escritor ao governo pós-revolucionário foram rasos e errôneos. Através de *Regina Landa*, o que podemos observar é que Mariano Azuela não foi favorável ao governo cardenista.

Para além da crítica feita por Azuela à burocracia, ao Plano Sexenal e aos novos pontos da “ideologia revolucionária” do governo – voltada agora para a luta de

³⁵¹ CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. México D.F.: Ediciones Era, 1991, p.45-47.

³⁵² Ver, entre outras fontes: AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: história mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.171-2010; CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. Ediciones Era, México D.F., 1991; MONSIVÁIS, Carlos. Prólogo. In: CANO, Gabriela; KAY VAUGHAN, Mary; OLCOTT, Jocelyn (comp.). *Género, poder y política en el México posrevolucionario*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 2009.

³⁵³ Ver AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.1109-1110. Mariano Azuela, por motivos que serão analisados na segunda parte deste capítulo, provavelmente detestaria ser chamado de intelectual. Usamos o termo para defini-lo devido a sua posição atuante frente à esfera pública mexicana, sempre combativo, ainda que restrito ao campo literário na maior parte do tempo.

classes e impregnada de uma linguagem politicamente mais combativa –, os anos de Lázaro Cárdenas no poder foram fundamentais para a consolidação da Revolução Mexicana. Foi durante seu governo que as reformas mais profundas foram feitas e durante o qual foi consolidado, finalmente, um vínculo mais direto entre o partido e os diferentes setores camponeses e trabalhistas da sociedade mexicana. A luta de classes aceita pelo PRM no plano ideológico, e o apoio de Cárdenas aos camponeses através da reforma agrária – inclusive concedendo armas para que eles se defendessem dos latifundiários –, e aos operários, através da expropriação de diversas indústrias que passaram a ser dirigidas por seus trabalhadores, foram os baluartes para a sustentação de seu governo.³⁵⁴

Por outro lado, se Mariano Azuela não dissertou sobre a política cardenista como um historiador ou sociólogo, através de suas obras podemos ter acesso às sensibilidades presentes no momento em que as escreveu. Víctor Díaz Arciniega e Marisol Luna Chávez afirmam que em *Regina Landa*, o escritor foi ainda mais longe do que em *El camarada Pantoja*. Se no último romance o sistema político buscava se consolidar mediante um discurso que justificasse os crimes cometidos pelos “revolucionários” e que servia como recurso ideológico para o governo pós-revolucionário, em *Regina Landa* esse discurso já estava codificado, estruturado e inserido no sistema político, tendo se tornado fundamental para a expansão da identidade da política revolucionária e para a consolidação dos mecanismos de poder.³⁵⁵

O fato de que a corrupção realmente havia se instalado em muitos setores da burocracia mexicana, não significa que a crítica feita por Mariano Azuela a ela não tenha problemas. É preciso analisar a representação ficcional construída por Azuela a partir de diferentes perspectivas. Se por um lado ela é importante para a conscientização do mal funcionamento e das práticas inadequadas por parte dos funcionários públicos mexicanos, por outro, ela se mostra uma posição política conservadora ao generalizar estas práticas. Em *Regina Landa*, aqueles que não são corruptos ou gananciosos, são incompetentes, ou apresentam descaso com a questão pública, ou, os que são competentes – como é o caso do senhor Sánchez – não se preocupam com a política, se

³⁵⁴ AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.184-192.

³⁵⁵ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor; LUNA CHÁVEZ, Marisol. *La comedia de la honradez*. México, D.F.: El Colegio Nacional, 2009, p.413-414.

limitando ao serviço técnico.³⁵⁶ Mariano Azuela, ao ter desconsiderado os avanços sociais do governo Cárdenas e ter se concentrado unicamente nos aspectos negativos de sua política, de certa maneira colaborava com os setores que faziam oposição ao presidente. Ainda assim, consideramos que isso não é um desvio de Azuela em relação ao liberalismo político que sempre defendeu, mas antes, um reforço de sua posição. O liberalismo, tanto político como econômico, quando comparado a um espectro político de reformas sociais mais profundas, como foi o caso das mudanças ocorridas durante o governo de Lázaro Cárdenas, apresenta conotações conservadoras. A liberdade política e econômica não significa igualdade social e Azuela, embora defendesse a melhoria de condições das classe populares, não disse nada a respeito de uma igualdade social e rejeitava claramente uma concepção corporativa de sociedade.

Antes de analisar a próxima obra, resta ainda um ponto a ser explorado em *Regina Landa*: as formas como Azuela representou a mulher. O escritor dedicou às mulheres o papel de protagonistas em muitos romances. Maria Luísa, no romance homônimo; Marcela em *Mala yerba*; Altagracia em *La malhora*; Conchita em *La luciérnaga*; Magdalena em *La maldición*, entre outras. Muitas vezes, foi através dessas personagens femininas que Mariano Azuela apresentou o que ele considerava o ideal de sociedade e de modo de vida. O escritor atribuiu às mulheres um papel crucial na organização social, vinculado à ideia do casamento. Nesse aspecto, podemos ver a tensão entre tradição e modernidade no pensamento de Azuela, bem como considerar alguns pontos sobre a cultura machista.

O primeiro ponto é comparar a protagonista de *Regina Landa* com outras personagens femininas construídas por Azuela. Em diversas obras, as mulheres que não se casavam eram destruídas pelo vício – geralmente o álcool – e pela prostituição. É o caso de Maria Luísa que, após uma união não formal com Pancho – que a relegou ao abandono após ter suas paixões sexuais satisfeitas – entregou-se ao álcool e à prostituição e faleceu após contrair uma série de doenças. Também é o caso da personagem Altagracia, de *La malhora*, que teve um fim bastante parecido. Conchita, de *La luciérnaga*, ao contrário das anteriores, era uma mãe de família cujo marido, Dionísio, não apresentava nenhum controle sobre seu dinheiro e seus vícios. Conchita separou-se do marido e, após um tempo sozinha, refletiu e decidiu abdicar de sua

³⁵⁶ Sánchez era funcionário desde os tempos do porfirismo e apenas se manteve no serviço público por ser um técnico eficiente e por se manter calado e isolado no trabalho.

liberdade e voltar para a Cidade do México, na qual se encontrava Dionísio, para cuidar do marido e reatar a família.

Na maior parte dos romances de Azuela, o casamento é representado como o destino ideal da mulher. Ela se casava ou trabalhava de maneira honesta e vinculada a alguma atividade permitida às mulheres, ou seu fim seria invariavelmente a morte, quase sempre resultado de um processo de auto-destruição.

Regina Landa, a princípio, é uma personagem feminina diferente das outras elaboradas por Azuela. Ela teve uma educação liberal, era capaz de refletir sobre sua condição e lugar social, apresentava um pensamento crítico em relação à política e desejava ser independente tanto economicamente – renunciando ao trabalho na burocracia pública – quanto amorosamente – ela só se apaixonou por De La Torre no final do romance (até então, essa personagem só tinha aparecido em um curto trecho do romance). Tampouco Regina parecia estar em rota de colisão a um final trágico: após abandonar sua sociedade com Miguel Ángel, ela se tornou dona de uma padaria que, ainda que não lhe tinha fornecido grandes lucros, lhe permitia viver honestamente. Também não manifestou sinais de alcoolismo.

Em toda a obra de Mariano Azuela são poucas as personagens femininas tão singulares. Em *Los de abajo*, temos a personagem La Pintada e no próprio *Regina Landa* é notável a senhorita Emma, que representava as feministas que começaram a surgir na sociedade mexicana de então. Mais uma vez, é possível olhar para a literatura como fonte documental. A análise histórica desses tipos femininos permite pensar o lugar social atribuído às mulheres mexicanas durante a primeira metade do século XX, bem como compreender ainda mais como Mariano Azuela estava marcado pelas contradições de seu tempo. Tendo escrito literatura entre o final do século XIX, antes do período revolucionário, até o final da década de 1940, o próprio escritor poderia representar o período de mudanças pelo qual o país passou, com todas as ambiguidades possíveis.

A primeira das personagens mencionadas, La Pintada, representa uma *soldadera*, nome usado para as mulheres que acompanharam seus companheiros e combateram durante a luta armada. As origens das *soldaderas* eram várias, sendo, na maioria dos casos, pobres: lutavam para estar próximas a seus companheiros, não importava o laço que possuíam com eles, ou mesmo, eram recrutadas à força. As funções exercidas por estas mulheres também eram as mais variadas: acompanhavam os exércitos para as tarefas de aprovisionamento de comida, ajudavam os feridos,

enterravam os mortos, além de combaterem na guerra civil. As *soldaderas*, em sua maioria, eram originárias de um meio social pobre e miserável, e eram discriminadas e sem direitos.³⁵⁷ Em *Los de abajo*, La Pintada era uma das personagens mais cruéis e violentas, independente inclusive sexualmente, pois o romance leva o leitor a entender que ela tinha relações tanto com Demétrio quanto com El Guero Margarito. Como destoava do ideal de mulher defendido por Mariano Azuela, suas atribuições não poderiam ser positivas.

Se La Pintada representava uma realidade feminina do contexto bélico da Revolução, a senhorita Emma e Regina Landa são personagens representativas de uma sociedade mais moderna, após duas décadas do fim dos conflitos armados. Emma era uma feminista independente, que abominava o casamento e parecia ter uma repulsa pelos homens, ao passo que Regina, ainda que independente e ilustrada, não está tão segura de suas relações com eles. Um trecho longo do romance, no qual Emma pedia a Regina sua opinião sobre o divórcio, apresenta as divergências entre as duas personagens:

La señorita Emma disfrutaba de una brillante reputación como mujer inteligente y de ideas avanzadas. Escribía artículos para los periódicos del gobierno, era presidenta de *Izquierdas Femeninas* y oradora de fama en *Letras y Artes*. Tenía una gran debilidad por las conferencias y los discursos y se los procuraba, planteando problemas o haciendo preguntas a sus imprevistas compañeras.

– Yo preferiría para marido – le respondió Regina, sin cuidarse siquiera de Félix – a un hombre sano y fuerte, trabajador y sencillo, que entendiera la vida como yo la siento: un hogar tranquilo con muchos hijos... y hasta con muchos nietos.

Las muchachas aplaudieron ingenuamente; pero la señorita Emma irguió su grueso busto, se caló los fuertes cristales de miope y serenando las líneas de su cara redonda y llena, de una blancura amantequillada, especie de lechuza blanca, dijo:

– Es un encanto. Para ella no existe la cuestión social. ¡Dichosa! No sospecha siquiera el momento trágico que está viviendo. Una burguesita perfecta. ¡Y no tiene ni veinte años!...

El matrimonio era uno de sus temas favoritos, porque tenía ideas tan atrevidas en tal materia, que siempre dejaba boquiabierto a su auditorio o provocaba un tumulto.³⁵⁸

Da parte de Regina, podemos inferir que, nesse ponto inicial do romance, o escritor mostrava que, apesar da personagem ser peculiar no que toca à sua independência, ela não se distanciava muito do lugar social reservado às mulheres em

³⁵⁷ MONSIVÁIS, Carlos. Prólogo. In: CANO, Gabriela; KAY VAUGHAN, Mary; OLCOTT, Jocelyn (comp.). *Género, poder y política en el México posrevolucionario*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 2009, p.20-21.

³⁵⁸ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.871.

uma sociedade na qual o homem era, de fato, quem exercia o poder. De todas as personagens femininas de Azuela, Regina é a que está mais próxima do que o escritor concebia como ideal de mulher. A personagem havia tido uma educação liberal, era esclarecida, inteligente, não se prostituía, não bebia, mas, ainda assim, em última instância, tinha o casamento em seu horizonte. Assim, não representaria as mulheres mais conservadoras da sociedade, caracterizadas e sufocadas pelo fanatismo religioso, nem as “degradadas” – prostitutas e viciadas – e nem as supostamente “revolucionárias”, como Emma.

Emma permite analisar um outro tipo de situação. Era conhecida por ser “inteligente” e por suas “ideias avançadas”. Azuela deixa claro que estas “ideias avançadas” referiam-se ao tema do casamento e da posição da mulher na sociedade. O autor também confere à personagem um vínculo com o governo: escrevia artigos para jornais da situação, além de compartilhar da preocupação com a “questão social”, tema vinculado à ideologia do Estado pós-revolucionário. Emma também sofria do mesmo mal do senhor Nava: o gosto por conferências e discursos. É uma personagem caricata, usada para representar os grupos feministas que começavam a ganhar relevância na esfera política mexicana.³⁵⁹

O papel político exercido pelas mulheres durante o governo de Cárdenas é a justificativa para uma personagem como Emma ser construída por Mariano Azuela em uma obra escrita em 1939. Embora a Lei do Divórcio tivesse sido aprovada em 1914 e em 1915 surgisse em Mérida (estado de Yucatán) o Primeiro Congresso Feminista, a Constituição de 1917 não havia trazido nenhum avanço no que toca às questões feministas.³⁶⁰ As mulheres ainda eram consideradas política e socialmente menores de idade. Somente nos anos 1930 elas começaram a ocupar um papel de relevância na política nacional. Em 1931 ocorreu o Primeiro Congresso Nacional de Operárias e Camponesas, seguido por dois congressos similares em 1933 e 1934. O governo de Cárdenas apropriou-se de setores feministas já organizados e vinculou-os ao Partido Nacional Revolucionário, sendo que, em 1934, foi organizado o setor feminino do partido, que, em 1935, se constituiu em Frente Unida Pró Direitos da Mulher, chegando a contar com 50.000 filiadas. Ao final do governo cardenista, a Frente Unida Pró

³⁵⁹ É possível que Emma também seja uma homenagem à personagem Emma Bovary, de Gustave Flaubert. Ainda que as duas personagens não apresentem características estritamente semelhantes, ambas destoavam das concepções idealizadas de mulher nas sociedades em que foram construídas.

³⁶⁰ MONSIVÁIS, Carlos. Prólogo. In: CANO, Gabriela; KAY VAUGHAN, Mary; OLCOTT, Jocelyn (comp.). *Género, poder y política en el México posrevolucionario*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 2009, p23-24.

Direitos da Mulher foi convertida em setor feminino do partido, cuja função seria a de produzir quadros políticos para o Partido da Revolução Mexicana (o nome do partido já havia mudado).³⁶¹

Embora Mariano Azuela não realize uma reflexão histórica sobre a luta das mulheres na sociedade mexicana, sem dúvida Emma é um produto da percepção do escritor frente ao papel dos grupos feministas na sociedade moderna. Grupos feministas estes que o escritor não via com bons olhos, em razão de sua concepção tradicional do lugar feminino – o lar, como protetora da família –, e por ver as feministas como grupo vinculado ao governo.

A concepção de Azuela sobre o lugar social das mulheres já foi mencionada aqui, mas ela se encontra evidente em duas passagens do mesmo romance. A primeira delas, quando o narrador descreveu Violeta, uma personagem secundária, colega de escritório de Regina:

Nadie la comprendió porque nadie la tomaba en serio. Violeta era una locuela divertida y nada más. Su mundo era el movimiento perpetuo. De un dinamismo irreprimible, marcaba su presencia dondequiera que se encontrara. Si era la primera en llegar a la oficina, las mesas se estremecían, crujían los cajones abiertos, volaban los expedientes, arrastrábanse las sillas, y los gritos a los mozos salían disparados por las puertas y las ventanas. Cuando llegaba la multitud todo se convertía en risas, bromas, disputas y gritos. De cuerpo menudo y agresivo – una avispa ponzoñosa –, la varicilla arriscada y puntiaguda, los ojos terriblemente maliciosos, era de una perfección de formas cultivadora. Pero había aprendido demasiado para su edad y estado: el matiz que daba a sus frases, la desenvoltura en sus maneras y la libertad en sus expresiones daban al traste con lo que de mejor había en ella. El cigarro en la mano, el pantalón y las botas, cuando salía de excursión o aun sin ello, sus palabrotas y sus risotadas, la hacían olvidar lo que en la mujer vale más: el ser siempre y solamente una mujer. A nadie le era antipática; pero nadie la tomaba en serio.³⁶²

A partir da análise do trecho acima, é possível perceber a visão tradicionalista de Azuela sobre como uma mulher não deveria ser. Dizer palavras obscenas, expressar-se com liberdade, usar calças, fumar, rir alto, tudo isso gerava – para o escritor – a perda da feminilidade da mulher. Era uma mulher que não poderia ser “levada à sério”. Em contraste, ao consultar outro trecho da obra, é possível perceber o valor do matrimônio e do trabalho para o escritor:

Encendida, fuera de si, Ester se hizo una bola con sus palabras. Y cuando se convenció de que nada había contestado, dobló su cuello y puso sus ojos

³⁶¹ MONSIVÁIS, Carlos. Prólogo. In: CANO, Gabriela; KAY VAUGHAN, Mary; OLCOTT, Jocelyn (comp.). *Género, poder y política en el México posrevolucionario*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 2009, p.33-34.

³⁶² AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.906.

tristes, como pajarito enfermo. Regina que la había puesto en un brete, sin premeditación, cambió de tono:

– Cuando una ha aprendido a trabajar y es dueña de su libertad, no tiene por qué temerle al matrimonio, que al fin y al cabo no es sino la realización de una vida.³⁶³

A partir de meados da década de 1930, Mariano Azuela era um dos escritores mais conhecidos no México,³⁶⁴ e um dos mais reconhecidos fora do país. Trocou correspondências com diversos professores universitários estadunidenses e latino-americanos que lecionavam nos Estados Unidos – como John Englekirk, Lawrence B. Kiddle³⁶⁵ e Arturo Torres-Rioseco³⁶⁶ – e estudantes, como o portorriquenho Julio Machuca³⁶⁷ e Hipólito A. Bravo³⁶⁸, além de intelectuais como Manuel Pedro González.³⁶⁹ Mariano Azuela também publicou obras inéditas em editoras latino-americanas, como Ercilla no Chile,³⁷⁰ o Club del Libro na Argentina,³⁷¹ e o jornal *La Nación*, de Buenos Aires.³⁷² O romance *Mala yerba* foi adaptado para o cinema por produtores holandeses.³⁷³ *Los de abajo* também foi adaptado para o cinema em 1939, sob a direção de Chano Urueta, o que colaborou para que a obra se tornasse ainda mais conhecida pelo público.

Enquanto Mariano Azuela foi se tornando uma pessoa importante e reconhecida oficialmente pelo governo e por instituições literárias, o governo mexicano, após as profundas reformas realizadas por Lázaro Cárdenas, começou a mudar seu direcionamento nacionalista e popular, reduzindo o ritmo das reformas sociais a partir

³⁶³ Idem, p.922.

³⁶⁴ O reconhecimento oficial de Mariano Azuela por parte de intelectuais e do governo mexicano será analisado com mais ênfase no capítulo seguinte, quando for abordado o tema da apropriação da imagem de Azuela para a construção de uma memória “oficial” da Revolução Mexicana.

³⁶⁵ BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.112-142.

³⁶⁶ Arturo Torres-Rioseco (1897-1971) foi um escritor chileno que posteriormente lecionou em universidades estadunidenses do Texas, Califórnia e Columbia. Ver BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.236.

³⁶⁷ BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.236-237.

³⁶⁸ Idem, p.231-232.

³⁶⁹ Idem, p.39-60.

³⁷⁰ Idem, p.298-299.

³⁷¹ idem, p.289-294.

³⁷² Idem, p.295-296.

³⁷³ Não foi possível ter acesso ao filme durante a produção da pesquisa, mas sua existência é mencionada em uma carta de José María González de Mendoza a Mariano Azuela, de 23 de março de 1935. In: BERLER, Beatrice (org.) *Mariano Azuela*. Correspondencia y otros documentos. México, D.F., Fondo de Cultura Económica, UNAM, 2000, p.330-331. Mariano Azuela também comenta sobre o filme em suas páginas autobiográficas. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.III, p.1157. De acordo com Azuela, o diretor seria Gabriel Soria. Não encontramos, nas fontes pesquisadas, nenhuma informação que apresente mais detalhes sobre esse filme.

do período de Manuel Ávila Camacho na presidência. A Revolução Mexicana e a Constituição de 1917 deixaram de ser vistas como fatos históricos precisos para se tornarem um “legado”, algo pertencente ao passado.³⁷⁴ O país, economicamente, deixou de priorizar a agricultura, substituindo-a pela indústria. A ideologia oficial apontava as mudanças sociais como conquistas já garantidas e o enfoque passou para a modernização do país. Após Cárdenas, seus sucessores adotaram uma política menos personalista já que podiam contar com uma estrutura político-partidária que garantia a continuidade do poder nas mãos da “família revolucionária”, ou seja, do grupo que formava o alto escalão do Partido Revolucionário Institucional (PRI).³⁷⁵

3.2. Os últimos romances de Mariano Azuela e sua análise final sobre a Revolução Mexicana e seus desdobramentos

Se o governo mexicano ia se afastando cada vez mais de um discurso popular e nacionalista – visto por Azuela como demagogo –, e de um perfil militarista – Ávila Camacho foi o último presidente militar –, Mariano Azuela nunca deixou de criticar a corrupção que envolvia o partido oficial. A principal mudança na crítica de Azuela foi que seu alvo ficou cada vez menos concentrado em personalidades políticas e cada vez mais focado na sociedade. O partido oficial, no entanto, foi criticado até o final da produção literária do escritor. Azuela, no romance *La maldición*, buscou mostrar como a política teria corrompido a sociedade mexicana, sendo que o caminho para a ascensão na burocracia começava nos pequenos subornos de funcionários de baixo escalão e chegava até os mais sujos e lucrativos esquemas de desvio de verba e de manipulação de massas.

La maldición conta a história de uma família que antes da Revolução possuía terras e bens, mas que perdeu tudo após a formação do governo pós-revolucionário. O romance está centrado em três personagens: Rodolfo, irmão mais velho de Magdalena e chefe da família após a morte do pai; Magdalena, uma jovem que almejava os luxos e a vida cômoda que a capital poderia lhe oferecer; e Emilia, a mãe dos dois jovens e viúva do falecido Basílio, o antigo chefe da família. Uma outra personagem que ocupa a margem do romance, mas cuja presença será uma constante mesmo após a sua morte, é

³⁷⁴ AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.212.

³⁷⁵ O Partido da Revolução Mexicana (PRM) mudou seu nome para Partido Revolucionário Institucional (PRI) em 1946. O nome permanece o mesmo até o presente ano de 2013.

o tio Don Carlos, irmão de Basílio e homem considerado “instruído”, que, ao amaldiçoar a família quando esta decidiu mudar para a Cidade do México, dá o título ao romance.

Em poucas passagens encontramos menção a personalidades reais. Em uma delas, Plutarco Elias Calles foi responsável por expropriar um fazendeiro – Pancho Ortega – devido a que este último ajudava os *cristeros*, enquanto perdoou três anos de dívidas de Basílio que, por sua vez, roubou Pancho Ortega. Se Calles foi novamente mencionado de maneira depreciativa por Azuela, Cárdenas foi narrado como o responsável pela expulsão do “Chefe Máximo” do país em uma breve citação no romance:

Cierto es que a Basilio el señor Calles le condonó los tres años de contribuciones con que estaba recargado; cierto y muy cierto que Basilio, de su propio dictamen, se agregó el potrero de la Cuchilla de la hacienda de don Pancho Ortega (diez fanegas de riego y diez yuntas de bueyes). El Gobierno lo desahució porque por trasmano, ayudaba a los cristeros. Y como dicen, de que se los coman los moros a que se lo coman los cristianos [...] Y un día Basilio vino con la novedad y leía el periódico y decía, ¡malo!, y decía que la infidencia del Jefe Máximo y que los principios revolucionarios de un señor Cárdenas y que esto y que lo otro. [...] Al señor Calles lo empaquetaron en un avión a los Estados Unidos y a ti [Basilio] te quitaron hasta la camisa.³⁷⁶

Não é possível observar uma opinião positiva de Azuela sobre Cárdenas apenas a partir do excerto acima. Já foi mostrado que o escritor foi um crítico da burocratização e da ideologia de caráter socializante do partido do governo durante o período cardenista. As consequências da reforma agrária sempre foram representadas com ambiguidade por Azuela pois, ao mesmo tempo que esta tinha diminuído o poder das antigas elites, o povo continuava sendo explorado por aqueles que administravam a distribuição e produção das terras, os *agraristas*. Com as fontes que temos, é possível assegurar apenas que a partir do governo de Lázaro Cárdenas as críticas passaram a ser indiretas. São possíveis duas explicações para isto. A primeira está relacionada ao próprio tempo transcorrido após o fim da Revolução e à idade de Mariano Azuela (quando escreveu *La maldición* já tinha 75 anos), o que teria permitido uma análise mais distante dos eventos, sendo que seus romances apresentavam uma visão retrospectiva e refletida das consequências do conflito armado e do governo estabelecido após seu fim. A segunda explicação é a de que, após seu filho ter sido

³⁷⁶ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.II, p.465.

libertado³⁷⁷ e Azuela ter recebido diversas premiações oficiais, o escritor já não tinha mais conflitos diretos com o governo, como mencionou em seus textos autobiográficos, escritos em 1949:

Ocurrió que me invitaron del Seminario de Cultura Mexicana con \$ 250.00 mensuales y acepté el puesto con mil amores: primero porque ya se me agotó cuanto malo tengo que decir de nuestros gobiernos y otro primero porque con el dinero del gobierno pago lo que el gobierno me quita.³⁷⁸

Díaz Arciniega e Luna Chávez mencionam duas outras razões para a menor intensidade da crítica de Azuela. Segundo esses autores, o escritor buscava recuperar o aspecto moralizante de sua crítica social, tal qual em seus anos iniciais, além de prosseguir em um implícito desejo pedagógico, voltado para a conformação da dignidade do ser humano.³⁷⁹

O que se pode inferir, sem dúvida, das obras finais de Mariano Azuela é que sua crítica à corrupção política nunca foi arrefecida, como observamos nas análises seguintes. A morte de Basílio e a tomada dos terrenos de sua família são o ponto de partida de *La maldición*. Quando Rodolfo se tornou o líder da família, por ser o homem mais velho da casa, ele decidiu se mudar à Cidade do México, de modo a cobrar do governo o que este lhes havia “roubado”. Emilia decidiu pedir conselho a Don Carlos, que discordou da ideia e disse que, caso a família se mudasse para a capital, encontraria a perdição. Rodolfo decidiu não seguir o conselho de Don Carlos – que, de fato, não sentia nenhum amor por seus familiares – e partiu com a família para a Cidade do México. Ao chegar na cidade, deparou-se com a desigualdade social da capital, que se fazia ainda mais explícita com a quantidade de bens de consumo próprios da vida moderna – automóveis, roupas, edifícios.

Rodolfo, ao ver as condições de penúria em que sua família se encontrava, saiu para procurar emprego, conseguindo o posto de varredor. Instalaram-se todos em uma modesta pensão. Rapidamente Rodolfo descobriu os artificios necessários – novamente a simulação, a corrupção e o suborno – para sua ascensão econômica, chegando ao posto de líder sindical.³⁸⁰ Rodolfo compreendeu a importância das “mordidas”

³⁷⁷ A prisão de Salvador Azuela foi mencionada no capítulo 2 deste estudo.

³⁷⁸ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente [II]. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.III, p.1176. O texto original é de 1949 e foi publicado em *Novedades*, nº28.

³⁷⁹ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor; LUNA CHÁVEZ, Marisol. *La comedia de la honradez*. México, D.F.: El Colegio Nacional, 2009, p.513.

³⁸⁰ Como foi visto, a partir do governo de Lázaro Cárdenas, diversos sindicatos vincularam-se ao governo.

(pequenos subornos) e, para conquistar seu chefe Salinas, prostituiu a própria irmã Magdalena, primeiro para este e, posteriormente, para indivíduos que ocupavam postos mais altos do escalão político. O ponto alto da carreira de Rodolfo foi o cargo de deputado do Partido Nacional Revolucionário.³⁸¹ Após a ascensão, veio o declínio: Rodolfo foi preso como bode expiatório por crime de corrupção e, após sair da prisão, não conseguiu recuperar seu prestígio e poder. Emilia mudou para o campo, por não se acostumar a vida na capital e faleceu, após anos sem ver seus filhos. Magdalena passou a vida dependente de Rodolfo e outros homens, que apenas aproveitavam de sua beleza ou de seu trabalho, até que, no final da história, ela decidiu viver de seu próprio trabalho. A jovem terminou cuidando de seu filho, resultado do único amor verdadeiro que teve em sua vida: Roberto, um jovem médico que não possuía grandes ambições na vida e valorizava o esforço e o trabalho. Don Carlos, por sua vez, morreu sem saber que fim tinham tido seus familiares, vistos com desprezo pela personagem, que apenas buscava averiguar se os fatos se desenrolavam de acordo com a “maldição” lançada. Rodolfo, embora não tenha falecido no romance, descobriu que tinha diabetes, seu grande medo, o que se configura como um anúncio de morte para a personagem.

Em um sentido amplo, *La maldición* é mais um romance no qual Mariano Azuela representou a luta da virtude contra o vício. De fato, como afirmam Díaz Arciniega e Luna Chávez, Mariano Azuela tinha uma intenção pedagógica em seus últimos romances.³⁸² Mais do que apresentar tipos sociais, em obras como *Regina Landa* e *La maldición* o autor apresentou – não só no conteúdo de sua narrativa, mas em sua própria estrutura textual – os exemplos que se deviam seguir e os que não se deviam seguir. As trajetórias de Rodolfo e Magdalena (também chamada de Malena na história) eram uma clara evidência disso: Rodolfo, através da corrupção, conseguiu um êxito temporário, mas em seguida, decaiu na miséria e na doença, enquanto Magdalena, ainda que pobre e desolada, encontrou a redenção no trabalho digno e na criação do filho, além de ter perdoado seu irmão.

Em *La maldición*, é possível observar alguns valores implícitos na sociedade mexicana moderna, segundo a visão de Azuela, tais como o desejo pelo poder, o uso do patrimônio público para fins privados, a falta de ética na política, o desejo desenfreado

³⁸¹ Embora neste momento o partido já se apresentava como Partido da Revolução Mexicana, Mariano Azuela continuou usando seu nome antigo. É possível que isto indique que, para o escritor, a mudança do partido era apenas nominal e nunca política.

³⁸² DÍAZ ARCINIEGA, Víctor; LUNA CHÁVEZ, Marisol. *La comedia de la honradez*. México, D.F.: El Colegio Nacional, 2009, p.513.

de bens de consumo (principalmente através de Magdalena), assim como o objetivo moralizante de Azuela, baseado em valores liberais, como o esforço individual, e tradicionais – o segundo filho³⁸³ de Magdalena e seu amor não concretizado por Roberto foram os motivos para que a mesma recuperasse uma vida honesta, valorizando o amor e a família. A única personagem inteiramente virtuosa no romance é Roberto, o estudante de medicina pelo qual Magdalena se apaixonou, e que conseguiu uma ascensão social através do estudo e do trabalho e aceitou uma vida modesta e cheia de sacrifícios, até conseguir sucesso na profissão. Ele representa um contraponto a Rodolfo e mesmo a Magdalena, cujo desejo de riqueza e consumo foi sempre colocado em oposição à humildade de Roberto.

Se do ponto de vista moral a obra tem um objetivo pedagógico, do ponto de vista político ela é crítica. Embora quase não haja referências a personalidades conhecidas do país, ela sinaliza ao leitor uma corrupção que não estaria apenas nos altos escalões do poder, mas se encontraria sistematizada e difundida por toda a estrutura social. Rodolfo ocupava um posto muito mal remunerado – o de faxineiro – quando descobriu o poder do suborno. A “mordida”, mais do que uma maneira fácil de conseguir chegar a um posto alto no governo, constituía-se como uma prática política e social necessária para a sobrevivência em um mundo corrompido.³⁸⁴ Sem ela, Rodolfo não conseguiria sequer se manter em seu primeiro emprego.³⁸⁵

A crítica ao governo é mais nítida quando Rodolfo está atingindo seu auge na vida política. Em um de seus discursos como líder sindical, é possível observar novamente a crítica de Azuela à demagogia política, encarnada em um discurso a favor dos direitos do proletariado:

La asamblea final tuvo efecto el lunes por la noche y Rodolfo obtuvo un éxito completo. Con cálida palabra defendió los sagrados derechos del conglomerado. “La Revolución no habrá cumplido su misión mientras haya un ciudadano que carezca de casa, abrigo y sustento. Y el proletariado nacional debe mantenerse en pie de lucha hasta que realice sus anhelos de justicia social. (Estruendosos aplausos). No debemos dejarnos engañar con el halago de las palabras, exijamos los hechos. Y hechos, camaradas, son los que os ofrezco desde esta tribuna y tenemos que acabar por ganarlo todo.”³⁸⁶

³⁸³ Malena teve uma filha antes, que morreu devido a uma difteria mal tratada. Supostamente o filho era de Salinas, ainda que a origem nunca tenha sido revelada de maneira clara. AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.II, p.562.

³⁸⁴ DÍAZ ARCINIEGA, Víctor; LUNA CHÁVEZ, Marisol. *La comedia de la honradez*. México, D.F.: El Colegio Nacional, 2009, p.515-516.

³⁸⁵ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol. II, p.474-475.

³⁸⁶ Idem, p.498.

Rodolfo utilizou da oratória – princípio fundamental no humanismo republicano – como modo de enganar os operários e as camadas populares. Assim, um recurso que deveria ser utilizado para convencer a população sobre as questões que tocavam o bem público, havia se transformado em um discurso vazio e corrupto, meio pelo qual – através de Rodolfo – Azuela denunciou uma prática que via como comum entre os políticos de seu tempo. O escritor condenava, acima de tudo, a sistematização da corrupção e uma política que se sustentava através de subornos e simulações e não através do cumprimento da lei e do interesse pelo bem comum. Os funcionários públicos e os líderes sindicais foram os tipos usados pelo escritor para denunciar os abusos do governo e os valores negativos da época em que viveu. Outra vez Mariano Azuela, representa de maneira generalizada a corrupção no funcionalismo público e na política mexicana. Essa crítica é problemática na medida em que deixa de lado os avanços sociais da Revolução e pode servir aos interesses dos grupos conservadores da sociedade mexicana. Nesse sentido, Azuela parece ter perdido uma visão mais aguda sobre as conseqüências do processo revolucionário, para construir críticas mais simples, menos ambíguas, da política mexicana.

Uma outra conclusão que se pode retirar de *La maldición* é que o romance representa concretamente o ambiente urbano da Cidade do México em finais da década de 1940. O consumo, os bens de produção, os carros que circulavam pela moderna capital estão presentes na obra:

Tejidos de algodón y lana, sarapes, *sweaters* estrechamente ceñidos a los bustos de madera pintados de color de rosa, medias, calcetines. Embobadas, se detenían en cada aparador y sin sentirlo habían llegado a Santa Catarina. Malena exclamó en éxtasis:
– ¡Si parece nacimiento!
En el escaparate de una zapatería, entre escarcha de algodón, tiras de celofán de colores vivos, papel encarrujado, rebrillaban zapatillas y choclos de charol, de ante, de seda, de cabritilla, moños primorosos, tacones altos torneados con elegancia.³⁸⁷

Azuela também descreve como o impacto dessa modernização havia gerado novos hábitos sociais, como as mudanças nas formas de vestir, de flertar e de andar pelas ruas:

Muy divertida, Malena veía pasar la gente: mujeres bonitas y elegantes se entreveraban. ¿Como le harán para caminar con esa gracia y ligereza, entre este gentío? Si no fueran tan estiradas y tan chocantes: ni siquiera la miran a una y si lo hacen parece que ven un animal raro. Los hombres son más

³⁸⁷AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol. II p.471.

agradables, algunos casi se la comen a una de puro fisgarla, pero con buenos modos; los más van muy serios, pensativos y como si los llevara algún negocio de urgencia. Lo que más me gusta es que van bien vestidos y muy limpios. Me casaría con alguno de ellos.³⁸⁸

Ao analisar a obra literária como fonte histórica, o que interessa aqui ao ressaltar a descrição de elementos urbanos modernos na literatura de Azuela, é mostrar como – ainda que esta não fosse a intenção do autor – *La maldición* exhibe parcialmente o sucesso do governo mexicano quando, a partir dos anos 1940, mudou o foco de sua política econômica do campo para a cidade através da industrialização do país. O resultado da Revolução Mexicana, após tantos anos, foi a consolidação de uma classe média no poder, em vez da aristocracia rural anterior, e a plena integração do país no sistema capitalista de produção. O governo de Cárdenas criou as bases definitivas para esta integração e os governos sucessores puderam se concentrar concretamente na modernização do país. O México que Azuela descreveu no final da década de 1940 era muito diferente daquele representado em suas obras iniciais e mesmo em suas obras da década de 1920.

Se não era a intenção de Mariano Azuela mostrar os logros do governo pós-revolucionário, com certeza era mostrar as desigualdades sociais do país. Se em suas obras da década de 1920, principalmente *La malhora* e *La luciérnaga*, já mostrava as zonas marginais e os excluídos e explorados da Cidade do México, em *La maldición* o escritor buscou mostrar como esta modernização havia aprofundado a separação entre a classe dominante e aqueles que estavam à margem da sociedade de consumo. Todos os bens de uma cidade moderna passavam ante os olhos da família Montelongo (família protagonista), sempre separados por uma vitrine. Vale lembrar da análise de Marshall Berman sobre a cidade moderna.³⁸⁹ O “progresso” das cidades teria tornado as divisões sociais ainda mais explícitas, ao trazer os marginalizados sociais ao mesmo cenário das classes mais abastadas sem, no entanto, possibilitar a eles desfrutar dos mesmos bens e da mesma qualidade de vida que elas.

A especificidade do cenário mexicano, que Azuela apresenta, é que aqui, diversas famílias que antes eram detentoras do poder e da riqueza, agora passaram a perder o prestígio, o dinheiro e o poder que detinham. Ainda assim, essas mudanças não eram compreendidas pelo escritor como um projeto político de justiça social e sim pela

³⁸⁸AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol. II, p.472.

³⁸⁹BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ascensão de uma nova classe política que ocupava o poder, apenas objetivando seus próprios interesses, através da corrupção e da simulação. A sistematização dessa corrupção permitia a continuidade da exploração dos mais pobres e das desigualdades sociais no país. Porém, Azuela, através da literatura, propagava um fim pedagógico: o preço que se pagava pela ascensão rápida aos altos escalões do poder era a própria destruição –como foi o caso de Rodolfo –, enquanto só a educação, o trabalho, e o esforço individual poderiam garantir uma vida estável e honesta.

Se a Revolução Mexicana, para Mariano Azuela, havia apenas contribuído para a formação de uma nova classe de parasitas políticos, ela havia sido um fracasso total? Retornando a uma questão colocada nos capítulos anteriores, seria Azuela um completo desencantado com os rumos da Revolução? Em novembro de 1934, ao responder a um questionário obrigatório aplicado pelo governo aos funcionários públicos,³⁹⁰ o escritor foi colocado diante de uma série de perguntas que abordavam temas políticos. O perfil ideológico do questionário era óbvio, principalmente devido ao seu caráter de imposição obrigatória aos funcionários públicos. Mariano Azuela conseguiu responder com habilidade, sem se desvencilhar de seus ideais. Vamos expor parte do questionário e usá-lo de ponto de partida para discutir o desencanto de Azuela com a Revolução Mexicana. As palavras em itálico destacam o texto do questionário, enquanto as outras são referentes às respostas de Mariano Azuela:

V. Datos sobre filiación política

A. De identificación con la Revolución:

a) ¿De 1910 a la fecha se ha sentido identificado con los principios, esfuerzos y actuaciones de la Revolución? Desde antes que se iniciara el movimiento maderista.

b) ¿Por qué razones? Porque creí que sólo por revolución podría llegar [a] derribarse un régimen de privilegios.

c) ¿Ha discrepado usted con la Revolución? Con la Revolución nunca.

d) ¿Por qué razones? Porque la Revolución sigue realizando su obra a pesar de todos los errores de sus representantes.

e) ¿Piensa usted que la Revolución (1910-1934) ha sido benéfica, mediocre o nula para los intereses del país? No es tiempo todavía para juzgarla y los que menos estamos capacitados para hacerlo somos los que, aunque sea en parte insignificante, pertenecemos a ese movimiento [...]

g) Piensa usted que hay otros medios más eficaces que los revolucionarios para llevar al país al más alto grado deseable? La elevación de la cultura individual.

h) ¿Qué medios pueden ser esos? Poner la educación de la juventud en manos de [ilegible] y más idóneos como maestros.

h) [sic.] ¿Qué opinión tiene usted de los hombres más prominentes de la Revolución? Contestación dada anteriormente.

³⁹⁰ Mariano Azuela era médico na Beneficência Pública do Distrito Federal, Cidade do México. O questionário completo encontra-se em: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, p.211-217.

i) *¿Ha prestado usted servicios políticos, militares o sociales a la Revolución? Enumere usted los más importantes fijando lugares y fechas en que los haya prestado.* Propagandista de la revolución maderista y Jefe Político de Lagos al triunfo del movimiento; propagandista de la revolución contra Victoriano Huerta, médico de las fuerzas revolucionarias de Julián Medina y Director de Instrucción Pública en Jalisco durante el gobierno de la Convención.

K) *¿Prestó usted servicios militares a la causa del general Victoriano Huerta?* De ninguna especie.

l) *¿Ha combatido militar, política o socialmente a la Revolución?* No.³⁹¹

A partir do trecho acima, é possível perceber como o Estado mexicano era incisivo ao abordar os temas que tocavam à Revolução Mexicana. É possível afirmar que se tratava de mais um mecanismo classificatório, quiçá intimidador, para sondar e classificar aqueles que eram contrários à “ideologia revolucionária” – classificados como “reacionários” – e aqueles que eram considerados “revolucionários”. Mariano Azuela conseguiu responder de maneira direta e com destreza ao questionário, definindo-se como alinhado ideologicamente à Revolução, mas sem se identificar com os governantes do país. Azuela afirmou que nunca havia discordado da Revolução, “porque esta seguia realizando sua obra apesar dos erros de seus governantes”. No entanto, era um romancista com apurada consciência histórica e lhe parecia demasiado cedo para julgar a Revolução em definitivo em meados dos anos 1930.

As respostas de Azuela jogam uma nova luz a seu “desencanto”. Ao que indicam, o escritor conseguia perceber alguma melhoria no país após o conflito armado e na década que se seguiu a este. O desencanto de Azuela com a Revolução permaneceu ao longo de sua vida, sendo que essa não conseguiu concretizar os ideais republicanos e liberais defendidos pelo escritor, mas tal desencanto variou em intensidade conforme os anos avançaram. Ao responder ao questionário, já se haviam passado mais de vinte anos da morte de Francisco Madero, quase esta quantidade de anos que o escritor havia servido nas tropas de Julián Medina, e seu filho, Salvador Azuela, já havia sido liberto. O escritor estava com 61 anos e o pior já havia passado.

Como mostrado em *Regina Landa* e *La maldición*, Azuela continuou criticando o governo, mas de maneira menos direta e mais preocupado em mostrar os reflexos da corrupção política na vida social do país. Contudo, foi em *Esa sangre*, ao retornar ao mesmo ambiente e história de *Mala yerba*, que o escritor realizou sua reflexão final sobre a Revolução Mexicana e suas consequências. Em *Esa sangre*

³⁹¹ BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, p.214-215. Grifos no original.

(1956), a personagem Julián Andrade retornou a San Pedro de las Gallinas para recuperar suas terras e prestígio, as primeiras expropriadas pelo governo e o segundo perdido com o tempo e a falta de riquezas. Não é necessário aprofundar muito na obra para entender a questão de Azuela. Em diversos aspectos, ela reproduz outros fatores já expostos aqui na análise de outras obras.

Em *Mala yerba* (1909), por sua vez, Julián Andrade era o último homem da família Andrade, poderosa na região de San Francisquito. Julián, como fazendeiro poderoso, detinha o poder não só econômico, mas também sobre a vida de seus empregados. Assim, a jovem Marcela, retratada por Azuela como de uma beleza primitiva, agressiva e natural, era vítima constante dos abusos de Julián. Porém, Marcela sabia de seu poder de atrair os homens, e assim conseguia, em alguns momentos, ter controle sobre a vontade de Julián. Outra personagem importante era Gertrudis, um peão habilidoso, forte e orgulhoso. Este se apaixonou por Marcela e, em um ponto avançado da trama, acabou se juntando à moça, constituindo-se como o único casal no romance que se formou por amor, ainda que nunca tenham conseguido consolidar um casamento religioso, conforme as tradições. Julián Andrade, com ciúmes de Marcela, assassinou Gertrudis e depois saiu em sua busca. Após o último ato sexual entre Marcela e Julián, a moça descobriu que este havia matado Gertrudis e acabou suicidando, de maneira que Julián nunca mais a poderia ter.³⁹²

Esa sangre, escrita quarenta anos após *Mala yerba*, é a história do retorno de Julián Andrade a San Pedro de las Gallinas após décadas fora do México. Andrade havia se juntado às tropas de Villa quando a Revolução começou e, após um tempo, fugiu para a Argentina, onde viveu todo este tempo e passou por inúmeras penúrias, vivendo na miséria. Ao chegar em San Pedro de las Gallinas, Julián deparou-se com surpresas desagradáveis: o nome da família Andrade era reconhecido apenas por aqueles que viveram em sua época e completamente desconhecido pelos mais jovens; sua irmã Refugito era conhecida como “Cuca, la pollera,”³⁹³ e Julián, já velho, era tratado com escárnio e descaso por quem quer que o encontrasse. Refugito, que em *Mala yerba* era uma personagem quase sem importância, havia desistido de reaver suas antigas posses e agora se dedicava ao trabalho modesto e à religião, como maneira de

³⁹² AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol. I, p. 221-222.

³⁹³ “Pollo”, em espanhol, é o nome dado ao frango. O apelido dado à irmã de Julián Andrade significa, no plano literário, a substituição do sobrenome antes poderoso “Andrade” por algo que indicasse a pobreza em que a mulher vivia.

viver honesta e tranquilamente. Coube a Refugito sustentar seu irmão, que não aceitou a condição de pobreza em que se encontravam. Em *Esa sangre*, observa-se a repetição de algumas personagens presentes em *Mala yerba*, dessa vez representados através de sobrinhos das personagens do romance anterior. São eles Marcela, cuja aparência era similar à da tia, e Gertrudis, que era presidente municipal da região, de quem Julián passou a depender para tentar reaver suas antigas terras, nunca reconquistadas ao longo do romance. Ao final da obra, Julián morreu ao enfrentar *El Fruncido*, descrito como “ladrão e assassino”³⁹⁴ e delegado da Comissão Nacional Agrária.

A reforma agrária efetuada durante o governo de Lázaro Cárdenas foi a causa da perda de terras da família Andrade,³⁹⁵ assim como da família Montelongo em *La maldición*. A diferença é que *La maldición* tem por cenário um ambiente urbano e em *Esa sangre* observamos a mudança no próprio meio rural no qual ocorre a expropriação de terras. Novamente, não é possível notar nenhuma crítica direta a Cárdenas, ainda que os resultados da reforma agrária não sejam vistos como positivos, Mariano Azuela estabeleceu na personagem *El Fruncido* o representante do governo no que tocava à distribuição de terras, personagem construída a partir de características negativas:

El Fruncido tenía un costurón en la cara y al hablar parecía que le estiraban una jareta en la boca. Su apellido era Aguilar; era capitán y jefe de destacamento local y delegado de la Comisión Nacional Agraria.³⁹⁶[...] Porque *El Fruncido* era el hombre más adulado y aborrecido del pueblo. Insolente, vulgar y brutal, hacía y deshacía en San Francisquito. Llegó de fuera impuesto por el gobierno y pronto se supo que era tan ladrón como asesino. Ponía a prueba la paciencia del presidente municipal, que a su pesar toleraba sus arbitrariedades.³⁹⁷

Ao afirmar que *El Fruncido*, imposto pelo governo, detinha o poder de fazer o que bem desejasse em San Francisquito, Azuela buscou mostrar como o autoritarismo dos senhores de terras anteriores à Revolução tinha sido substituído pelo poder do governo, que impunha um sistema tão violento e arbitrário quanto o anterior. O poder de *El Fruncido*, odiado pelo povo, era, inclusive, maior que o de Gertrudis, eleito e adorado pelo mesmo povo.

³⁹⁴ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol. II, p.669.

³⁹⁵ Idem, p.605.

³⁹⁶ Idem, p.668.

³⁹⁷ Idem, p.669.

Ainda que o tema da reforma agrária já tivesse sido abordado por Mariano Azuela na obra *San Gabriel de Valdívias, comunidad indígena*,³⁹⁸ o escritor só veio a tratá-lo sob o ponto de vista dos fazendeiros decadentes nos romances *La maldición* e *Esa sangre*. Nesses dois últimos romances, a reforma agrária é atribuída ao governo de Lázaro Cárdenas, presidente responsável pela maior distribuição de terras desde o início da Revolução.

A visão apresentada por Azuela sobre as consequências da reforma agrária cardenista apresenta equívocos. É possível que em diversos lugares líderes de sindicatos agrários tenham se beneficiado pessoalmente das reformas, mas não se deve reduzi-las apenas a isso. O governo cardenista tinha como objetivo estruturar a base da economia mexicana através dos *ejidos* que, na visão de Cárdenas, deveriam se constituir por propriedades agrárias corporativas.³⁹⁹ Para concretizar seu ideal, o governo de Lázaro Cárdenas distribuiu quase 20 milhões de hectares de terras, beneficiando a 771.640 famílias agrupadas em 11.347 *ejidos*, cerca de 25,8 hectares por pessoa.⁴⁰⁰ É evidente que essas ações não agradaram os latifundiários e que alguns se viram em situações que seriam improváveis antes da Revolução, mas representar toda a ação governamental em personagens como *El Fruncido* é um exagero que evidencia a opinião de Azuela sobre as medidas agrárias cardenistas. O escritor, em diversos momentos, apresenta a expropriação de terras como um roubo por parte do governo, e não como uma medida que visava atender às camadas populares.

Ainda que em *Esa sangre* Azuela tenha mostrado que, do seu ponto de vista, a população continuava explorada por novos agentes, o escritor tinha consciência plena de que a Revolução havia mudado algo no país. Isso não está expresso apenas no questionário respondido em 1934, mas também estava presente na própria concepção de seu último romance. Em *El novelista y su ambiente*, o escritor, ao falar da ideia em torno da construção de *Esa sangre*, afirmou:

Los tiempos han cambiado y la revolución trastornó todo aquel orden de cosas: el peón del rancho aún no disfruta de los bienes a que por naturaleza tiene derecho, pero tiene bien abiertos los ojos y sabe que un esfuerzo más logrará redimirlo. Económicamente está en tan mala situación como en tiempo de la revolución, pero ha conquistado algo que vale mucho más que el dinero; [sic.] su dignidad de ser humano. Los hacendados de ayer siguen llorando a don Porfirio y haciendo creer a los bobos en que aquél fue un

³⁹⁸ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.I, p.767-861.

³⁹⁹ AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p.183-184.

⁴⁰⁰ Idem, p.189.

gobierno patriarcal y que desde su caída México viene a cada día de mal en peor, aunque los hechos le respondan lo contrario; vive en el estado del que está ciego porque no quiere ver.⁴⁰¹

Com isto chegamos à conclusão de que o desencanto de Mariano Azuela com a Revolução Mexicana não foi completo. Ela teria mostrado ao país que as classes exploradas tinham aprendido a cobrar do governo o que necessitavam, nem que para isso tivessem que usar da força. As classes dominantes não seriam mais inquestionáveis. Não havia mais espaço para um Julián Andrade, que tratava seus peões como objetos dos quais tinha a posse. Isso fica claro quando, em *Esa sangre*, Julián Andrade, ao retornar à sua terra natal e na qual antes exercera um poder quase absoluto, foi tratado com desdém, sarcasmo e ironia por pessoas que antes seriam seus empregados. Mesmo *El Fruncido*, com sua crueldade e poder, não foi, em nenhum momento da narrativa, descrito como alguém poderoso e perverso como o Julián Andrade de *Mala yerba*. O primeiro poderia exercer poder sobre a distribuição e controle da produção das terras, mas jamais exercia poder sobre o corpo do outro, como a família Andrade exercia sobre o corpo de seus empregados, como nos mostra o caso de Julián com Marcela.

Para Mariano Azuela, a dignidade conquistada valia mais do que os bens materiais e, através de sua obra, o escritor buscou colaborar na construção de um México mais digno, mostrando, principalmente através da literatura, como, a seu ver, valores como trabalho, educação e amor poderiam ser os mantenedores da dignidade humana frente a um sistema político cada vez mais corrupto.

⁴⁰¹ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vol.III, p.1110.

Capítulo 4

Reconhecimentos, homenagens e apropriações da imagem de um escritor “revolucionário”

4.1. Um intelectual fora de lugar? As atuações institucionais de Mariano Azuela

O objetivo deste capítulo final é analisar a atuação de Mariano Azuela como intelectual na década de 1940. É fundamental mostrar como o escritor que adotou uma postura independente até o final dos anos 1930, passou a trabalhar em instituições oficiais, como o Seminário de Cultura Mexicana e o Colégio Nacional e como teve sua imagem apropriada pelo Estado, reforçando a ideologia oficial.

O desafio é o de compreender a visão de Azuela sobre os intelectuais, sobre si mesmo enquanto homem de letras, e acerca de sua tentativa de autonomia frente a um Estado que buscava cooptar intelectuais de maneira a contribuir com a fomentação da política cultural oficial. É necessário somar a isso, a própria dificuldade de definição do termo “intelectual” que, como afirma Jean-François Sirinelli, é polissêmico.⁴⁰² Lorde Byron já os mencionava no século XVIII⁴⁰³. A ideia do homem de letras como alguém dotado de um conhecimento superior e capaz de assumir posições importantes na sociedade esteve presente em vários momentos da história humana – na Grécia Antiga, na Idade Média, e, também, na América Latina.⁴⁰⁴ Para este estudo, adotou-se a concepção do intelectual moderno, cuja origem do termo, como o compreendemos atualmente, deu-se no Caso Dreyfus.⁴⁰⁵ O intelectual moderno atua através de manifestos, panfletos, petições, artigos de jornais, ou seja, só é possível de ser pensado a partir do crescimento da imprensa, que possibilitou uma sofisticação da atuação do antigo erudito na esfera pública, considerando que a imprensa, em alguma medida, permitiu que o debate público se tornasse mais acessível e complexo.

No capítulo um, já foi discutida a interpretação dada para o termo intelectual por Edward Said, na qual o intelectual é um indivíduo dotado de uma vocação para

⁴⁰² SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ªed., Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.242.

⁴⁰³ JENNINGS, Jeremy; KEMP-WELCH, Tony. The century of the intellectual: from the Dreyfus Affair to Salman Rushdie. In: *Intellectuals in politics: from the Dreyfus Affair to Salman Rushdie*. London and New York: Routledge, 1997.

⁴⁰⁴ RAMA, Angel. *A cidade letrada*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

⁴⁰⁵ No capítulo um, na nota 48, descrevemos brevemente o “Caso Dreyfus”, ressaltando, inclusive, que o termo, no início, apresentava uma conotação negativa.

representar e articular uma mensagem, inserindo-a na esfera pública⁴⁰⁶. Ela é fundamental para compreender este último capítulo, no qual consideramos a Azuela como um intelectual, lutando por um ideal de verdade e justiça que considerava universais, ao mesmo tempo que representava os interesses de um grupo social e político – os liberal-democratas não satisfeitos com os rumos tomados pela Revolução.

No caso latino-americano, as relações entre os intelectuais e a sociedade apresentam uma complexidade diferente da europeia. O reduzido número de alfabetizados, o difícil acesso às universidades, as estreitas relações estabelecidas entre muitos “homens de letras” e os donos do poder, contribuíram para que o intelectual, na América Latina, se distanciasse ainda mais das camadas populares. Estudos como o de Angel Rama⁴⁰⁷ e o de Carlos Altamirano⁴⁰⁸ mostram como foi reservado aos intelectuais um lugar de poder nos nascentes Estados latino-americanos, sendo os intelectuais responsáveis – muitas vezes de maneira auto-delegada, outras devido às suas relações com as elites políticas – por elaborar ou viabilizar projetos de modernização de suas nações, adequando-as ao sistema capitalista. A modernização e crescimento da imprensa trouxeram mudanças para a atividade intelectual, bem como para sua posição frente à sociedade. Através de publicações em jornais, os homens deixaram de limitar seu espaço de atuação aos círculos fechados e aos espaços restritos dos “homens de poder” e passaram a comunicar-se com um público mais amplo. Em certo sentido, passou a ser um profissional mais especializado, atuando muitas vezes através de jornais e revistas, tendo que viver de seu trabalho, como um assalariado.⁴⁰⁹

No entanto, o intelectual latino-americano não conseguiu o mesmo grau de independência em relação ao Estado que os intelectuais franceses ou ingleses, por exemplo. Ainda que a imprensa na América Latina tenha se modernizado e se desenvolvido, o subcontinente ainda se manteve deficiente em relação aos níveis de alfabetização e educação. As grandes desigualdades econômicas e sociais foram mantidas, sendo que estes fatores contribuíram para que grande parte da população se mantivesse distante da política. Muitos intelectuais, viram-se obrigados a ingressar na

⁴⁰⁶ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.25.

⁴⁰⁷ RAMA, Angel. *A cidade letrada*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985.

⁴⁰⁸ ALTAMIRANO, Carlos. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: *Historia de los intelectuales en America Latina*. Vol.II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Ed. Katz Editores. Buenos Aires, Argentina, 2010.

⁴⁰⁹ RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

burocracia estatal para sobreviver, muitas vezes tendo que atender os interesses das elites políticas dominantes, ainda que agora o seu lugar fosse fundamentalmente o do funcionário público e não necessariamente como parte dessa elite política.

Ao longo do texto, definimos Mariano Azuela como um intelectual, considerando sua atuação na esfera pública a partir de seus romances, como representante de um grupo político e da democracia liberal. A produção de Mariano Azuela está inserida em um contexto no qual a imprensa – principalmente os jornais e as revistas – era o principal meio de circulação para as obras intelectuais, bem como para os debates e polêmicas entre os intelectuais. O aparato burocrático estatal também foi um meio fundamental, no caso mexicano, para a atuação intelectual, tanto durante os anos finais do porfirismo, quanto após a fase bélica da Revolução Mexicana.

A noção de intelectual ocupou um lugar bastante negativo na obra de Mariano Azuela. Nem sempre a palavra “intelectual” era mencionada diretamente, ainda que a concepção estivesse presente em suas descrições. No entanto, ela já se encontrava no romance *Andrés Pérez, maderista*, escrito em 1909⁴¹⁰, e Mariano Azuela, admirador de Zola, acompanhou o Caso Dreyfus no momento de sua eclosão, como relata detalhadamente no texto *Grandes novelistas*:

La gente se bate: por Zola o contra Zola. En las familias, entre los amigos hay injurias, amenazas: la guerra civil.

En esa época, los estudiantes nos contagiábamos del estado efervescente de Francia y como allá nos colocábamos en bandos contrarios: liberales y conservadores. Éstos como simpatizadores del militarismo, los otros asombrados e indignados más que todo por la conducta de la juventud estudiosa de Francia en causa común del rufianismo imperante.⁴¹¹

A crítica de Mariano Azuela aos intelectuais continuou em romances posteriores a *Andrés Pérez, maderista*, como em *Los de abajo*, na personagem Luis Cervantes, e em *Regina Landa*, com Miguel Ángel. E seguiu em suas conferências no Colégio Nacional, na década de 1940. É preciso considerar que Mariano Azuela sempre foi médico e, até a sua entrada para o Seminario de Cultura Mexicana, quando de sua

⁴¹⁰ Na passagem, a personagem Andrés Pérez, diz: “Evidentemente los intelectuales y los parias coincidimos en nuestro amor a la paz”. O trecho é idêntico tanto na versão do romance publicado pelo Instituto Politécnico Nacional, quanto no segundo volume das Obras Completas do escritor. *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002, e *Correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000, p.36; AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. II, P.778.

⁴¹¹ AZUELA, Mariano. *Grandes novelistas*. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p.877. O texto foi resultado de suas conferências no Colégio Nacional, em 1950.

fundação, em 1942, o escritor manteve-se afastado dos espaços acadêmicos. Sendo assim, nunca se preocupou em explicar os conceitos que usava de maneira bem determinada, sendo que muitas vezes os usava de acordo com uma classificação muito particular, formulada por ele próprio.

Azuela criava contraposições para expressar suas críticas e validar seus argumentos. A figura do intelectual era oposta à do sábio, erudito, homem de letras. O primeiro aparece na obra de Azuela como oportunista, com um conhecimento apenas superficial, sem ligação com experiências concretas, enquanto os segundos eram apresentados como filósofos, donos de um conhecimento profundo, desinteressados, amantes da cultura e das artes. Os primeiros seriam Luis Cervantes, Andrés Pérez, Miguel Ángel. Os segundos estariam bem representados na figura de Don Agustín Rivera, historiador e padre liberal do estado de Jalisco, também tio da esposa de Azuela. A crítica aos intelectuais nunca vinha acompanhada de nomes, sendo que o escritor a expressava ou de maneira abstrata ou através de suas personagens. Embora não tenhamos encontrado fontes que confirmem a hipótese, possivelmente esta era uma tática defensiva do escritor, para não ser mal visto por seus pares.

À primeira vista, a posição de Mariano Azuela frente à representação do intelectual nos parece contraditória. O escritor, embora exercesse atividades próprias de uma cultura intelectual – publicava romances que discutiam questões políticas importantes à sua época; frequentava espaços de sociabilidade intelectual, como os teatros e os círculos literários nas cidades de Lagos e Guadalajara; trocava cartas com outros romancistas, poetas e diversos artistas –, foi um severo crítico de seu próprio grupo e, obviamente, não se via como um deles. No entanto, esta posição é bastante compreensível quando se olha para o quadro intelectual mexicano desde o porfirismo, no qual diversos intelectuais atuaram na burocracia estatal, colaborando para a legitimação de um governo aliado aos exploradores das classes populares. Ao criticar a postura da intelectualidade mexicana, voltada para o servilismo burocrático, o escritor apresentou o seu ideal de intelectual, ou seja, aquele que deveria se sacrificar para mudar a realidade, e também exercer o papel de guia e orientador do povo. Azuela manifestou explicitamente sua posição sobre a intelectualidade mexicana em uma entrevista concedida à revista *Hoy*, em 1937:

Es lastimoso lo que estamos viendo en México. Las inteligencias mejor preparadas, las más estudiosas, las que deberían servir de verdadera guía y orientación al pueblo, son las primeras en corromperse. Lo malo es que esa pobre gente se siente tan contenta de sí misma, como si el mundo entero estuviese pendiente de su actitud. El intelectual, en México, lejos de

sacrificarse por mejorar nuestro espantoso estado de cosas, se contenta con admirarse a sí mismo. Y cuando se digna levantar los ojos, es para implorar, con gesto suplicante, el puesto que habrá de proporcionarles el medio de vivir... ¡La única manera de que el Mundo no se vea privado seguramente de una obra genial!⁴¹²

Se o intelectual era figura tão negativa para Azuela, como justificar então sua atuação frente à sociedade mexicana e a admiração por Émile Zola? A resposta para esta questão encontramos na oposição entre outras duas categorias: a do literato e a do romancista.⁴¹³ O literato, para Azuela, era aquele que se preocupava mais com o estilo do que com o conteúdo da história a ser contada, sendo “literatura” aquilo que é “apenas recheio de palavras, frases ou períodos sonoros, tão sonoros como ocos”.⁴¹⁴ Em relação ao romance, o escritor nunca o definiu de maneira satisfatória. Em uma entrevista para a *Revista de América*, de 4 de fevereiro de 1950,⁴¹⁵ Azuela afirmou que o romance era fundamentalmente narrativa, interesse e amenidade. Assim, não poderia tentar resolver problemas sociológicos, psicológicos, econômicos. Na mesma entrevista, Azuela novamente tentou fazer essa separação entre o romancista e o literato:

Creo también que debemos separar al novelista del literato. Jamés y Miró fueron literatos. Hay casos excepcionales en que un estilo demasiado artístico, el de Flaubert, antes ayuda que estorba al novelista, pero lo común es que en su deseo de escribir floridamente aburra también al lector. Digamos, entonces, que la literatura daña al novelista. Cuando éste trata de escribir bien, y pule frases, hace metáforas y redondea periodos, echa a perder su narración.⁴¹⁶

Embora em seus textos apareça alguma que outra vez nomes de filósofos e teóricos como Kant e Keyserling, estes são mencionados apenas esporadicamente, e nunca do ponto de vista de um estudioso das teorias literárias. Mariano Azuela nunca escreveu algo próximo do que pode ser considerado um texto acadêmico, nem para os parâmetros atuais, nem para os contemporâneos ao escritor. Por isso, nunca se preocupou em esclarecer sistematicamente o que entendia por literatura e o que entendia

⁴¹² Entrevista intitulada “Mariano Azuela opina: una entrevista con el célebre escritor”. In: LEAL, Luis. *Mariano Azuela: el hombre, el médico, el novelista*. México: CONACULTA, 2001, p.249.

⁴¹³ Como, dito anteriormente, Mariano Azuela usa o termo “novelista”. Em nosso estudo trocamos o termo “novela” por “romance”, pois é o equivalente do termo no português.

⁴¹⁴ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p.684.

⁴¹⁵ Entrevista intitulada “Azuela, escritor universal: alcance de la obra novelística del gran escritor y ejemplar ciudadano”. A entrevista completa encontra-se na compilação de LEAL, Luis. *Mariano Azuela: el hombre, el médico, el novelista*. México: CONACULTA, 2001, p.274-279.

⁴¹⁶ LEAL, Luis. *Mariano Azuela: el hombre, el médico, el novelista*. México: CONACULTA, 2001, p.277.

por romance. Para o escritor, esta era uma distinção prática, do ponto de vista do leitor interessado.

O importante em situar a forma como Azuela compreendia o romance e a literatura, é estabelecer como compreendia sua função como escritor e não como intelectual. Mariano Azuela, assim como Zola, também lutava para expor ao público o que considerava a verdade da Revolução, sendo esta, uma maneira de lutar pela justiça. Azuela, ao olhar para Zola, não viu um intelectual como seus pares mexicanos, mas sim um romancista que lutava por uma causa digna. Isto possibilitaria a Azuela seguir os passos de Zola, elogiá-lo sem se apropriar da categoria de intelectual, mantendo apenas a imagem de um romancista honrado, que defendia a verdade e a justiça.

Os métodos de composição de Balzac e Zola, fundados na observação cautelosa da experiência humana, base da literatura realista e naturalista, foram apropriados por Azuela na composição de seus próprios romances.⁴¹⁷ O conjunto da obra do escritor mexicano apresenta uma proposta próxima à *Comédia Humana* de Balzac, na qual o romancista buscava analisar diferentes extratos da sociedade francesa. Azuela, ao longo de sua trajetória como escritor, representou quase todos os setores da sociedade mexicana: políticos, burocratas, operários, camponeses, latifundiários, prostitutas, bandidos, donas de casa etc. Em diversas passagens de suas conferências sobre Balzac e Zola, Azuela buscou legitimar suas próprias decisões, principalmente quando narrava como estes tinham sido atacados pelos críticos que lhes foram contemporâneos, tema muito caro a Azuela. Neste trecho, é possível notar como, ao falar de Zola, Azuela falava de si mesmo:

Tuvo el desdén más olímpico por los críticos. “¿La Opinión Pública?” Es la más viciosa de las prostitutas. Su desprecio por la literatura es igual: “La literatura no existe, existe la vida de la que la política y el arte forman parte: eso es todo”.⁴¹⁸

É impossível não comparar os trechos acima com as opiniões do próprio Azuela sobre a crítica mexicana e a literatura. Ao longo de suas conferências no Colégio

⁴¹⁷ Mariano Azuela descreve o método de composição de Zola em seu texto *Grandes novelistas*. AZUELA, Mariano. *Grandes novelistas*. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p. 898-899. Já foi mostrado nesse estudo como Azuela partiu da observação de experiências reais para a composição de algumas de suas obras, como *Los de abajo* e *Maria Luisa*. O tema foi tratado com mais profundidade no capítulo 2.

⁴¹⁸ AZUELA, Mariano. *Grandes novelistas*. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p.821. Azuela não indica de onde retirou estas citações, o que demonstra que não se tratava de um trabalho acadêmico minucioso e indica uma evidente tentativa de vincular as ideias de Zola às suas.

Nacional, Azuela não poupou ataques à crítica.⁴¹⁹ O trecho a seguir mostra como ela era apresentada por Azuela:

Quando un crítico inteligente y pundonoroso se atreve a desgarrar los velos que cubren infinidad de valores falsos, o se le obliga a callas abriéndole un vacío sin escape, o se le arroja a la cara el avispero menudo del chisme de las camarillas y de los corrillos.⁴²⁰

Apresentado o olhar de Mariano Azuela sobre os intelectuais, sobre a maneira como o escritor se via – como romancista aos moldes de Balzac e Zola, mas não como intelectual –, resta pensar sua relação com o Estado nos anos finais de sua vida. Já foi estabelecido aqui que, independente de como Azuela se via, nossa análise nos leva à conclusão de que este era um intelectual. As conferências dadas no Colégio Nacional e, conseqüentemente, as publicações destas na imprensa, sustentam ainda mais a intenção do escritor de que as questões que levantava deveriam circular na esfera pública.

Mariano Azuela, ao longo da década de 1940, participou como membro fundador de duas instituições culturais e intelectuais de prestígio: o Seminário de Cultura Mexicana, em 1942, e o Colégio Nacional, em 1943. Ambas foram resultado da iniciativa da Secretaria de Educação Pública – tendo, como Secretário de Educação, Octavio Véjar Vázquez –, em consonância com os interesses de alguns intelectuais, entre eles, Antonio Caso.

Não há fontes suficientes para informar quais foram estas atividades desenvolvidas por Mariano Azuela no Seminario de Cultura Mexicana. Provavelmente, o pouco tempo que o escritor permaneceu no Instituto não lhe possibilitou exercer muitas atividades. Existe uma carta de Miguel N. Lira, chefe do Departamento de Publicidade e Propaganda, pedindo a Azuela que enviasse mensalmente um ou dois artigos para a difusão no rádio ou na imprensa, sobre os temas abordados pelo escritor no Seminário de Cultura Mexicana. Junto à carta, existe uma nota de Mariano Azuela com a provável resposta enviada a Lira, na qual Azuela afirma ter se comprometido apenas a escrever romances e se desculpa.⁴²¹ De fato, tudo indica que a única atividade

⁴¹⁹ As críticas de Mariano Azuela à crítica mexicana encontram-se ao longo dos textos *Cien años de novela mexicana*, *Algo sobre novela mexicana contemporânea*, *Divagaciones literárias*, *Letras de provincia*, *Grandes novelistas*, e em seus textos autobiográficos, *El novelista y su ambiente* [I] e *El novelista y su ambiente* [II]. Todos se encontram em: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III.

⁴²⁰ AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p.588-589.

⁴²¹ Carta de Miguel N. Lira, chefe do Departamento de Publicidade e Propaganda a Mariano Azuela, datada de 7 de janeiro de 1943. BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.272. Beatrice Berler, ao organizar as cartas de Azuela e transpô-las ao

desenvolvida por Mariano Azuela enquanto membro do Seminário de Cultura Mexicana foi a escrita do romance *La machanta*, publicado pela Secretaria de Educação Pública em 1944.⁴²² Chama a atenção que, na carta enviada por Azuela ao secretário de Educação, já é possível notar uma outra postura do escritor frente ao governo, afirmando não ter interesse que uma editora comercial fosse a responsável pela edição de seu livro e que seria uma honra tê-lo publicado pela Secretaria de Educação Pública, a mesma que pouco mais de uma década atrás o escritor apontava como a responsável pela censura no país.⁴²³ Evidente que a carta enviada a um secretário de Educação está marcada por um distanciamento, mas ainda assim é possível indicar uma mudança de postura por parte de Azuela, que até então tinha se afastado dos círculos intelectuais da Cidade do México e das instituições oficiais do país.

Antonio Caso, ex-ateneísta, proferiu o discurso de inauguração do Colégio Nacional, *Libertad por el saber*. Esse discurso foi publicado no jornal *El Universal*, da Cidade do México, em 21 de maio de 1943, e constitui-se como um documento importante para avaliar as intenções sob as quais foi fundado o Colégio Nacional.⁴²⁴ A instituição foi fundada com base no Collège de France, voltada para um “espírito do humanismo”. Antonio Caso também afirmou, nesse discurso – que leva no nome o lema do Colégio Nacional –, que o mesmo foi criado a partir das ordens do presidente Manuel Ávila Camacho e do secretário de Educação Pública Octavio Véjar Vázquez. Ainda assim, o filósofo ressaltou a medida contida no primeiro artigo do Decreto de Fundação do Colégio Nacional, que garantia a “estrita exclusão de todo interesse ligado à política militante, nas cátedras do Instituto”.⁴²⁵

O lema do Instituto, “Libertad por el saber”, e o distintivo do mesmo – uma águia alçando vôo sob um sol de fogo, simbolizando a liberdade de pensamento sob o saber – ilustram a intenção de manter a liberdade de pensamento dentro do Instituto. Possivelmente esta proposta atraiu Mariano Azuela, ainda que as fontes encontradas não apontem para o principal motivo da decisão do escritor em aceitar o convite. O que as

formato de livro, preservou as notas que o escritor deixava junto às cartas, como rascunho da resposta ou marcando se a carta tinha sido respondida ou não.

⁴²² Ver as cartas trocadas entre Mariano Azuela e Octavio Véjar Vázquez. BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.283-284.

⁴²³ Carta de Mariano Azuela ao secretário de Educação Pública, Octavio Véjar Vázquez, datada de 4 de setembro de 1943. In: idem, *ibidem*.

⁴²⁴ O discurso se encontra reproduzido na íntegra no site oficial do Colégio Nacional: <http://www.colegionacional.org.mx/SACSCMS/XStatic/colegionacional/template/content.aspx?se=historia&id=61&ev=63>. Acessado em: 30/08/2013.

⁴²⁵ Idem.

fontes indicam é que Azuela, ao entrar para o Colégio Nacional, renunciou ao Seminário de Cultura Mexicana:

Tomando en consideración las razones que expone en su carta de fecha 15 del mes en curso, en relación con la nueva designación de que ha sido objeto para formar parte del Colegio Nacional, me permito aceptar la renuncia que hace al puesto que como miembro del Seminario de Cultura Mexicana venía usted desempeñando, y le hago presente mi agradecimiento por su eficaz colaboración en el mismo.⁴²⁶

A entrada de Mariano Azuela no Colégio Nacional tampouco foi isenta de resistência por parte do escritor. Dois dias após haver aceitado o convite para entrar na instituição, Mariano Azuela pediu sua renúncia, alegando o caráter docente do colégio, e o fato de que todos os outros membros já haviam exercido atividade docente em algum momento, nas disciplinas que cultivavam.⁴²⁷ Véjar Vázquez pediu para que Azuela repensasse sua decisão, alegando o caráter amplo da instituição, que ia para além da docência.⁴²⁸ Por fim, Mariano Azuela aceitou o convite e durante a década de 1940, ministrou as conferências usadas como fonte nesse trabalho.⁴²⁹

Como membro do Colégio Nacional, Mariano Azuela pode produzir consideráveis reflexões sobre a literatura nacional, o lugar dos escritores na sociedade mexicana e sobre sua própria vida. É provável que o Colégio Nacional constituiu-se em um espaço de produção intelectual livre. Ao menos, a partir das conferências de Mariano Azuela publicadas, pode-se notar pequenos ataques aos “oportunistas da Revolução” e mesmo aos rumos que esta tinha tomado. Em seus ensaios proferidos na instituição, o escritor seguiu usando a mesma tática de atacar os problemas do presente através de comparações com o passado político mexicano:

Fernández de Lizardi representa los últimos años de la Colonia y el advenimiento de México independiente; Luiz G. Inclán ofrece un tipo novísimo de mexicano, el del ranchero, sucesor inmediato de os guerrilleros insurgentes, tan propiamente nuestro, que hasta la fecha sigue siendo el depositario de las fuerzas vivas y las más sanas de la nación; Facundo tomó para sus relatos caricaturescos un medio integrado en parte por gentes arruinadas por al guerra de Reforma y en gran parte por los advenedizos que

⁴²⁶ Carta do secretário de Educação Pública, Octavio Véjar Vázquez a Mariano Azuela, de 25 de maio de 1943. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.193. Infelizmente, a carta anterior, enviada por Mariano Azuela ao secretário de Educação Pública, foi perdida.

⁴²⁷ Carta de Mariano Azuela ao secretário de Educação Pública, Octavio Véjar Vázquez, datada do dia 27 de maio de 1943. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.193.

⁴²⁸ Carta do secretário de Educação Pública, Octavio Véjar Vázquez a Mariano Azuela, datada de 8 de junho de 1943. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.193-194.

⁴²⁹ A decisão de Mariano Azuela em permanecer no Colégio Nacional está documentada na carta que este enviou ao secretário de Educação pública, Octavio Véjar Vázquez, de 9 de junho de 1943. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.194.

en avalancha se precipitan sobre los despojos obtenidos en todas las revoluciones, esos logreros que tan bien conocemos nosotros, que se dan el nombre de revolucionarios sin haber sabido nunca a lo que huele la pólvora, para saciar los apetitos más inmorales e inmundos.⁴³⁰

O trecho acima, além de apresentar uma crítica aos que se aproveitaram das revoluções para benefício próprio, contrapõe os mesmos aos combatentes revolucionários, considerados pelo escritor como “depositário [s] das forças vivas e as mais sãs da nação”. Novamente, é perceptível que, ainda que Azuela tenha criticado duramente as ações dos combatentes, como fez em *Los de abajo*, estes eram apresentados de maneira positiva quando comparados aos políticos – considerados pelo escritor como o grupo que mais tinha se aproveitado da Revolução de maneira inapropriada. Em relação aos “oportunistas”, a carta enviada por Mariano Azuela a Manuel Pedro González⁴³¹ – que Beatrice Berler acredita ser a última carta escrita pelo escritor⁴³² – comprova que sua opinião se manteve firme desde os tempos da escrita de *Andrés Pérez, maderista*:

Al que no elogia a los ladrones y los asesinos se les llama enemigo de la revolución desde que caballeros de esta especie se apoderaron de esa bandera. Luis Cabrera los llamó con tino y gracia “los niños de teta de la Revolución”. Alguien me dijo que yo no había visto la Revolución porque como en el bosque, los grandes árboles me la habían tapado. Y en efecto yo no vi la Revolución como la han visto los más avisados, que son millonarios por su buena vista.⁴³³

A admiração de Azuela pelos combatentes – tanto durante a Revolução, quanto durante a Independência e a Reforma – realça mais ainda a posição republicana do escritor. Em diversas passagens, Azuela destacou os guerrilheiros como “patriotas”, que sacrificaram sua vida pela Independência, pela Reforma e pela Revolução.⁴³⁴ Patriotismo, coragem e espírito de sacrifício, para o escritor, seriam virtudes fundamentais para a defesa da liberdade e do governo baseado na legalidade. O autor valorizava claramente o sacrifício dos interesses pessoais em prol do bem comum.

⁴³⁰ AZUELA, Mariano. Cien años de novela mexicana. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p.629.

⁴³¹ Manuel Pedro González foi um ensaísta e crítico literário, nascido nas Ilhas Canárias em 1938 e educado em Cuba. Lecionou literatura hispano-americana durante anos na Universidade da Califórnia.

⁴³² Esta informação se encontra na nota 37 do livro de cartas compilado por Beatrice Berler. BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.59. A saudação “Querido amigo”, usada por Mariano Azuela para poucos correspondentes, demonstra uma proximidade entre os dois.

⁴³³ Carta de Mariano Azuela a Manuel Pedro González, datada de 16 de fevereiro de 1952. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.60.

⁴³⁴ AZUELA, Mariano. Cien años de novela mexicana. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p.592-593.

Se a crítica aos “oportunistas da Revolução” manteve-se ao longo de sua trajetória, a crítica à Revolução sofreu mudanças. Em diversos momentos, Mariano Azuela afirmou que o movimento revolucionário tinha eliminado a classe dos latifundiários que enriqueciam ilegalmente:

Hoy ha dejado de ser *tabú* el procedimiento por el que aquellos laboriosos y honestos pequeños propietarios se convertían en opulentos hacendados, y si algo de bueno se le debe a nuestra última revolución es la extirpación de raíz de aquella casta.⁴³⁵

No capítulo anterior, foi demonstrado como esta visão menos negativa sobre a Revolução Mexicana apareceu em um dos últimos romances do escritor, *Esa sangre*. O discurso de Mariano Azuela foi relativamente diverso daquele encontrado em obras anteriores como *Los de abajo*, *El camarada Pantoja* e *San Gabriel Valdívias: comunidad indígena*. Os prováveis motivos para esta mudança já foram expostos anteriormente: o fim de seus problemas pessoais com o governo – principalmente os que envolviam seu filho Salvador Azuela –, a moderação dos governos pós-Cárdenas⁴³⁶ – cada vez menos personalistas e militaristas – e a própria idade avançada do escritor.

4.2. Usos e abusos da imagem e da memória de um escritor

Se por um lado Mariano Azuela, ainda que com suas mudanças de ponto de vista, conseguiu manter uma relativa independência em relação ao setor político *stricto sensu*, vinculando-se a uma instituição que defendia a liberdade de pensamento, isso não significa que o Estado tenha sido, mal sucedido em se apropriar de sua imagem. As participações no Seminário de Cultura Mexicana e, principalmente no Colégio Nacional; o recebimento do Prêmio Nacional de Artes e Ciências em 1950⁴³⁷ – entregue pelo próprio presidente Miguel Alemán –; as cerimônias fúnebres e o sepultamento do corpo do escritor na Rotonda de Personas Ilustres, como iremos mostrar, comprovam esta hipótese.

⁴³⁵ AZUELA, Mariano. Cien años de novela mexicana. In: AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III, p.635.

⁴³⁶ Consideramos que nem por isso esse governo tornou-se menos violento. O Massacre de Tlatelolco, ocorreu em 1968, quando milhares de pessoas reuniram-se na Praça das Três Culturas exigindo um governo mais democrático. O governo enviou a polícia e o Exército para reprimir os manifestantes. Estipula-se que o número de mortos foi em torno de 200 a 300 pessoas. Mariano Azuela não viveu o suficiente para ver esse fato, um grande marco no autoritarismo do PRI. AGUILAR CAMÍN, Hector; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000, p. 267-271.

⁴³⁷ O prêmio foi atribuído a Azuela em 1949, mas só foi entregue no dia 26 de janeiro de 1950.

A apropriação de elementos críticos à Revolução Mexicana, e mesmo críticos ao Estado pós-revolucionário, foi uma constante na consolidação da ideologia estatal, como vimos mostrando desde o Capítulo 2, no qual discutimos a escolha de *Los de abajo* como “o romance da Revolução Mexicana”, e a intenção do então secretário de Educação Pública, Puig Casauranc, em apoiar obras que mostravam as misérias e os problemas do país. Não é a intenção aqui dizer que a ideologia oficial não sofreu nenhuma modificação com o passar dos anos. De fato, como foi mostrado no capítulo anterior, a partir dos anos 1940 verificou-se uma mudança significativa no discurso ideológico do Estado mexicano, que gradualmente deixou de enfatizar as demandas populares e passou a focar em um discurso de modernização do país, apresentando as mudanças sociais da Revolução como ganhos já conquistados. O ponto aqui é afirmar que, a apropriação e adequação de elementos críticos à Revolução e ao governo, foi uma constante no discurso oficial do Partido Revolucionário Institucional ao longo do século XX. Este foi um fator fundamental para a manutenção do partido no poder durante 70 anos. Também deve ser levado em consideração, o fato de que o PRI também mudou suas práticas ao longo do século, distanciando-se cada vez mais de medidas nacional populares, chegando a adotar uma posição neoliberal a partir de finais dos anos 1980.

Ao considerar a construção e frequente reconstrução da ideologia hegemônica do PRI, deve-se levar em consideração os elementos apresentados por Terry Eagleton em seu livro *Ideologia*.⁴³⁸ Segundo Eagleton, a ideologia dominante busca apresentar uma homogeneidade que não existe de fato, visto que ela, para ser dominante, deve reconhecer necessidades e desejos que jamais foram respondidos ou gerados por ela mesma. Assim, ela se compromete significativamente com vontades, necessidades e desejos genuínos alheios, reconhecendo o “outro” para si mesma e inserindo esta alteridade dentro de suas próprias forças. Esta incorporação não elimina o potencial destrutivo – para os dominantes – dos interesses absorvidos dos grupos alheios.⁴³⁹ As contribuições de Eagleton são importantes por mostrar que dentro da ideologia dominante existem divisões internas complexas, devidas a conflitos de interesse dos próprios setores dominantes, o que gera uma fração dentro da pretensa unidade de classe ou grupo. No entanto, é preciso atentar para a importância do fato de as ideologias pretenderem-se unificadoras, legitimadoras e universalizantes. Sua capacidade de

⁴³⁸ EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

⁴³⁹ Idem, p.51.

projetar-se de tal forma sobre as demais camadas da sociedade, apropriando-se de seus interesses, desejos e necessidades, e revertendo-os a favor dos grupos dominantes como fundamento da legitimação de seu poder, é o que garante sua hegemonia sobre as outras ideologias.

Assim, consideramos o poder da ideologia dominante a partir desta dialética interna: ao mesmo tempo que incorpora e se apropria de demandas de outros grupos e ideologias, de maneira a legitimar-se, também carrega dentro de si elementos que podem ser a causa de sua destruição. O partido oficial mexicano, ao longo de 70 anos no poder, soube manter o equilíbrio necessário para a legitimação de sua ideologia, que também se adequava às mudanças político-sociais do país.

Foi através desta ambiguidade própria da ideologia que não só *Los de abajo*, mas também a imagem de Mariano Azuela pode ser apropriada e usada pelo Estado pós-revolucionário. No caso do autor e sua imagem, o uso foi muito mais direto do que em relação à descoberta de *Los de abajo* em 1925, visto que, naquele momento, a discussão sobre o romance da Revolução Mexicana perpassou muito mais os âmbitos intelectuais do que o próprio Estado.⁴⁴⁰

Consideramos que o principal motivo para a apropriação de Mariano Azuela e de sua imagem foi o valor representativo que o escritor e sua obra apresentavam em inícios dos anos 1940. Nesse momento, Mariano Azuela era uma personalidade conhecida nas letras mexicanas e possivelmente, o escritor cuja obra melhor representava os elementos selecionados para construir a nova identidade nacional mexicana. A associação entre as obras de Azuela e a ideia que se tinha do “mexicano” e do que era o “romance da Revolução” pode ser encontrada em diversas cartas e homenagens recebidas pelo escritor, tendo uma presença constante nesta documentação. A relação feita entre Mariano Azuela e a identidade mexicana perpassa grande parte das cartas contidas nos livros organizados por Beatrice Berler,⁴⁴¹ o que mostra ser esta uma preocupação frequente, ou ao menos, um elemento de leitura por parte do público receptor. O trecho abaixo mostra como esta associação era expressada:

Gran observador de la realidad mexicana, perspicaz analista, ha agrupado usted en su libro algunos tipos a los que su talento de escritor y sus dotes de psicólogo han infundido vida. La protagonista, sobre todo, es una de las más vivientes figuras femeninas que ha dado usted a nuestra literatura. Y de las

⁴⁴⁰ Para uma melhor compreensão do uso de *Los de abajo* pelo Estado pós-revolucionário, seria preciso fazer uma análise da circulação da obra nos currículos escolares. Esta questão está muito além de nossos recursos de investigação.

⁴⁴¹ BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969; BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000.

más simpáticas. ¡Cuán mexicanas son su honradez, su delicadeza, la entereza de su caracter!⁴⁴²

Uma carta anônima, de 1932, apresenta os mesmos elementos de identificação entre a obra de Mariano Azuela e a identidade nacional:

En realidad, señor, son más que actos de un drama continuado, aspectos escalofriantes y magistrales de un mismo dolor, de nuestro dolor de mexicanos y de hombres. Toda nuestra angustia, todos nuestros padecimientos, hablan a través de usted. Su realismo es tan profundo que, para ser un expositor sincero, de nuestra verdad, se queja como nosotros, ¡sin quejas! ¿Qué vale la más desgarradora de las interjecciones ante sus imágenes dilacerantes? ¿Para qué ponderar con palabras el dolor, si el dolor insuperado está ya en la mera descripción, en el mismo de sus personajes? Pueblo, el nuestro, que no se queja, obscura resignación de indios que sufren y mueren en silencio, han tenido en usted el único cantor que verdaderamente los comprende, usted gambusino de nuestras tristezas, que baja al arrabal, a la ranchería, al burdel, al cuartel, a todos los albañiles de nuestra miseria, para amasar ese gran dolor en una obra magnífica. Si el anónimo, señor, ha sido el disfraz de la cobardía, lo es ahora de un símbolo que usted comprenderá fácilmente. Usted es el cantor de los mártires anónimos, de los parias, de los burlados, de todos cuantos, en una u otra forma, hemos padecido nuestra fatalidad de mexicanos.⁴⁴³

Apesar de todas as considerações que possam ser feitas quanto ao valor de uma carta anônima, esta exemplifica bem a admiração com que o público lia a obra de Azuela, identificando-se com ela. Provavelmente não se tratava de nenhum intelectual conhecido, vista a negação em apresentar-se.

A identificação entre Mariano Azuela e a cultura nacional mexicana adquire sua consolidação oficial – considerando “oficial” como advinda do governo – em seu ingresso no Colégio Nacional. O Decreto de Fundação do Colégio Nacional é claro em seu objetivo de formar uma instituição que deveria fomentar a “cultura do povo mexicano”, selecionando, com este fim, entidades representativas dos distintos setores da ciência e cultura do país:

Que es ineludible deber de un Gobierno fomentar, dentro de sus más vastas posibilidades, el desarrollo de la cultura científica, filosófica y literaria, tanto en el aspecto de la investigación como en las actividades tendientes a difundirla y estimando que se ha cumplido ya el propósito creador al fundar la Comisión Impulsora y Coordinadora de la Investigación Científica, resulta inaplazable la necesidad de establecer un colegio encargado de la divulgación, libre de las limitaciones, requisitos y modalidades que los planes, programas y métodos imponen a las instituciones universitarias.

⁴⁴² Carta de José María González de Mendoza a Mariano Azuela, datada de 21 de junho de 1939. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.93. A obra era *Regina Landa*.

⁴⁴³ Carta anônima a Mariano Azuela, datada de 18 de abril de 1932. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.228.

Que uno de los procedimientos más eficaces para afirmar la unidad nacional consiste en enriquecer y ampliar la cultura del pueblo mexicano, lo que se consigue, entre otras formas, agrupando en un colegio a nuestros más destacados valores en la filosofía, en las ciencias y en las artes, concediéndoles medios que les permitan mantenerse en contacto regular e íntimo con aquellos hombres que en virtud de las actividades a que fundamentalmente dedican su existencia, quedan impedidos de concurrir a los centros escolares en que normalmente imparten estas enseñanzas, o bien con quienes, ya iniciados en ciertas disciplinas buscan su perfeccionamiento; [...]⁴⁴⁴

O decreto evidencia a intenção do governo de “afirmar a unidade nacional” através da “ampliação da cultura do povo mexicano”, contando, para isto, com os expoentes de cada área do saber. A convocação de Mariano Azuela foi feita pelo próprio secretário de Educação Pública:

Deseo expresar a usted el agradecimiento de la Secretaría de mi cargo por la aceptación que se ha servido hacer de la designación de miembro del Colegio Nacional, que ofrecí a usted en ejercicio de la facultad que me confiere el decreto de 8 de abril último.⁴⁴⁵

A instituição contou entre os seus membros fundadores, com pessoas como o mencionado filósofo Antonio Caso, os pintores José Clemente Orozco e Diego Rivera, e os escritores Alfonso Reyes e José Vasconcelos, entre outros. Compunham a elite intelectual e cultural do México naquele momento, todas eles com visões políticas distintas e no auge de seu reconhecimento. Se *Los de abajo*, em 1925, ocupou o lugar do romance na representação da literatura revolucionária, em 1943, Mariano Azuela foi oficialmente reconhecido como o romancista da Revolução Mexicana. A nomeação mostrou, mais uma vez, a associação entre a Revolução e a nova identidade nacional.

É difícil precisar até que ponto Azuela colaborou com o governo revolucionário a partir dos anos 1940. A partir da documentação consultada, não é possível perceber qualquer defesa declarada ao mesmo por parte de Mariano Azuela. O que se encontra são algumas considerações menos radicais do que as anteriores, nas quais o escritor afirma nunca ter sofrido nenhuma perseguição, como mostra seus escritos auto-biográficos:

⁴⁴⁴ Decreto de Fundação do Colégio Nacional, expedido pelo Presidente da República, general Manuel Ávila Camacho, com seu secretário de Educação Pública, o licenciado Octavio Véjar Vázquez, no dia 8 de abril de 1943.

Fonte:

<http://www.colegionacional.org.mx/SACSCMS/XStatic/colegionacional/template/content.aspx?se=historia&id=61&ev=64> Acessado em: 02/09/2013.

⁴⁴⁵ Carta do secretário de Educação Pública, Octavio Véjar Vázquez, a Mariano Azuela, datada de 11 de maio de 1943. In: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969, p.192.

Durante el gobierno de Carranza publiqué *Las moscas*, *Domitilo quiere ser diputado* y *De cómo al fin lloró Juan Pablo*, con rudos ataques para el carrancismo. No sólo no fui molestado, sino que el licenciado Miguel Medina Hermosilla, director de *El pueblo*, diario del régimen carrancista, publicó un artículo laudatorio sobre mis novelas. Durante el gobierno Calles publiqué mi novela *La luciérnaga*, con ataques a la administración callista y *El nacional*, diario oficial de ese gobierno publicó un artículo de Elvira Vargas con grandes elogios para mi novela. Más aun: nadie me tocó en un puesto eventual que tenía en Salubridad, y don Luis León, alto personaje de ese gobierno, me invitó a publicar los trabajos que yo quisiera en *El Nacional*, pagándome el precio que yo mismo fijé por *Los fracasados* y *Pedro Moreno, el insurgente*. [...]

Lejos, pues, de ser un resentido de las administraciones que con más encono he atacado, en lo personal conservo agradecimiento por los altos personajes que, no importe la causa, jamás se ocuparon de mí.⁴⁴⁶

O caráter retrospectivo dos escritos autobiográficos e as implicações que as memórias tem sobre os fatos passados já foram discutidos no primeiro capítulo 1 deste trabalho. Em relação ao trecho que destacamos acima, são necessárias algumas considerações. De fato, o escritor nunca sofreu nenhuma represália direta por parte do governo, mas como mostramos no Capítulo 2, Mariano Azuela mostrou-se coibido durante a década de 1920, principalmente após a censura da adaptação de *Los de abajo* para o teatro. Embora o escritor não tivesse vínculo com a apresentação cênica – que inclusive criticou –, Azuela se autocensurou, adiando a publicação de suas obras *El camarada Pantoja* e *San Gabriel Valdívias, comunidad indígena*, por temor do governo. Essa autocensura é significativa quando estamos lidando com um momento histórico marcado por autoritarismos. Ele não aponta para a repressão direta por parte do governo, mas sim para um efeito de contenção nos cidadãos, por temor à represália. Quando publicou *El novelista y su ambiente* [II], em 1949, a situação de Mariano Azuela já era bem diferente: ele era uma celebridade literária e gozava do prestígio governamental. É possível perceber, nas palavras de Azuela, uma tentativa de dissociar sua crítica do plano pessoal, situando-a em um lugar público, político, quando este busca se isentar no que toca às relações pessoais, ao afirmar que é grato aos grandes personagens políticos.

No início da década de 1940, a obra *Los de abajo* foi adaptada para o cinema. A direção é de Chano Urueta e toda a equipe técnica e artística era vinculada ao Sindicato de Trabalhadores da Indústria Cinematográfica e similares, vinculados a Confederação de Trabalhadores Mexicanos. O filme também foi feito nos laboratórios

⁴⁴⁶ AZUELA, Mariano. *El novelista y su ambiente* [II] In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol.III, pp.1175-1176.

CLASA (Cinematografía Latino-americanas, S.A.), financiados pelo Estado. Dentre suas quatro obras literárias que foram adaptadas para o cinema – *Los de abajo*, *Mala yerba*, *La marchanta* (com o título de *La carne manda*) e *Sendas perdidas* –, *Los de abajo* foi a única elogiada por Mariano Azuela, ainda que o escritor afirme que alguns erros fáceis de corrigir teriam sido evitados caso ele fosse convidado para a filmagem, como o caso dos rancheiros mexicanos usarem roupas de *cowboys* estadunidenses.⁴⁴⁷ Mariano Azuela detestava o cinema mexicano,⁴⁴⁸ e o fato de que viu com bons olhos a versão fílmica de *Los de abajo* é significativo. É bastante provável que a adaptação para o cinema tenha contribuído para que a obra se tornasse ainda mais conhecida pelo público mexicano e que, ao receber apoio do Estado, também seja mais um indício da apropriação da imagem e obra de Mariano Azuela.

O romance sofreu alterações ao ser adaptado ao cinema. Ainda que preserve bastante fidelidade em relação ao livro, o filme é mais ameno na crítica à Revolução. As mudanças ocorreram fundamentalmente na última aparição de Alberto Solís e no destino final dos combatentes. Pouco antes de morrer atingido por uma bala, Alberto Solís, no livro, profere as palavras de desencanto mostradas no segundo capítulo deste estudo. Na versão adaptada, seu desencanto com a Revolução se manifesta de maneira bem menos expressiva, sendo que a frase “!Que hermosa esa la Revolución, aun en su misma barbárie!”, termina no meio, ficando apenas “que hermosa es la Revolución”. O sentido é claramente alterado, transformando uma crítica em um elogio. O restante da fala, na qual Solís questiona se a mesma não serviria apenas para colocar novos “monstros no poder”, também não aparece na versão em filme.⁴⁴⁹

Já no final do filme, não existe menção aos soldados federais que se incorporaram às tropas de Demetrio. O líder tampouco reencontra sua esposa, o que implica na retirada da cena na qual Demetrio compara a luta na Revolução com a pedra que, após começar a rolar no precipício, já não pode mais parar. Esta cena representava a falta de sentido vista pelo líder em lutar na Revolução. A outra mudança se refere ao fim que os revolucionários tiveram. Luis Cervantes, no filme, não fugiu para os Estados Unidos, e morreu junto com seus companheiros. Apesar da personagem ter mantido seu caráter oportunista no filme, sua morte representa a possibilidade de pensar um outro

⁴⁴⁷ AZUELA, Mariano. El novelista y su ambiente [II] In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol.III, p.1163.

⁴⁴⁸ Idem, p.1150.

⁴⁴⁹ *Los de abajo* (filme), ficha técnica: Diretor: Chano Urueta. Roteiro: Aurelio Manrique. Produtor: Luis Manrique. Gênero: Drama. Produtora: C.L.A.S.A. Ano: 1940.

sentido para a Revolução: seus oportunistas morreram junto com os combatentes. Demetrio, ao morrer, diz sua última frase: “Viva la Revolución!”. Se, no livro, esta fala não existe, no filme ela transmite um claro aspecto nacionalista e idealista, bem de acordo com a ideologia oficial. No filme, diferente do livro, a morte de Demetrio não é a cena final, mas sim a de sua esposa recebendo a notícia de que este faleceu. Ela olha para seu filho e profere seu nome, que é o mesmo do pai. Esta cena mostra a ideia de que mesmo com a morte de Demetrio, a Revolução continuará, a luta seguirá seu curso. Outra interpretação possível, é a de que o México era um povo de guerreiros revolucionários, o nascimento significando um recomeço, a morte alimentando a vida.

As mudanças feitas para a versão cinematográfica da obra estavam de acordo com as intenções culturais do governo mexicano. Grande parte do conteúdo crítico contido no romance foi retirado ou amenizado, de maneira que o filme pudesse transmitir os ideais da “cultura revolucionária”. Nos comentários feitos por Azuela sobre o filme, não é possível encontrar nenhuma crítica feita a essas mudanças. Embora não tenhamos encontrado nenhum registro no qual Azuela tenha se manifestado sobre esse assunto, é possível deduzir que o silêncio do escritor indica um alinhamento com a ideologia oficial, ou, ao menos, que estas mudanças não foram consideradas importantes para o escritor. É possível levantar a hipótese de que Azuela não tenha se pronunciado por conveniência, já que tratava-se de uma obra que apresentava relações ideológicas mais visíveis com o governo pós-revolucionário. No entanto, as fontes pesquisadas nos impedem de definir claramente a posição de Mariano Azuela em relação às essas mudanças observadas. Outro fator relevante é que a música do filme ficou por conta de Silvestre Revueltas, músico que misturava música clássica a elementos da cultura popular, como era o caso dos *corridos*.⁴⁵⁰ Revueltas era considerado como um dos músicos mais significativos do México na época, e sua obra foi associada como representante da cultura nacional, outro elemento que assegurou o caráter nacionalista da versão filmica de *Los de abajo*. Embora não tenhamos fontes que comprovem nossa hipótese, não seria extrapolar a lógica deduzir que a produção e circulação do filme pudesse mudar a maneira como o romance *Los de abajo* seria recebido pelo público.

⁴⁵⁰ Informações sobre a trajetória e as obras de Silvestre Revueltas podem ser encontradas em HERNÁNDEZ, Juan de Dios. *Nationalism and musical architecture in the symphonic music of Silvestre Revueltas*. Tesde de doutorado defendida em 2009 na University of Arizona.

Em 1950, dez anos após o lançamento da versão em filme de *Los de abajo*, Mariano Azuela recebeu o Prêmio Nacional de Artes e Ciências, na categoria de Linguística e Literatura. A cerimônia de entrega contou com a presença de autoridades políticas mexicanas, como o presidente Miguel Alemán, o secretário de Educação Pública, o diretor e o Conselho Executivo do Instituto Nacional de Artes e Ciências. Este foi o ápice do reconhecimento oficial de Mariano Azuela em vida. Ao longo de seu discurso, o escritor reafirmou seu patriotismo, sua posição como escritor independente, sua crítica à Revolução e a não perseguição do governo à sua produção. Examinemos cada um desses aspectos do discurso de Mariano Azuela:

El gobierno acaba de concederme el Premio Nacional de Artes y Ciencias que en el año que pasó corresponde a la literatura. Si este galardón se me otorga por mi amor entrañable a las gentes y cosas de México, está justificado. En verdad yo no había escrito ni una sola línea en materia literaria si desde mi juventud no me hubiera atraído con fuerza irresistible el deseo de producir algo acerca de nuestro país, algo que siempre fue de mal tono escribir, particularmente en aquellos tiempos en que, incluso la literatura, todo lo importaban de Europa. [...]

En mis novelas exhibo virtudes y lacras sin paliativos ni exaltaciones y sin otra intención que la de dar con la mayor fidelidad posible una imagen fiel de nuestro pueblo y de lo que somos. Descubrir nuestros males y señalarlos ha sido mi tendencia como novelista; a otros corresponde la misión de buscarles remedio.⁴⁵¹

O trecho acima permite três constatações. A primeira delas é a auto-identificação que Azuela fazia entre sua produção e a identidade nacional. Nesse sentido, a opinião do escritor é próxima da de muitos intelectuais e de parte do público leitor, tanto dentro como fora do México, conforme já demonstrado. A Segunda constatação é a de que Azuela reconhece para si um papel tipicamente intelectual: o de diagnosticar os males do país e apresentá-los ao público. É possível levantar a hipótese de que esta é uma visão típica de um médico, mas isto não equivale a descartar o papel de intelectual desempenhado por Azuela. Outra constatação é a de que as anteriores sustentavam as intenções ideológicas do Estado pós-revolucionário. Ao premiar Azuela, e ao levar para esta premiação pessoas importantes da cúpula política, o Estado reforçava novamente o vínculo do escritor com a identidade nacional, e se aproveitava deste vínculo para reforçar a si mesmo como representação política da Revolução Mexicana. A intenção de Azuela de apresentar os males do país para seus conterrâneos era buscada pelo Estado desde a década de 1920, quando ocorreu a polêmica literária na qual *Los de abajo* foi “revelado” para o público e a intelectualidade mexicana.

⁴⁵¹ AZUELA, Mariano. Premio Nacional de Ciencias y Artes. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol.III, p.1286-1287.

Em relação à sua posição independente, Azuela afirmou:

Pero, en mi concepto, este premio tiene además una significación que trasciende más allá de lo meramente personal. Se le concede a un escritor independiente, y esto equivale a reconocer en todo su alcance la libertad de pensamiento y la libre emisión de las ideas que le van aparejadas. Es decir, ese derecho por el que los mexicanos venimos luchando desde la consumación de nuestra Independencia.⁴⁵²

É provável que Azuela não tenha entendido sua nomeação como uma tentativa de apropriação de sua imagem e obra por parte do Estado, já que realmente se via como um escritor independente, mesmo já vinculado ao Colégio Nacional e recebendo esta premiação. Ao premiar Azuela o Estado não buscava apoiar a liberdade de expressão, mas sim de incorporar elementos dissidentes, ou, no mínimo, ambíguos, à ideologia dominante, de maneira a legitimar seu discurso. O Estado mexicano, ao premiar alguém como Azuela, que se dizia independente, buscava construir a imagem de um Estado democrático, que respeitava os elementos discordantes, desde que esses tivessem contribuído para a Revolução. Por outro lado, também já foi dito que, nesse momento, Mariano Azuela já havia arrefecido suas críticas ao Estado, não sendo um intelectual tão dissidente quanto antes, agora que a fase mais personalista e militarista dos governos havia passado.

Apesar do caráter oficial do evento, Mariano Azuela ainda buscou manter sua posição crítica em relação à Revolução, ainda que, no que toca às críticas ao governo, foi mais ameno, como vinha sendo em seus últimos anos:

En ocasiones hice la crítica acerba de la Revolución; mejor dicho, la autocrítica de nuestra Revolución, ya que tomé parte activa en ella con el entusiasmo de mis mejores años. [...] No todos comprendieron esta actitud mía y a menudo fui censurado por ello. Por fortuna sí me comprendieron os que a mí me importaban más, los revolucionarios auténticos e íntegros. He proclamado muy claro y muy alto: ninguno de los gobiernos emanados de la Revolución estorbó jamás la publicación de mis escritos ni me tocó nunca en mi persona. Antes bien, en repetidas ocasiones los periódicos oficiales me han pedido mi colaboración literaria, y en el curso de la administración pasada el señor general don Manuel Ávila Camacho, ex Presidente de la república ahora, me honró con el nombramiento de miembro del Seminario de Cultura Mexicana y poco tiempo después miembro fundador de El Colegio nacional, donde sigo laborando sin consignas ni cortapisas, con la misma libertad de que siempre he disfrutado.

Si dentro de mis posibilidades logré haber contribuido a la obra de afirmación nacional a que ha hecho referencia el señor Director General del Instituto Nacional de Bellas Artes, se habrá cumplido el anhelo más grande de mi vida de escritor.⁴⁵³

⁴⁵² AZUELA, Mariano. Premio Nacional de Ciencias y Artes. In: AZUELA, Mariano. *Obras completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol.III, p.1287.

⁴⁵³ Idem, p.1287-1288.

Mariano Azuela continuou exaltando os que considerava como “revolucionários autênticos”, o que implicava sugerir, em um discurso oficial, que existiam os “revolucionários oportunistas”, aqueles que não o compreenderam. A visão ambígua sobre os combatentes não aparece nesse texto e duas interpretações são possíveis para isto. A primeira é a distância temporal de seus anos como médico nas tropas de Pancho Villa. A segunda é que, ao apontar para os “verdadeiros revolucionários”, Azuela reivindicava para si um lugar de autoridade, uma voz que legitimava sua própria posição frente à Revolução Mexicana. Ele estava junto com aqueles que tinham lutado na Revolução por um país melhor. Ao dizer “nuestra Revolución”, e afirmar que era uma “auto-crítica”, Azuela reafirmava esta voz de autoridade e, ao mesmo tempo, possibilitava a interpretação de que àqueles que estavam na sala, incluindo os políticos, também encontravam-se nesse espaço de legitimidade.

Os elogios de Mariano Azuela à liberdade de produção concedida pelo Estado não diferem em tom do conteúdo que analisamos em seu texto autobiográfico *El novelista y su ambiente* [II]. O escritor manteve um discurso favorável ao Estado, ocultando os medos de censura anteriores. Azuela mostrou-se menos crítico em relação aos governos de Manuel Ávila Camacho (1940 – 1946) e Miguel Alemán (1946 – 1952), que foram marcados por um aspecto mais conservador que o de Lázaro Cárdenas no campo social.

Por fim, apesar de não termos obtido o discurso proferido pelo diretor do Instituto Nacional de Belas Artes, Azuela deixou claro que este buscou associar a produção do escritor com a afirmação nacional. Nesse momento, Azuela reconheceu novamente a vinculação de sua imagem com a identidade nacional construída após a Revolução Mexicana. Porém, reconhecer isto não significa propriamente identificar-se com a ideologia estatal, visto que a construção identitária pós-revolucionária, ainda que se entrelaçava com a ideologia oficial, não se resumia a esta. Muitos que se opuseram à ideologia oficial, reconheciam a identidade nacional que vinha sendo construída como “autêntica”, como o próprio Azuela na década de 1920. Nem todos os que enviaram cartas a Azuela, elogiando sua produção e reconhecendo nela os elementos da nacionalidade mexicana, eram favoráveis ao governo, como comprova seu grande amigo e colaborador José María González de Mendoza, com quem o escritor trocou

confidências a respeito da censura governamental.⁴⁵⁴ A diferença, é que Mariano Azuela, ao fazer isto em uma cerimônia oficial, dedicada exclusivamente a ele, permitiu uma interpretação ambígua sobre isso, dando margem para a apropriação de sua imagem pelo partido oficial. Ainda assim, é preciso reconhecer que Azuela foi cuidadoso em seu discurso, elogiando o governo e a Revolução, mas sem fazer uma defesa dos abusos de poder e do autoritarismo.

O discurso proferido por Mariano Azuela durante a entrega do Prêmio Nacional em Artes e Ciências foi a última declaração pública dada por Azuela sobre a Revolução Mexicana e suas consequências. Representa o ponto limite encontrado pelo escritor de se expressar de maneira favorável ao movimento armado sem fazer uma defesa dos governos que tanto havia criticado. Mariano Azuela faleceu pouco mais de dois anos após receber este prêmio. O escritor foi novamente homenageado com honras fúnebres pelo Estado que tanto criticou.

4.3. Memória, ideologia e mito: a herança de Mariano Azuela

Discutimos, ao longo do trabalho, as relações entre Mariano Azuela e a Revolução Mexicana. Como foi apresentado, essas relações foram ambíguas, conflituosas, sendo que Azuela buscou justificar sua independência frente ao Estado como lhe foi possível. Nos anos finais de sua vida, era evidente uma aproximação com o Estado, ainda que houvesse alguma resistência por parte do escritor. Com a sua morte, a imagem de Azuela foi apropriada de maneira explícita pelo governo mexicano, atrelando-a aos espaços de memória oficiais do país.

Mariano Azuela faleceu no dia 1º de março de 1952. Uma foto que consta no livro organizado por Luis Leal –*Mariano Azuela: el hombre, el médico, el novelista* –, mostra que seu corpo foi velado no Palacio de Belas Artes e seu caixão conduzido por Ángel Carbajal, ministro de Governo, e por Mauricio de la Selva, secretário da Presidência.⁴⁵⁵ O corpo de Mariano Azuela, como já foi dito, foi sepultado na Rotonda de los Hombres Ilustres (hoje chamada de Rotonda de las Personas Ilustres), no Panteão

⁴⁵⁴ As cartas cujo conteúdo são o medo da censura do governo estão em: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela. Epistolário y archivo*. México, D.F.: UNAM, 1969, pp.62-65.

⁴⁵⁵ LEAL, Luis. *Mariano Azuela: el hombre, el médico, el novelista*. Tomo II. México, D.F., CONACULTA, 2001, p.221.

Civil de Dolores, onde são sepultadas pessoas que foram consideradas importantes para a história mexicana.⁴⁵⁶

Entre pessoas destacadas na cultura mexicana após a Revolução, encontramos sepultados no Panteão Civil de Dolores os nomes de David Alfaro Siqueiros, Antonio Caso, Vicente Lombardo Toledano, José Clemente Orozco, Ricardo Flores Magón, Diego Rivera. O Panteão é um modo de vincular a memória particular de cada uma das pessoas envolvidas com a memória nacional. Como uma construção ideológica, o indivíduo a ter o corpo sepultado no panteão é devidamente selecionado, assim como as imagens vinculadas, ou seja, busca-se vincular uma imagem a um espaço na construção deste lugar de memória.⁴⁵⁷ No caso de Mariano Azuela, a imagem selecionada foi a de uma pena de escrever, lembrando sua representação na cultura mexicana.

Ao falecer, a imagem do escritor tornou-se facilmente passível de ser apropriada pelo governo mexicano. Sua inclusão na Rotonda de los Hombres Ilustres marca o momento no qual a memória sobre o escritor passa a ser parte da memória oficial da história do México.

O estudo de Thomas Benjamin, *La Revolución Mexicana: memória, mito e história*,⁴⁵⁸ defende a tese de que o governo mexicano conseguiu formular a representação de uma “Revolução única”, com maiúscula, até meados de 1950, através da construção de lugares de representação e memória. Para Benjamin, os contemporâneos da fase bélica do movimento revolucionário contavam histórias sobre suas experiências, as cantavam em seus *corridos*, a desenhavam em caricaturas e desenhos, fundando assim a ideia de “Revolução”. Grande parte desses elementos foi incorporada em um relato fundador mais amplo e modelador da “nação mexicana”.⁴⁵⁹

Na nossa interpretação, baseada nas ideias de Thomas Benjamin, a Revolução Mexicana, a partir da ideologia oficial, foi compreendida como o ato fundador para a reformulação da nação mexicana. Uma série de textos, discursos e imagens passaram a ser articuladas para que esta nova nação pudesse ser imaginada por seus habitantes. Houve também aquilo que Ricoeur chama de “abusos da memória”, resultantes de uma

⁴⁵⁶ Informações sobre o Panteón Civil de Dolores podem ser encontradas no site da Secretaría de Gobernación do México: <http://rotonda.segob.gob.mx/en/Rotonda/Historia>. Acesso em: 04/09/2013. Através do site é possível ter uma visão interna do local, o que proporciona o simulacro de se estar dentro do Panteón. Também é possível ver, pelo site, o aspecto de cada monumento dedicado aos sepultados.

⁴⁵⁷ Paul Ricoeur apresenta um consistente estudo sobre a memória e seus usos em *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, pp.25-142.

⁴⁵⁸ BENJAMIN, Thomas. *La Revolución Mexicana: Memoria, Mito e Historia*. México: Santillana Ediciones generales, 2003.

⁴⁵⁹ Idem, p.31.

manipulação concertada da memória e do esquecimento pela elite política.⁴⁶⁰ Os monumentos erigidos, as comemorações cívicas, os institutos de estudos sobre a Revolução e a cultura mexicana –como o Instituto Nacional de Estudos Históricos da Revolução Mexicana (INEHRM)⁴⁶¹ –, funcionam como espaços de memória que, mais do que lembrar a Revolução, selecionam *o que* ser lembrado sobre esta. Daí o lugar do esquecimento. Ao realizar esta seleção, a elite política mexicana automaticamente se desfaz daquilo que não deve ser lembrado, ou aloca estas representações em um espaço maldito. É a este lugar que é relegado o nome de Porfirio Díaz, ou mesmo o da Igreja Católica.

O sepultamento de Mariano Azuela no Panteão Civil de Dolores é mais uma marca, mais uma inscrição nesta memória oficial. O Estado, ao reservar um espaço para Azuela no Panteão, desejava que futuramente as pessoas se lembrassem dele como o “escritor da Revolução Mexicana”. Ao passo que Mariano Azuela era incorporado ao imaginário oficial da Revolução, o caminho inverso era feito: a Revolução se inscrevia na literatura mexicana. A imagem da pena de escrever no sepulcro de Azuela representa a eternização da inscrição da Revolução Mexicana na literatura nacional, além de marcar o nome de Azuela definitivamente na história oficial mexicana.

Mais do que uma incorporação na história oficial, Mariano Azuela e sua produção passaram a integrar o mito construído em torno da Revolução Mexicana. É preciso diferenciar a ideologia oficial hegemônica do mito político da Revolução. A ideologia, ainda que se aproprie de elementos dissidentes para se legitimar, defende as ideias de um grupo político específico, é uma visão articulada, com um direcionamento preciso, enquanto o mito, na concepção de Raoul Girardet, é uma fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real, mas que, ainda assim exerce uma função explicativa para a compreensão do presente. O mito é mais fluido que a ideologia e não pode ser submetido a nenhuma classe ou grupo propriamente. O mesmo mito é suscetível de múltiplas significações, não apenas complementares, mas

⁴⁶⁰ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p.93.

⁴⁶¹ A partir de 2006, a instituição passou a se chamar Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México. A mudança de nome indica a ampliação do período histórico a ser pesquisado no instituto. Outra informação importante, é que Salvador Azuela, filho de Mariano, na época de fundação do INEHRM (a sigla foi mantida) foi designado pelo próprio presidente, Adolfo Ruiz Cortines, para elaborar o projeto da instituição. O INEHRM foi inaugurado no ano de 1953. Essas informações estão disponíveis em: <http://www.inehrm.gob.mx/Portal/PtMain.php?pagina=historia>. Acesso em: 22/11/2013.

também ambíguas.⁴⁶² Pierre Bourdieu define a ideologia de maneira oposta ao mito: “As ideologias, por oposição ao mito, produto colectivo e colectivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo”.⁴⁶³

Segundo Raoul Girardet, os mitos políticos costumam surgir em períodos críticos, e encontram seu impulso principalmente em grupos minoritários, ameaçados ou oprimidos. Tais grupos surgiriam em uma situação instável em relação à sociedade global, de distorção em relação ao sistema estabelecido, ou mesmo em uma via de instauração de um novo regime. Para Girardet, a efervescência mítica começa a se desenvolver a partir do momento em que se opera na consciência coletiva o que se pode considerar como um fenômeno de não-identificação.⁴⁶⁴

De fato, a Revolução Mexicana enquanto mito político antecede a construção da ideologia oficial, e pode ser observada em diversos documentos que foram elaborados na década de 1910. O Plano de Ayala⁴⁶⁵, o Manifesto de Pancho Villa à nação mexicana⁴⁶⁶, os discursos de Carranza,⁴⁶⁷ já apresentavam a visão de uma Revolução única, que traria a justiça social para o México. Naquele momento, a situação política era bastante instável, sendo que o poder não estava plenamente ocupado por nenhuma facção. Grande parte dos planos e manifestos elaborados se pautavam na ideia de uma não-identificação com a situação vigente e buscavam reivindicar modos de mudar a realidade política do país. O mito da Revolução Mexicana organizou-s através de um conjunto de imagens, muitas vezes discordantes, mas que formaram uma compreensão global pouco determinada, da qual as ideologias e posições políticas se alimentaram e, conseqüentemente, ajudaram a fortalecer. O mito da Revolução Mexicana é a imagem idealizada de Emiliano Zapata em seu cavalo branco e sua jaqueta com uma águia bordada; é Pancho Villa, o indestrutível Centauro do Norte; é a reforma agrária almejada; a justiça social prometida. Ele se apropria do passado asteca, ajustando-o à imagem dos camponeses revolucionários, à ideia do mexicano

⁴⁶² GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.11-15.

⁴⁶³ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p.10.

⁴⁶⁴ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.180-181.

⁴⁶⁵ Plan de Ayala. Disponível em: <http://www.bibliotecas.tv/zapata/1911/z28nov11.html>. Acessado em: 22/11/2013.

⁴⁶⁶ Este manifesto está disponível em: <http://brbl-dl.library.yale.edu/vufind/Record/3441272>. Acessado em: 06/09/2013.

⁴⁶⁷ Ver, por exemplo, o “Discurso del Primer Jefe del Ejército Constitucionalista en Hermosillo, Sonora”. In: GONZÁLEZ VÁZQUEZ, María del Rayo (org.). *Textos de la Revolución Mexicana*. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2010, pp.315-319.

corajoso. O mito também formula o sonho de um futuro justo, no qual a pobreza e o sofrimento seriam erradicados, ou ao menos amenizados, pela justiça social.

Porém, se o mito e a ideologia oficial não são a mesma coisa, existe uma relação simbiótica entre eles. Por um lado, a ideologia oficial se apropriou desse mito para legitimar-se. Como afirma Ramón Reséndiz García, o mito atua a favor de uma ordem na medida em que nele se reconhecem os interesses dos atores e forças que constituíram e constituem o pacto de dominação sobre o qual esta ordem e suas instituições estão fundadas.⁴⁶⁸ Assim, ainda que as diversas ideologias se apropriem do mito revolucionário – e o alimentem –, a ideologia dominante é a que, ao fazê-lo, consegue legitimar sua posição privilegiada através da imagem de uma harmonia social e do pacto de dominação no qual suas instituições são construídas, de maneira a que a nova ordem social funcione. Por outro lado, a ideologia oficial alimenta o mito revolucionário, tanto construindo-o através de imagens – como as demais ideologias –, quanto fundando instituições que tentam perdurar-se na sociedade, na nova comunidade imaginada. O historiador deve ter o olhar atento para perceber que, embora os mitos sejam narrativas cujas características trazem a ilusão de uma não diferenciação temporal – passado, presente e futuro –, são construções próprias de momentos específicos na história das sociedades e não se configuram do nada, mas antes representam anseios e a busca por uma explicação da ação humana no presente.

O mito da Revolução perpassou por todas as camadas sociais do país e foi fomentado pelas diversas manifestações culturais, como a pintura muralista, o cinema mexicano, a dança, a música e o “romance da Revolução Mexicana”, cujo maior representante foi Mariano Azuela. O escritor colaborou para a construção do mito não só devido a que grande parte de suas obras apresentavam quadros do contexto revolucionário, mas também por tentar mostrar aquilo que acontecia no país e que – na perspectiva de Azuela – não deveria acontecer. Azuela sugeria como *deveria ser* a Revolução, portanto, a idealizava. Essa imagem idealizada e a obsessão do escritor por criticar o governo nas primeiras duas décadas de sua formação, bem como seu reconhecimento como “o romancista da Revolução” contribuíram para o espectro de imagens construídas sobre a mesma. O mito da Revolução, e o processo revolucionário, foram poderosos o suficiente para que Azuela não deixasse de escrever sobre a

⁴⁶⁸ RESÉNDIZ GARCÍA, Ramón. Del nacimiento y muerte del mito político llamado Revolución Mexicana: tensiones y transformaciones del régimen político, 1914-1994. *Estudios Sociológicos XXIII*, n.º 67, pp.139-183. México: El Colegio de México, 2005, p.143.

Revolução e, ao tentar desmitificá-la, o escritor fomentou ainda mais seu mito ao narrar sobre os revolucionários, ao apresentar os tipos sociais que se desenvolveram a partir dela, ao escrever um romance como *Los de abajo*, no qual o povo enquanto coletivo singular está representado e ao mesmo tempo oculto no título e cuja história se aproxima de um épico às avessas, onde este conjunto de homens anônimos são derrotados em uma batalha cruel e nunca serão reconhecidos, seus nomes não serão revelados.

O modelo de literatura inaugurado por Mariano Azuela foi predominante no romance mexicano até os finais da década de 1940 e os inícios da década de 1950.⁴⁶⁹ Segundo Carlos Monsiváis,⁴⁷⁰ a literatura constituiu-se como um espaço privilegiado para a expressão da amplitude da derrota na Revolução. Configurando uma dramatização dessa derrota, a literatura mostrou, principalmente, a visão de um povo de vencidos, oprimidos e opressores, sendo a auto-destruição o meio para se compreender o México. Monsiváis busca definir as características gerais do romance da Revolução Mexicana através de quatro perspectivas: morais, literárias, sociais e políticas. Dentro dessas quatro perspectivas, encontra-se a desconfiança ante as revoluções e seus líderes; o uso de imagens de violência (morais); diálogos ágeis e diretos, sem piedade, exibindo a brutalidade dos combatentes; uso de técnicas jornalísticas – reportagem e crônica –; renovação da fala nacional através do uso de vocábulos e expressões de todas as regiões do país; manutenção da ideia de que a literatura é um agente de integração nacional, e que, através dela, povos convergentes podem ser integrados à corrente da cultura nacional (literárias); geração de um mercado de leitores que buscam se reconhecer nos símbolos e nas epopeias nacionais; formação de uma mitologia brutal e primitivista,⁴⁷¹ (sociais); abordagem simbólica dos problemas sociais centrais, como a questão da posse e distribuição de terras; colabora para o nacionalismo, difundindo concepções elementares de nacionalidade – as imagens do ideal de mexicano, dos hábitos mexicanos, da comida mexicana, entre outras (políticas).⁴⁷²

Esses elementos são encontrados nas narrativas de Azuela e foram fundamentais tanto para a construção da identidade nacional pós-revolucionária quanto

⁴⁶⁹ Essa é a tese do argumento de John Brushwood. BRUSHWOOD, John S. *México en su novela*. México. Fondo de Cultura Económica, 1973.

⁴⁷⁰ MONSIVÁIS, Carlos. Notas sobre la cultura mexicana en el siglo XX. In: *Historia general de México*. Versión 2000. México: El Colegio de México, 2000.

⁴⁷¹ Ver, por exemplo, as imagens que foram construídas sobre Pancho Villa.

⁴⁷² MONSIVÁIS, Carlos. Notas sobre la cultura mexicana en el siglo XX. In: *Historia general de México*. Versión 2000. México: El Colegio de México, 2000, p.1007-1008.

para o mito da Revolução. As imagens de violência, dos combates épicos em busca da justiça social, as personagens que representavam a coragem e luta dos mexicanos, contribuíram para criar a representação de uma Revolução que, ainda que frustrada, não deixou de ser grandiosa. Deve ser levado em conta que, ainda que a maioria dessas obras apresentem um conteúdo pessimista, esta não é uma característica presente em todas. O “romance da Revolução Mexicana” contou com mais de uma centena de obras e apresentou a mesma pluralidade de pontos de vista encontrada em diversos outros modos artísticos da cultura mexicana pós-revolucionária.

O “romance da Revolução Mexicana”, de modo geral, apresentou a mesma ambiguidade observada em *Los de abajo*: ao mostrar uma imagem crítica da Revolução Mexicana, necessariamente buscava fazer o público refletir sobre o que poderia ter sido caso não fosse “desviada” pelos novos donos do poder. Mariano Azuela foi reconhecido como o fundador do “romance da Revolução Mexicana” não só por políticos, mas, principalmente, por intelectuais que escreveram sobre a Revolução. Por ocasião de sua morte, vários escritores mexicanos considerados “romancistas da Revolução” prestaram homenagens a Mariano Azuela, sempre associando a imagem do escritor com a Revolução. O relato de Maurício Magdaleno⁴⁷³ é representativo disso:

Con Azuela nació eso que llaman ahora la “novela de la Revolución” y que, según algunos frívolos, ha producido algunos de los más airados apóstrofes antirrevolucionarios. Entiendo – y así lo entendía él, también, conforme a nuestras pláticas – que la denominación de “novela de la Revolución”, no es sino un rubro que se aplica a una literatura a falta de otra mejor. Por supuesto que son las suyas las novelas de la revolución, como que nacieron de su sobresalto y, en mayor o menor grado, reprodujeron su torcedor. Además, cronológicamente, pertenecen a una forma histórica de México, la de la Revolución.⁴⁷⁴

Ainda que Magdaleno se refira ao “romance da Revolução Mexicana” como um rótulo, a associação feita entre Mariano Azuela e a nova literatura mexicana é clara. O reconhecimento de Mariano Azuela é forte o suficiente para se sobrepor à polêmica sobre o caráter revolucionário ou anti-revolucionário de seus textos, iniciada nos anos 1920, quando *Los de abajo* foi “descoberto” pelos intelectuais mexicanos, como mostra

⁴⁷³ Maurício Magdaleno (1906-1986) foi um dos escritores do chamado “romance da Revolução Mexicana”. Foi professor de história e literatura nas escolas de ensino básico, e também desempenhou cargos políticos, como de deputado e senador. Entre diversos romances que escreveu, o mais conhecido foi *El resplandor*, publicado em 1937.

⁴⁷⁴ MAGDALENO, Mauricio. Palabras de despedida a Mariano Azuela. In: LEAL, Luis. *Mariano Azuela: el hombre, el médico, el novelista*. Tomo II. México, D.F., CONACULTA, 2001, pp.208-209.

o relato de José Mancisidor.⁴⁷⁵ “No es Azuela un novelista revolucionario; pero es, por antonomasia, el novelista de la revolución. Su novela *Los de abajo* pone a la luz la dramática lucha de nuestro pueblo, aunque no sea sino de forma parcial”.⁴⁷⁶

Finalmente, ao ser sepultado no Panteão Civil de Dolores, junto com outras personalidades importantes para a história da Revolução Mexicana, Azuela reforçou ainda mais o mito revolucionário, configurando-se como um elemento imortalizado na história recente do país. Ao ser alocado em um lugar de memória, Azuela contribuiu para que a própria Revolução não pudesse ser esquecida. Ao ter sua imagem e memória fundida à imagem e memória da Revolução Mexicana, o escritor, mais do que ser apropriado pela ideologia oficial, tornou-se um patrimônio público da história mexicana, e configurou-se em um ponto mais na constelação que forma o mito revolucionário. Para além da discussão sobre Azuela ser ou não um revolucionário, é certo que poucos escritores narraram a Revolução de maneira tão grandiosa, ainda que fosse para mostrar seu desencanto em relação a ela. Mais excepcional ainda – e aqui nenhum outro escritor mexicano o alcançou – foi seu legado literário, que apresentou quase todos os setores mexicanos antes e, principalmente, depois da Revolução Mexicana.

⁴⁷⁵ José Mancisidor (1894-1956), foi historiador, escritor e político. Mancisidor também foi adepto do socialismo e membro da Liga de Artistas y Escritores de La Revolución (LEAR). Sua obra mais conhecida é *Frontera junto al mar* (1953).

⁴⁷⁶ MANCISIDOR, José. Azuela, el novelista. In: LEAL, Luis. *Mariano Azuela: el hombre, el médico, el novelista*. Tomo II. México, D.F., CONACULTA, 2001, pp.211-212. Texto primeiramente publicado em *El Nacional*, em novembro de 1949.

Considerações finais

Mariano Azuela foi um dos escritores mexicanos que mais escreveu romances, além de produzir ensaios, conferências, contos e deixar relatos autobiográficos. Ao longo de seus 79 anos de vida e em seus 23 romances, o escritor buscou representar a sociedade e a política mexicana. Azuela viveu momentos fundamentais da história do México e os narrou em suas obras, usando das ficções para tratar da Revolução e de suas consequências.

Em nossa pesquisa, analisamos as principais obras literárias de caráter político escritas por Azuela. O escritor se preocupou muito com os tipos mexicanos e a forma como a simulação e a corrupção se instalaram na sociedade após a Revolução. Essa foi uma das principais preocupações de Mariano Azuela após o fim dos conflitos armados e durante a formação do governo pós-revolucionário, e este foi, de certo modo, um aspecto norteador de nosso trabalho.

O texto foi estruturado em uma ordem cronológica – do México porfirista até momentos posteriores à morte de Azuela – que estivesse vinculada a algumas temáticas. Iniciou-se mostrando o desequilíbrio econômico durante o porfirismo, perpassou a política local e o papel de Azuela em Lagos e terminou analisando a importância do escritor para a cultura, a ideologia e a memória nacional mexicanas. A riqueza da obra de Azuela também nos permitiu abordar subtemas que, em um primeiro momento, eram impensáveis na pesquisa, como o cinema mexicano e o papel desempenhado pelas mulheres na sociedade.

Este é um trabalho sobre a trajetória política e intelectual de Mariano Azuela, mas também é uma pesquisa sobre a Revolução Mexicana e suas consequências. Azuela, em toda a sua produção literária a partir de 1911, com a publicação de *Andrés Pérez, maderista*, escreveu sobre a Revolução. Foi sua principal preocupação desde o início dos conflitos armados, dos quais participou como médico. A Revolução foi sua obsessão.

Mariano Azuela, no momento em que começou a construir *Los de abajo*, ainda em meio aos duros episódios nas tropas villistas de Julián Medina, não imaginava que estava compondo uma obra fundamental para a literatura de seu país. De fato, a obra só teve um alcance maior dez anos após ter sido publicada pela primeira vez. O ano de 1925 trouxe o nome de Mariano Azuela para o centro da cena intelectual mexicana, a

partir de uma polêmica literária que preencheu as páginas de jornais e revistas especializadas da época. Muitos viram, nas cenas do romance, a Revolução na qual lutaram.

É de suma importância mostrar que as ficções de Azuela foram fundamentais para o desenvolvimento da literatura mexicana até o começo da década de 1950. O escritor, que nunca se vinculou a nenhuma corrente literária, foi considerado o fundador do “romance da Revolução Mexicana”. O exemplo de *Los de abajo*, as declarações do secretário de Educação Puig Casauranc, e o entusiasmo de jovens escritores que haviam participado nos combates armados constituíram o meio propício para o florescimento dessa literatura. A violência, o olhar crítico sobre a Revolução, a representação das cenas de combate, dos hábitos populares, das paisagens mexicanas, foram a matéria-prima para o novo modelo de romance no país.

Dentre os principais escritores dessa corrente, destacamos Martín Luis Guzmán, em cujas obras *El águila y la serpiente* e *La sombra del caudillo* encontram-se críticas ao governo e à Revolução tão ácidas quanto as de Azuela; Nellie Campobello,⁴⁷⁷ que foi bailarina e escritora, sendo suas memórias da infância o material de composição de *Cartucho* e *Las manos de mamá*; Francisco Urquizo,⁴⁷⁸ militar que escreveu o romance *Tropa vieja*, além de memórias sobre a Revolução; José Mancisidor, com *La rosa de los vientos* e *Frontera junto al mar*; além de José Vasconcelos com suas *Memórias*.⁴⁷⁹

A busca por reconstituir uma realidade vivida e a importância da memória na construção dos romances também foi algo que esteve presente em muitas obras literárias no México até 1950, e que se iniciou com Mariano Azuela. Estas relações entre memória, história e ficção estavam presentes em *Los de abajo*, sendo que Azuela construiu diversas cenas a partir de experiências vividas por ele. No entanto, descartamos completamente a hipótese de uma obra autobiográfica, já que podem ser

⁴⁷⁷ Nellie Francisca Ernestina Campobello Luna (1900-1986). Seus romances *Cartucho* e *Las manos de mamá* são marcados por uma violência extrema e crua, resultado das memórias de sua infância, quando a família vivia em uma região comandada por Pancho Villa. Campobello também colaborou para a montagem de grandiosos balés nacionalistas na década de 1930, no México. Ver: BIDAULT DE LA CALLE, Sophie. *Nellie Campobello: una escritura salida del cuerpo*. México D.F.: Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura, 2003.

⁴⁷⁸ Francisco Luis Urquizo Benavides (1891-1969) foi um general maderista, depois carrancista. Após o assassinato de Carranza, Urquizo foi preso e, posteriormente, exilou-se na Europa. Durante o governo de Lázaro Cárdenas, regressou ao país e foi novamente incorporado ao Exército.

⁴⁷⁹ As *Memórias* de Vasconcelos são o conjunto de obras autobiográficas do filósofo. Ao todo são cinco: *Ulises criollo* (1935), *La tormenta* (1936), *El desastre* (1938), *El preconsulado* (1939) e *La flama* (1959, obra póstuma).

percebidas diferenças fundamentais entre os romances de Azuela e a autobiografia. Não existe a coincidência entre narrador autor personagem e Azuela recorreu a relatos de terceiros, além de modificar personagens e misturar diversas pessoas “reais” para construir várias delas.

Se Mariano Azuela não escreveu nenhum romance autobiográfico, diversos outros escritores da Revolução sim. A memória foi um dos principais elementos do chamado “romance da Revolução Mexicana”, e foi usada como um meio para conferir legitimidade ao discurso composto, fosse ele para atacar ou defender a Revolução. São os casos de José Ruben Romero, com *Apuntes de un lugareño* (1932) e *Desbandada* (1934); *El águila y la serpiente* (Martín Luis Guzmán); *Cartucho* e *Las manos de mamá* (Nellie Campobello); as *Memórias* de Vasconcelos; *Frontera junto al mar* (José Mancisidor), entre outros.

Mariano Azuela possivelmente compartilhava com diversos intelectuais mexicanos da primeira metade do século XX, o reconhecimento da importância da verossimilhança e da memória na construção de um discurso “útil” à sociedade mexicana. Nesse ponto, intelectuais e Estado se aproximavam. O processo revolucionário mexicano, com toda a sua violência, fez com que os artistas refletissem sobre seu país, principalmente suas mazelas e os fatos do passado recente. A ficção era um modo de tentar compreender o que havia ocorrido. Azuela, os outros escritores da Revolução, os muralistas, os poetas, os cantores, os fotógrafos, os cineastas, o Estado, todos eles enxergaram na ficção e na arte um modo de dizer ao México sobre o México. A cultura, assim como a política, deveria ser “revolucionária”. O primeiro passo para a reformulação do país já havia sido dado, com balas e a vida de centenas de milhares de mexicanos. O seguinte passo seria pela cultura – visual, escrita e cantada. Ambos os fatores contribuíram para formar uma nova comunidade imaginada.⁴⁸⁰

Para concluir, o sepultamento de Mariano Azuela no Panteão Civil de Dolores – marcado por homenagens oficiais, sendo o próprio caixão de Azuela carregado por membros do governo – que mostrou como esta nova comunidade imaginária pautou-se não apenas na vida, mas também na morte das pessoas mais reconhecidas pela atuação na Revolução ou pela cooperação para a nova formação cultural mexicana. Um espaço fúnebre feito para comemorar a vida que se foi e, mais do que isso, para deixar nos vivos a marca daqueles que foram importantes para o país. Os restos mortais dos

⁴⁸⁰ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

revolucionários mais importantes foram para o Panteão, entre eles os de Mariano Azuela. Mais uma forma de eternizar uma Revolução, em um país governado por um partido que se queria eterno no poder.

Mariano Azuela, entre o desencanto e a esperança, narrou o primeiro em suas obras literárias, mas manteve a segunda de maneira subterrânea. Ao narrar a Revolução que foi, indicava a Revolução que deveria ter sido. Ao mostrar uma sociedade corrompida pela corrupção e pela simulação, buscava sempre afirmar – ou ensinar – aos seus leitores a importância dos valores que considerava necessários para combatê-las. É possível discordar da visão de Mariano Azuela sobre a Revolução Mexicana, mas é impossível não aprender com suas obras, assim como recusar a importância delas para a compreensão do México na primeira metade do século XX.

Este trabalho conclui-se aqui, mas as possibilidades que a vida e a obra de Mariano Azuela oferecem talvez sejam inesgotáveis. Seguem como a pedra atirada por Demetrio Macías rolando morro abaixo, ou como o protagonista no final do romance, apontando seu fusil...

Fontes e bibliografia

Fontes

Romances de Mariano Azuela analisados neste trabalho:

Mala yerba (1909)

Andrés Pérez, maderista (1911)

Los de abajo (1915)

La malhora (1923)

El desquite (1925)

La luciérnaga (1932)

El camarada Pantoja (1951)⁴⁸¹

Regina Landa (1939)

La maldición (1955)

Esa sangre (1956)

Outros romances de Mariano Azuela consultados:

María Luisa (1907)

Los caciques (1917)

Las moscas (1918)

San Gabriel Valdivias, comunidad indígena (1938)

Edições utilizadas dos romances de Mariano Azuela:

AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, Vols. I, II e III.

AZUELA, Mariano. *Andrés Pérez, maderista*. México, D.F.: Instituto Politécnico Nacional, 2002.

AZUELA, Mariano. *Los de Abajo*. Edición Crítica. Colección Archivos, RUFFINELLI, Jorge (coord.). Ed. ALLCA/UFRJ, 1996.

⁴⁸¹ A primeira edição é de 1937, mas analisamos a edição de 1951, que apresenta algumas diferenças.

AZUELA, Mariano. *La maldición*. México, D.F. Fondo de Cultura Económica, 1955.

AZUELA, Mariano. *Mala yerba/ Esa sangre*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1971.

AZUELA, Mariano. *Tres novelas de Mariano Azuela – La malhora. El desquite, La luciérnaga*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.

Ensaio e textos autobiográficos de Mariano Azuela:

El novelista y su ambiente (I) (1938)

Cien años de novela mexicana (1947)

Divagaciones literarias (1948)

El novelista y su ambiente (II) (1949)

Algo sobre novela mexicana contemporánea (1950)

Grandes novelistas (1950)

Letras de provincia (conferências no Colegio de México – os textos foram publicados originalmente em vários fascículos em “Diorama de La Cultura”, suplemento do jornal *Excelsior* durante 1951).

Autobiografía del otro (1952).

Edição utilizada dos ensaios e textos autobiográficos:

AZUELA, Mariano. *Obras Completas*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1960, vol. III.

Correspondência:

BERLER, Beatrice (comp.). *Mariano Azuela*. Correspondência y otros documentos. México: UNAM, 2000.

BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela*. Epistolário y archivo. México, D.F.: UNAM, 1969.

Documentos diversos:

LEAL, Luis. *Mariano Azuela: el hombre, el médico, el novelista*. México: CONACULTA, 2001.

Testemunhos dos filhos do escritor:

DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. Retrato hablado: una evocación familiar de Mariano Azuela. IN: BERLER, Beatrice (org.). *Mariano Azuela: correspondencia y otros documentos*. México: UNAM, 2000.

Filme analisado – ficha técnica:

Nome: *Los de abajo*

Diretor: Chano Urueta

Roteiro: Aurelio Manrique

Produtor: Luis Manrique

Gênero: drama

Produtora: Cinematografía Latinoamericana S.A. (C.L.A.S.A.)

Ano: 1940

Outras fontes consultadas:

Discurso del Primer Jefe del Ejército Constitucionalista en Hermosillo, Sonora. In: GONZÁLEZ VÁZQUEZ, María del Rayo (org.). *Textos de la Revolución Mexicana*. Venezuela, Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2010.

Manifiesto del señor Villa, a la nación, y documentos que justifican el desconocimiento del C. Venustiano Carranza como primer jefe de la revolución (Manifiesto al pueblo mexicano). Disponível em: <http://brbl-dl.library.yale.edu/vufind/Record/3441272>

MADERO, Francisco I. *La sucesión presidencial en 1910*. Disponível em: <http://www.bicentenario.gob.mx/SucesionPresidencial/>

Plan de Ayala. Disponível em: <http://www.bibliotecas.tv/zapata/1911/z28nov11.html>

Sites consultados:

El Colegio Nacional:

<http://www.colegionacional.org.mx/sacscms/xstatic/colegionacional/espanol/home.html>

Rotonda de Personas Ilustres:

<http://rotonda.segob.gob.mx/en/Rotonda/Localizacion>

Referências bibliográficas

Bibliografia sobre Mariano Azuela e o “romance da Revolução Mexicana”

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. Disputa por uma cultura revolucionária. *Pós-História*, v. 12, 2004, p.71-85.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de abajo* de Mariano Azuela. São Paulo: PUC-SP, 1996. (Dissertação de Mestrado em História).

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio, *Morte e vida da Revolução Mexicana: Los de Abajo* de Mariano Azuela. In: *Revista da APG –PUC/SP*. São Paulo. PUC-SP, vol. 17, 1999. p.217-223.

BIDAULT DE LA CALLE, Sophie. *Nellie Campobello: una escritura salida del cuerpo*. México D.F.: Instituto Nacional de Bellas Artes y Literatura, 2003.

BRUSHWOOD, John S. *México en su novela*. México. Fondo de Cultura Económica, 1973.

GUZMÁN, Martín Luis; OLEA FRANCO, Rafael (org.) *La sombra del caudillo*. Ed. Crítica. Madri, Barcelona, La Habana, Lisboa, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Lima, Guatemala, San José, Caracas: ALLCA XX, 2002.

DESSAU, Adalbert. *La novela de la Revolución Mexicana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.

DÍAZ ARCINIEGA, Víctor; LUNA CHÁVEZ, Marisol. *La comedia de la honradez*. México, D.F.: El Colegio Nacional, 2009.

GOMES, Warley A. Literatura e política na Revolução Mexicana. In: *História em Reflexão*. Vol.4, nº7, 2010, UFGD, Dourados, jan./jun. 2010.

GOMES, Warley A. A Revolução Mexicana na literatura: as representações literárias de Mariano Azuela. In: *História e-história*. Campinas: UNICAMP, 2010.

GUZMÁN, Martín Luis. *La Sombra del Caudillo*. Edición crítica. Colección Archivos, FRANCO, Rafael Olea (coord.). Ed. ALLCA, 2002.

KERCHEVILLE, Francis M. El liberalismo en Azuela. In: *Revista Iberoamericana*, vol.3, n.6, Pittsburg, 1941, p.381-398.

MARTÍNEZ, Eliud. *Mariano Azuela y la altura de los tiempos*. Guadalajara: Gobierno del Estado de Jalisco. Secretaría General de Gobierno, Unidad Editorial, 1981.

MONTERDE, Francisco (org.) *Mariano Azuela y La critica mexicana*. México, D.F.: Secretaría de Educación Pública, 1973.

OLEA FRANCO, Rafael. Para novelar nuestra historia: *La sombra del caudillo* de Martín Luis Guzmán. In: *Escenarios XXI*. Año 1, núm.5-6, nov.-Dic., 2010.

REVUELTAS, José. *Los días terrenales*. Edición Crítica. Colección Archivos, ESCALANTE, Evodio (coord.). Ed. ALLCA, 1996.

RUFFINELLI, Jorge. *Literatura e ideología: el primer Mariano Azuela (1896-1918)*. México, D.F.: Ediciones Coyoacán, 1994.

RUFFINELLI, Jorge. Los de abajo y sus contemporáneos. Mariano Azuela y los límites del liberalismo. In: *Literatura mexicana*. Vol.I, nº1, México, D.F: UNAM, 1990, p.41-64.

RUFFINELLI, Jorge. La recepción crítica de *Los de abajo*. In: AZUELA, Mariano. RUFFINELLI, Jorge (org.) *Los de abajo*. Ed. Crítica. Madrid: ALLCA XX, 1996.

RODRÍGUEZ CORONEL, Rogelio. La novela de la Revolución Mexicana. In: PIZARRO, Ana (org.). *América latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial, Campinas: Ed. Unicamp, 1994, vol.2, p.739-756.

VALENZUELA, Andrea. *Los días terrenales* del PCM y José Revueltas: polémica, poética y papel del intelectual. In: *Literatura Mexicana*, nº2, vol.XV, 2004.

Bibliografia sobre a História do México e a Revolução Mexicana

AGUILAR CAMÍN, Héctor; MEYER, Lorenzo. *À sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989*. São Paulo: Edusp, 2000.

AZUELA DE LA CUEVA, Alicia. Vanguardismo pictórico y vanguardia política en la construcción del Estado nacional revolucionario mexicano. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.) *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol.2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

BAGGIO, Kátia Gerab. *Reflexões sobre o nacionalismo em perspectiva comparada: as imagens da nação no México, Cuba e Porto Rico*. *Varia Historia*. Vol.28 Belo Horizonte, UFMG, 2002, p.39-54.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. *A fotografia a serviço de Clio: uma interpretação da história visual da Revolução Mexicana (1900-1940)*. São Paulo: Unesp, 2006.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio; LOPES, Maria Aparecida de Souza. A historiografia da Revolução Mexicana no limiar do século XXI: tendências gerais e novas perspectivas. In: *História*, nº20. São Paulo, 2001, p.163-198.

BENJAMIN, Thomas. *La Revolución Mexicana: Memoria, Mito e Historia*. México: Santillana Ediciones generales, 2003.

BETHELL, Leslie (org.) *Mexico since independence*. New York: Cambridge University Press, 1991.

BRADING, David A. Historia patria y democracia en México. In: *Historia*, n.15, p.65-70.

BRADING, David A. La política nacional y La tradición populista. In: BRADING, David A.(org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.

CAMP, Roderic A. *Los intelectuales y el estado en el Mexico del siglo XX*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1988.

CANO, Gabriela; KAY VAUGHAN, Mary; OLCOTT, Jocelyn (comp.). *Género, poder y política en el México posrevolucionario*. Mexico, D.F.: Fondo de Cultura Económica, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 2009.

COCKCROFT, James D. *Precursores intelectuales de la revolución mexicana (1900-1913)*. Mexico, D.F.: Siglo Veintiuno, 1971.

CÓRDOVA, Arnaldo. *La política de masas del cardenismo*. México, D.F.: Ediciones Era, 1974.

CÓRDOVA, Arnaldo. *La ideología de la Revolución Mexicana*. México: Era, 1991.

CORREIA, Anna Maria Martinez. *A Revolução Mexicana (1910-1917)*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CUMBERLAND, Charles C. *Madero y la revolución mexicana*. Mexico: Siglo Veintiuno, 1977.

CRESPO, Regina Aída. Cultura e política: José Vasconcelos e Alfonso Reyes no Brasil (1922 – 1938). In: *Revista Brasileira de História*, vol.23, nº 45. São Paulo, 2003, p.187-208.

CRESPO, Regina Aída. *Messianismos culturais: Monteiro Lobato, José Vasconcelos e seus projetos para a nação*. São Paulo: Departamento de História, FFLCH-USP, 1997.

DÍAZ ARCINIEGA, Víctor. *Querrela por la cultura “revolucionaria” (1925)*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

GARCIADIEGO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. In: ALTAMIRANO, Carlos. (Dir.). *Historia de los intelectuales en America Latina*. Vol.2. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

GARRIDO, Luis Javier. *El partido de la Revolución institucionalizada*. Medio siglo de poder político en México. La formación del nuevo Estado (1928-1945). México: SEP, Siglo XXI, 1986.

GOMES, Warley A. Intelectuais, escrita e poder no México revolucionário: do combate armado à formação da nova identidade nacional. In: *Temporalidades*. Revista discente do Programa de Pós-Graduação da UFMG. Vol.4, Nº2, ago./dez.2012, p.314-335.

JOSEPH, Gilbert M. El caciquismo y la revolución: Carrillo Puerto en Yucatán. In: BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*, Fondo de Cultura Económica, México, D.F., 1995, p.239-276.

KATZ, Friedrich. The liberal republic and the porfiriato. In: BETHELL, Leslie (org.) *Mexico since independence*. New York: Cambridge University Press, 1991, p. 49-124.

KATZ, Friedrich. Pancho Villa, los movimientos campesinos y la reforma agraria en el norte de México. In: BRADING, David A. (org.). *Caudillos y campesinos en la Revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995, p.86-105.

KNIGHT, Alan. Caudillos y campesinos en el México Revolucionario, 1910-1917. In: BRADING, David A.(org.). *Caudillos y campesinos en la revolución Mexicana*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.

KRAUZE, Enrique. *Caudillos culturales en la Revolución Mexicana*. 5a. ed., México: Siglo XXI, 1985.

MARTÍNEZ ASSAD, Carlos. Profunda historia de La infelicidad. *Revista de la Universidad de México*. Nº 75. México, D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, mayo de 2010.

MEYER, Jean. Revolution and reconstruction in the 1920s. In: BETHELL, Leslie (org.) *Mexico since independence*. Cambridge University Press, 1991, p.201-240.

MONSIVÁIS, Carlos. Notas sobre la cultura mexicana en el siglo XX. In: *Historia general de México*. Versión 2000. México: El Colegio de México, 2000.

MONSIVÁIS, Carlos. Prólogo. In: CANO, Gabriela; KAY VAUGHAN, Mary; OLCOTT, Jocelyn (comp.). *Género, poder y política en el México posrevolucionario*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa, 2009.

PAZ, Octavio. *O labirinto da solidão e post-scriptum*. 2ª. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PÉREZ MONTFORT, Ricardo. El pueblo y la cultura: del Porfiriato a la Revolución. In: BÉJAR, Raúl y ROSALES, Héctor (coord.). *La identidad nacional mexicana como problema político y cultural*. Nuevas miradas. Cuernavaca: UNAM, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias, 2005, p.57-79.

PÉREZ MONTFORT, Ricardo. Indigenismo, hispanismo y panamericanismo en la cultura popular mexicana de 1920 a 1940. In: BLANCARTE, Roberto (comp.) *Cultura e identidad nacional*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1994, p.343-383.

PÉREZ-RAYÓN, Nora. El anticlericalismo en México. Una visión desde la sociología histórica. In: *Sociológica*. Año 19, nº55, mayo-agosto de 2004.

RESÉNDIZ GARCÍA, Ramón. Del nacimiento y muerte del mito político llamado Revolución Mexicana: tensiones y transformaciones del régimen político, 1914-1994. *Estudios Sociológicos XXIII, nº 67*, pp.139-183. México: El Colegio de México, 2005, p.143.

SILVA HERZOG, Jesús. *Breve historia de la Revolución Mexicana*. 2.ed. revisada, décima reimpresión, México: Fondo de Cultura Económica, 1990, vol.I e II.

TORRES SÁNCHEZ, Rafael. *Jalisco y la Revolución Mexicana*. Texto online. Disponível em http://bidi.unam.mx/libroe_2007/0870175/11_c07.pdf Acesso em: 10/12/2012.

VILLA, Marco Antônio. *Francisco “Pancho” Villa: Uma liderança da vertente camponesa na Revolução Mexicana*. São Paulo: Ícone, 1992.

WOMACK JR., John. *Zapata y la Revolución Mexicana*. 4. ed. México: Siglo Veintiuno, 1972.

Bibliografia geral

ALTAMIRANO, Carlos. Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol.II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Ed. Katz Editores. Buenos Aires, Argentina, 2010.

ALTAMIRANO, Carlos. Introdução geral. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Editores, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANKERSMIT, Frank. Historiografia e pós-modernismo. In: *TOPOI*. Rio de Janeiro, mar. 2001, pp.113-135.

BACZKO, Bronislaw. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p.296-332.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BIGNOTTO, Newton. República dos antigos, república dos modernos. In: *Revista USP*, São Paulo, n.59, setembro/novembro 2003, p.36-45.

BOBBIO, Norberto. Democracia. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Vol.1. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, p. 319-329.

BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. 6ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 11ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CARMAGNANI, Marcello. La libertad, el poder y el segundo estado en la segunda mitad del siglo XIX. In: *Historia*, n.15, p.55-64.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: Edusc, 2002.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación*. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos. Buenos Aires: Prometeo, 2006.

GINZBURG, Carlo. *Relações de força: história, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GODOY ARCAYA, Oscar. Republicanismo, liberalismo y democracia. IN: *Estudios públicos*, n.99 (invierno 2005).

GOMES, Warley A. O fingir historiográfico: a escrita da história entre a ciência e a ficção. In: *Revista de Teoria da História*. Ano 3, Nº6, dez./2011. Universidade Federal de Goiás, p.65-91.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismos desde 1780*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ISER, Wolfgang. Ficcionalización: las dimensiones antropológicas de las ficciones literarias. In: GARRIDO DOMINGUEZ, Antonio (coord.). *Teorías de la ficción literaria*. Madrid: Arcos/Libros, 1997.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: COSTA LIMA, Luiz. (org). *Teoria da literatura em suas fontes*. vol. II, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

JENNINGS, Jeremy; KEMP-WELCH, Tony. The century of the intellectual: from the Dreyfus Affair to Salman Rushdie. In: *Intellectuals in politics: from the Dreyfus Affair to Salman Rushdie*. London and New York. Routledge, 1997.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Contraponto, 2006.

LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. In: *Suplemento Anthropos*, nº29, Barcelona: Ed. Anthropos, Dez.1991, p.47-61.

LIMA, Luiz, Costa. *História, ficção, literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: BASSANEZI PINSKY, Carla; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p.195-221.

MATEUCCI, Nicola. Liberalismo. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Vol.2. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, p.686-705

MATEUCCI, Nicola. República. In: BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (orgs.). *Dicionário de política*. Vol.2. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992, 1107-1109.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

MITRE, Antônio Fernando. *O dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MYERS, Jorge. Los intelectuales latinoamericanos desde la colonia hasta el inicio del siglo XX. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Vol.I. Buenos Aires: Katz Editores, 2008.

ORTIZ LEROUX, Sergio. República y republicanism: una aproximación a sus itinerarios de vuelo. In: *Argumentos*, enero-abril, año/vol.20, numero 53, Universidad Autónoma Metropolitana – Xochimilco, México, D.F., p.11-34

PESAVENTO, Sandra Jatahy. “Em busca de uma outra história: Imaginando o Imaginário”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, Contexto/ANPUH, vol. 15, nº 29, 1995, p.9-27.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RAMA, Angel. *A cidade letrada*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1985

RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROMERO, José Luis. *La ciudad y las ideas*. 3ª edição. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2011.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. As conferências Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A história intelectual em questão. In: LOPES, Marcos Antonio. (org.) *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p.15-25.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ªed., Rio de Janeiro: FGV, 2003, p.231-269.

VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden V. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.

WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford; New York: Oxford University, 1977.

WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

WINOCK, Michel. As ideias políticas. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.271-294.